

2º CICLO
ARQUEOLOGIA

A Sacralização da Água no Extremo Ocidental do Império Romano: Contributo para o Estudo de Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas

Patrícia Alexandra Pires Miranda

M

2025



Patrícia Alexandra Pires Miranda

A Sacralização da Água no Extremo Ocidental do Império Romano: Contributo para o Estudo dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pela Professora
Doutora Daniela Filipa de Freitas Ferreira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025

« *SACRO FONTE nullus enim fons non sacer* »

Maurus Servius Honoratus (ad Aen, VII, 84)

Sumário

Declaração de Honra	vi
Agradecimentos	vii
Resumo.....	viii
Abstract	ix
Índice de Mapas e Figuras.....	xi
Índice de Tabelas.....	xiv
Índice de Gráficos.....	xiv
Lista de Abreviaturas e Siglas	xv
Introdução.....	1
1.Edifícios de Culto às Águas no Império Romano: Conceitos, Classificações Tipológicas e Dispersão Geográfica	4
1.1. <i>Nymphaeum</i> : definições e evolução do conceito	4
1.1.1. O Termo na Antiguidade.....	5
1.1.2. Definição Moderna	8
1.1.3. Classificação Tipológica de Ninfeus	9
1.1.3.1. Ninfeus de Gruta e de Câmara.....	9
1.1.3.2. Ninfeus de Êxedra Semicircular	10
1.1.3.3. Ninfeu <i>Ad Edicola</i>	11
1.1.3.4. Ninfeu Redondo.....	12
1.1.3.5. Ninfeu de Fachada	12
1.1.3.6. Fontes Monumentais e suas Problemáticas.....	13
1.2. Dispersão e Diversidade dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas no Império Romano ..	14
2.Abordagem Teórico-Metodológica	19
2.1. Definição do Tema.....	19
2.2. Definição do Território em Estudo	20
2.3. Metodologia e Objetivos	21
2.4. Revisão Crítica da Literatura sobre Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas.....	22
2.4.1. O Estudo dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas no Império Romano	23
2.4.2. O Estudo dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas nos Territórios da Galécia e da Lusitânia	25
3.Sacralização das Águas no Extremo Ocidental do Império Romano: estudos de caso.....	27

3.1. No Território da Galécia	28
3.1.1. GJ.01 – Fonte da Mortera, Gijón.....	29
3.1.2. VD.01 – Fonte de Foncalada, Oviedo.....	30
3.1.3. LG.01 – Templo de Santa Eulália de Bóveda, Lugo	31
3.1.4. RS.01 – Piscina-Santuário d’As Burgas, Ourense	32
3.1.5. RS.02 – Fonte das Ninfas, Ourense	33
3.1.6. CH.01 – Termas Romanas de Chaves, Chaves	34
3.1.7. BR.01 – Fonte do Ídolo, Braga	35
3.1.8. Discussão Preliminar	37
3.2. No Território da Lusitânia	38
3.2.1. CV.01 – Casa dos Repuxos, Condeixa-a-Velha	38
3.2.2. CV.02 – <i>Castellum</i> de Alcabideque, Condeixa-a-Velha	40
3.2.3. RM.01 – <i>Villa</i> Romana de Rio Maior, Rio Maior	40
3.2.4. BJ.01 – <i>Castellum</i> do Aqueduto de Los Milagros, Badajoz	41
3.2.5. BJ.02 – Templo de Diana, Badajoz	42
3.2.6. VR.01 – Templo Romano de Évora, Évora	43
3.2.7. FR.01 – <i>Villa</i> Romana de Milreu, Faro	44
3.2.8. Discussão Preliminar	45
3.3. Outros Casos Discutíveis.....	47
4. Edifícios de Culto às Águas: Enquadramento na Malha Urbana e Rural, Técnicas Construtivas e Vestígios Associados	48
4.1. Enquadramento na Malha Urbana e Rural.....	48
4.1.1. Culto das Águas nos <i>Fora</i>	49
4.1.2. Culto das Águas em Espaços Domésticos	50
4.1.3. Culto das Águas em Espaços Termais	51
4.1.4. Culto das Águas em Infraestruturas Hidráulicas.....	52
4.1.5. Culto das Águas em Espaços Rurais.....	54
4.1.5.1. <i>Villae</i>	54
4.1.5.2. Templos.....	55
4.1.5.3. Fontes	56
4.2. Técnicas Construtivas	57
4.2.1. Paramentos.....	57
4.2.1.1. Pavimentos	60

4.2.1.2. Acabamentos	61
4.2.1.3. Sistemas de Abastecimento	62
4.2.2. Decoração	63
4.3. Oferendas Associadas a Espaços de Culto às Águas.....	66
4.3.1. Testemunhos Epigráficos.....	67
4.3.2. Outros Testemunhos (Numismáticos & Ex-Votos Anatómicos)	70
5. Discussão.....	71
5.1. Desafios Terminológicos do Termo <i>Nymphaeum</i>	71
5.2. As Características da Sacralização da Água na Galécia e Lusitânia	73
5.3. Paralelos com outras Zonas do Império Romano.....	74
5.4. A Sacralização dos <i>Castella Aquae</i> como Pontos de Distribuição de Água	75
5.5. A Cristianização de Espaços de Sacralização da Água	76
Considerações Finais	78
Referências Bibliográficas	81
Anexo I – Metodologia	110
Anexo II – Figuras	121
Anexo III – Outros Casos Discutíveis	143
Anexo IV – Fichas de Sítio.....	155
Anexo V – Catálogo de Epígrafes.....	189

Declaração de Honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação.

Porto, julho de 2025

Patrícia Alexandra Pires Miranda

Agradecimentos

A todos vós que, direta ou indiretamente, me acompanharam nesta etapa tão bonita, o meu mais sincero obrigado.

À Professora Daniela Ferreira, pelo seu incansável apoio e orientação que contribuíram para a clareza de investigação e pelo companheirismo e amizade demonstrado nos últimos anos. O meu obrigada pela confiança e por acreditar no meu potencial.

Às entidades e profissionais que, desde início desta investigação, se mostraram abertos a colaborar comigo, agradeço a disponibilidade e paciência. À Mapoteca e ao Dr. Miguel Nogueira por toda a prontidão em ajudar nas questões relativas à cartografia.

Aos meus pais, Nelson e Teresa, por despertarem em mim a paixão pela Arqueologia e História. Nada disto seria possível sem o vosso apoio, incentivo, sabedoria, paciência e amor incondicional. E, por isso, este trabalho também é vosso.

Aos meus avós. Aos que, com coragem e sacrifício, deixaram o seu país em busca de uma melhor vida e aos que, mais perto, estiveram comigo, dando-me todo o carinho. Sou fruto do vosso legado, força e amor. À minha avó Irene e à Bibó (*in memoriam*).

À restante família. Aos que, mesmo à distância ou mais próximos, me têm apoiado desde o início desta aventura, sempre com palavras amigas de encorajamento.

Aos meus colegas que, ao longo do tempo, se tornaram verdadeiros amigos.

À Bia. Pela amizade, cumplicidade, autenticidade e energia contagiante, pelo apoio e as nossas sessões de “orientação” que sempre terminaram em longas conversas e risadas.

Ao Daniel. Por todo o companheirismo, pelas viagens pelo nosso Portugal, por me deixares fazer parte desta tua trajetória e pelo incentivo.

Ao João. Por ser o meu porto seguro.

A vós, agradeço do fundo do coração.

Por fim, a Jorge Rivera-Herrans e ao elenco de *EPIC: The Musical*, por darem alma à banda sonora que inspirou cada passo desta dissertação.

A todos vocês, obrigada.

Resumo

A sacralização da água assumiu um papel central nas práticas religiosas das comunidades estabelecidas nos territórios correspondentes às províncias da Galécia e da Lusitânia, manifestando-se na veneração de divindades aquáticas e na edificação de estruturas cultuais ligadas a fontes e cursos de água.

Esta dissertação tem como objetivos: (1) contribuir para o estudo da sacralização da água em época romana através da análise de ninfeus, tanques e fontes sagradas; (2) compilar e rever criticamente as investigações centradas nesta temática, com ênfase nos territórios em estudo; (3) compreender a dispersão e a diversidade das expressões religiosas associadas às águas na Galécia e na Lusitânia, constatando possíveis similitudes e divergências entre estes dois territórios; (4) colmatar lacunas no conhecimento arqueológico do tema no contexto da Península Ibérica; e (5) discutir as problemáticas associadas à definição e interpretação do culto das águas.

Para a concretização deste estudo, foi construído um *corpus* de dados sobre cada um dos arqueossítios considerados, complementado por visitas aos locais com o intuito de recolher dados relevantes para o trabalho, incluindo o seu registo fotográfico.

Os resultados obtidos permitiram identificar um conjunto de trinta e três sítios que atestam a sacralização das águas em época romana no território em estudo, embora alguns apresentem limitações quanto à sua interpretação e classificação, devido à escassez de estudos específicos e de dados diretamente relacionados com o culto da água.

Esta dissertação procura assim evidenciar a importância das manifestações religiosas ligadas à água nos territórios correspondentes à Galécia e à Lusitânia, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre os espaços associados ao culto das águas no extremo ocidente do Império.

Palavras-chave: Império Romano; Galécia; Lusitânia; Sacralização da Água; Ninfeus, Fontes Sagradas e Tanques

Abstract

The sacralization of water played a central role in the religious practices of communities established in the territories corresponding to the provinces of *Gallaecia* and *Lusitania*, manifesting in the veneration of aquatic deities and the construction of cult structures associated with springs and watercourses.

This dissertation aims to: (1) contribute to the study of the sacralization of water in Roman times through the analysis of sacred *nymphaea*, tanks and sacred fountains; (2) compile and critically review existing research focused on this theme, with emphasis on the territories under study; (3) understand the distribution and diversity of religious expressions associated with water in *Gallaecia* and *Lusitania*, identifying possible similarities and divergences between these two regions; (4) address gaps in archaeological knowledge on this subject within the context of the Iberian Peninsula; and, finally, (5) discuss the challenges related to the definition and interpretation of water worship.

To carry out this study, a *corpus* of data was assembled for each of the archaeological sites considered, complemented by field visits to collect relevant information, including photographic documentation.

The results led to the identification of thirty-three sites that attest to the sacralization of waters in the Roman times in the territory under study, although some of these present interpretation and classification limitations due to the scarcity of specific studies and the lack of direct evidence concerning water cults.

This dissertation thus seeks to highlight the importance of religious manifestations linked to water in the territories corresponding to *Gallaecia* and *Lusitania*, contributing to a deeper understanding of the spaces associated with the cult of waters in the extreme west of the Empire.

Key-words: Roman Empire; *Gallaecia*; Lusitania; Sacralization of Water; *Nymphaea*, Sacred Fountains & Tanks

Índice de Mapas e Figuras

MAPA 1. REPRESENTAÇÃO GEOGRÁFICA DA DISPERSÃO DOS ESPAÇOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS CORRESPONDENTES ÀS PROVÍNCIAS DA GALÉCIA E DA LUSITÂNIA.	134
FIG 1. ESTRUTURA DA FICHA DE SÍTIO APRESENTADOS EM ANEXO IV.....	114
FIG 2. PLANTA GERAL DA GRUTA DE TIBÉRIO (SPERLONGA). SEGUNDO LETZNER (1990). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 99).	122
FIG 3. PLANTA GERAL DO NINFEU DÓRICO (CASTEL GANDOLFO). SEGUNDO LUGLI (1913). FONTE: LUCÍA GÓMEZ ROBLES (2014, p. 87).....	122
FIG 4. PLANTA GERAL DO NINFEU DE GÉRASA. SEGUNDO C. S. FISCHER. FONTE: PIERRE GROS (1996, p. 479).	122
FIG 5. PLANTA GERAL DA CASA DA FONTE PEQUENA (POMPEIA). SEGUNDO CARLOS BONUCCI (SÉC. XIX). FONTE: CATÁLOGO GENERALE BENI CULTURALI.....	123
FIG 6. REPRESENTAÇÃO DO NINFEU <i>Ad Edicola</i> DA CASA DA FONTE PEQUENA. SEGUNDO LUIGI BAZZANI (1901). FONTE: INVENTÁRIO DO VICTORIA & ALBERT MUSEUM.	123
FIG 7. PLANTA GERAL DO TEMPLO DE MINERVA MÉDICA (ROMA). SEGUNDO RICHARDSON (1992). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 140).....	123
FIG 8. PLANTA GERAL DA BIBLIOTECA DE CELSO (ÉFESO). DESENHO DE W. WILBERG. FONTE: FERIT ÇAKIR (2022, p. 6).	124
FIG 9. PLANTA GERAL (ABAIXO) E RECONSTRUÇÃO DO SEPTIZÓDIO DE SÉTIMO SEVERO (ROMA). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 46).	124
FIG 10. PLANTA GERAL DA FONTE DE CLEPSIDRA (ATENAS). FONTE: ARTHUR PARSONS (1943, p. 253; 255).	125
FIG 11. PLANTA GERAL DO NINFEU DE HERODES ÁTICO (OLÍMPIA). SEGUNDO MESCHINI (1963). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 59).....	125
FIG 12. PLANTA GERAL DO NINFEU DE MILETO. SEGUNDO J. HÜLSEN. FONTE: PIERRE GROS (1996, p. 480).	126
FIG 13. PLANTA GERAL DO TEMPLO DE VÊNUS GENETRIX (ROMA). AS FONTES CONSAGRADAS ÀS NINFAS ESTÃO IDENTIFICADAS A PRETO. SEGUNDO ULRICH (1986). FONTE: DYLAN ROGERS (2015, p. 624).....	126
FIG 14. PLANTA GERAL DO NINFEU DE BERGANTINO (CASTEL GANDOLFO). SEGUNDO LETZNER (1990). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 495).....	127
FIG 15. PLANTA GERAL DO NINFEU DE PONARI (CASSINO). FONTE: LUCÍA GÓMEZ ROBLES (2014, p. 160). .	127
FIG 16. PLANTA GERAL DO CANOPO DA <i>VILLA ADRIANA</i> (TIVOLI). FONTE: FRANZ GLASER (2000, p. 463). .	128

FIG 17. PLANTA GERAL DA <i>DOMUS</i> DO NINFEU (ÓSTIA). FONTE: THEODORA HERES (1982, p. 473).	128
FIG 18. PLANTA GERAL DO TEMPLO DAS ÁGUAS (ZAGHOUAN). SEGUNDO B. LONGFELLOW (2011). FONTE: DYLAN ROGERS (2015, p. 692).	128
FIG 19. PLANTA GERAL DO NINFEU DE LÉPTIS MAGNA. FONTE: J. WARD-PERKINS (1993, p. 78).	129
FIG 20. PLANTA GERAL DA FONTE DE <i>GLANUM</i> E TEMPLO DE VALETUDO (FRANÇA). SEGUNDO H. ROLLAND, 1958. FONTE: DYLAN ROGERS (2015, p. 710).	129
FIG 21. PLANTA GERAL DO TEMPLO DE DIANA (NIMES). FONTE: CORNELL UNIVERSITY LIBRARY (S.D).	130
FIG 22. PLANTA GERAL DOS BANHOS ROMANOS DE BATH. FONTE: CHARLES EDWARD DAVIS (DESENHO DE 1886).	130
FIG 23. CORTE GERAL E INSCRIÇÕES <i>IN SITU</i> CONSAGRADAS ÀS NINFAS DA CUEVA NEGRA (MÚRCIA). FONTE: J. L. GARCÍA AGUINAGA (1996, p. 270) / GONZALEZ BLANCO <i>ET AL.</i> (1976, p. 282).	131
FIG 24. PLANTA GERAL DA FONTE MONUMENTAL DE <i>BAELO CLAUDIA</i> (CÁDIS). SEGUNDO PONSICH (1995). FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 158).	131
FIG 25. PLANTA GERAL DA <i>VILLA ROMANA</i> DE EL RUEDO. FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 183).	132
FIG 26. PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO DO NINFEU DE VALERIA. FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 344).	132
FIG 27. PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO DO SANTUÁRIO DE TURIASO. SEGUNDO MIGUEL BELTRÁN. FONTE: MIGUEL BELTRÁN & JUAN ÁNGEL PAZ (2002, p. 308).	133
FIG 28. PLANTA GERAL DO TEMPLO ROMANO DE ÉVORA. FONTE: THEODOR HAUSCHIL (2002).	133
FIG 29. FONTE DE FONCALADA (OVIEDO). DETALHE DAS INSCRIÇÕES ALTO-MEDIEVAIS. FONTE: FRANCISCO BORGE CORDOVILLA (2011, p. 166).	135
FIG 30. PLANTA GERAL DO TEMPLO DE SANTA EULÁLIA DE BÓVEDA (LUGO). SEGUNDO H. HANSON. FONTE: MÓNICA MONTORO CASTILLO (2008, p. 192).	135
FIG 31. PROPOSTAS DE RECONSTITUIÇÃO DO ALÇADO PRINCIPAL DO NINFEU DAS TERMAS ROMANAS DE CHAVES. FONTE: CÉSAR FIGUEIREDO (2022, p. 234).	136
FIG 32. PROPOSTA DE RICARDO MAR (FASE II) DA RECONSTITUIÇÃO DA FONTE DO ÍDOLO (BRAGA). DESENHO: CÉSAR FIGUEIREDO.	136
FIG 33. PLANTA GERAL DA CASA DOS REPUXOS (CONÍMBRIGA). FONTE: J. M. B. OLEIRO (1992, EST. 1).	137
FIG 34. PLANTA GERAL DO <i>CASTELLUM AQUAE</i> DO AQUEDUTO DE LOS MILAGROS (MÉRIDA). FONTE: TERESA BARRIENTOS VERA (1996, p. 29).	137
FIG 35. PLANTA GERAL DO TEMPLO DE DIANA (MÉRIDA). FONTE: ARQUITETO JOSÉ MARIA SÁNCHEZ GARCÍA, AIB ARCHITECTURE_OBRAS.	138

FIG 36. PLANTA GERAL DA <i>VILLA ROMANA</i> DE MILREU (ESTÓI). FONTE: FELIX TEICHNER (2008).	138
FIG 37. À ESQUERDA, A GRUTA DE KAFIZIN (CHIPRE). À DIREITA, A FONTE DA MORTERA (GIJÓN). FONTE: TERENCE B. MITFORD (1980, p. xviii) / GOOGLE EARTH PRO.	139
FIG 38. À ESQUERDA, O NINFEU DA CASA DA FONTE PEQUENA (POMPEIA). À DIREITA, A FONTE DE FONCALADA (OVIEDO). FONTE: DESCONHECIDA / KO HON CHIU VINCENT (2007).	139
FIG 39. À ESQUERDA, O NINFEU DA <i>VILLA ROMANA</i> DE CUPRA MARÍTIMA (ITÁLIA). À DIREITA, O TEMPLO DE SANTA EULÁLIA DE BÓVEDA (LUGO). FONTE: PORTALE TURISTICO DEL COMUNE DI CUPRA MARITTIMA (S.D.) / ALBERTO LÓPEZ; SUSO VARELA (LA VOZ DE GALICIA, 2017).	139
FIG 40. À ESQUERDA O SANTUÁRIO RITROVATO (SAN CASCIANO DEI BAGNI). ESTRUTURA CIRCULAR IDENTIFICADA COMO POSSÍVEL PISCINA VOTIVA. À DIREITA, A PISCINA-SANTUÁRIO D’AS BURGAS (OURENSE). FONTE: SAN CASCIANO DEI BAGNI (S.D.) / VIAJE COMIGO (2018).	140
FIG 41. À ESQUERDA, AS TERMAS ROMANAS DE FORDONGIANUS (ORISTANO). À DIREITA, O NINFEU DAS TERMAS ROMANAS DE CHAVES. FONTE: SALVATORANGELO ERRIU (2024) / PATRÍCIA MIRANDA (2025).	140
FIG 42. À ESQUERDA, UMA ILUSTRAÇÃO FEITA POR FRITZ MÖLLER DO SANTUÁRIO DE <i>ICOVELLAUNA</i> (METZ SABLON). À DIREITA, A FONTE DO ÍDOLO (BRAGA). FONTE: JULIEN TRAPP (2025, p. 35) / PATRÍCIA MIRANDA (2024).	140
FIG 43. À ESQUERDA A PLANTA DO NINFEU DE TRAJANO (ÉFESO). À DIREITA, A PLANTA DO <i>CASTELLUM AQUAE</i> DO AQUEDUTO DE LOS MILAGROS (MÉRIDA). FONTE: TERESA BARRIENTOS VERA (1996).	141
FIG 44. À ESQUERDA, O TEMPLO DE ÁGUA (ZAGHOUAN). À DIREITA, O <i>CASTELLUM</i> DE ALCABIDEQUE. FONTE: WIKIMEDIA (2004) / PATRÍCIA MIRANDA (2024).	141
FIG 45. À ESQUERDA, O NINFEU DA CASA DA FONTE GRANDE (POMPEIA). À DIREITA, O NINFEU DA CASA DOS REPUXOS (CONÍMBRIGA). FONTE: POMPEIIPICTURES (2023B) / PATRÍCIA MIRANDA (2025).	141
FIG 46. À ESQUERDA, O FÓRUM DE ÓSTIA ANTIGA. À DIREITA, O TANQUE DO TEMPLO DE DIANA (MÉRIDA). FONTE: KLAUS HEESE / PATRÍCIA MIRANDA (2024).	142
FIG 47. À ESQUERDA, O NINFEU DA CASA DELL’ ORSO FERITO (POMPEIA). À DIREITA, O NINFEU DA <i>VILLA ROMANA</i> DE MILREU (ESTÓI). FONTE: POMPEIIPICTURES (2023A) / PATRÍCIA MIRANDA (2025). ..	142

Índice de Tabelas

TABELA 1. APARELHOS CONSTRUTIVOS EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	58
TABELA 2. ELEMENTOS ARQUITETÓNICOS EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	59
TABELA 3. TIPOS DE PAVIMENTOS EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	60
TABELA 4. TIPOS DE ACABAMENTOS EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	62
TABELA 5. TIPOS DE SISTEMAS DE ABASTECIMENTO EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA.....	63
TABELA 6. TIPOS DE DECORAÇÃO EM EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	64
TABELA 7. PARALELOS EM OUTRAS ZONAS DO IMPÉRIO ROMANO DE EDIFÍCIOS DE CULTO ÀS ÁGUAS	75
TABELA 8. ENTIDADES CONTACTADAS DURANTE A ELABORAÇÃO DA PRESENTE DISSERTAÇÃO.....	113
TABELA 9. CÓDIGOS DOS CASOS DE ESTUDO NO TERRITÓRIO DA GALÉCIA.....	115
TABELA 10. CÓDIGOS DOS CASOS DE ESTUDO NO TERRITÓRIO DA LUSITÂNIA	116
TABELA 11. NÍVEIS PROPOSTOS DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO.....	119
TABELA 12. INVENTÁRIO DE SÍTIOS COM POTENCIAL SACRALIZAÇÃO DAS ÁGUAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E DA LUSITÂNIA: APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS DADOS DO EVENTUAL CULTO ÀS ÁGUAS	154

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1. NÚMERO DE OFERENDAS RELIGIOSAS RECUPERADAS EM ESPAÇOS DE SACRALIZAÇÃO DA ÁGUA NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	67
GRÁFICO 2. NÚMERO DE TESTEMUNHOS EPIGRÁFICOS CONSAGRADOS A DIVINDADES AQUÁTICAS NOS TERRITÓRIOS DA GALÉCIA E NA LUSITÂNIA	68

Lista de Abreviaturas e Siglas

CIL: *Corpus Inscriptionum Latinarum*

CILAE: *Corpus Inscriptionum Latinarum Augustae Emeritae*

CNS: Código Nacional de Sítio

DGEMN: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DGPC: Direcção-Geral do Património Cultural

EDH: Epigraphic Database Heidelberg

GIH: *Gens isíaca* en Hispania

HEpOI: Hispania Epigraphica Online Database

JF: Junta de Freguesia

SCME: Santa Casa da Misericórdia da Ericeira

SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

VV.AA: Vários Autores

Introdução

*“No cabeço deste porto está uma oliveira de esguias folhas,
e perto dela há uma gruta aprazível e sombria,
consagrada às Ninfas que têm por nome Náíades”*
Homero (*Odisseia*, XIII, 102-104)¹

Elemento-chave à vida e à Humanidade, sem água, nada existe. Simples, mas complexa, é inegável que a água detém, desde cedo, um papel fundamental à vida humana. Crucial na origem e desenvolvimento de civilizações, a importância deste elemento transcende o mero uso quotidiano e utilitário impregnando-se de uma natureza religiosa. Entendida como sagrada, a água está fortemente presente na religião greco-romana, quer através do culto a divindades aquáticas, quer através da sacralização de espaços naturais ou construídos associados a este elemento. Os testemunhos da sua sacralização chegaram até à atualidade, espelhando uma contínua ligação à religião.

A presente dissertação pretende contribuir para o estudo desta temática através da análise de espaços construídos consagrados às águas (ninfeus, tanques e fontes sagradas), localizados nos territórios correspondentes à Galécia e à Lusitânia². Para tal, foram considerados quatorze sítios arqueológicos cuja conotação sagrada não suscita dúvidas, discutindo-se os vestígios identificados e o seu significado. Além destes, serão abordados dezanove testemunhos cuja interpretação como espaço de culto levanta profundas reservas. Esta análise insere-se numa reflexão mais alargada sobre o conceito de ninfeu, um termo que tem despertado acesos debates desde a Antiguidade Clássica até aos dias de hoje.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos, antecidos de uma introdução e precedidos de considerações finais, referências bibliográficas e cinco anexos.

¹ Homero. (2018). *Odisseia* (Frederico Lourenço, Trad.). Lisboa: Quetzal Editores.

² A definição dos limites geográficos da Galécia e da Lusitânia apresenta alguns desafios dada a fluidez dos limites administrativos ao longo do tempo. Acresce que a cronologia dos sítios estudados nem sempre coincide com os períodos de vigência das províncias romanas. A sua utilização como referência visa apenas facilitar a contextualização geográfica, face à escassez de enquadramentos equivalentes.

No primeiro capítulo, de cariz introdutório, será discutido o conceito e evolução do termo ninfeu e dada a conhecer a proposta de classificação tipológica de Norman Neuerburg (1965) que servirá de base ao presente estudo. Será igualmente apresentada a dispersão e diversidade geográfica de ninfeus, tanques e fontes sagradas no contexto geral do Império Romano.

No segundo capítulo será explanada a abordagem teórica e metodológica adotada no presente estudo. Para tal, delimitar-se-á o tema e o território em estudo e serão identificados os objetivos gerais e específicos deste trabalho. Por fim, apresentar-se-á a revisão crítica da literatura disponível sobre ninfeus, tanques e fontes sagradas, considerando-se, por um lado a totalidade do Império Romano e, por outro, a especificidade do ocidente peninsular.

O capítulo seguinte é dedicado à análise dos espaços construídos que testemunham a sacralização da água, apresentando-se a sua localização, os vestígios preservados e que lhes estão associados e caracterizando-os tipologicamente. Serão considerados trinta e três sítios/ testemunhos, quatorze dos quais com evidente conotação ao culto da água. Nos restantes dezanove casos, sistematizados em anexo, a vertente religiosa pode ser aferida, de forma indireta, através de oferendas com alusão a divindades aquáticas e/ou atestam o culto religioso associado a possíveis espaços com presença de água.

No quarto capítulo será discutido o enquadramento destes casos na malha urbana e rural, associando-os a espaços com diferentes naturezas e funcionalidades. Serão ainda dadas a conhecer as diferentes soluções técnicas adotadas na construção destas infraestruturas, abordando-se igualmente as opções de revestimento e acabamento adotadas nas mesmas. Por último, serão explorados os tipos de oferendas associados ao culto das águas.

Por último, no capítulo “Discussão”, começaremos por apresentar uma nova proposta de definição do termo ninfeu, considerando a realidade arqueológica das províncias do extremo ocidente do Império Romano. Seguidamente, será apresentada uma reflexão das tendências verificadas nos espaços de sacralização da água dos territórios da Galécia e Lusitânia, destacando as semelhanças e diferenças entre territórios. Serão igualmente

discutidos paralelos à escala do Império para os casos estudados nesta dissertação, para se compreender soluções semelhantes na edificação de espaços de culto às águas. Em seguida, pretende-se explorar brevemente os *castella aquae* como estruturas com uma dupla natureza: a utilitária e a sagrada. Será igualmente discutida a problemática da continuidade de culto às águas, verificando-se a persistência da natureza sagrada associada a estes espaços em períodos posteriores relacionados com o processo de Cristianização da Península Ibérica.

Apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas, seguem-se os cinco anexos. No primeiro serão apresentadas as entidades contactadas no decorrer desta dissertação, bem como explanada a metodologia adotada na construção das fichas de sítio, explicando os elementos a observar no preenchimento dos distintos campos deste *corpus*. Na segunda parte, será igualmente apresentada a estrutura do catálogo de epígrafes consideradas para o estudo. O segundo anexo corresponderá a uma base de imagens que pretende ilustrar alguns dos elementos mencionados no decurso desta dissertação. O terceiro anexo apresentará uma tabela com dados relativos aos casos de estudo cuja vertente religiosa poderá ser aferida, de forma indireta. O quarto anexo disponibilizará as fichas de sítio, expondo, de forma sintetizada, dados relativos aos trinta e três casos em estudo, proporcionando ao leitor informações técnicas, de maior especificidade, além de uma caracterização geral de cada um dos sítios considerados na presente dissertação. Por último, o anexo “Catálogo de Epígrafes” servirá como um complemento ao presente estudo.

Com a presente dissertação procurar-se-á contribuir para o estudo dos espaços construídos que atestam o culto associado à água. Será apresentado o conjunto de sítios, cujas características arquitetónicas e associação a oferendas, remetem para a sacralização deste elemento. Este estudo é complementado da revisão crítica dos trabalhos científicos produzidos sobre este tema, no contexto geral do Império Romano e na especificidade dos territórios da Galécia e Lusitânia. Tratando-se de uma temática de estudo insuficientemente explorada no território em estudo, a presente dissertação assume especial relevância, dando destaque a uma importante manifestação da religiosidade romana associada à água.

1. Edifícios de Culto às Águas no Império Romano: Conceitos, Classificações Tipológicas e Dispersão Geográfica

A água está presente desde as primeiras expressões religiosas da Humanidade, sendo venerada como símbolo sagrado (Pérez, 2019, pp. 66-67; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 73).

Com a génese das civilizações, a água tornar-se-ia um importante elemento da mitologia e de crenças religiosas visto adquirir um cariz purificador (Ribeiro, 1983, p. 4; Fernandes, 2002, p. 131). Este culto impulsionou a edificação de edifícios consagrados às águas, desde ninfeus, tanques e fontes sagradas (Loza Azuaga, 1993, p. 142):

“o homem crente, foi porém mais longe do que os poetas, porque, possuindo dos mesmos sentimentos e do da utilidade que as águas lhe prestavam, não só amou as fontes, e lhes consagrou hymnos nascidos do íntimo do peito, mas adorou-as com effusão, erigindo-lhes altares, e fundando-lhes santuários.”

(Vasconcellos, 1905, p. 238)

Ao longo deste capítulo serão discutidas definições e a evolução do termo ninfeu desde a Antiguidade à atualidade, sendo também apresentada uma proposta de classificação tipológica, incluindo as problemáticas associadas ao conceito. Por fim, será apresentada uma breve explanação da dispersão e diversidade geográfica de ninfeus, tanques e fontes sagradas no contexto geral do Império Romano.

1.1. *Nymphaeum*: definições e evolução do conceito

*“Ninfeu. Fonte monumental. Uma fonte modesta, numa rua de cidade romana, era chamada *lacus. Numa *domus, também se pode chamar ninfeu a um espaço com fonte, mais decorativa que utilitária, que servia para refrescar o ambiente e agradar os olhos.”*

(Alarcão, 2012, p. 252)

A definição de ninfeus revela-se complexa, dada a multiplicidade de interpretações existentes. Embora prevaleça a tendência que os descreve como fontes, esta não esclarece totalmente o seu significado e a consulta de autores clássicos pouco contribui para a sua compreensão (Montoro Castillo, 2008, p. 26). Apesar das abordagens e das reservas suscitadas por vários autores, mantêm-se uma corrente no meio académico que entende os ninfeus como espaços de natureza religiosa. No entanto, a sacralidade destes espaços foi gradualmente dissolvida, dando lugar a uma dimensão mais cívica (Gros, 1996, p. 470).

Para compreendermos a complexidade do termo, será necessário analisar a sua origem etimológica. Embora as obras clássicas tenham se mostrado limitadas na elucidação da etimologia de “ninfeu”, avanços nas últimas décadas permitiram rastrear a evolução do conceito desde a Antiguidade Clássica até à atualidade.

1.1.1. O Termo na Antiguidade

A escassez de referências nas obras clássicas, não deve ser interpretada como indicador da menor relevância dos ninfeus na Antiguidade. Embora os autores contemporâneos assinalem que a primeira referência ao termo ocorre no séc. IV a.C. sob o nome grego, νυμφαίον (Montoro Castillo, 2008, p. 25; Rogers, 2013, p. 156), existem indícios que sugerem um uso prévio do conceito no séc. VIII a.C. (*ibid.*, p. 270)

Originalmente, os νυμφαίον eram santuários consagrados a ninfas, Νύμφα³ (*ibid.*, p. 25; Neuerburg, 1965, p. 21; Grimal, 1990, p. 297). Estes espaços de culto evoluíram na época romana, definindo um cariz cívico, mas preservando em parte a natureza sagrada (Montoro Castillo, 2008, p. 25; Aristodemou, 2011, p. 195).

³ Entidades menores do mundo mitológico greco-romano, intermediárias entre o mundo mortal e imortal, as ninfas serviam como elo essencial entre o natural e o sobrenatural, seriam os espíritos da natureza e a personificação de forças naturais (Caessa, 1990, p. 148; Grimal, 1990, p. 297; Díez de Velasco, 1998, p. 82; Gomes, 2015, p. 89; Rogers, 2015, pp. 273-274; Williams, 2020, p. 1). Na Roma Antiga, as ninfas estariam mais relacionadas à água e à medicina (Caessa, 1990, p. 148; Oró Fernández, 1996, p. 103; Díez de Velasco, 1998, p. 82; 2016, p. 48; 2017, p. 135; Gómez Robles, 2014, p. 191; Gomes, 2015, p. 89).

Uma das primeiras menções em textos clássicos data possivelmente do séc. VII a.C., na Odisseia de Homero⁴ (XIII, 103-104; Montoro Castillo, 2008, p. 26; Aristodemou, 2011, p. 192; Gómez Robles, 2014, p. 545; Costa Solé, 2017, p. 58; Williams, 2020, p. 7) com a alusão de uma gruta dedicada às Náíades⁵. Há outros autores clássicos que também recorrem ao termo νυμφαῖον para mencionar santuários consagrados a ninfas, embora raramente lhes seja atribuída uma denominação específica (Gómez Robles, 2014, p. 533). Segundo Mónica Montoro Castillo (2008, p. 26), o filósofo Filóstrato usa o termo como uma referência a uma fonte consagrada às ninfas, enquanto Estrabão (VII, 5, 8) define como uma gruta. No âmbito arqueológico, os investigadores consideram que a primeira publicação a este tipo de santuário provém de Delos, datando do séc. IV a.C. (Rogers, 2013, p. 156; 2015, p. 46).

Profundamente influenciada pela cultura helenística, Roma demonstrou um crescente fascínio pelas águas (*ibid.*, p. 80), que resultou na adoção do vocábulo νυμφαῖον a partir do séc. II a.C. (Gómez Robles, 2014, p. 24), adaptando-o a *nymphaeum*.

Originalmente, o termo “ninfeu” reportava-se às áreas consagradas às ninfas, mantendo esse propósito até sensivelmente ao séc. II d.C. (Aristodemou, 2008, p. 1; Lodice, 2013, p. 7). A partir desse período, os ninfeus surgem associados à vida urbana e cívica, sendo comumente interpretados como fontes públicas (*ibid.*, p. 7; Neuerburg, 1965, p. 19; Rendić-Miočević, 2015, p. 47; Rogers, 2015, p. 50). Não obstante, os ninfeus não podem ser completamente desassociados do seu cariz sagrado, “*the ‘nymphaeum’ cannot be completely divorced from its religious background, always evoking the ‘sacred’ nature of water in the Roman world*” (Rogers, 2015, p. 51).

À semelhança dos autores clássicos gregos, as referências ao termo *nymphaeum* nos textos latinos também se revelam extremamente raras (Montoro Castillo, 2008, p. 27). Esta escassez poderá ser explicada por conta da diversidade de vocábulos para designar

⁴ Na Odisseia, Homero menciona outra fonte na ilha de Ítaca onde “*fora construído um altar das Ninfas, onde todos os viandantes ofereciam sacrifícios*” (XVII, 204-211; Williams, 2020, p. 7).

⁵ Entidades da água doce, das fontes e dos cursos fluviais, são frequentemente associadas à cura através das águas (Santos Junior & Cardozo, 1953, p. 54; Grimal, 1990, p. 285; Jorge, 2012, p. 28).

estes edifícios (Neuerburg, 1965, p. 22): “*nymphaeum, nymphium, nymfeum, nymfium, nimfium*”.

Investigadores defendem que o vocábulo latino foi pela primeira vez utilizado na Eneida de Virgílio (I, 168; Montoro Castillo, 2008, p. 28; Aristodemou, 2011, p. 192; Gómez Robles, 2014, p. 548; Williams, 2020, p. 7) como “*Nympharum domus*”, que data do séc. I a.C. Outra referência é na *Chorographia* de Pompónio Mela (Montoro Castillo, 2008, p. 27; Reis, 2010, p. 287; Lodice, 2013, p. 6; Rogers, 2013, p. 156; 2015, p. 49; Costa Solé, 2017, pp. 62-63), na qual o autor faz menção à cidade de *Chersoneso Taurico*, na atual Ucrânia. Esta referência contribuiu para o debate da existência de um ninfeu na cidade, e, segundo o autor Dylan Rogers (2015, p. 49), esta foi a primeira referência ao vocábulo latino com cariz religioso.

O termo ressurgiu novamente nas obras de outros autores clássicos, como Plínio, o Velho (*ibid.*, p. 49; Neuerburg, 1965, pp. 22-23; Montoro Castillo, 2008, p. 28; Gómez Robles, 2014, p. 547). Seria expectável que estivesse na *Aquaeductu Urbis Romae* de Frontino, uma das obras basilares da engenharia hidráulica romana, mas, não existem referências ao termo *nymphaeum* (*ibid.*, p. 548; Montoro Castillo, 2008, p. 27; Reis, 2010, p. 288; Aristodemou, 2012, p. 30; Lodice, 2013, p. 7), optando o autor por vocábulos genéricos que remetem à fonte: *munus* e *lacus*.

Com a expansão do Império, o latim foi paulatinamente introduzido nas sociedades das províncias sob influência romana⁶. A presença do termo no quotidiano prevalecerá após a queda do império conectado a rituais cristãos (Rogers, 2015, p. 54). No Renascimento reaviva-se a paixão pela estética clássica e são edificadas fontes à imagem de *nymphaea* romanos (*ibid.*, p. 54; Gómez Robles, 2014, p. 25).

⁶ Estudos revelaram que em *As-Suwayda*, na Síria, foi descoberta uma inscrição do séc. II d.C. referente à edificação de um ninfeu e de um aqueduto entre 102 d.C. e 117 d.C. dedicado a Trajano (Gros, 1996, p. 469; Montoro Castillo, 2008, p. 30; Rogers, 2013, p. 156; 2015, p. 52; Gómez Robles, 2014, p. 548). A epígrafe mais antiga relativa a um ninfeu provém da Ágora de Argos, associado a um antigo espaço cultural consagrado às ninfas (Montoro Castillo, 2008, p. 31).

O vocábulo “ninfeu” tem sido alvo de transformações, refletindo aspetos socioculturais das civilizações clássicas. Do grego νυμφαειον ao *nymphaeum*, este termo revela ser tão complexo, como de difícil interpretação.

1.1.2. Definição Moderna

A reduzida presença do termo “*nymphaeum*” nas obras clássicas dificulta a tarefa de elaboração de uma definição comumente aceite. Perante a escassez de referências é essencial examinar as interpretações propostas por investigadores modernos.

Este debate terminológico teve início no séc. XX, mas originou uma série de desafios no âmbito da historiografia sobre estes monumentos (Gómez Robles, 2014, p. 26). Não existe até à data consenso quanto à sua definição, sendo utilizado para qualquer tipologia arquitetónica com funções hídricas (Montoro Castillo, 2008, p. 114).

O latim *nymphaeum* corresponde à tradução do vocábulo grego (Rogers, 2015, p. 57), mas nem todos os investigadores defendem o cariz sacro dos ninfeus. A divergência ao nível das interpretações por detrás do termo ninfeu culminou na definição generalizada como fontes monumentais públicas (*ibid.*, p. 45; Mingazzini, 1943 citado por Neuerburg, 1965, p. 27; Aristodemou, 2014, p. 523; Rendić-Miočević, 2015, p. 47; Gómez Robles, 2014, p. 24; Williams, 2020, pp. 22-23).

Esta hipótese é posta em causa por outros investigadores que têm defendido a origem terminológica associada à sacralização das águas e suas divindades, defendendo tratar-se de espaços sacros, templos, desprovidos do cariz cívico (Díez de Velasco, 1985, p. 74; Ginouvès, 1998, p. 96; Montoro Castillo, 2008, p. 57; Rogers, 2015, p. 60; Carneiro, 2017c, p. 20; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74).

De acordo com Mónica Montoro Castillo (2008, p. 105), “*La separación entre fuentes monumentales y ninfeos es igualmente conflictiva*”, sendo necessário examinar variáveis compreendidas no termo. Para alguns investigadores, entre os quais R. Ginouvès (1969) e Salvatore Settis (1973) parece existir, no entanto, uma duplicidade na essência deste termo assente num duplo aspeto sacro e monumental (citado por *ibid.*, p. 37).

1.1.3. Classificação Tipológica de Ninfes

O eterno debate por detrás da interpretação dos ninfes torna-se um obstáculo à sua compreensão. Também no âmbito da classificação tipológica, esta tem-se revelado um “*otro de los caballos de batalla en el estudio de los ninfes*” (ibid., p. 41).

A escassez de testemunhos, ou a destruição dos ninfes, coloca profundas limitações à definição de uma classificação tipológica única (Aristodemou, 2012, p. 27). Para efeitos do presente estudo, será seguida a classificação proposta por Norman Neuerburg (1965) por se entender que oferece uma abordagem mais completa acerca dos ninfes baseada nas características arquitetónicas dos edifícios (Gómez Robles, 2014, p. 166).

1.1.3.1. Ninfes de Gruta e de Câmara

Com raízes na tradição helenística, os ninfes de gruta estão intimamente conectados a nascentes formadas em grutas naturais ou artificiais (Ginouvé, 1998, p. 97; Montoro Castillo, 2008, p. 42; Gómez Robles, 2014, p. 40). Este tipo de ninfeu estará mais próximo da arquitetura original dos santuários rupestres da Grécia Antiga e corresponde ao início de uma evolução arquitetónica dos *nymphaea* (ibid., p. 40; Neuerburg, 1965, p. 31).

Para Norman Neuerburg (ibid., p. 34), este modelo é verdadeiramente interessante pois testemunha a adaptação de grutas a santuários consagrados às divindades aquáticas, particularmente às ninfas. Esta tradição manteve-se até à crescente expansão urbana que promoveu a edificação de fontes públicas monumentais (Aristodemou, 2008, p. 1).

São alguns os testemunhos dos ninfes de gruta, por vezes confundidos com os ninfes de câmara. Enquadra-se nesta tipologia a Gruta de Tibério⁷, em Sperlonga (Fig. 2).

Sucessores dos ninfes de gruta, os ninfes de câmara são um reflexo da conexão entre a natureza, o homem e a religião. Inicialmente, mantiveram uma relação simbólica com

⁷ Sperlonga deriva do latim *Spelunca*, que significa caverna, sendo uma referência direta à gruta natural à beira-mar (Gómez Robles, 2014, p. 59; Rogers, 2015, p. 57; Franceschini & Veneziano, 2019, p. 9) pertencente à *villa* marítima frequentemente associada a Tibério (Lodice, 2013, p. 30). No interior da caverna existiu um ninfeu e tanques abastecidos pela água do mar (ibid., p. 30; Neuerburg, 1965, p. 35; Gómez Robles, 2014, pp. 59-61). Em 1957 foi recuperado neste sítio um conjunto escultórico referente ao ciclo homérico (ibid., p. 59; Neuerburg, 1965, p. 35; Montoro Castillo, 2008, p. 93; Lodice, 2013, p. 31).

as grutas naturais (Gómez Robles, 2014, p. 41), sendo vistos como intermediários entre ninfeus originais e os monumentais (Montoro Castillo, 2008, p. 42).

Não raras vezes são designados como ninfeus de basílica, devido à sua planta retangular, dividida em três naves com nichos (*ibid.*, p. 42; Neuerburg, 1965, p. 37; Ginouvès, 1998, p. 97). Esta opção arquitetónica recorda os túmulos etruscos (Neuerburg, 1965, p. 37). Sendo esse o caso do Ninfeu Dórico⁸, em Castel Gandolfo (Fig. 3).

Embora tivessem usufruído de alguma popularidade, esta tipologia desaparecerá com o a Idade Média, em resultado da destruição da maior parte dos aquedutos (Neuerburg, 1965, p. 51).

1.1.3.2. Ninfeus de Êxedra Semicircular

Os ninfeus de êxedra semicircular representam uma adaptação dos tradicionais ninfeus de gruta (Gómez Robles, 2014, p. 41), tendo como objetivo a recriação dos ambientes naturais, evocando as deidades aquáticas. A grande diferença destes ninfeus de êxedra face aos casos anteriores reside no facto de estes serem comumente categorizados como fontes monumentais públicas (*ibid.*, p. 41; Aristodemou, 2020, p. 34).

Esta tipologia data do último século da República Romana, mas ganhou popularidade desde o séc. I d.C. perdurando até ao séc. II d.C. (Aristodemou, 2012, p. 33). Arquitetonicamente, são estruturas, comumente revestidas com pedra mármore (Gómez Robles, 2014, p. 41), com uma planta semicircular. Seriam compostas por vários nichos que davam para um reservatório de água central e complementadas com edículas que conteriam conjuntos escultóricos (Ginouvès, 1998, p. 98; Aristodemou, 2012, p. 32).

Investigadores sugerem que os ninfeus de êxedra semicircular também podiam receber a designação de ninfeu sigmóide⁹ (Ginouvès, 1998, p. 98; Aristodemou, 2020, p. 34), ou

⁸ O Ninfeu Dórico integra a *villa* de Clódio, datada do séc. I a.C. (Gómez Robles, 2014, p. 88). Caracterizado pela sua planta retangular e abóbada de berço, na parte inferior conteria um nicho através do qual se fazia o transporte da água (Lodice, 2013, p. 29). É considerado “*no dei ninfei più elaborati fra quelli più antichi ed uno fra i più belli dei ninfei romani*” (Neuerburg, 1965, p. 43).

⁹ O termo “sigmóide” refere-se a algo que tem forma da letra grega sigma (Σ) ou da letra “S” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, s.d.).

“teatro de água” devido à sua semelhança com os teatros clássicos (Aristodemou, 2012, p. 33). É na Grécia e na Ásia Menor que este modelo se tornou popular, destacando-se o Ninfeu de Gérasa¹⁰, na Jordânia (Fig. 4).

1.1.3.3. Ninfeu *Ad Edicola*

Embora apresentem características semelhantes à tipologia anterior (Neuerburg, 1965, p. 61), sendo caracterizados pela planta semicircular, os ninfeus *ad edicola* têm traços únicos que permitem aos investigadores individualizá-los.

Ao contrário do modelo anteriormente estudado, edificado num contexto mais público e urbano, os ninfeus *ad edicola* seriam pequenas fontes domésticas¹¹ (Rogers, 2013, p. 157; Gómez Robles, 2014, p. 41; Williams, 2020, p. 11). Correspondendo à versão mais simples dos ninfeus de êxedra (Gómez Robles, 2014, p. 41), são comumente edificados nos jardins das *domus* e *villae* (*ibid.*, p. 41; Neuerburg, 1965, p. 61; Creola, 2014, p. 20).

Infelizmente, são poucos os testemunhos preservados de ninfeus *ad edicola*, mas os investigadores defendem que esta tipologia foi particularmente popular em contexto doméstico (Neuerburg, 1965, p. 61). De arquitetura simples, este modelo sobreviveu, perdurando para além da queda do Império, estando em uso na Idade Média¹² (*ibid.*, p. 63).

Atualmente, não existem muitos testemunhos desta tipologia, com exceção de modelos pompeianos que seriam “*unique in form*” (Creola, 2014, p. 5). Arqueólogos identificaram

¹⁰ Localizado no centro de Gérasa, e datado do séc. II d.C. através de uma inscrição (Kraeling, 1938, p. 21; Boyer, 2022, p. 4), este monumento é considerado um dos mais ricos e ornamentais edifícios da cidade romana (Kraeling, 1938, p. 21). Possivelmente inspirado no Ninfeu de Herodes Ático, em Olímpia (Boyer, 2022, p. 4). Caracterizado pela fachada com 22 m² e pela planta semicircular de Ø 11m (*ibid.*, p. 4; Kraeling, 1938, p. 21), não existem indícios que confirmem o cariz religioso do edifício. Todavia, intervenções arqueológicas no arqueossítio revelaram um outro possível ninfeu (Boyer, 2022, p. 8).

¹¹ Os ninfeus *ad edicola* apresentam características semelhantes com os santuários domésticos conhecidos como larários, temática a abordar à *posteriori* aquando da interpretação dos casos de estudo. No entanto, assim como estes pequenos santuários, estes ninfeus incluem frequentemente uma estética semelhante às fachadas dos templos e representações de divindades (Creola, 2014, p. ii).

¹² De acordo com Norman Neuerburg (1965, p. 63), na Igreja de S. Giovanni a Carbonara, em Nápoles, existe um fresco com a representação de um ninfeu *ad edicola* do estilo gótico.

um conjunto de ninfeus *ad edicola* nos ambientes privados pompeianos, destacando-se a Casa da Fonte Pequena¹³ (Fig. 5; 6).

1.1.3.4. Ninfeu Redondo

De acordo com Norman Neuerburg (1965, p. 102), os ninfeus redondos são um modelo mais recente, nunca tendo sido populares. Representam hoje um verdadeiro desafio ao nível da interpretação por não existirem certezas da natureza destes monumentos (*ibid.*, p. 65).

Tendo em consideração a sua raridade, os investigadores defendem que a origem desta opção arquitetónica remete à ideia original das grutas naturais (Gómez Robles, 2014, p. 42). Estruturalmente, a sua principal característica reside na planta circular ou poligonal, contudo as dificuldades de classificação como ninfeu geraram profundas lacunas no seu estudo. O Templo de Minerva Médica¹⁴, em Roma (Fig. 7), é consensualmente aceite como tal, mas as incertezas perante este tipo de edificações levaram Norman Neuerburg o desconsiderá-lo como um exemplar de ninfeu (Neuerburg, 1965, p. 65).

1.1.3.5. Ninfeu de Fachada

Símbolo de monumentalidade, os ninfeus de fachada são um dos exemplos da influência helenística na arquitetura romana. Edificados à imagem dos teatros clássicos da Grécia (Montoro Castillo, 2008, p. 42), estes edifícios são fundamentais na paisagem urbana, engrandecendo-a (Costa Solé, 2017, p. 342).

São fontes monumentais compostas por uma fachada que invoca a *scanae frons* dos teatros helenísticos (Ginouvès, 1998, p. 98; Aristodemou, 2008, p. 2; 2011, p. 165; 2012, p. 35; Montoro Castillo, 2008, pp. 42-43) com edículas e êxedras ornamentadas com

¹³ O *ex-libris* do quarteirão VI de Pompeia (Neuerburg, 1965, pp. 61-62), os investigadores defendem que este ninfeu *ad edicola* teve à escala da sua época uma dupla função decorativa e representativa (Gómez Robles, 2014, p. 166). Recentemente restaurada (Parco archeologico di Pompei, 2022), está localizada no jardim, sendo ricamente ornamentada por mosaicos e conchas (*ibid.*, 2022; Creola, 2014, p. 52).

¹⁴ Monumento edificado no séc. IV d.C., apesar da sua designação “Minerva Médica” remontar ao séc. XVI (Baggio *et al.*, 2020, p. 2). Interpretado originalmente como ninfeu por conta da presença de água e da associação de Minerva com o epíteto “*Médica*” ao poder da cura (Díez de Velasco, 2016, p. 54), existem investigadores que defendem que é uma interpretação errónea (Gómez Robles, 2014, p. 80; Williams, 2020, p. 30).

representações mitológicas ou da família imperial (*ibid.*, p. 42; Aristodemou, 2012, p. 35; Gómez Robles, 2014, p. 42). Este modelo conteria dois reservatórios destinados à captação e drenagem das águas (Tölle-Kastenbein, 1993, p. 233; Ginouvès, 1998, p. 98; Aristodemou, 2011, p. 165; 2012, p. 35).

Independentemente da sua origem, os ninfeus de fachada revelaram-se extremamente populares nas províncias orientais (*ibid.*, p. 35; 2011, p. 173; Neuerburg, 1965, p. 73; Gómez Robles, 2014, p. 42), sendo exemplo a fachada da Biblioteca de Celso¹⁵, em Éfeso (Fig. 8), mas, perderam relevância na Idade Média (Neuerburg, 1965, p. 78).

1.1.3.6. Fontes Monumentais e suas Problemáticas

Símbolos de imponência e luxuosidade, e por vezes designadas de ninfeus, as fontes monumentais eram infraestruturas que concebiam ambientes sofisticados nas cidades (Costa Solé, 2017, p. 342). No caso destas edificações, verifica-se uma redução do cariz sagrado, característico dos demais ninfeus, em prol do acentuar do caráter cívico destes edifícios (Aristodemou, 2008, p. 1; Lendon, 2015, p. 127).

Esta dificuldade de interpretação como ninfeu é particularmente notória no estudo dos septizódios¹⁶. Projetos de proporções monumentais, semelhantes a ninfeus de fachada com vários andares e ricamente ornamentados (Aristodemou, 2012, p. 38; Rogers, 2015, p. 65). Embora existam semelhanças entre estes dois edifícios, nem todos os septizódios correspondem a ninfeus (*ibid.*, p. 65; Montoro Castillo, 2008, p. 47), como o Septizódio de Sétimo Severo¹⁷, em Roma (Fig. 9).

¹⁵ Originalmente edificada no séc. II d.C. (Aristodemou, 2005, p. 1), a Biblioteca de Celso manteve-se em funcionamento até meados do séc. III d.C. Importa salientar que existem várias interpretações acerca do que desencadeou a destruição do monumento, sendo aceite a teoria do violento sismo que atingiu Éfeso, em 292 d.C. (*ibid.*, p. 3). Desse episódio apenas resistiu a fachada do edifício, reaproveitada em 400 para a edificação de um ninfeu (*ibid.*, p. 3; Costa Solé, 2017, p. 362). De acordo com Mónica Castillo Montoro (2008, p. 332), a destruição do monumento resultou da invasão dos godos no séc. III d.C., tendo levado à restauração da fachada entre os séc. IV d.C. e V d.C.

¹⁶ *Septizodium* deriva do latim *septisolum*, são frequentemente monumentos associados às divindades planetárias: Sol-Hélio-Apolo, Luna-Selene-Diana, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno (Lusnia, 2004, p. 524; Rogers, 2015, p. 64; Costa Solé, 2017, p. 362).

¹⁷ Edificado a 203 d.C., o Septizódio “*was the crown jewel of this new urban space created to glorify the emperor and his new dynasty*” (Lusnia, 2004, p. 538), considerado até à data “*the biggest nymphaeum in the Roman world*” (Lendon, 2015, p. 142). Eventualmente foi destruído por ordem do Papa Sisto V no séc. XVI (Lusnia, 2004, p. 518).

1.2. Dispersão e Diversidade dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas no Império Romano

Importa salientar que existem outras estruturas conectadas à sacralização da água que têm contribuído à problemática uma vez que não podem ser classificadas como ninfeus. A identificação destas estruturas, como tanques e fontes sagradas, permite constatar a proximidade das sociedades ao culto das águas.

A edificação de espaços cultuais consagrados às águas e às suas divindades ocorreu na generalidade do Império, mas estas edificações obedeceriam mais às características regionais do que aos modelos da arquitetura romana (Richard, 2008, p. 281).

Na Grécia, os primeiros νυμφαίον datam do séc. VI a.C. (Montoro Castillo, 2008, p. 139), havendo um consenso que defende que o primeiro se localizasse em Corinto (Robinson, 2013, p. 161), apesar do testemunho mais antigo corresponder a um santuário dedicado às ninfas datado do séc. V a.C., localizado na acrópole de Atenas: a Fonte de Clepsidra¹⁸ (Fig. 10) (Parsons, 1943, p. 193; Lodice, 2013, p. 4).

Herdeira do património arquitetónico helenístico, será nas províncias romanas da Grécia e da Ásia Menor que encontramos os mais monumentais e bem preservados *nymphaea* (Montoro Castillo, 2008, p. 16). Esta tendência remonta ao séc. II d.C. com a assimilação dos santuários rupestres gregos, assim como com a edificação de fontes monumentais nos modelos de planeamento da malha urbana provincial (*ibid.*, p. 139; Aristodemou, 2008, p. 1). Com um propósito igualmente utilitário, era crucial que estas estruturas seguissem o padrão estético romano (Aristodemou, 2012, p. 29; Lodice, 2013, p. 11).

Dentro dos grupos tipológicos, o destaque no panorama arquitetónico da Grécia e Ásia Menor assenta principalmente nos ninfeus de êxedra semicircular e ninfeus de fachada (Neuerburg, 1965, p. 53; Montoro Castillo, 2008, p. 139; Aristodemou, 2014, p. 527). A

¹⁸ A Fonte de Clepsidra revela-se um importante manancial da região ateniense e centro de culto às ninfas a partir do séc. V a.C. (Montoro Castillo, 2008, p. 75), havendo uma teoria de este espaço pertencer ao santuário de Apolo (Parsons, 1943, p. 193). Atualmente, é interpretado como sendo um dos melhores exemplares de grutas naturais transformadas pelo Homem para a prática do culto às ninfas (*ibid.*, p. 193; Montoro Castillo, 2008, p. 75).

título de exemplo dispomos do Ninfeu de Herodes Ático¹⁹, em Olímpia (Fig. 11) e o Ninfeu de Mileto²⁰ (Fig. 12).

Conforme se avança para Ocidente, nomeadamente a partir da Península Itálica, existe uma redução gradual do número de ninfeus, tanques ou fontes sagradas.

Estas novas opções arquitetónicas não foram ignoradas por Roma (Gros, 1996, p. 483). Segundo Norman Neuerburg (1965, p. 41) e Mónica Montoro Castillo (2008, p. 92), as primeiras fontes sagradas em território romano remontam ao séc. III a.C. É exemplo o Templo de Vénus *Genetrix*, em Roma²¹ (Fig. 13). Os primeiros ninfeus remetem à tradição helenística das grutas naturais (*ibid.*, p. 92), como o Ninfeu de Bergantino²², em Castel Gandolfo (Fig. 14).

Os seus sucessores, os ninfeus de câmara, foram monumentalizados por meio da sua associação a espaços construídos (*ibid.*, p. 95; Gómez Robles, 2014, p. 57), conservando o seu cariz sagrado, como se observa no Ninfeu Ponari²³, em Cassino (Fig. 15). Também se encontram exemplares dos ninfeus de êxedra. Dentro deste conjunto, investigadores identificaram o Canopo da *Villa Adriana*²⁴, em Tivoli (Fig. 16).

¹⁹ No sítio arqueológico de Olímpia, o ninfeu de Herodes Ático, edificado entre 149 d.C. e 153 d.C. (Lusnia, 2004, p. 528) e localizado num santuário (Rogers, 2015, p. 304; Aristodemou, 2018, p. 211), é um dos mais belos exemplares dos ninfeus de êxedra semicircular orientais. Segundo Georgia Aristodemou (2011, p. 193) e Julian Richards (2011, p. 78), este monumento terá sido consagrado a Zeus.

²⁰ Edificado entre 79 d.C. e 81 d.C. por ordem de *Marcus Ulpius Traianus*, procônsul da província da Ásia (Aristodemou, 2002, p. 1), este edifício caracterizar-se-ia pela fachada semelhante aos *scanae frons* (*ibid.*, p. 1; 2008, p. 3; 2011, p. 166).

²¹ Edificado no fórum romano por ordem de Júlio César no séc. I a.C., com o objetivo de estabelecer uma relação da gens *Iulia* ao passado mítico de Eneias (Grimal, 1990, p. 48; Rogers, 2015, p. 176; Lusnia, 2004, p. 529) e com Vênus (Rogers, 2015, p. 176). No local foi edificada uma fonte consagrada às ninfas *Appiades* (*ibid.*, p. 176; Reis, 2010, p. 310).

²² Localizado a alguns quilómetros do Ninfeu Dórico (Gómez Robles, 2014, p. 64) e construído numa gruta natural, este edifício apresenta características semelhantes ao caso de Sperlonga (*ibid.*, p. 63; Neuerburg, 1965, p. 158; Montoro Castillo, 2008, p. 93). Tem sido defendido que este espaço pertencia à *Villa* de Domiciano (Gómez Robles, 2014, p. 64).

²³ Localizado a poucos quilómetros do fórum e do teatro de *Canisum*, este espaço, datado do séc. I a.C., tem levado os investigadores a defenderem a sua inclusão numa *villa* (Neuerburg, 1965, p. 167; Gómez Robles, 2014, p. 159; Gallozzi, Paris & Wahbeh, 2020, p. 404). À semelhança do Ninfeu Dórico, este caracterizar-se-ia pela sua planta retangular, pela abóbada de canhão e pelos nichos laterais (*ibid.*, p. 403; Neuerburg, 1965, p. 166; Gómez Robles, 2014, p. 159).

²⁴ Complexo arqueológico localizado a cerca de 30km de Roma, edificado pelo imperador Adriano no séc. II d.C. sobre uma *villa* republicana prévia que revela um vasto conjunto de ninfeus (Gómez Robles, 2014,

No séc. XVIII, a descoberta de Pompeia expôs um conjunto de ninfeus *ad edicola*. Estes são essenciais ao entendimento do papel das águas no contexto doméstico (Neuerburg, 1965, p. 61) visto serem dos poucos exemplos preservados.

Ao contrário das províncias orientais, os ninfeus de fachada não expressariam a mesma monumentalidade na Península Itálica (Montoro Castillo, 2008, p. 91), podendo surgir conectados ao espaço público ou privado, como na *Domus* do Ninfu²⁵, em Óstia (Fig. 17).

Na província da África Proconsular, a escassez de testemunhos *in situ* torna o estudo dos ninfeus provinciais árdua. Dos poucos dados disponíveis, os investigadores sugerem que o exemplar mais antigo, data dos finais do séc. II d.C. (*ibid.*, p. 103), correspondendo ao ninfu de Mactar²⁶. Destacam-se os ninfeus de êxedra semicircular: “67% de los ninfeos del Litoral Mediterráneo responden al tipo llamado en omega” (Richard, 2002-2003, citado por *ibid.*, p. 89), como comprova o Templo da Água²⁷, na Tunísia (Fig. 18). Todavia, existiram outros modelos nesta região, nomeadamente os ninfeus de fachada, como o Ninfu de Léptis Magna²⁸, na Líbia (Fig. 19).

Por sua vez, na Gália, à semelhança da tendência registada na Península Ibérica, os casos são mais escassos, menos monumentais e de difícil interpretação (*ibid.*, p. 104). Espaços consagrados às águas são frequentemente associados aos santuários autóctones, dando

p. 85). Entre os vários ninfeus da *Villa* Adriana, o Canopo é apontado como o perfeito exemplo de ninfeus de êxedra semicircular (*ibid.*, p. 166; Neuerburg, 1965, p. 53; Pérez Olmedo *et al.*, 1997, p. 191; Lodice, 2013, p. 39).

²⁵ A designação oficial do edifício remete à existência de um ninfu. Datado do séc. IV d.C., no jardim desta *domus*, localizada em Óstia, foi identificado uma fonte ornamental, interpretada como ninfu de fachada de cariz privado (Neuerburg, 1965, pp. 186-187; Gómez Robles, 2014, p. 127).

²⁶ Não existem muitos dados acerca deste monumento, havendo dúvidas quanto à sua cronologia oficial, porém, os investigadores tendem a defendê-lo como sendo o exemplar mais antigo registado no norte de África (Montoro Castillo, 2008, p. 103).

²⁷ Localizado em Zaghouan, uma região reconhecida pelos mananciais hídricos, este monumento terá sido construído em 139 d.C. e terá tido um conjunto escultório com representações mitológicas (Khelifi, 2016, p. 24). De acordo com o testemunho de A. ben Hnia (comunicação pessoal, *ibid.*, p. 24), este templo teria como propósito venerar a água como fonte de vida.

²⁸ Com o objetivo de beneficiar a sua região, Sétimo Severo promoveu uma série de projetos urbanos nos principais edifícios públicos, bem como a edificação de um monumental ninfu de fachada (Montoro Castillo, 2008, p. 103; Gómez Robles, 2014, p. 318; Lendon, 2015, p. 143; Rogers, 2015, p. 254).

a entender serem estruturas mais modestas (*ibid.*, p. 107; Rogers, 2015, p. 338), onde se estabeleceu um sincretismo religioso (Montoro Castillo, 2008, p. 19).

Esta questão levou à edificação de espaços de cariz religioso consagrados às águas sobre locais de culto autóctones, como sucedeu em Saint-Rémy-de-Provence (lat: *Glanum*)²⁹ (Fig. 20) e em Nîmes (lat: *Nemausus*) onde se identificou um ninfeu de câmara: Templo da Fonte³⁰ (Fig. 21).³¹

Por outro lado, os testemunhos *in situ* na província da Britânia não permite estabelecer uma definição das preferências arquitetónicas na edificação de espaços de sacralização às águas, nomeadamente os ninfeus (Andrews, 2013, p. 149). Investigadores defendem, no entanto, que estes edifícios não se assemelhavam os modelos clássicos (*ibid.*, p. 149). É o caso célebre de Bath e do Santuário de *Sulis Minerva*³² (Fig. 22) (Daetwyler, 2014, p. 31).

Na Península Ibérica, os testemunhos são escassos, mas preservam maioritariamente a natureza sagrada dos edifícios (Montoro Castillo, 2008, p. 20; Costa Solé, 2017, p. 41). Os santuários autóctones, focados no culto às forças da natureza, foram destruídos ou readaptados aos padrões da sociedade romana (*ibid.*, p. 118).

Segundo José Blázquez (2002, p. 22), no Levante Ibérico conhecem-se aproximadamente cinquenta grutas que se supõe terem sido santuários às águas. De tradição pré-romana,

²⁹ No sítio de *Glanum*, intervenções arqueológicas realizadas entre 1992 e 2002 revelaram um dos ninfeus mais importantes da Gália (Montoro Castillo, 2008, p. 20), construído sobre um local de culto pré-romano datado do séc. III a.C. e II a.C. (Rogers, 2015, p. 338). Este espaço cultual seria consagrado a *Glan*, uma deidade autóctone venerada pelas populações locais graças às suas propriedades curativas (*ibid.*, p. 338).

³⁰ Igualmente designado como Templo das Ninfas (Pelet, 1852, p. 16; Macgibbon, 1888, p. 72) ou de Diana (*ibid.*, p. 73; Pelet, 1852, p. 3) por conta da descoberta de ruínas de um templo, porém, este edifício estaria possivelmente associado a um *balnea* romano (Macgibbon, 1888, p. 72).

³¹ Importa reforçar que existem outros possíveis sítios sagrados galo-romanos, contudo, não dispõem de informações suficientes quanto à eventual natureza sagrada atribuída às águas. Maria Pilar Reis (2010, p. 309) revela que poderá ser o caso dos tanques do Templo de Cibele, em Vienne.

³² Bath (lat: *Aquae Sulis*) sempre teve uma profunda conexão às águas termais. De acordo com alguns dos autores, terá existido nesta zona um santuário autóctone consagrado à divindade local *Sulis*, aproveitado durante ocupação romana pela presença de uma nascente sagrada sob proteção da deidade *Sulis Minerva* (Beltrán Lloris & Paz Peranta, 2002, p. 16; Daetwyler, 2014, p. 14; Rogers, 2015, p. 334; Costa Solé, 2017, p. 279): “Within the space, water would have poured out of the natural spring, displaying the curative and sacred waters. Pilgrims could come to Bath not only to drink and bathe in the waters, but presumably also to communicate with *Sulis Minerva* through the waters” (Rogers, 2015, p. 334).

a Cueva Negra³³, em Múrcia (Fig. 23), é um dos mais antigos casos de culto às águas na Hispânia. Muitos dos espaços autóctones serviram como base à edificação dos primeiros ninfeus neste território, remetendo à visão original de grutas consagradas a ninfas (González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74). Embora haja questões ao nível da sua preservação, o Ninfeu de Cala Figuera, em Minorca³⁴ é um dos exemplos do aproveitamento de cavidades naturais.

Apesar dos estudos parcos e da escassez de testemunhos *in situ*, é, no entanto, possível identificar diferentes tipos de locais de culto às águas, incluindo outras tipologias como ninfeus de êxedra semicircular, como a Fonte de *Baelo Claudia*³⁵, em Cádiz (Fig. 24), os ninfeus *ad edicola*, como o ninfeu da *Villa* de El Ruedo³⁶, em Córdoba (Fig. 25) e ninfeu de fachada, como o do Fórum de Valeria³⁷, em Cuenca (Fig. 26).

³³ Na década de 80, foram descobertas inscrições consagradas às ninfas (Blásquez & García-Gelbaert, 1992, p. 22; Gonzalez Blanco *et al.*, 1992, p. 452; Egea Vivanco *et al.*, 2003, p. 131; Montoro Castillo, 2008, p. 199). A 3,7_{km} de Cueva Negra, intervenções revelaram um balneário do séc. I d.C. consagrado a *Fortuna Balnearis* (*ibid.*, p. 199; Gonzalez Blanco *et al.*, 1992, pp. 451-452; Egea Vivanco *et al.*, 2003, p. 131; Álvarez Martínez, 2020, p. 31), onde foi descoberto uma estrutura interpretada como ninfeu (Montoro Castillo, 2008, p. 199). Entre o espólio contam-se conjuntos monetários e ex-votos, demonstrando a sua natureza religiosa (Blásquez & García-Gelbaert, 1992, p. 22; Díez de Velasco, 1998, pp. 31-33; Egea Vivanco *et al.*, 2003, p. 136; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, pp. 262-269).

³⁴ Não existem muitos dados acerca deste edifício, mas atualmente encontra-se em completo estado de abandono (Lagarda Mata, 2011, p. 23).

³⁵ Fonte monumental interpretado originalmente como ninfeu (Montoro Castillo, 2008, p. 155), estaria localizada na área sagrada do fórum (*ibid.*, p. 156) que contribui à teoria da função político-religiosa do edifício (*ibid.*, p. 156; Ponsich, 1974, p. 27; Reis, 2010, p. 303; Rogers, 2015, p. 140).

³⁶ Segundo Desiderio Vaquerizo Gil (2008, p. 265), El Ruedo é “*posiblemente, la villa más estudiada de toda la Bética*”. Corresponde a uma *villa* do séc. I d.C. composta por *pars urbana* e uma necrópole que, no séc. II d.C., à semelhança de outras *villae* ibéricas, foi objeto de reformas (*ibid.*, p. 263; Carrillo Díaz-Pinés, 1990, p. 84) até ao séc. V d.C. (*ibid.*, p. 82). Nas intervenções foi detetada uma área que levou à interpretação como um ninfeu *ad edicola* (*ibid.*, p. 93; Montoro Castillo, 2008, p. 181).

³⁷ Localizado no fórum, este edifício constitui um dos mais bem preservados ninfeus de fachada do mundo ocidental (Montoro Castillo, 2008, p. 234). Construído como uma fonte monumental de cariz público, até à data não existem certezas se carregava algum cariz sagrado associado às águas (*ibid.*, p. 362; Sánchez Sánchez, 2023, p. 255).

Para além de ninfeus, os estudos apontam para outros casos de estruturas associadas à sacralização das águas como fontes sagradas e tanques, sendo exemplo o Santuário de Turiaso³⁸, em Saragoça (Fig. 27), e o Templo Romano de Évora³⁹ (Fig. 28).

2. Abordagem Teórico-Metodológica

Neste capítulo será abordada a metodologia que serviu de base ao presente estudo. Numa primeira fase, importa justificar a temática a abordar no decurso da investigação, contextualizando a sua relevância no âmbito da Arqueologia, seguido da definição do território em estudo, destacando características geográficas e socioeconómicas. Por último, será apresentada a metodologia científica adotada ao longo da pesquisa para responder aos objetivos do presente estudo.

2.1. Definição do Tema

Esta dissertação tem como objetivo explorar o tema da sacralização da água, analisando a sua relevância dentro dos territórios correspondentes à Galécia e Lusitânia. A principal questão reside na necessidade de compreender, através do registo arqueológico, como esta particular manifestação religiosa se expressa nos territórios sob ocupação romana.

Esta investigação concentrar-se-á nos territórios romanos do extremo ocidente ibérico. Esta delimitação territorial possibilita uma análise aprofundada das dinâmicas sociais no âmbito do culto às águas, sendo a sua explicação abordada à *posteriori* no ponto 2.2. A análise abrangerá o período de ocupação romana na Península Ibérica (séc. I a.C. – ≈ séc. V d.C.), um período de influências ao nível das manifestações religiosas e de sincretismo entre comunidades.

Além disso, são considerados para esta dissertação diversos tipos de espaços cultuais às águas identificados no ocidente peninsular, incluindo os ninfeus, os tanques e as fontes

³⁸ Santuário de culto às águas (Beltrán Lloris & Paz Peranta, 2002, p. 25) composto por uma piscina retangular (Montoro Castillo, 2008, p. 207) ou cruciforme (Beltrán Lloris & Paz Peranta, 2002, p. 44; Marco Simón, 2017, p. 203) interpretado como ninfeu de câmara (*ibid.*, p. 25; Montoro Castillo, 2008, p. 209). Inicialmente o santuário terá estado sob proteção de *Silbis/Salus*, porém terá sido substituída por Minerva (*ibid.*, p. 211; Beltrán Lloris & Paz Peranta, 2002, p. 109; Marco Simón, 2017, p. 204). O edifício foi destruído entre 284 e 285 d.C. (Beltrán Lloris & Paz Peranta, 2002, p. 25).

³⁹ Este caso será abordado com mais profundidade no tópico 3.2.6. desta dissertação.

sagradas, para assegurar uma abordagem abrangente de uma temática pouco explorada nos territórios em questão. Esta classificação de diferentes espaços culturais possibilitará uma melhor compreensão geográfica e a verificação de padrões existentes entre áreas. Entre os tipos a explorar, nos tanques serão incluídas piscinas, às quais é atribuído um carácter sagrado, refletindo a sua associação com práticas religiosas.

Devido à escassez de testemunhos *in situ* ou a sua confirmação como espaço cultural, tornou-se necessário recorrer a outras evidências, como material arqueológico recuperado próximo das eventuais áreas sagradas. Desta forma procura-se contornar as limitações impostas pela escassez de referências e de evidências *in situ*.

2.2. Definição do Território em Estudo

As áreas geográficas exploradas abrangem um extenso território que atualmente abarca a totalidade da Galiza, do atual território português e parte do território ocidental espanhol. Para analisar os casos de estudo integrados nestes territórios, optou-se pela abordagem geográfica norte-sul. O Rio Douro funcionou como fronteira entre a Galécia e a Lusitânia.

A norte do Douro, a Galécia (*Gallaecia*), província autónoma romana, tinha como limites geográficos o Atlântico (Oeste e a Norte) e as províncias Tarraconense e Cartaginense (Este). Ao contrário da Lusitânia, a Galécia caracterizava-se pela identidade e autonomia próprias que se traduziu na tardia influência romana (Alarcão, 2018, p. 10), questão que contribuiu à “*in naturalibus*” de uma área significativa desta província (Correia, 2020, p. 23). Apesar da tardia influência, neste território assistiu-se à criação de uma nova ordem administrativa gerida por centros urbanos do noroeste peninsular: *Conventus Lucensis* (*Lucus Augusti*); *Bracarensis* (*Bracara Augusta*) e *Asturicensis* (*Asturica Augusta*) (Carvalho, 2017, p. 245; Alarcão, 2018, p. 133; Tolfo, 2017, p. 50)⁴⁰.

A razão por detrás da escolha do território da Galécia recai na carência de estudos direcionados ao noroeste peninsular acerca da sacralização das águas e de espaços

⁴⁰ No governo de Diocleciano (204 d.C. – 305 d.C.), a Hispânia experimentou uma nova reorganização administrativa, decisão que resultou na sua divisão em seis províncias: Baleares, Bética, Cartaginense, Galécia, Lusitânia e Tarraconense (Tolfo, 2017, p. 40; Alarcão, 2018, p. 261).

construídos de culto a este elemento. Falamos de uma área geográfica rica em recursos hídricos, cujas águas tiveram um papel relevante na organização do território. Neste estudo foram até à data identificados quinze sítios/testemunhos referentes ao culto das águas, dos quais três pertenciam ao *Conventus Lucensis*, oito ao *Conventus Bracarensis* e quatro ao *Conventus Asturicensis*. A Lusitânia representa uma realidade distinta.

Definida como uma área a sul do Rio Douro até à confluência do Rio Tua, acompanhando o planalto de Carrazeda de Ansiães e de Miranda do Douro/Mogadouro (Alarcão, 2018, p. 101; Carvalho, 2017, p. 247), a Lusitânia foi uma província “*ex novo*” (Correia, 2020, p. 23). Teve como limites o Atlântico (Oeste e Sul) e as províncias Cartaginense e a Bética (Este). A Lusitânia assistiu ao progressivo avanço da conquista romana (Alarcão, 2018, p. 101), e, à semelhança da Galécia, foi subdividida em áreas administrativas: *Conventus Pacensis* (*Pax Iulia*); *Emeritensis* (*Augusta Emerita*) e o *Scallabitanus* (*Scallabis*) (*ibid.*, p. 103).

Semelhante à Galécia, a razão que motivou a escolha do território da Lusitânia recaiu sobretudo na existência de lacunas direcionados ao estudo da sacralização das águas neste território, uma área intensamente moldada por padrões romanos. Neste estudo foram considerados dezoito sítios/testemunhos referentes ao culto das águas, dos quais seis inserem-se no *Conventus Pacensis*, três do *Emeritensis* e nove do *Conventus Scallabitanus*.

Apesar da arquitetura hídrica representar uma temática de interesse nestes territórios, particularmente na Lusitânia, existem temas, como as manifestações religiosas com água, onde existem profundas lacunas no conhecimento. Surge então a necessidade de compreender duas áreas distintas, onde a influência romana surtiu diferentes reações, nomeadamente no âmbito da sacralização das águas.

2.3. Metodologia e Objetivos

Na elaboração da presente dissertação, foi adotada uma metodologia cuidadosamente delineada, com o objetivo de assegurar a precisão dos dados recolhidos para a sua realização.

Numa primeira fase da investigação foi realizada uma revisão da literatura, através da análise de obras, cuja temática correspondesse à sacralização da água, bem como estruturas (ninfeus, tanques e fontes sagradas), no contexto geral do Império Romano e dos territórios em estudo. As informações recolhidas acerca dos possíveis casos de estudo identificados no decurso deste processo foram inicialmente organizadas em tabela Excel para facilitar uma pesquisa futura e, numa fase avançada da investigação, em fichas de sítio, criadas a partir do Access (Anexo I), apresentadas no Anexo IV.

Em simultâneo, tendo em consideração a escassez de testemunhos *in situ* nos territórios em estudo, foi construído um catálogo de epígrafes (Anexo I), associado à sacralização da água e das suas divindades visto serem indícios de uma possível natureza sagrada dos sítios estudados (Anexo V).

No decurso da investigação, foi estabelecido o contacto com entidades relevantes, como sítios arqueológicos, universidades, câmaras municipais e arqueólogos com o propósito de obter informações acerca dos sítios em estudo (ver Tabela 8). Por vezes, este contacto resultava no pedido de acesso aos mesmos e informações adicionais não presentes nas obras consultadas. Sempre que possível foi realizada a visita presencial aos sítios arqueológicos contemplados no presente estudo.

2.4. Revisão Crítica da Literatura sobre Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas

Referências diretas e específicas a ninfeus, tanques ou fontes sagradas têm se revelado extremamente escassas, o que, associado à falta de consenso por parte dos investigadores, originou uma multiplicidade de interpretações sobre este tipo de espaços (Gómez Robles, 2014, p. 26). Neste capítulo, serão dados a conhecer os principais investigadores que se têm dedicado ao estudo destas arquiteturas no contexto do Império Romano e no ocidente peninsular, contribuindo significativamente para o aprofundamento sobre a temática.

2.4.1. O Estudo dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas no Império Romano

Autores clássicos como Homero, Virgílio e Pompónio Mela, são os primeiros autores que mencionam estes espaços cultuais, mas, infelizmente fornecem informações limitadas. Os primeiros estudos académicos que abordam esta temática terão surgido no âmbito da filosofia e da arquitetura, contudo, até ao séc. XX nunca se focaram exclusivamente nesta categoria de monumentos (*ibid.*, p. 37; Montoro Castillo, 2008, p. 11).

Apesar de Thomas Ashby mencionar ninfeus e fontes na sua obra, «*The Aqueducts Of Ancient Rome*» (1935)⁴¹, as grandes referências nesta temática são Norman Neuerburg com a publicação do primeiro catálogo dedicado à classificação tipológica dos ninfeus, «*L'architettura delle fontane e dei ninfei nell'Italia antica*» (1965)⁴² e Salvatore Settis, «*Esedra e ninfeo nella terminologia architettonica del mondo romano: Dall'età repubblicana alla tarda antichità*» (1973)⁴³. Entre as décadas de 60 e 70, outros autores procuraram explorar casos específicos como o estudo «*Laodicée du Lykos, le Nymphée*» (1969)⁴⁴ e o «*Le nymphée de Tipasa et les nymphées et "septizonia" Nord-Africans*» (1974)⁴⁵.

Na década de 90, assistimos ao ponto de viragem na interpretação da temática. As obras mais relevantes são as de Wolfram Letzner, «*Römische Brunnen und Nymphaea in der westlichen Reichshälfte*» (1990)⁴⁶, Pierre Gros, «*L'architecture romaine: du début du IIIe*

⁴¹ Ver Ashby, T. (1935). *The Aqueducts Of Ancient Rome*. Clarendon Press.

⁴² Obra de referência no estudo dos ninfeus visto estabelecer uma primeira classificação tipológica com base nos exemplares da Península Itálica (Montoro Castillo, 2008, p. 13; Gómez Robles, 2014, p. 40).

⁴³ Obra de referência das tipologias de ninfeus até ao séc. II d.C. (Montoro Castillo, 2008, p. 12). Ver Settis, S. (1973). “‘Esedra’ e ‘ninfeo’ nella terminologia architettonica del mondo romano. Dall’età repubblicana all’età tarda antichità”. In W. Gruyter (Ed.), *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (pp. 661-745).

⁴⁴ De acordo com Maria Pilar Reis (2010, p. 287), esta obra, apesar de explorar o caso específico do ninfeu de Laodicée de Likos, pode ser vista como uma sistematização dos ninfeus fora da Península Itálica. Ver Ganiers, J., Devambez, P., Kahil, L. & Ginouvès, R. (1969). *Laodicée du Lykos. Le Nymphée. Campagnes 1961-1963*. Presses de l'Université Laval.

⁴⁵ Obra de referência no estudo dos ninfeus da África Proconsular, apesar do objeto de estudo ser o Ninfeu de Tipasa, na Argélia (Montoro Castillo, 2008, p. 18; Gómez Robles, 2014, p. 46). Ver Aupert, P. (1974). *Le nymphée de Tipasa et les nymphées et «septizonia» nord-africains*. École Française de Rome.

⁴⁶ Obra de referência no estudo dos ninfeus e fontes ocidentais que propõem uma nova classificação (Montoro Castillo, 2008, p. 14; Gómez Robles, 2014, p. 48). Ver Letzner, W. (1990). *Römische Brunnen und Nymphaea in der westlichen Reichshälfte* [Tese de Doutoramento, Universidade de Münster].

siècle av. J.-C. à la fin du Haut-Empire» (1996)⁴⁷ e Laura Signani, «*Le fontane ed i ninfei nel mondo romano*» (1998)⁴⁸.

O início do séc. XXI contribuiu para o avanço dos estudos na temática. Sandrine Augusta-Boularot surge como uma das principais autoras que se dedica ao tema, com «*Fontaines et fontaines monumentales en Grèce de la conquête romaine à l'époque flavienne: permanence ou renouveau architectural?*» (2001)⁴⁹. Outras autoras destacaram-se na área com o estudo de casos específicos: Susann S. Lusnia, «*Urban Planning and Sculptural Display in Severan Rome. Reconstructing the Septizodium and its role in dynastic politics*» (2004)⁵⁰ e Mónica Montoro Castillo, «*El Ninfeo Hispanorromano de Valeria*» (2008)⁴⁸.

Atualmente, o estudo de ninfeus, tanques e fontes sagradas ainda carece ao nível da sua interpretação como arquiteturas de cariz religioso e cívico, sendo poucos os autores que exploram a temática, sendo exceção a esta tendência Georgia Aristodemou, «*Γλυπτός Διάκοσμος Νυμφαίων και Κρηνών στο Ανατολικό Τμήμα της Ρωμαϊκής Αυτοκρατορίας*» (2012)⁵¹ e Lucía Gómez Robles com «*El Ninfeo Romano. Tipologías y Características*» (2014)⁵².

⁴⁷ Nesta obra, o termo geral *munus* descreve fontes e ninfeus (Gómez Robles, 2014, p. 52). No capítulo 15 (1996, p. 468), o autor inclui santuários de nascentes. Ver Gros, P. (1996). *L'Architettura Romana Dagli inizi del III secolo a.C. alla fine dell'alto impero* (M. Guidobaldi, Trad.). Longanesi.

⁴⁸ Nesta obra, a autora define o conceito de ninfeu como monumento urbano e religioso, cariz esse que defende não ser relevante à interpretação destes edifícios (Gómez Robles, 2014, p. 285). Ver Signani, L. (1998). *Le fontane ed i ninfei nel mondo romano*.

⁴⁹ Obra de referência no estudo de fontes nas províncias gregas, contudo esta não designa oficialmente nenhuma das estruturas como ninfeus ou fontes consagradas às ninfas (Montoro Castillo, 2008, p. 15). Ver Augusta-Boularot, S. (2001). *Fontaines et fontaines monumentales en Grèce de la conquête romaine à l'époque flavienne: permanence ou renouveau architectural?*. In J. Marc & J. Moretti (Eds.), *Constructions publiques et programmes éditaires en Grèce entre le IIe siècle av. J.-C. et le Ier siècle ap. J.-C.*: Actes du Colloque organisé par l'Ecole française d'Athènes et le CNRS (14-17 mai. 1995) (pp. 167-236).

⁵⁰ Obras de referência na temática dos ninfeus. Na obra de Susann Lusnia são abordadas as problemáticas centradas no Septizódio de Sétimo Severo. Ver Lusnia, S. (2004). *Urban Planning and Sculptural Display in Severan Rome: Reconstructing the Septizodium and Its Role in Dynastic Politics*. *American Journal of Archaeology*, 108, 517-544. A obra de Mónica Montoro Castillo explora a generalidade do tema, apesar do seu foco no Ninfeu de Valeria. Ver Montoro Castillo, M. (2008). *El Ninfeo Hispanorromano de Valeria* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autónoma de Madrid].

⁵¹ Obras de Georgia Aristodemou incidem nos ninfeus das províncias orientais. Ver Aristodemou, G. (2012). *Ο Γλυπτός Διάκοσμος Νυμφαίων και Κρηνών στο Ανατολικό Τμήμα της Ρωμαϊκής Αυτοκρατορίας*. Kornelia Sfakianaki Editions.

⁵² Ver Gómez Robles, L. (2014). *El ninfeo romano. Tipologías y características. Aplicación de un método de análisis procedente de la conservación* [Tese de Doutoramento, Universidade de Granada].

Estes estudos são relevantes à interpretação dos espaços de sacralização das águas, mas nas últimas décadas o seu debate tem sido menos intenso, não se registando nenhuma referência mais recentemente no âmbito do Império Romano.

2.4.2. O Estudo dos Ninfeus, Tanques e Fontes Sagradas nos Territórios da Galécia e da Lusitânia

No contexto geral do Império, a Hispânia destaca-se como uma das províncias onde se tem verificado menor estudo de ninfeus, tanques e fontes sagrados e, simultaneamente, é uma das regiões onde se constata uma crescente discordância entre os investigadores em torno destas estruturas. Esta questão resulta da pouca familiaridade com o tema e da escassez de testemunhos *in situ* (Montoro Castillo, 2008, p. 215).

Ao contrário das outras províncias imperiais, na Península Ibérica assiste-se ao despertar do interesse por esta temática apenas nas últimas décadas do séc. XX.

Na década de 80 e 90, Francisco Díez de Velasco⁵³ destaca-se como uma das referências no estudo da religião e deidades aquáticas cultuadas na Península, abordando inclusive possíveis santuários. Dentro do vasto conjunto de trabalhos, destacam-se as suas obras «*Balnearios y dioses de las aguas termales en Galicia romana*» (1985)⁵⁴; «*Termalismo y Religión. La sacralización del agua termal en la Península Ibérica y en el Norte de África en el mundo antiguo*» (1998)⁵⁵; «*Mutation et perduration de l'espace sacré: l'exemple du culte des eaux thermales dans la Péninsule Ibérique jusqu'à la romanisation*» (2008)⁵⁶.

O início do séc. XXI marca um gradual crescimento no estudo dos ninfeus, tanques e de fontes sagradas. Contudo, na maioria das vezes as referências a estes espaços não são

⁵³ Francisco Díez de Velasco é uma das grandes referências na compreensão das águas sagradas e das suas deidades na Península Ibérica. Importa salientar que, apesar das obras referenciadas, existem um vasto conjunto de trabalhos do autor que exploram esta relação.

⁵⁴ Ver Díez de Velasco, F. D. (1985). *Balnearios y dioses de las aguas termales en Galicia romana*. *Separata de Archivo Español de Arqueología*, 58(151-152), 69-98.

⁵⁵ Ver Díez de Velasco, F. D. (1998). *Termalismo y Religión. La sacralización del agua termal en la Península Ibérica y el norte de África en el mundo antiguo*.

⁵⁶ Ver Díez de Velasco, F. D. (2008). *Mutation et perduration de l'espace sacré: l'exemple du culte des eaux thermales dans la Péninsule Ibérique jusqu'à la romanisation*. In X. Dupré Raventós, S. Ribichini & S. Verger (Coords.), *Saturnia Tellus: definizioni dello spazio consacrato in ambiente etrusco, italico, fenicio-punico, iberico e celtic*, novembro, 10-12, 2004 (pp. 457-470). Consiglio Nazionale delle Ricerche.

mais que pequenas alusões em estudos mais genéricos ou, em alternativa, à análise de sítios específicos, como se verifica nos trabalhos de Theodor Hauschild. O seu interesse pela Lusitânia levou ao estudo de dois casos de sacralização das águas neste território: «*El Templo Romano de Évora*» (1992)⁵⁷ e «*O “Ninfeu” de Milreu*» (2002)⁵⁸. Outros investigadores procuram abordar a relação do culto às águas com estruturas através das evidências arqueológicas, como Javier Andreu, em «*El culto a las aguas en la Lusitania romana novedades arqueológicas y epigráficas*» (2008)⁵⁹, um trabalho que assina com outros colaboradores.

Na transição para a década de 2010, a literatura acerca desta temática ainda é escassa, abordando-se estas construções como parte integrante de estruturas hidráulicas. Neste âmbito Maria Pilar Reis surge como mais um contributo para o entendimento destes edifícios na Lusitânia: «*A água como elemento decorativo e a simbologia dos edifícios hidráulicos na lusitania romana*» (2009)⁶⁰ com Cristina Oliveira, e «*Tanques, fontes e espelhos de água nos fora lusitanos*» (2010)⁶¹.

Tendo em conta que um dos desafios verificados neste território assenta na escassez de testemunhos *in situ*, esta temática tem sido frequentemente interpretada através do estudo epigráfico. Uma das obras de destaque que tem contribuído neste estudo é da autoria de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix, «*VBI AQVAE IBI SALVS. Atlas de aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Hispania antigua*» (2018)⁶².

⁵⁷ Ver Hauschild, T. (1992). El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, 1, 107-117.

⁵⁸ Ver Hauschild, T. (2002). O "Ninfeu" do Milreu. In Ribeiro J. (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 131-140). Museu Nacional de Arqueologia.

⁵⁹ Ver Andreu, J., Cabrero, J., Peréx, M., Miró, C., Hernando, A., Frade, H. & Martín-Escorza, C. (2008). El culto a las aguas en la Lusitania romana novedades arqueológicas y epigráficas. *Bolletino di Archeologia On-line*, 1-9.

⁶⁰ Ver Reis, M. P. & Oliveira, C. (2009). A água como elemento decorativo e a simbologia dos edifícios hidráulicos na Lusitânia romana. Alguns exemplos. *Portogallo e Mediterraneo*, 1, 23-49.

⁶¹ Ver Reis, M. P. (2010). Tanques, fontes e espelhos de água nos fora lusitanos. In T. Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (pp. 285-314). Artes Gráficas Rejas.

⁶² Obra de referência no estudo da sacralização das águas na Península Ibérica visto fornecer um catálogo de epígrafes recuperadas associadas ao culto da água. Ver Pérex, M. J. & Miró i Alaix, C. (2018). *VBI AQVAQ IBI SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüedad)*. Universidade Nacional e Educación a Distancia.

Mais recentemente, o estudo deste tipo de estruturas tem sido desenvolvido através de dissertações e trabalhos académicos. É o caso da tese de Ana Costa Solé, «*Aigua Sagrada i Aigua Monumental Al Nord-Est de La Península Ibérica en L'Época Romana*» (2017)⁶³; bem como o artigo escrito por Beatriz González Montes⁶⁴, Rogelio Estrada García e José Gutiérrez González, «*Los cultos a las aguas y sus santuarios asociados. Oviedo y las fuentes-ninfeo del noroeste*» (2021)⁶⁵.

Ainda que estes trabalhos académicos ajudem a promover futuras investigações acerca da temática, até à data ainda persistem muitos desafios e inconsistências no estudo de ninfeus, tanques e fontes sagrados.

3. Sacralização das Águas no Extremo Ocidental do Império Romano: estudos de caso

Neste capítulo será discutido um conjunto de trinta e três espaços, dos quais quatorze com evidente conotação ao culto das águas e dezanove interpretados, de forma indireta, e localizados no extremo ocidental do Império Romano (ver Mapa 1). Considerando a enorme vastidão deste território, esta dissertação focar-se-á no estudo dos territórios das províncias da Galécia e da Lusitânia.

Para uma clara leitura e interpretação dos dados, todos os casos de estudo apresentados são identificados através de um código único, junto de cada designação, que estabelece uma associação com a base de dados⁶⁶.

⁶³ Ver Costa Solé, A. (2017). *Aigua sagrada i aigua monumental al nord-est de la Península Ibèrica en l'època romana* [Tese de Doutoramento, Universitat de Girona].

⁶⁴ Uma futura referência na temática será a dissertação de Beatriz Montes González, «*El culto a las aguas y sus manifestaciones materiales, ninfeos, caldas y balnea en el noroeste de la Península Ibérica. Entre el mundo romano y la alta Edad Media*» (2022). O acesso online à dissertação não está disponível devido às normas da Universidade de Oviedo estabelecerem ser necessário um período de dez anos para que este seja disponibilizado ao público. Informação fornecida pela Biblioteca da Universidade de Oviedo.

⁶⁵ Ver González Montes, B., Estrada García, R. & Gutiérrez González, J. (2021). Los cultos a las aguas y sus santuarios asociados. Oviedo y las fuentes-ninfeo del noroeste. In P. Cruz Sánchez, B. Sánchez Valdevira, J. Torres & O. Santana (Eds.), *Los paisajes sagrados a escena. Visiones plurales* (pp. 73-84). Junta de Castilla y León.

⁶⁶ A abordagem metodológica da base de dados é detalhada no Anexo I, aqui são apresentados os campos subjacentes ao seu preenchimento. Para uma análise interpretativa dos dados, o Anexo IV reúne as fichas

3.1. No Território da Galécia

A Galécia foi uma “*entidade geopolítica com alguma individualidade*” (Alarcão, 2018, p. 10). Profundamente enraizada na identidade do noroeste peninsular, a Cultura Castreja, que precedeu a ocupação romana, legou marcas significativas no tecido sociocultural e na organização territorial deste território (Silva, 2017, p. 8).

Cronologicamente atribuível à Idade do Ferro (*ibid.*, p. 8), a Cultura Castreja, a norte do Douro, era composta pelo povo galaico-lusitano *Callaeci* (Alarcão, 1992, p. 41) que se fixou no território desde aproximadamente o séc. IX a.C. (*ibid.*, p. 44; Silva, 2017, p. 8).

A identidade da Cultura Castreja está intrinsecamente relacionada ao castro, a forma de *habitat* característica (Alarcão, 2018, p. 53), e cuja integração administrativa no Império não resultou na sua destruição (Alarcão, 1992, p. 66). Estrategicamente implantados na paisagem, a fixação dos povoados era frequentemente determinada a partir da proximidade com cursos de água ou nascentes (Silva, 2017, pp. 13-14).

Neste sentido, a água revelar-se-ia um elemento preponderante à fixação populacional e no quotidiano. A sua importância refletiu na edificação de balneários datados da Idade do Ferro (Silva, 2019, p. 192), por sua vez monumentalizados na fase proto-urbana da Cultura Castreja (séc. I a.C. – séc. I d.C.)⁶⁷ (*ibid.*, p. 192; Silva, Machado & Lobato, 2013, p. 79), mas, o seu papel simbólico “*permanece envolto em grande misticismo, associado ao culto das águas e à sacralidade do banho purificador medicinal*” (Silva, 2017, p. 5).

De acordo com Francisco Lemos (2008, p. 186), “*Um dos aspectos menos conhecidos da Cultura Castreja é a religião*”, mas, à semelhança de culturas posteriores, uma das suas características é a articulação entre a comunidade e o meio-ambiente (*ibid.*, p. 186). O

de sítio, correspondentes aos casos de estudo, devidamente identificadas pelos códigos que precedem as designações dos sítios. No Anexo III será apresentada uma tabela destinada à exploração dos casos interpretados, de forma indireta, e anunciados na secção 3.3. Ao longo do capítulo 3, sempre que um sítio apresentar epígrafes, será feita remissão para o catálogo de epígrafes em Anexo V.

⁶⁷ Até ao desenvolvimento corrente do estudo, foram identificados cerca de três dezenas de exemplares de balneários castrejos no noroeste peninsular (Silva, Machado & Lobato, 2013, p. 79-80; Silva, 2017, p. 11; 2019, p. 192). Estes balneários obedecem a um conjunto de características, sendo constituídos por lajes pétreas ornamentadas designadas como “Pedra Formosa” (*ibid.*, p. 191; 2017, p. 9), cuja decoração os investigadores defendem estar associada aos astros e à água (*ibid.*, p. 14).

território não era apenas um espaço exclusivamente económico (*ibid.*, p. 186), mas um espaço de sacralização de forças da natureza, incluindo cursos de água e nascentes.

Os contactos entre sociedades galaico-lusitanas e romanas, e da introdução da escrita em latim, também contribuíram ao entendimento da religião autóctone e do sincretismo religioso, bem como da adaptação de santuários pré-romanos ou edificação de novos espaços de culto às águas (Blázquez & García-Gelabert, 1992, p. 21; Oró Fernández, 1996, pp. 128-129; Lemos, 2008, p. 191; Montoro Castillo, 2008, p. 188; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017, p. 295; Pérez Murado, 2019, p. 67).

3.1.1. GJ.01 – Fonte da Mortera, Gijón⁶⁸

Nas margens do mar Cantábrico, na cidade costeira de Gijón, são poucos os vestígios da presença romana, tornando a tarefa da interpretação do culto às águas difícil. Porém, no Bairro de Pumarín, a identificação de uma nascente alterou o conhecimento acerca desta cidade asturiana.

A hipótese da existência de um espaço cultural romano associada a esta nascente advém da descoberta de uma inscrição consagrada a *Fortuna Balnearis*⁶⁹ (Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988, p. 54; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 55; Díez de Velasco, 1998, p. 112; Iglesias Gil & Ruiz-Gutiérrez, 2012, p. 361; Santos Yanguas, 2017, p. 351; Gutiérrez González, 2018, p. 28; Ayuntamiento de Gijón, 2019a; 2019b).

Em Gijón, *Fortuna Balnearis* manifesta-se como deidade protetora das águas e deusa da saúde (Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988, p. 54; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74). O topónimo “*Balnearis*” institui uma possível relação do espaço com banhos, priorizando a teoria de umas eventuais termas (Óro Fernández, 1996, p. 116; Santos Yanguas, 2017, p. 352; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 218).

⁶⁸ Ver Anexo IV (p. 160).

⁶⁹ Fortuna (=Tique) (Grimal, 1990, p. 155). Deusa do destino, da sorte e protetora da fecundidade (Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988, p. 54). Existem referências à descoberta de um tesouro numismático, mas não existem dados acerca do achado, não sendo possível interpretar como oferendas (Díez de Velasco, 1998, p. 49; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 218). Ver catálogo de epígrafes: EP.GJ1.

Referências acerca da nascente são escassas, mas existem investigadores que defendem que esta tenha constituído um espaço cultural, possivelmente de cariz privado, integrado um complexo termal de uma *villa*⁷⁰ (Ochoa, 1998 citado por Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 218; Santos Yanguas, 2017, p. 351; Ayuntamiento de Gijón, 2019b).

A escassez de estudos sobre este espaço não permite classificá-lo com segurança. Não é possível afirmar que se trate de um ninfeu ou fonte sagrada. A designação moderna aponta para uma fonte, porém, uma análise ao monumento permite concluir tratar-se de uma nascente a partir da qual as águas fluem para uma pequena cavidade natural, aproximando-o de ninfeus de gruta (González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74).

3.1.2. VD.01 – Fonte de Foncalada, Oviedo⁷¹

Com profundas raízes históricas, Oviedo terá sido oficialmente fundada em meados do séc. VIII como “*Ovetum sacro*” (Gutiérrez González, 2017b, p. 65), edificado sob um *locus sacrum* romano, desmantelado no início da Idade Média⁷² (*ibid.*, p. 65; 2013, p. 380). À semelhança de Gijón, os testemunhos da presença romana são escassos, todavia, alguns investigadores defendem a existência de estruturas com fins ritualísticos conectados à água (*ibid.*, p. 416; 2017b, p. 65; 2018, p. 29).

No centro da cidade, a Fonte da Foncalada (Fig. 29) continua a suscitar diversas dúvidas (Borge Cordovilla, 2011, p. 165). Cronologicamente, as inscrições classificam este monumento como medieval, construído entre os reinados de Afonso II e III (Gutiérrez González, 2013, p. 412; 2017b, p. 65; 2018, p. 22; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 76). Contudo, Sergio Ríos González (1999, p. 263) defende que a inexistência de paralelos do período medieval do monumento *in situ* contribuiu para a interpretação do mesmo como uma arquitetura tipicamente romana, semelhante

⁷⁰ A *villa* romana de Pumarín, de que não há vestígios na atualidade por conta do processo de urbanização de Gijón, localizar-se-ia no bairro homónimo (Ayuntamiento de Gijón, 2019b), mas, não existem dados acerca deste sítio para descrevê-lo no âmbito das *villae* asturianas.

⁷¹ Ver Anexo IV (p. 161).

⁷² A natureza religiosa proveniente do *locus sacrum* romano prevaleceu com a instauração da monarquia asturiana no séc. VIII d.C. por Afonso II (Gutiérrez, 2017b, p. 65), período ao qual se atribui a edificação dos monumentos mais antigos da cidade.

aos ninfeus *ad edicola* pompeianos (*ibid.*, p. 270; Gutiérrez González, 2013, p. 412; 2018, p. 22). Também “*El uso salutífero de las aguas de la Foncalada ya ha sido propuesto y relacionado con los ninfeos*” (Gutiérrez González, 2018, p. 29). A natureza sacra deste monumento terá permanecido na época medieval, perpetuando a arquitetura religiosa romana adaptada aos cânones cristãos (*ibid.*, p. 24).

3.1.3. LG.01 – Templo de Santa Eulália de Bóveda, Lugo⁷³

Localizado a 15_{km} de Lugo (lat: *Lucus Augusti*), em Santalla de Bóveda de Mera, o Templo de Santa Eulália de Bóveda é considerada uma das arquiteturas mais emblemáticas do património espanhol, bem como uma das mais problemáticas (Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 149).

Descoberto pelo pároco José María Penado, no séc. XX (Montenegro Rúa, 2008a, p. 11; 2016, p. 6; 2018, p. 710), terá permanecido oculto ao público de forma a zelar pela conservação do edifício e dos frescos *in situ*⁷⁴ até que a Comissão de Monumentos Histórico-Artísticos de Lugo iniciou intervenções no edifício (*ibid.*, p. 710; 2008a, p. 11)

Testemunhos apontam para uma cronologia de ocupação longa que remonta ao período pré-romano e se prolonga até à Alta Idade Média (Montenegro Rúa, 2008a, p. 16; 2008b, p. 171; 2016, p. 462; Montoro Castillo, 2008, p. 190; Blanco-Rotea *et al.*, 2009, pp. 149-150). Esta extensa ocupação contribuiu ao estabelecimento de distintos espaços, desde templo pagão/ fonte de tradição autóctone, ninfeu a partir do séc. IV d.C.⁷⁵, monumento funerário, templo visigótico até igreja cristã (*ibid.*, p. 149; Oró Fernández, 1996, p. 135; Montenegro Rúa, 2005, p. 33; 2016, p. 227/376; Montoro Castillo, 2008, p. 190; Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 149; Barreiro, s.d., p. 8).

Arquitetonicamente, não existem paralelos na Galiza que permitam estabelecer uma tipologia concreta para o edifício (Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 194), mas a planta retangular do complexo assemelha-o aos ninfeus de câmara (Fig. 30). Dividido

⁷³ Ver Anexo IV (p. 162).

⁷⁴ Este caso será abordado com mais profundidade no tópico 4.2.2. desta dissertação.

⁷⁵ Interpretação advém do aparecimento de ex-votos anatómicos, “*relieves de dos figuras masculinas, una con una pierna rígida y otra con un brazo retorcido*” (Oró Fernández, 1996, p. 89), porém não existem informações suficientes para entendê-los como votos às deidades das águas.

longitudinalmente por arcos (Montenegro Rúa, 2008b, p. 169), o edifício possui ao centro uma piscina⁷⁶ (*ibid.*, p. 171; 2016, p. 183) circundada por colunas coríntias *in situ*, em avançado estado de deterioração (Barreiro, s.d., p. 5). A tradição religiosa ao longo dos séculos, atualmente representada pela igreja paroquial, poderá ser interpretada como um reflexo da sacralidade instituída na região desde tempos pré-romanos.

3.1.4. RS.01 – Piscina-Santuário d’As Burgas, Ourense⁷⁷

Intitulada de “Capital Termal da Galiza”, Ourense (lat: *Aquis Aurensis*) não está somente relacionada às nascentes termais, contudo, terão sido estas águas um fator importante que contribuíram para a fixação da população nesta região (Rodríguez González, 2013, p. 462).

As últimas descobertas arqueológicas reforçaram a importância destas nascentes junto de comunidades autóctones, que utilizaram estas águas para propósitos curativos, higiénicos e ritualísticos (*ibid.*, p. 462; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 83-84; Concello de Ourense, s.d., p. 1).

No Centro Histórico de Ourense, a Fonte d’As Burgas tem sido interpretada como centro cultural pré-romano (Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2014, p. 897). Não há certezas quanto à cronologia do mesmo, no entanto, as evidências apontam para uma ocupação desde o séc. I/II d.C. até ao séc. III/IV d.C. (*ibid.*, p. 898; Eguileta Franco, 2008, p. 60; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 85), apesar de estudos indicarem o cessar da atividade como balneário no séc. II d.C. (*ibid.*, p. 113).

Intervenções arqueológicas têm sido decisivas para a compreensão deste espaço como local de cariz terapêutico e religioso (Souto Figueroa, 2009, p. 257) composto por umas *thermae*, pelo que tem sido designado como um ninfeu (Eguileta Franco, 2008, p. 60) ou um “*shrine-pool*” (trad: santuário-piscina) (Concello de Ourense, s.d., p. 1).

⁷⁶ A identificação de uma piscina, por Chamoso Lamas, contribuiu à interpretação do Templo de Santa Eulália de Bóveda como um santuário consagrado às águas ou às ninfas (Castillo, 1932 citado por Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 151; Montenegro Rúa, 2008b, p. 171; 2016, p. 183). Também a descoberta de uma inscrição com a inscrição “PRO / SA[LUTE]”, cujo paradeiro é desconhecido, estabelece uma relação com a sacralização destas águas (*ibid.*, p. 91; 2005, p. 29; 2008a, p. 16).

⁷⁷ Ver Anexo IV (p. 163).

No local encontra-se uma piscina retangular do séc. I d.C. (Souto Figueroa, 2009, p. 258; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 101; 2014, p. 898; González Soutelo, 2013, p. 138) onde investigadores defendem terem sido depositadas oferendas consagradas às divindades protetoras das águas (*ibid.*, p. 138; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 112; 2014, p. 898; Concello de Ourense, s.d., p. 1). Esta hipótese da coexistência de um complexo termal com um santuário é reforçada pela recuperação de epígrafes associados às ninfas e ao deus *Reue Anabaraeco*⁷⁸ (*ibid.*, p. 1; González Rodríguez, 2013, pp. 59-60; González Soutelo, 2013, p. 138; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 112; 2014, p. 899; Rodríguez González, 2013, p. 465; Marco, 2018, p. 501).

Os trabalhos *in situ* também revelaram um *camafeu* com a representação de Vénus (Souto Figueroa, 2009, p. 257; González Soutelo, 2013, p. 138; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, p. 103; 2014, p. 899; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 281; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019, p. 45), tal como numismas⁷⁹.

As interpretações convergem para a compreensão do espaço como sendo um santuário incorporado num complexo termal. Contudo, não é possível aferir através da arquitetura se estamos perante um ninfeu (Rodríguez Míguez, 2001, p. 401; Eguileta Franco, 2008, p. 60) ou um tanque com cariz cultural.

3.1.5. RS.02 – Fonte das Ninfas, Ourense⁸⁰

Na região de Ourense, o município Banhos de Molgas (lat: *Aquae Geminae*) também é reconhecido pelos benefícios dos seus mananciais termais, justificando o topónimo do *mansio* como “*Aquae*” (Rodríguez Míguez, 2001, p. 133; Souto Figueroa, 2009, p. 134).

Documentos atestam a existência de um balneário romano (Díez de Velasco, 1985, p. 82; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 31), comprovado por numismas⁸¹, que

⁷⁸ Divindade autóctone fluvial ($\approx$ Neptuno) (Alarcão, 2009, p. 100; María Prósper, 2009, p. 203; Marco, 2018, p. 503). O epíteto “*Anabaraeco*” institui uma possível relação com os mananciais termais (Souto Figueroa, 2009, p. 252). Ver catálogo de epígrafes: EP.RS1 ao EP.RS6.

⁷⁹ Não há referências específicas que documentem de forma precisa o conjunto monetário d’ As Burgas.

⁸⁰ Ver Anexo IV (p. 164).

⁸¹ Não existem referências específicas que documentem de forma precisa o conjunto monetário de Banhos de Molgas.

apontam para a deposição de oferendas junto das nascentes termais. Todavia, existem incertezas quanto à localização exata do possível espaço cultural de Banhos de Molgas.

A 3,8_{km} de Banhos de Molgas, na freguesia de Santa Eufémia de Ambía, próximo da Igreja de Santa Eufémia, identifica-se uma fonte conhecida como “Fonte das Ninfas”. Neste local foi identificada uma inscrição epigráfica consagrada às ninfas⁸² (*ibid.*, p. 31; Díez de Velasco, 1985, p. 82; Martin Bacaicoa, 1989, p. 38; Souto Figueroa, 2009, p. 22) que indicia a natureza religiosa. A escassez de evidências, como estudos neste monumento, não permite definir com certezas a sua cronologia. Todos os autores que se dedicam ao estudo deste monumento defendem que estamos perante uma possível fonte sagrada ou um ninfeu (Rodríguez Míguez, 2001, p. 401).

3.1.6. CH.01 – Termas Romanas de Chaves, Chaves⁸³

No norte de Portugal, o concelho de Chaves está intimamente conectado à exploração das nascentes termais que deram nome à cidade de *Aquae Flaviae* (Carneiro, 1974, p. 99; Martins, 2009, p. 72; Ribeiro, 2010b, p. 51; Costa & Carvalho, 2023, p. 2).

Na sequência da construção de um estacionamento subterrâneo, em 2006, no Largo do Arrabalde (Silva *et al.*, 2007, p. 555; Carneiro, 2013b, p. 793; 2016, p. 289; 2017c, p. 1; Vaz *et al.*, 2016, p. 1; Pereira, 2017, p. 28), foram efetuadas sondagens arqueológicas visto esta área pertencer à Zona Especial de Proteção do Castelo de Chaves e do Forte de São Francisco (*ibid.*, p. 28). Esta intervenção resultou na deteção de um dos mais bem preservados complexos termais⁸⁴ (*ibid.*, p. 28; Carneiro, 2013b, p. 793; 2016, p. 289; Vaz *et al.*, 2016, p. 1; Costa & Carvalho, 2021, p. 1) e de uma nascente que testemunha a dimensão sagrada destas águas: o ninfeu⁸⁵ (Fig. 31).

⁸² Ver catálogo de epígrafes: EP.RS7.

⁸³ Ver Anexo IV (p. 165).

⁸⁴ Numa primeira fase, no decorrer do séc. I d.C., foram erigidas as primeiras termas com caráter higiénico no local (Carneiro, 2016, p. 289; 2017c, p. 6; Figueiredo, 2022, p. 225), mas foram destruídas, resultando na edificação das termas medicinais do séc. III d.C., com a adição de piscinas, uma *palaestra* e um sistema de abastecimento (*ibid.*, p. 225; Carneiro, 2016, p. 289; 2017c, p. 6). Estas operaram até ao séc. V d.C. até à sua destruição pela ocorrência de dois sismos na Galécia (*ibid.*, p. 7; Carneiro, 2018, p. 27).

⁸⁵ Deixo aqui o meu agradecimento ao Dr. Rui Lopes e do Dr. João Ribeiro pelo apoio e pelas informações fornecidas durante as visitas realizadas a 21 dez. 2023 e a 7 mar. 2025.

Localizado no exterior do complexo termal e sem comunicação direta com o mesmo⁸⁶, a oeste, existiria uma nascente monumentalizada (*ibid.*, p. 8; Carneiro, 2015, p. 37). Os investigadores que se têm dedicado ao estudo deste complexo defendem que se tratou de uma separação deliberada entre águas terapêuticas e sagradas (*ibid.*, p. 39; Bassani & Fusco, 2019, p. 4; Bassani, 2024, p. 112).

Este santuário pode ser classificado como ninfeu de êxedra semicircular (Carneiro, 2015, p. 30; 2017c, p. 18; Vaz *et al.*, 2016, p. 2). Apesar de não existirem dados suficientes sobre a sua arquitetura original, os autores têm proposto duas hipóteses para a cobertura: um telhado de duas águas ou uma abóbada sem telhado (Figueiredo, 2022, p. 236). Sérgio Carneiro (2017c, p. 20; 2015, p. 38) sugere que a entrada estaria orientada em direção ao rio, onde existiu uma porta, possivelmente de madeira com gradeamento exterior.

A descoberta de inscrições consagradas às ninfas⁸⁷ reafirma a dimensão sacra da estrutura (Díez de Velasco, 1985, p. 90; 1998, pp. 98-99; Ribeiro, 2010b, pp. 53-54; Carneiro, 2017c, p. 21; Costa & Carvalho, 2021, p. 9).

3.1.7. BR.01 – Fonte do Ídolo, Braga⁸⁸

Em Braga (lat: *Bracara Augusta*) encontramos um dos mais emblemáticos monumentos da zona norte portuguesa (Lemos, 2008, p. 188; Morais, 2010, p. 69). “Redescoberto” no séc. XVI, foi dado a conhecer no séc. XVIII, por Jerónimo Contador de Argote (*ibid.*, p. 69; Alves, 2006, p. 1; Morais & Lagóstena, 2018, p. 181).

O santuário da Fonte do Ídolo (Fig. 32) corresponde a um espaço cultural autóctone, romanizado, consagrado à deusa *Nabia*⁸⁹ (Tranoy, 1981, p. 281; Lemos, 2008, p. 188;

⁸⁶ Estratégia adotada nos complexos termais que consiste na separação dos espaços terapêuticos, de um local cultural, como ninfeus (Bassani, 2024, p. 112). Em *Aquae Flaviae*, a separação de espaços terá levado à necessidade dos aquistas voluntariamente se dirigirem ao ninfeu para depositarem oferendas às ninfas (*ibid.*, p. 113; Costa & Carvalho, 2021, p. 9).

⁸⁷ Ver catálogo de epígrafes: EP.CH1 – EP.CH4.

⁸⁸ Ver Anexo IV (p. 166).

⁸⁹ Divindade autóctone das águas, sendo uma das principais do panteão galaico-lusitano (Olivares, 2003, p. 303; Martins & Ribeiro, 2012, p. 14; Costa Solé, 2017, p. 44; Ferreira, 2022a, p. 67). Em Braga surge associada a *Tongus*, deus ou génio das fontes (Oró Fernández, 1996, p. 99; Olivares, 2003, p. 303), apesar

Morais, 2010, p. 69; Martins & Ribeiro, 2012, p. 14; Sousa, 2012, p. 17; Acero Pérez, 2019, p. 143; Encarnação, 2020b, p. 61): um *locus sacer* (Morais, 2010, p. 72). Outrora localizado numa zona periférica do núcleo urbano, próximo à necrópole da via XVII, os investigadores defendem ser um santuário “*ad portam*” (*ibid.*, p. 72; Tranoy, 2002, p. 31; Moraes & Lagóstena, 2018, p. 181).

Cronologicamente, a Fonte do Ídolo está registada como santuário pré-romano de cariz público onde eram realizadas cerimónias ritualísticas consagradas às forças da natureza, nomeadamente às águas (Vasconcellos, 1905, p. 239; Moraes, 2010, p. 72; Martins & Ribeiro, 2012, p. 14; Sousa, 2012, p. 17; Acero Pérez, 2019, p. 143).

Este monumento foi alvo de intervenções de monumentalização no séc. I d.C. (Martins & Ribeiro, 2012, p. 42; Sousa, 2012, p. 17; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 343) levantando a hipótese de ter sido parte de uma *domus* suburbana alto-imperial (Lemos, 2002, citado por Alves, 2006, p. 2), testemunhando o sincretismo religioso (Lemos, 2008, p. 188; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 73).

O monumento exhibe uma frente talhada num afloramento granítico de onde brota uma nascente (Tranoy, 2002, p. 31; Alves, 2006, p. 1). A primeira fase de monumentalização da fonte terá sido executada por Célico Frontão, originário de Arcóbriga, da *gens* dos *ambimogidus* (Morais, 2010, p. 69; Fonte do Ídolo⁹⁰) e consistiu na regularização da formação natural e na adição dos elementos epigráficos e escultóricos⁹¹ (Tranoy, 2002, p. 31; Moraes, 2010, p. 69; Acero Pérez, 2019, pp. 143-144). Os descendentes de Célico Frontão acrescentaram ao monumento um tanque abastecido pela nascente natural do afloramento (Vasconcellos, 1895, p. 309; Moraes, 2010, p. 69), destruído no âmbito de intervenções da DGEMN (SIPA, IPA.00001253). A natureza autóctone do monumento sugere um sincretismo religioso perpetuado em época romana como fonte sagrada.

desta interpretação não ser consensual na comunidade científica (Alarcão, 2009, p. 101). Ver catálogo de epígrafes: EP.BR1 – EP.BR2.

⁹⁰ Segundo as informações na Fonte do Ídolo, em Braga (observação pessoal, 11 de jan. de 2024).

⁹¹ Este caso será abordado com mais profundidade nos tópicos 4.2.2. e 4.3.2. desta dissertação.

3.1.8. Discussão Preliminar

No território da Galécia foram identificados quinze casos de estudo, dos quais sete com testemunhos *in situ* com evidente culto às águas, não obstante a escassez de referências no âmbito da sua sacralização. Nesta discussão, os casos serão referenciados através dos seus respetivos códigos.

A identificação dos casos foi realizada com base nos vestígios arquitetónicos *in situ*, permitindo a descrição histórica e classificação tipológica dos mesmos. Todavia, com esta análise podemos depreender que, em alguns casos, a descoberta de epígrafes (GJ.01; LG.01; RS.01; RS.02; CH.01; BR.01), como de numismas (GJ.01; RS.01) também desempenhou um papel crucial na interpretação destes espaços.

Esta análise proporcionou também o estabelecimento de uma classificação tipológica, apesar de alguns casos continuarem a gerar dúvidas entre os investigadores, sendo estes dados expostos com base nas informações recolhidas para esta dissertação. No âmbito das tipologias distinguiram-se quatro categorias: as fontes de tradição autóctone; os ninfeus; os tanques; e as fontes sagradas.

Ao nível das fontes de tradição autóctone com conotação religiosa de culto às águas, são conhecidos dois casos (LG.01; BR.01), onde comumente se estabeleceu uma relação com outras tipologias readaptadas numa fase romana, designadamente os ninfeus e as fontes sagradas, respetivamente. Mas são os ninfeus o modelo predominante na Galécia, tendo sido identificados três tipos, de acordo com a classificação de Norman Neuerburg : os ninfeus de gruta (GJ.01); os ninfeus de êxedra semicircular (CH.01); e os ninfeus *ad edicola* (VD.01). Somente um tanque (RS.01), e fonte sagrada (RS.02), constam deste estudo. Fazendo uma avaliação geográfica, todos os casos demonstram uma dispersão no território, não existindo nenhum tipo de concentração. No que diz respeito à inserção na malha urbana, uma análise preliminar verificou a presença de espaços consagrados às águas no centro urbano, ou próximo, em quatro casos (VD.01; RS.01; CH.01; BR.01), enquanto os restantes três apontam para uma localização mais periurbana (GJ.01; LG.01; RS.02).

Foi possível aferir uma continuidade do culto num conjunto de sítios, cuja cronologia abrangerá a Idade do Ferro até o pós-queda do Império Romano, com exceção de três casos (GJ.01; RS.02; CH.01)⁹².

Numa abordagem geral, esta província transmite uma relação natural com o meio onde se insere, procurando ao nível das estruturas de sacralização das águas recriar o habitat natural das divindades aquáticas, à imagem de exemplos helénicos e dos primeiros casos romanos (GJ.01; CH.01). Também é perceptível uma associação com áreas termais (GJ.01; RS.01; CH.01) a norte do Douro.

3.2. No Território da Lusitânia

O domínio romano da Lusitânia, à semelhança do ocorrido nas restantes províncias do Império, introduziu novos valores nas sociedades autóctones, o que contribuiu à mudança dos paradigmas e mentalidades no âmbito sociocultural (Mantas, 2004, p. 68).

Neste território, a água continua a desempenhar um papel essencial na estruturação das dinâmicas sociais e económicas, tendo resultando num extenso programa de construção de obras hidráulicas no território (Reis & Oliveira, 2009, p. 41). Mas, ao contrário de outras arquiteturas das águas, espaços cultuais são escassos na Lusitânia (*ibid.*, p. 41).

3.2.1. CV.01 – Casa dos Repuxos, Condeixa-a-Velha⁹³

Na História Natural (lat: *Historia naturalis*) de Plínio-o-Velho (III, 113), Conímbriga é pela primeira vez registada como um *oppidum* (Sales, 2007, p. 20; Fortes, 2009, p. 454). A 18_{km} de Coimbra (lat: *Aeminium*), Conímbriga é considerada a mais bem preservada estação arqueológica de Portugal (Coelho, 2016, p. 19).

⁹² Nos restantes casos verificamos uma continuidade religiosa da sacralização da água. Em alguns casos verifica-se a origem pré-romana (LG.01; RS.01; BR.01), uma tradição perpetuada até a Idade Média, havendo um único caso passível de identificar uma contínua cultuação da região: o Templo de Santa Eulália de Bóveda. Entre os casos de estudo, no entanto, também foi reconhecido um testemunho *in situ*, reaproveitado em Era cristã (VD.01).

⁹³ Ver Anexo IV (p. 167).

Intervencionada arqueologicamente nos finais do séc. XIX, terá sido na década de 30 do séc. XX que se deu a descoberta do *ex-libris* da arquitetura doméstica de Conímbriga, a Casa dos Repuxos (*ibid.*, p. 35; Sales, 2007, p. 25). Preserva atualmente cerca de $\frac{2}{3}$ da sua extensão original (Correia, 2013, p. 149).

Próxima da “Porta do Sol”, junto à muralha baixo-imperial (Oleiro, 1992, p. 14; Reis & Correia, 2008, p. 293), esta *domus* foi originalmente edificada no séc. I d.C., mas alvo de reformas entre 120 e 150 (Sales, 2017, p. 26; Correia, 2013, p. 149). Esta intervenção teve como objetivo a monumentalização do espaço doméstico (Sales, 2007, p. 26), correspondendo à sua atual configuração (Correia, 2013, p. 149).

No âmbito arquitetónico, segue o modelo da *domus* de *peristilium*⁹⁴. Esta ampla área da residência dava acesso aos restantes espaços da casa, incluindo à zona privada da *domus* onde se encontraria um *oecus-triclinium* (Sales, 2007, p. 24) e um *impluvium* associado a um ninfeu⁹⁵ (*ibid.*, p. 28; Oleiro, 1992, p. 28; Reis & Correia, 2008, p. 297; Correia, 2013, p. 152; Acero Pérez, 2019, p. 154) (Fig. 33; Espaço 28). Nesta zona privada da *domus*, a descoberta de uma inscrição aos *Lares Aquites*⁹⁶ permitiu os investigadores interpretar esta como uma área cultural estritamente doméstica (Encarnação, 1987, p. 26; 2020b, p. 63; Oleiro, 1992, p. 168; Ribeiro, 2002, p. 193; Sales, 2007, p. 24; Correia, 2013, p. 154).

São escassos os estudos acerca do *impluvium* com ninfeu, não sendo possível conhecer quer a sua configuração, quer a relevância do ambiente sacro em contexto doméstico⁹⁷. No extremo sul da residência existiu uma fonte semicircular com repuxo central (Reis & Oliveira, 2009, p. 44; Cooper, 2023, p. C-387), tipologicamente semelhante a um ninfeu

⁹⁴ O *ex-libris* de Conímbriga, o *peristilium* da Casa dos Repuxos seria composto por canteiros ajardinados à volta do *impluvium*, ricamente ornamentado com mosaicos e jogos de água ($\approx$ 521 repuxos) (Acero Pérez, 2019, pp. 153-154): “O proprietário da Casa dos Repuxos de Conímbriga (Condeixa-a-Velha) demonstrou-se particularmente devotado ao mundo aquático” (Reis & Oliveira, 2009, p. 35).

⁹⁵ J. M. Bairrão Oleiro (1992, p. 19) defende que a configuração do *impluvium* privado sustenta a hipótese de que a esfera pessoal e doméstica se centrava nesta área da *domus*.

⁹⁶ Entidades domésticas que zelavam pela proteção do lar e da família (Cooper, 2023, p. 2). Em Conímbriga surgem relacionados ao culto das águas com possível conotação autóctone (Encarnação, 1987, p. 26), mas para Luís Fernandes (2002, p. 181) “os *Lares* ‘usurparam’ o papel das *Nymphae* e das *Aquae*”. Ver catálogo de epígrafes: EP.CV1.

⁹⁷ A visita a Conímbriga, realizada a 6 de dez. de 2024, permitiu compreender melhor esta área da Casa dos Repuxos. Deixo aqui o meu agradecimento ao Dr. Virgílio Hipólito Correia pelo apoio, bem como pelas informações fornecidas durante a visita.

ad edicola. Este ninfeu é um testemunho do requinte e da devoção da sociedade romana às águas em contextos privados da vida doméstica.

3.2.2. CV.02 – *Castellum* de Alcabideque, Condeixa-a-Velha⁹⁸

Embora o espaço urbano de Conímbriga esteja bem documentado, pouco se sabe sobre a sua extensão rural (Coelho, 2016, p. 93).

Alcabideque ($\approx 3_{\text{km}}$ de Conímbriga) foi ponto central na autossuficiência hidráulica desta cidade visto ter sido nesta localidade que se iniciava o seu aqueduto⁹⁹ (*ibid.*, p. 93; Reis & Correia, 2008, p. 308; Reis, 2013, p. 26; Santos, 2013, p. 225; Santos, 2017, p. 37).

A escolha do local terá resultado da análise topográfica e dos recursos hídricos da região (Reis, 2013, p. 26) que veio a contribuir à edificação do *castellum aquae* entre finais do séc. I a.C. e inícios do séc. I d.C. (Reis & Oliveira, 2009, p. 42). É o único *castellum aquae* identificado em território português, bem como o único exemplar da monumentalização de uma nascente na Lusitânia¹⁰⁰ (*ibid.*, pp. 41-42; Acero Pérez, 2019, p. 147).

No interior do *castellum aquae* existe uma câmara coberta por abóbada (Fortes, 2009, p. 455) e um tanque em forma de ninfeu semicircular (*ibid.*, p. 455; Alarcão, 1995, p. 62, citado por Santos, 2013, p. 225; Santos, 2017, p. 39; Acero Pérez, 2019, p. 139). Perdido o propósito original, o *castellum aquae* de Alcabideque sobrevive como um testemunho da engenharia hidráulica na Lusitânia.

3.2.3. RM.01 – *Villa Romana* de Rio Maior, Rio Maior¹⁰¹

No concelho de Rio Maior, as condições geográficas e os recursos naturais têm sido um chamativo à fixação das populações na região, havendo testemunhos de uma ocupação humana extensa (Jorge, 2012, p. 14). No âmbito do domínio romano, as *villae* têm sido

⁹⁸ Ver Anexo IV (p. 168).

⁹⁹ Com início a 3_{km} de Conímbriga e com uma extensão de $\approx 3\,550_{\text{m}}$ (Santos, 2013, p. 225), sendo a primeira parte do traçado subterrânea (Acero Pérez, 2019, p. 145), é o único aqueduto registado até ao momento neste arqueossítio (Reis & Correia, 2008, p. 308). Não sobreviveram muitos vestígios da estrutura, porém sabemos que este alimentava as Grandes Termas do Sul de Conímbriga (*ibid.*, p. 308).

¹⁰⁰ De acordo com alguns autores, ainda se conservam cerca de 6,5m acima do solo atual da estrutura exterior (Fortes, 2009, p. 454; Santos, 2013, p. 308).

¹⁰¹ Ver Anexo IV (p. 169).

apontadas como fator cooperante à “*dicotomia económica entre o mundo rural e o mundo urbano*” (*ibid.*, p. 25), como é o caso da *Villa Romana* de Rio Maior. Intervenções arqueológicas apontam para uma primeira edificação no séc. I d.C. (*ibid.*, p. 77), apesar dos mosaicos revelarem um período de transformações entre os séc. III d.C. e IV d.C. para seguir “*novos cânones arquitetónicos e artísticos*” (*ibid.*, p. 77; Oliveira, 2003, p. 8), mas foi abandonada entre os séc. IV d.C. e V d.C. (*ibid.*, p. 214; Jorge, 2012, p. 77).

Descoberta no séc. XX, até hoje apenas se conhece a *pars urbana* (*ibid.*, p. 77), contudo, o precário estado de conservação dos paramentos não permite ter uma fácil perceção da estrutura (Oliveira, 2003, p. 21). Intervenções realizadas levaram os investigadores à hipótese do ninfeu¹⁰² (Fernandes, 2002, p. 133), não sendo, porém, uma interpretação definitiva, visto não existirem dados suficientes para sustentar a teoria, ou canalizações que indiciem uma ligação às águas (Oliveira, 2003, p. 30)¹⁰³.

3.2.4. BJ.01 – *Castellum* do Aqueduto de Los Milagros, Badajoz¹⁰⁴

No âmbito da arquitetura das águas, o *castellum aquae* do Aqueduto de Los Milagros¹⁰⁵ (Fig. 34) foi uma fonte monumental que ainda oferece aos investigadores um cenário complexo ao nível da sua ocupação no espaço-tempo (Pizzo, 2015, p. 35). Não existem muitos dados acerca do monumento romano, sabendo que este espaço foi ocupado no séc. XVIII por uma ermida¹⁰⁶ (*ibid.*, p. 35; Álvarez Martínez, 1977, p. 53; Barrientos Vera, 1996, p. 30). A demolição da ermida levou à descoberta dos vestígios do reservatório

¹⁰² Em 1992, a descoberta de uma estátua designada de “Ninfa Fontenária” ajudou na interpretação de um possível ninfeu com cariz sagrado na *villa* (Fernandes, 2002, p. 133; Jorge, 2012, p. 26). No entanto, de acordo com o arqueólogo Carlos Pereira, esta estátua poderia estar associada a outras localizações na *villa* onde existem indícios de canalização. Este caso será abordado com no tópico 4.2.2.

¹⁰³ No local existem placas informativas, incluindo uma referência ao ninfeu. Descrito como uma sala com características particulares, os testemunhos *in situ* não permite estabelecer uma classificação tipológica. Esta informação foi verificada após a visita ao sítio por parte de Maria Sousa, a quem agradeço, realizada a pedido da autora desta dissertação.

¹⁰⁴ Ver Anexo IV (p. 170).

¹⁰⁵ Com início a 6_{km} de Mérida, no Reservatório de Proserpina, o Aqueduto de Los Milagros termina num *castellum aquae* atualmente localizado na Rua do Calvário (Álvarez Martínez, 1977, p. 49; Barrientos Vera, 1996, p. 30; Mateos Cruz *et al.*, 2002, p. 68; Pizzo, 2015, p. 24).

¹⁰⁶ Este *castellum aquae* teve outras fases de ocupação após a sua ruína, servindo como ponto estratégico nas invasões napoleónicas no séc. XVII (Álvarez Martínez, 1977, p. 54; Barrientos Vera, 1996, p. 30), uma ermida cristã no séc. XVIII e um cemitério no séc. XIX (*ibid.*, p. 30). No séc. XX, a ermida foi demolida e transferida para a sua localização atual (≈ 31_m) (*ibid.*, p. 30; Álvarez Martínez, 1977, p. 54).

romano (*ibid.*, p. 30), e, segundo José Álvarez Martínez (1977, p. 53), “*El descubrimiento del depósito terminal de la conducción, torre de distribución de aguas a la ciudad, ocurrido el 12 de febrero de 1971, ha venido a completar el conjunto hidráulico*”.

Consistia numa fonte monumental (Mateos Cruz *et al.*, 2002, p. 68), interpretada como um ninfeu público¹⁰⁷ (Reis & Oliveira, 2009, p. 43; Reis, 2010, p. 298), mas, não existem dados suficientes para sustentar essa hipótese (*ibid.*, p. 298), nem para reconhecer a natureza religiosa em época romana deste monumento, com exceção de uns ex-votos de bronze exumados (Barrientos Vera, 1996, p. 40).

O estado de conservação do edifício não permite conhecer a estrutura original, nem as reformulações de época romana (Álvarez Martínez, 1977, p. 54), exceto a planta em U (Barrientos Vera, 1996, p. 39; Reis, 2010, p. 298). No entanto, todos os dados apontam para uma dupla funcionalidade como *castellum aquae* e fonte/ninfeu (*ibid.*, p. 298).

3.2.5. BJ.02 – Templo de Diana¹⁰⁸, Badajoz

O Templo de Diana, outrora localizado no fórum municipal da cidade (Muñoz Garrido, 2002, p. 558) e edificado entre os séc. I a.C. e I d.C., terá sido um templo de culto imperial (*ibid.*, 558; Nogales Basarrate & Álvarez Martínez, 2006, p. 215; Junta da Extremadura, 2007, p. 156). Com o advento do cristianismo, a proibição de cultos pagãos resultou no seu abandono, considerado o “*máximo exponente del “paganismo”*”¹⁰⁹ (Cabecera Soriano, 2020, p. 15). Embora espaços de culto pagão tenham sido destruídos na sua maioria, a contínua adaptação do templo como espaço “*pagano, cristiano, islámico, judaico y, nuevamente, cristiano*” (*ibid.*, p. 15) permitiu a sua sobrevivência.

¹⁰⁷ Conforme verificado pela autora, na sequência da visita o Instituto de Arqueologia de Mérida, realizada a 13 de ago. de 2024, constatou-se que o *castellum aquae* é o único monumento na cidade interpretado como ninfeu, apesar de autores defenderem a presença de outros casos (Cooper, 2023, p. C-381). Estes não estão incluídos neste estudo visto não haver dados suficientes associados ao seu cariz religioso.

¹⁰⁸ A designação de “Diana” não tem justificativa religiosa, tendo o nome sido atribuído pelo historiador Bernabé Moreno no séc. XVII, inspirado no Templo de Artémis em Éfeso (Álvarez Martínez, 1991, p. 83), e “*emprestado do nome do templo romano de Évora*” (Santos, 2013, p. 288). Ver Anexo IV (p. 171).

¹⁰⁹ Originalmente de natureza pagã, transformou-se num espaço de condenação de cristãos, incluindo Santa Eulália de Mérida (Cabecera Soriano, 2020, p. 15), antes de se transformar no exponente máximo da oposição do ideal cristão até à destruição do “património” pagão, em 435 (*ibid.*, p. 15). No séc. XVI, a edificação do Palácio dos Condes do Corbo evitou a destruição total das ruínas (Álvarez Martínez, 1991, p. 83; Junta da Extremadura, 2007, p. 157).

No âmbito arquitetónico, é um templo períptero e hexastilo, de planta retangular, com orientação norte-sul (Álvarez Martínez, 1991, p. 86; Muñoz Garrido, 2002, p. 558; Nogales Basarrate & Álvarez Martínez, 2006, p. 215; Junta da Extremadura, 2007, p. 156; Pino Espinosa, 2013, p. 143). Adjacente ao templo, existiria uma área ajardinada sagrada (Álvarez Martínez, 1991, p. 90), onde se localizariam tanques de cariz cultual junto às fachadas oeste e leste¹¹⁰, provavelmente relacionados com práticas ritualísticas (Fig. 35) (*ibid.*, p. 90; Nogales Basarrate & Álvarez Martínez, 2006, p. 215; Pino Espinosa, 2013, p. 143; Rogers, 2015, p. 426).

A questão que alguns colocam é se as estruturas podem ser consideradas ninfeus¹¹¹, visto serem espelhos de água situados na área sagrada do templo (Reis, 2010, p. 298; Silva, 2020, p. 49). Embora tenham sido recuperadas epígrafes consagradas às ninfas (Pérex & Pérex Agorreta & Miró i Alaix Miró i Alaix, 2018, pp. 195-196; Álvarez Martínez, 2020, p. 32) que podem contribuir para a interpretação dos tanques como ninfeus, não existem indícios suficientes que corroborem essa hipótese, sendo interpretados como tanques sagrados.

3.2.6. VR.01 – Templo Romano de Évora, Évora¹¹²

Património Mundial da Humanidade da UNESCO, a “cidade-museu” de Évora (lat: *Ebora Liberalitas lulia*), uma das cidades mais emblemáticas do território português tem sido objeto de “*intervenções arqueológicas preventivas e de emergência*” (Carneiro, 2021, p. 177). Referências mais antigas interpretam Évora como tendo sido originalmente um *oppidum* pré-romano (Hauschild, 1992, p. 107; Muñoz Garrido, 2002, p. 81). O título *Ebora Liberalitas lulia* terá sido atribuído por César ou Augusto (Hauschild, 1992, p. 107) e foi uma das primeiras cidades romanizadas da Lusitânia. Entre os vestígios da presença romana, destaca-se o seu templo (SIPA, IPA.00002863). Localizado no Largo do Conde

¹¹⁰ A visita a Mérida, realizada entre 12 e 14 de ago. de 2024, possibilitou a análise destas estruturas e a compreensão da sua possível vinculação ao Templo de Diana.

¹¹¹ Em *Augusta Emerita*, intervenções revelaram inscrições consagradas às ninfas (Reis & Oliveira, 2009, p. 32), sendo que os autores defendem que podem advir do tanques em torno do Templo de Diana (Álvarez, Martínez & Nogales, 2003, p. 356, citado por Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 195; Álvarez Martínez, 2020, p. 32). Ver catálogo de epígrafes: EP.BJ1.

¹¹² Ver Anexo IV (p. 172).

de Vila Flor, a configuração moderna do centro assenta sob o fórum romano (Muñoz Garrido, 2002, p. 81; Silva, 2020, p. 43).

Como o seu contemporâneo emeritense, este templo foi edificado no séc. I d.C., porém o advento do cristianismo e invasões bárbaras no séc. V d.C. contribuíram à sua destruição (SIPA, IPA.00002863). O templo, outrora períptero e hexastilo (Hauschild, 1992, p. 114), sofreu adaptações da estrutura original¹¹³ (Carvalho, 2018, p. 150).

Intervenções realizadas junto do templo no séc. XX levaram à identificação de um único tanque em Π¹¹⁴ do séc. I d.C. (Fig. 28) (Hauschild & Sarantopoulos, 1996, p. 431; Reis, 2010, p. 290; Santos, 2013, p. 295; Rogers, 2015, p. 434; Silva, 2020, p. 43; Fernandes, 2002, pp. 218-219), que os investigadores interpretam como relacionados com rituais de cariz aquático (*ibid.*, p. 219). Embora não seja possível afirmar com certeza a natureza deste tanque, visto não existirem outros testemunhos que comprovem a vertente sacra do espaço, estudiosos sugerem que seria complementar ao templo.

3.2.7. FR.01 – Villa Romana de Milreu, Faro¹¹⁵

Ossonoba, um nome que reflete a conexão ao mediterrâneo (Bernardes, 2014, p. 356), corresponde à atual cidade de Faro, porém são poucos os testemunhos da malha urbana romana desta cidade portuária. Nas imediações de Faro, em Estói, a paisagem revela uma das mais notáveis *villae* da Lusitânia: a *Villa Romana de Milreu*.

Referenciada nos registos paroquiais do séc. XVIII (Teichner, 2008, p. 96), Milreu terá sido oficialmente descoberta no séc. XIX (1877) por Estácio da Veiga no âmbito da Carta Arqueológica do Algarve (*ibid.*, p. 96; 1993, p. 89; 2006, p. 208; Hauschild, 1984, p. 124; 2002, p. 241), constituindo um importante testemunho da ocupação rural em época romana na região algarvia (Hauschild, 1997, p. 407).

¹¹³ No séc. XIX, as ruínas do templo foram reutilizadas como um açougue (Santos, 2013, p. 293; Carvalho, 2018, p. 154) até a sua demolição, dando início a um projeto de recuperação do templo para “*inscrever uma elegante ruína na paisagem urbana*” (Santos, 2013, p. 293).

¹¹⁴ Mariana Carvalho (2018, p. 150) menciona que, por decisão administrativa (1862), o tanque no entorno do templo foi parcialmente destruído no âmbito de obras de nivelamento do pavimento. Atualmente não existem vestígios visíveis desta estrutura.

¹¹⁵ Ver Anexo IV (p. 173).

Intervenções revelaram que a *Villa Romana* de Milreu correspondeu a uma *pars urbana* e *pars rústica* datadas do séc. I d.C., com um *balnea* anexo e um santuário¹¹⁶ (Teichner, 1993, p. 89; 2006, p. 209; Hauschild, 1984, p. 126; 2002, p. 241).

Embora a *pars urbana* seja de grande importância ao nível arqueológico, esta dissertação focar-se-á no tanque semicircular adjacente à entrada do santuário (Hauschild, 1984, p. 127; 1997, p. 409; Azevedo, 2008, p. 232; Reis & Oliveira, 2009, p. 46; Cooper, 2023, p. C-369), interpretado como ninfeu¹¹⁷ (Fig. 36) (Hauschild, 1984, p. 150; Teichner, 1993, p. 90; 2008, p. 254).

Em termos de classificação, a estrutura contemporânea ao templo poderá ser designada como ninfeu *ad edicola*, encontrando paralelos em Pompeia (Hauschild, 1984, p. 143). A escassez de dados não permite, no entanto, ter uma noção da totalidade da estrutura, deduzindo-se a sua arquitetura apenas com base em testemunhos semelhantes.

Este tanque é uma estrutura independente ao templo, mas complementar ao espaço de culto (*ibid.*, p. 127; 2002, p. 241; Teichner, 2006, p. 210). Até à data não existem muitos estudos que contribuam para a compreensão desta estrutura como edifício autónomo cultural, contudo, a sua proximidade e relação com o santuário aponta para a possibilidade de um culto consagrado às águas.

3.2.8. Discussão Preliminar

No território da Lusitânia foram identificados dezoito casos de estudo, dos quais sete com testemunhos *in situ* com evidente conotação ao culto das águas, não obstante a escassez de referências no âmbito da sua sacralização. Nesta discussão, os casos serão referenciados através dos seus respetivos códigos.

¹¹⁶ Edifício interpretado como templo de *podium* e *cella*, edificado no séc. IV d.C. (Teichner, 1993, p. 90; 2006, p. 210; Hauschild, 2002, p. 241; Graen, 2005, p. 370; Azevedo, 2008, p. 232; Reis & Oliveira, 2009, p. 46) que se caracteriza pela sua arquitetura e estética. Inscrições árabes *in situ* testemunham o contínuo funcionamento como espaço cultural em época islâmica e cristã (Chavarria Arnau, 2005, p. 544; Azevedo, 2008, pp. 232-233; Teichner, 2008, p. 101; Bernardes, 2014, p. 363).

¹¹⁷ A designação “ninfeu” gerou várias confusões visto haver estudiosos que interpretam o santuário como templo consagrado às águas ou *nymphaeum* (Teichner, 1993, p. 90; 2006, p. 209; 2008, p. 100; Hauschild, 1997, p. 419; 2002, p. 244; Graen, 2005, p. 370; Chavarria Arnau, 2007, p. 279), porém, Theodor Hauschild (1984, p. 149) já teorizava o ninfeu corresponder ao tanque adjacente. Na sequência de visitas ao local, realizadas a 8 de out. de 2024 e a 15 de fev. de 2025, foi possível confirmar a estrutura como ninfeu.

A identificação dos casos foi realizada com base nos vestígios arquitetónicos *in situ*, permitindo a descrição histórica e classificação tipológica dos mesmos. Todavia, com a análise podemos perceber que, em alguns casos, a descoberta de outros testemunhos, como epígrafes (CV.01; BJ.02), bem como de elementos escultóricos (RM.01) também contribuíram à sua interpretação como espaços de sacralização.

Esta análise proporcionou também a identificação de uma classificação tipológica no território, tendo sido identificadas somente duas categorias: os ninfeus; e os tanques sagrados. No caso dos ninfeus são conhecidos dois tipos, estabelecidos com base na classificação de Norman Neuerburg: os ninfeus *ad edicola* (CV.01; FR.01); e os ninfeus de êxedra semicircular (CV.02; BJ.01). Existe um quinto ninfeu (RM.01), contudo, o estado de conservação não permite avançar com uma classificação tipológica. Neste estudo apenas constam dois tanques sagrados, ambos os casos associados a templos localizados nos *fora* (BJ.02; VR.01).

À semelhança da Galécia, existe uma tendência para a dispersão geográfica das estruturas, com exceção de Conímbriga (CV.01; CV.02) e Mérida (BJ.01; BJ.02), bem como para uma inserção na malha urbana (CV.01; BJ.01; BJ.02; VR.01). Os outros casos apontam para uma localização mais periurbana (CV.02; RM.01; FR.01). Nesta área ainda é perceptível a crescente relação das estruturas, nomeadamente de ninfeus, com a arquitetura doméstica (*domus* e *villae*) e o ambiente privado.

Este capítulo permitiu compreender também uma continuidade do culto num conjunto de sítio, com exceção em quatro casos, edificados durante época romana (CV.01; RM.01; BJ.02; VR.01). Não foram identificados sítios com fundação pré-romana, como verificado na Galécia, havendo uma continuidade em época medieval (CV.02; BJ.01; FR.01).

Numa perspetiva geral, este território apresenta um carácter marcadamente urbano, integrando as estruturas de sacralização das águas — incluindo tanques — no tecido urbano. Este caso torna-se interessante do ponto de vista da investigação pois os únicos tanques com potencial cariz sagrado na Lusitânia (BJ.02; VR.01) possuem uma relação com o templo dos respetivos *fora*.

3.3. Outros Casos Discutíveis

Este tópico aborda casos que, apesar da ausência de testemunhos arquitetónicos *in situ*, possuem outros vestígios que permitem sustentar a hipótese da sacralização das águas, levando à sua inclusão no presente estudo. Esta abordagem incluirá conjuntamente os territórios da Galécia e da Lusitânia.

Num conjunto de trinta e três casos de estudo, dezanove correspondem àqueles onde o carácter religioso é aferido, de forma indireta, através de evidências que aludem à água como elemento sagrado. Estes casos são referenciados através dos respetivos códigos, remetendo para o Anexo III (ver Tabela 11) e às fichas de sítio presentes no Anexo IV.

Uma das problemáticas na elaboração deste capítulo residiu na inexistência de indícios *in situ*. Por este motivo existem questões que não serão exploradas como a classificação tipológica ou a inserção dos casos na malha urbana e o estado de conservação pois a falta de evidências não permite tirar conclusões.

A identificação dos casos foi feita com base em evidências arqueológicas, tais como as epígrafes (LG.02; LN.01; LN.02; PT.01; BD.01; BR.02; BR.03; VZ.01; VF.01; FC.01; SP.01; CC.01; LV.01; DN.01; LR.01; FR.01; VV.01; RC.01; MN.01), numismas (PT.01; BD.01; SP.01; CC.01; LR.01; VV.01; MN.01) e ex-votos anatómicos (CC.01). Geograficamente persiste uma dispersão no território de possíveis casos de sacralização, à exceção do distrito de Braga (BR.02; BR.03; VZ.01).

Apesar da inexistência de testemunhos *in situ*, e à semelhança dos casos 3.1 e 3.2, este estudo denotou uma continuidade da sacralização da água. Tendo em consideração que as referências se regem por eventuais oferendas, a generalidade é interpretada como de origem romana, com exceção de cinco casos. Dentro destes, apenas um (FC.01) é tido como sendo pré-romano, os restantes perpetuaram a tradição através do Cristianismo (DN.01; VV.01; RC.01; MN.01).

4. Edifícios de Culto às Águas: Enquadramento na Malha Urbana e Rural, Técnicas Construtivas e Vestígios Associados

Neste capítulo é proposta uma interpretação acerca da inserção dos edifícios cultuais às águas, quer na malha urbana, quer no mundo rural, procurando entender tendências no enquadramento destes modelos arquitetónicos nos territórios em estudo.

Tendo em conta que estamos perante quatorze casos com evidente conotação religiosa *in situ*, será igualmente realizada uma abordagem tecnológica, centrada na análise das técnicas construtivas, sistemas de abastecimento e elementos estéticos empregues na edificação de ninfeus, tanques e fontes sagradas nas províncias em estudo. Para este tópico serão considerados somente os casos de estudo apresentados nos pontos 3.1 e 3.2 visto serem os únicos exemplares que conservam estruturas.

Face à escassez de testemunhos arquitetónicos, este capítulo pretende também abordar as oferendas votivas associadas ao culto das águas visto serem um elemento fundamental à identificação e interpretação de passíveis espaços de sacralização.

4.1. Enquadramento na Malha Urbana e Rural

No território ocidental ibérico, o I^o milénio a.C. tem sido descrito como um “*mundo dos castros*” (Araújo, 2015, p. 50). Com a conquista e integração deste território no Império Romano assistimos à transformação na paisagem e do estilo de vida das populações do noroeste ibérico (*ibid.*, p. 76). Algumas sociedades assistiram à reestruturação integral do traçado urbano com a adoção de um plano proto urbanístico (*ibid.*, p. 25), como Conímbriga. Neste sítio, foram identificados indícios de um *oppidum* pré-romano, transformado num núcleo urbano (Santos, 2013, p. 44). Porém, existem outros espaços de fundação romana: “*muitas cidades antigas foram reconstruídas ou renovadas, mas também foram fundadas muitas outras de raiz - tarefa que implicava sempre um planeamento muito cuidado*” (Araújo, 2015, p. 20)

O génio arquitetónico e a conceção estética romana no ocidente peninsular “*rompem com os padrões*” (Silva, 2020, p. 32) e apresentam diferentes níveis de assimilação (Araújo, 2015, p. 76). Símbolo omnipresente do poder cívico, político e religioso, as

cidades romanas seguiam um traçado tendencialmente “hipodâmico” que racionalizava a regulação do espaço urbano (*ibid.*, p. 15; Silva, 2020, p. 20; Núncio, 2023, p. 80).

A fundação das cidades era para os romanos um ato sagrado crucial ao estabelecimento da fronteira entre o mundo físico e sagrado (Araújo, 2015, p. 20; Silva, 2020, p. 22), um processo que mostra o valor da religião para a sociedade romana – o *consecratio*¹¹⁸. No entanto, a religião não se limitava apenas à fundação da cidade, sendo um elemento basilar no quotidiano das comunidades, estando presente no contexto urbano e rural (*ibid.*, p. 64).

No ocidente peninsular, terminadas as contendas entre povos autóctones e os romanos, verificou-se a adaptação dos costumes nativos aos valores de Roma, que, de acordo com Andreia Silva (*ibid.*, p. 64), se revelou um claro “ *sinal de reconhecimento e respeito pelas tradições e cultos dos povos*”. Neste âmbito, a sacralização da água constitui um exemplo paradigmático desse facto. Tal como as sociedades autóctones, os romanos tinham um profundo apreço pela água que se traduziu na edificação e adaptação de espaços culturais nas províncias.

4.1.1. Culto das Águas nos *Fora*

De natureza político-económica, judicial e social, os *fora* seriam um local de destaque na malha urbana, como o centro da vida religiosa das cidades (*ibid.*, p. 26; Harouel, 2004, p. 25; Araújo, 2015, p. 24; Núncio, 2023, p. 81), porém, alguns casos sofreram sucessivas transformações que resultou numa mudança do propósito deste espaço.

No âmbito dos monumentos das águas, e segundo Maria Pilar Reis (2010, pp. 286-287), estes assumiam igual importância neste espaço, mas, nem todos os edifícios hidráulicos adquiriam um cariz sagrado¹¹⁹. São escassos os exemplares de espaços culturais às águas no fórum nas áreas estudadas, sendo uma realidade verificada apenas na Lusitânia.

¹¹⁸ Consistia num ato religioso que assentava na prática de rezas, na deposição de oferendas e na execução de sacrifícios, de modo a invocar proteção dos deuses, principalmente da tríade capitolina, composta por Júpiter, Juno e Minerva e afastar as entidades infernais (Araújo, 2015, p. 22).

¹¹⁹ Como exemplifica o caso de Coimbra. Próximo do fórum de *Aeminium*, intervenções identificaram uma fonte adossada à fachada do criptopórtico (Silva, 2015, p. 299; Acero Pérez, 2019, p. 150), interpretada

Aqui, os templos eram comumente consagrados ao culto imperial, permitindo a coexistência com o culto a divindades mitológicas através de espaços adjacentes (Costa Solé, 2017, p. 367).

Esta realidade está patente em *Emerita Augusta* (BJ.02) (*ibid.*, p. 367; Reis, 2010, p. 298; Pino Espinosa, 2013, p. 143) e *Ebora Liberalitas Iulia* (VR.01) (Fernandes, 2002, pp. 218-219; Reis, 2010, p. 290; Costa Solé, 2017, p. 367; Silva, 2020, p. 43). Segundo Maria Pilar Reis (2010, p. 300), a identificação dos tanques adjacentes ao templo levou à teoria de uma “*a estreita relação entre a água e a liturgia*”, sendo elementos “*Integrados no projecto do templo, são componentes activos no arranjo paisagístico e decorativo da área sagrada, desempenhando, certamente, uma funcionalidade específica*” (*ibid.*, p. 285). Não existem, no entanto, dados suficientes que permitam reconhecer a divindade cultuada em torno dos templos para sustentar a teoria de estruturas ligadas ao culto das águas.

Por outro lado, em Bobadela¹²⁰ tem sido debatida a possível existência de um templo consagrado a Neptuno, ou um *nymphaeum* no fórum (Reis & Oliveira, 2009, p. 28; Reis, 2010, p. 299; Silva, 2014b, p. 96), apesar da maioria das opiniões apontarem para a segunda opção (*ibid.*, p. 96; Alarcão, 2004, p. 213; Encarnação, 2006, p. 279).

4.1.2. Culto das Águas em Espaços Domésticos

Estruturas habitacionais são elementos fundamentais à compreensão do quotidiano da sociedade no Império Romano. Dentro das áreas urbanas, existiam diferentes modelos de habitação: as *domus* – designação para as residências senhoriais (Alarcão & Barroca, 2012, p. 137; Araújo, 2015, p. 33; Núncio, 2023, p. 81); e as *insulae* – designação para habitações destinados a cidadãos de média e pequena classe (*ibid.*, p. 81; Harouel, 2004, p. 27; Araújo, 2015, p. 34).

como um fontanário público ou ninfeu (Alarcão *et al.*, 2009, pp. 42-43 citado por Silva, 2014b, p. 96; Silva, 2015, p. 299). Como não existem indícios da possível natureza sacra da mesma, este caso não foi incluído neste estudo.

¹²⁰ Este caso (LV.01) não está incluído no corpo de texto, mas foi explorado no Anexo III por meio de uma tabela, permitindo uma análise de um hipotético espaço cultural consagrado às águas.

No ambiente doméstico, também a religião assumia um papel crucial, sendo construídos espaços cultuais, como os larários (lat: *lararium*), ou seja, altares domésticos consagrados às divindades protetoras dos Lares¹²¹ (Creola, 2014, pp. 35-36; Carvalho, 2017, p. 348; Cooper, 2023, p. 3; Núncio, 2023, p. 162) e/ou ninfeus. Na Península Ibérica, e segundo Robyn Cooper (2023, p. 79), 50% dos ninfeus domésticos corresponderia à classificação *ad edicola*. A Casa dos Repuxos é a única referência da edificação de ninfeus no contexto doméstico da Lusitânia¹²². Na área privada da *domus*, a sul, existe um pequeno peristilo com ninfeu *ad edicola* (Fig. 32; Espaço 28) (Oleiro, 1992, p. 168; Sales, 2007, p. 28; Reis & Oliveira, 2009, p. 44; Correia, 2013, p. 152), uma zona onde eram cultuados os *Lares Aquites*. Esta realidade confirma que a sacralização da água não estava somente presente no espaço público, mas seria uma realidade nos contextos privados.

4.1.3. Culto das Águas em Espaços Termiais

O termalismo, desde época romana à atualidade, tem-se revelado um método de tratamento alternativo à medicina tradicional, recorrendo ao consumo, ou utilização das águas mineromedicinais: “El agua termal es un agua que, además de limpiar, también cura” (Díez de Velasco, 2004, p. 112; Martins, 2009, p. 9; Bernardes, 2015, p. 2).

Evidências arqueológicas confirmam que as comunidades autóctones destes territórios detinham conhecimentos das propriedades mineromedicinais das nascentes termiais, mas foi sob ocupação romana que se assistiu ao incremento da sua exploração (*ibid.*, p. 3; Martins, 2009, p. 13). Esta questão contribuiu à criação de centros populacionais, cujos topónimos se relacionam com estas águas até à atualidade, entre os quais se

¹²¹ Com a expansão do Império, também o culto doméstico se disseminou, incluindo na Península Ibérica, onde existem evidências desde o séc. II a.C. ao séc. V d.C. (Cooper, 2023, p. 5). No âmbito doméstico eram veneradas deidades específicas, designadamente os Lares e o *Genius* (*ibid.*, p. 2; Jorge, 2012, pp. 26-27). Para a autora Alexandra Creola (2014), apesar de distintos, existem relações entre os larários e os ninfeus *ad edicola*.

¹²² Embora tenha sido detetado um hipotético caso de sacralização das águas em contexto doméstico na Galécia – a *Domus* da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças (Silva, 2014a, p. 47; Silva & Martins, 2015, p. 435) – as evidências recolhidas até ao momento são insuficientes para integrar este exemplo no estudo final. Na sequência de uma visita ao Museu D. Diogo de Sousa, a 11 jan. 2024, foi possível confirmar que se trata de um caso incerto.

destacam *Aquae*; Caldas; Caldelas; Banhos (*ibid.*, p. 8; Díez de Velasco, 1985, p. 70; 2004, p. 112).

Na mentalidade autóctone-romana, as propriedades das nascentes eram atribuídas por entidades sobrenaturais (Díez de Velasco, 1998, p. 12; 2004, p. 114; 2016, p. 43; Fortes, 2009, p. 46), sendo frequentemente invocadas as ninfas (Díez de Velasco, 2004, pp. 114-115; 2009, p. 13; María Prósper, 2009, p. 203). Esta prática contribuiu para a edificação de termas e de espaços culturais na Galécia e na Lusitânia, demonstrando esta dualidade entre a natureza terapêutica e religiosa das águas.

Nem todos os casos estudados dispõem de evidências *in situ*, todavia na Galécia foram identificadas nove áreas termais com testemunhos da sacralização das águas, sendo que cinco correspondem ao atual território galego (LG.02; LN.02; PT.01; RS.01; BD.01), e os restantes ao português (CH.01; BR.02; BR.03; VZ.01). A Fonte da Mortera (GJ.01), apesar de não registar nenhuma relação direta com esta prática, tem sido entendida como um espaço cultural integrado num complexo termal doméstico (Ochoa, 1998 citado por Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 218). Na Lusitânia registaram-se mais seis casos desta associação ao espaço termal (SP.01; CC.01; LR.01; FR.01; RC.01; MN.01), mas, importa salientar que nenhum destes possui testemunhos *in situ*, sendo interpretados através das evidências votivas.

4.1.4. Culto das Águas em Infraestruturas Hidráulicas

Elementos imprescindíveis no tecido urbano, as infraestruturas hidráulicas desempenhavam um papel fundamental no quotidiano das cidades (Silva, 2020, p. 77). Não se limitavam a suprir necessidades básicas, como serviam para fins socioculturais e económicos, garantindo o abastecimento de vários setores (Morillo Cerdán & Salido Domínguez, 2011, p. 158; Martins & Ribeiro, 2012, p. 11; Acero Pérez, 2019, p. 162).

A sua edificação no âmbito público está patente através de aquedutos, cisternas e fontes (*ibid.*, p. 138; Reis, 2013, p. 25), bem como ao nível doméstico, através de sistemas de saneamento, incluindo o abastecimento de jogos de água (*ibid.*, p. 163).

Nem todas as infraestruturas hidráulicas na malha urbana detiveram um cariz sagrado, pelo menos perceptível (Reis, 2010, p. 288). Por vezes, esse cariz surge associado com as

infraestruturas de gestão de águas, como os aquedutos e os *castella aquae*¹²³ (Muñoz Garrido, 2002, p. 411; Montoro Castillo, 2008, p. 136).

Sendo um elemento essencial no processo de distribuição das águas e na decantação de impurezas (Muñoz Garrido, 2002, p. 411), seria expectável a procura por proteção divina numa cultura onde o divino estava presente em todos os aspetos do quotidiano: *“este tipo construcción tenía una doble dedicación : a la ninfa que había concedido el don del agua, y al emperador que hacía posible su uso”* (Muñoz Garrido, 2002, p. 411). Citando Maria Pilar Reis (2010, p. 288), esta sacralização funcionaria como uma espécie de *“fórmula para manter a sacralidade da água proveniente das entranhas da terra, que custodiada pelas ninfas se aproxima às habitações dos homens”*.

Na Lusitânia existem somente dois exemplos de ninfeus em *castella aquae*: o *castellum* de Alcabideque (CN.02) (Santos, 2017b, p. 39) e o do Aqueduto de Los Milagros (BJ.01) (Reis & Oliveira, 2009, p. 42), mas, não existem dados suficientes que confirmem a sua vertente sacra. Tal como foi possível constatar no capítulo 3, torna-se essencial entender o contexto histórico e geográfico dos sítios¹²⁴.

Como constatamos, nem todas as infraestruturas hidráulicas detinham cariz sagrado, no entanto, todos os ninfeus são fontes públicas ou privadas (Reis, 2010, p. 287). Os ninfeus não estavam apenas relacionados aos *castella aquae*, emergindo nos centros urbanos, apesar das incertezas acerca da sua função, como se verifica no caso da Fonte de Foncalada (VD.01), uma estrutura com características semelhantes aos ninfeus romanos, apesar das sucessivas transformações (Gutiérrez González, 2018, p. 29).

¹²³ Para Teresa Barrientos Vera (1996, p. 40), os *castella aquae* tinham dupla função: infraestruturas de gestão/ distribuição da água e ninfeus que, segundo Fernández Casado (1983, citado por Montoro Castillo, 2008, p. 136), é a *“expresión monumental de un depósito terminal de un acueducto (es decir, un castellum aquae)”*. Por outro lado, Mónica Montoro Castillo (2008, p. 138) nomeia alguns casos onde existe uma conexão entre o depósito final do aqueduto e ninfeus, como o Ninfeu de Sablón, em Metz, França (Rogers, 2015, p. 69), consagrado às ninfas.

¹²⁴ Próximo ao *Castellum* de Alcabideque foi erigida uma capela consagrada a Santo António, da qual não existem evidências. De acordo com Marília Santos (2017b, p. 39), poderá ter havido um edifício dedicado às ninfas ou divindades autóctones das águas. Esta questão reflete-se de modo similar em Mérida, com a edificação de uma ermida sob as ruínas do *castellum aquae* (Barrientos Vera, 1996, p. 30).

4.1.5. Culto das Águas em Espaços Rurais

No planeamento urbanístico romano, as cidades tinham um papel essencial no âmbito político-económico, bem como na transmissão dos valores socioculturais. São visíveis na malha urbana os diversos edifícios que constituíam a vida quotidiana das comunidades, mas não era apenas no centro que se desenvolvia o dia-a-dia da sociedade romana.

Tradicionalmente, o pensamento moderno assume o mundo urbano e rural como realidades distintas, mas em época romana, o *suburbium* era essencial à manutenção da malha urbana das cidades (Núncio, 2023, p. 152; Matias, 2017, p. 28; Carneiro, 2020, p. 453). A religiosidade manifestava-se igualmente no mundo rural, verificando-se através da edificação de edifícios dedicados a divindades do panteão romano, como o exemplo do Templo de Orjais, na Covilhã¹²⁵. No mundo rural da Galécia e Lusitânia foram edificadas estruturas de culto às águas, identificados em diferentes contextos.

4.1.5.1. *Villae*

Elemento essencial no ambiente público e privado da vida romana, a água também despertava interesse no mundo rural enquanto recurso fundamental à agricultura, fazendo por isso parte das dinâmicas associadas às *villae*, residências rurais compostas pela *pars urbana* (residência do proprietário) e *pars rustica* (celeiros; lagares; adegas) (Chavarria Arnau, 2007, p. 32; Alarcão & Barroca, 2012, p. 353; Carneiro, 2019b, p. 6; 2020, pp. 454-455; Ferreira, 2022b, p. 26; Núncio, 2023, p. 153).

Cronologicamente, as *villae* hispano-romanas remontam ao séc. I d.C., mas uma fase de monumentalização da paisagem rural nos séc. III d.C. e IV d.C. (Chavarria Arnau, 2007, p. 32; Muñoz Garrido, 2002, p. 600; Carneiro, 2020, p. 463) resultou em reformas nas residências e na adoção de novos espaços “*de representação da imagem e mundividência cultural do proprietário que apresentam grande ostentação e riqueza*

¹²⁵ Próximo do Santuário de Nossa Senhora da Cabeça, contudo, não existem certezas acerca da divindade cultuada, “*talvez fosse Banda Brialeacus a divindade a quem dois altares foram consagrados, embora exista uma consagração feita por uma indígena a Iupiter Sup(remo) Sumo*” (Carneiro, 2017a, p. 91). Serve de exemplo, não por uma associação às águas, mas como um espaço religioso no mundo rural romano.

decorativa” (*ibid.*, pp. 463-464). Neste processo foram introduzidos jogos de águas nos jardins, recriando um “*imitatio da paisagem natural*” (*ibid.*, p. 460; 2017b, p. 123).

A estes cenários aquáticos eram frequentemente associados os ninfeus (Pérez Olmedo *et al.*, 1997, p. 190; Chavarria Arnau, 2005, p. 535), mas esta relação não implica que haja um culto às águas. Todavia, esta teoria não é descartada visto que, à semelhança das *domus*, alguns ninfeus associados às *villae* apontam para um possível culto¹²⁶. Segundo Alexandra Chavarria Arnau (2007, p. 104), terá existido a possibilidade de uma continuidade sagrada dos espaços pelos proprietários das *villae*.

No extremo sul no território português, a *villa* em Estói (FR.01) possui um ninfeu, cujo termo resultou em várias interpretações (Hauschild, 1984, pp. 149-150; 2002, p. 244). Apesar da relação com o edifício de culto, a estrutura destaca-se pela sua localização no exterior da *pars urbana* (Hauschild, 1984, p. 127; 2002, p. 241; Teichner, 2006, p. 210), assumindo uma certa dualidade na *villa*. Esta mesma interpretação não ocorre em Rio Maior (RM.01). Designado como ninfeu, esta área não apresenta vestígios suficientes que confirmem a sacralização das águas (Oliveira, 2003, p. 30), à exceção de uma estátua de uma ninfa (Fernandes, 2002, p. 133; Jorge, 2012, p. 26).

Importa sublinhar que, até à data, não existem testemunhos da sacralização da água em *villae* no território da Galécia. De igual forma, a maioria dos exemplares da Lusitânia que foram interpretados como ninfeus não têm dados que os conectem à vertente sacra. No entanto, pode-se concluir que foi a partir das *villae* que o paganismo sobreviveu e se expandiu à cultura romana (Chavarria Arnau, 2007, p. 104; Jorge, 2012, p. 24).

4.1.5.2. Templos

Independentemente do contexto, os edifícios cultuais estão conectados geralmente às águas, sendo um elemento essencial à realização de rituais (Montoro Castillo, 2008, p.

¹²⁶ É importante destacar a presença de ninfeus em várias *villae* da Lusitânia, porém, esses casos não serão abordados devido à escassez de testemunhos da sua sacralização, verificando serem espaços lúdicos: *Villa Romana do Rabaçal* (Pessoa, 2008); a *Villa de Saelices el Chico* (Pérez Olmedo *et al.*, 1997); o *Palácio Mayoralgo* (Jiménez & Chauton, 2004); a *Casa del Anfiteatro* e a *Casa de los Marmoles* (Cooper, 2023, p. C-381); a *Villa Cardillium* (Ferreira, 2022b); a *Villa Romana da Quinta das Longas* (Cardoso & Detry, 2005) e o *Cerro da Vila* (Fortes, 2009; Teichner, 2017a; 2017b).

135). Á semelhança do espaço urbano, não era incomum a edificação de santuários, ou espaços cultuais nas zonas rurais.

De origem autóctone, “*la concepción religiosa más ancestral*” de culto às águas (*ibid.*, p. 189; Esparza *et al.*, 2006, p. 19) remete aos santuários e fontes pré-romanos que foram alvo de monumentalização sob domínio romano (Montoro Castillo, 2008, p. 187).

Dentro dos territórios em estudo, a Galécia possui mais espaços autóctones consagrados à água, mas nenhum dos casos estudados são semelhantes entre si. Por um lado, o Templo de Santa Eulália de Bóveda (LG.01), interpretado como templo pagão (Montoro Castillo, 2008, p. 190; Montenegro Rúa, 2008a, p. 36) e posteriormente transformado num ninfeu sob domínio romano (*ibid.*, p. 36; Montoro Castillo, 2008, p. 197; Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 149) não dispõe de dados suficientes para que se reconheçam as divindades aí cultuadas, ao contrário da Fonte do Ídolo (BR.01). Nesta fonte-santuário verifica-se a continuidade do culto às entidades autóctones, designadamente Nabia, comprovando o sincretismo entre as sociedades.

4.1.5.3. Fontes

Inseridas na gestão hidráulica das cidades, as fontes detinham uma importância vital ao quotidiano das populações (Acero Pérez, 2019, p. 149), mas não se limitavam à malha urbana. Na realidade, a sacralização da água perpetuou-se além das linhas de muralhas, podendo estar associada a áreas de fixação populacional ou de vias de comunicação.

Frequentemente, a identificação de fontes sagradas na Galécia e na Lusitânia resulta da interpretação de vestígios votivos destinados às entidades aquáticas que revelam o cariz sagrado por detrás dos sítios como são os casos GJ.01 (González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74); RS.02 (Souto Figueroa, 2009, p. 132); VF.01 (Santos Junior & Cardozo, 1953, p. 66; Garibo & Pereira, 2021, p. 548); FC.01 (Ferreira, 1968a, p. 380); DN.01 (Salvado, 2005, p. 120); VV.01 (Vasconcellos, 1895, p. 234).

É indiscutível a presença de um espaço de culto às ninfas em León (LN.01) por conta da presença de um significativo conjunto epigráfico, porém não existem evidências quanto à sua localização, apesar da tendência para defender a existência deste espaço junto da muralha (Morillo Cerdán, 2008, p. 389).

Apesar da escassez de estudos, a adoção de santuários autóctones ou a edificação deste tipo de estruturas não está fora de questão, pois revela, além de uma simbiose religiosa, a essência da crença no espaço urbano e rural, público e privado.

4.2. Técnicas Construtivas

No presente capítulo, serão abordadas as técnicas construtivas utilizadas nos casos estudados que conservam estruturas construídas *in situ*. Todos os outros casos, apesar dos indícios da possível sacralização, não dispõem de dados para reconstituir a possível estrutura cultual, tendo por isso sido excluídos destas considerações.

4.2.1. Paramentos

Terá sido a pedra a matéria-prima de eleição na arquitetura romana (Adam, 2005, p. 22; Alarcão & Barroca, 2012, p. 124), destacando-se a utilização dos granitos, calcários e do mármore¹²⁷.

O precário estado de conservação dos sítios e a escassez de informações não permitem reconhecer os tipos de paramentos e pavimentos aplicados nos casos interpretados da Galécia e na Lusitânia. Mas, em alguns dos casos, são ainda visíveis partes dos aparelhos, observando-se uma tendência na adoção de aparelhos construtivos de grandes dimensões, como o *opus quadratum*¹²⁸, e pequenos aparelhos construtivos, identificando-se o *opus mixtum*, o *opus incertum*, o *opus vittatum*, o *opus latericium* e o

¹²⁷ O mármore foi uma matéria-prima popular a partir do séc. I d.C. por conta do valor estético e prático (Carneiro, 2019a, p. 61; Vilarinho, 2023, p. 995). A popularidade desta matéria na Lusitânia deve-se à existência em Extremoz de um dos centros de extração de mármore (*ibid.*, p. 996; Carneiro, 2019a, p. 67).

¹²⁸ A técnica do *opus quadratum* caracteriza-se pela utilização de blocos pétreos de grandes dimensões que proporciona estabilidade estrutural e monumentalidade (Adam, 2005, p. 199).

*opus testaceum*¹²⁹ (ver Tabela 1). Para assegurar a durabilidade destes últimos seriam aplicados juntamente com o *opus caementicium*¹³⁰.

Casos da Galécia	GJ.01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Aparelhos Construtivos	Não Aplicável ¹³¹	<i>Opus Quadratum</i> ¹³²	<i>Opus Mixtum</i> : <i>Opus Vittatum</i> ; <i>Opus Testaceum</i>	<i>Opus Quadratum</i>	<i>Opus Quadratum</i> ? ¹³³	<i>Opus Quadratum</i> ¹³⁴	<i>Opus Quadratum</i> ¹³⁵
Casos da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Aparelhos Construtivos	<i>Opus Testaceum</i>	<i>Opus Quadratum</i> ¹³⁶ ; <i>Opus Mixtum</i> ; <i>Opus Vittatum</i>	Não Aplicável ¹³⁷	<i>Opus Quadratum</i> ; <i>Opus Incertum</i> ¹³⁸ ; <i>Opus Mixtum</i> ; <i>Opus Vittatum</i>	<i>Opus Quadratum</i> ; <i>Opus Testaceum</i>	Não Aplicável ¹³⁹	<i>Opus Testaceum</i> ; <i>Opus Mixtum</i> ; <i>Opus Vittatum</i>

Tabela 1. Aparelhos Construtivos em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

Neste estudo verificou-se uma tendência para a construção em *opus quadratum*, tendo sido identificados oito casos com esta técnica, com maior recorrência no território da

¹²⁹ O *opus mixtum* combina diferentes aparelhos construtivos com tijolo (Adam, 2005, 277), ao contrário do *opus incertum* que corresponde à face exterior do *opus caementicium*, caracteriza-se pelo seu padrão irregular (*ibid.*, p. 250; Lacerda, 2011, p. 36). O *opus vittatum* consiste na deposição horizontal e uniforme dos blocos, mas raramente é empregue antes do séc. I d.C. (*ibid.*, p. 15; Adam, 2005, p. 267). O *opus latericium* e o *opus testaceum* são técnicas pertencentes caracterizam-se pelo recurso ao tijolo, porém o *latericium* não se conserva *in situ* (*ibid.*, p. 293; Lacerda, 2011, p. 36).

¹³⁰ No âmbito deste estudo, apenas se identifica *opus caementicium* em 7/14 casos: LG.01 (Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 155; Montenegro Rúa, 2011, p. 180; 2016, p. 406; 2018, p. 714); CH.01 (Carneiro, 2016, p. 291; 2017c, p. 19; Costa & Carvalho, 2021, p. 8); CV.01; CV.02 (Reis, 2013, p. 26; Acero Pérez, 2019, p. 139); BJ.01 (Alvárez Martínez, 1977, p. 54; Barrientos Vera, 1996, p. 39; Mateos Cruz *et al.*, 2002, p. 77; Reis, 2010, p. 298; Pizzo, 2015, p. 77); VR.01 (Hauschild & Sarantopoulos, 1996, p. 435); FR.01.

¹³¹ Não é perceptível nenhum aparelho construtivo visto ser uma estrutura escavada na rocha.

¹³² Ríos González, 1999, p. 264; Gutiérrez González, 2013, p. 412; 2018, p. 20.

¹³³ Não existem dados suficientes para confirmar se o aparelho identificado data de época romana ou se é resultado de modificações posteriores na estrutura.

¹³⁴ Informações recolhidas *in situ* junto do Dr. Rui Lopes e do Dr. João Ribeiro, durante as visitas ao local a 21 dez. 2023 e a 7 mar. 2025, respetivamente.

¹³⁵ Informação recolhida na Fonte do Ídolo (observação pessoal, 11 de jan. de 2024).

¹³⁶ Informação recolhida *in situ*, após uma visita ao local a 21 dez. 2024, permitiu identificar os diferentes aparelhos ainda visíveis na estrutura.

¹³⁷ Não são perceptíveis aparelhos construtivos *in situ* visto não se conservarem paramentos na *villa*.

¹³⁸ Na bibliografia do sítio, existem autores que defendem a aplicação do *opus incertum* (Alvárez Martínez, 1977, p. 54)e, numa fase tardia, o *opus vittatum* (*ibid.*, p. 59; Barrientos Vera, 1996, p. 38; Mateos Cruz *et al.*, 2002, p. 77; Pizzo, 2015, p. 35).

¹³⁹ Não são perceptíveis aparelhos construtivos *in situ* visto a estrutura ter sido sujeita a aterro no séc. XIX que levou à sua destruição. Não existem também informações suficientes na bibliografia.

Galécia. Ao contrário do *opus vittatum*, com forte presença no território da Lusitânia, à semelhança do *opus testaceum*, apesar da sua existência num caso galaico (LG.01). Também se registou o *opus signinum*¹⁴⁰, usado como pavimento e/ou revestimento de paramentos. Estas técnicas contribuíram à incorporação de elementos arquitetónicos como arcos¹⁴¹, abóbadas¹⁴², coberturas¹⁴³ e colunas (ver Tabela 2).

Casos de Estudo da Galécia	GJ. 01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável ¹⁴⁴	Arco de Aduelas de Volta Perfeita; Telhado de Duas Águas ¹⁴⁵	Arco de Volta Perfeita em Tijolo; Arco de Ferradura ¹⁴⁶ ; Abóbada de Berço; Colunas	Não Aplicável	Arco de Aduela	Não Aplicável	Não Aplicável
Casos de Estudo da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Elementos Arquitetónicos	Colunas de Tijolos ¹⁴⁷	Arco com Aparelho	Não Aplicável ¹⁴⁸	Não Aplicável	Não Aplicável	Não Aplicável	Não Aplicável

Tabela 2. Elementos arquitetónicos em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

É perceptível uma tendência para a construção de arcos, com maior incidência na região norte, tendo sido identificados em três exemplares (VD.01; LG.01; RS.02), dos quais dois

¹⁴⁰ No âmbito deste estudo, apenas se identifica *opus signinum* em 5/14 casos: LG.01 (Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 156; Montenegro Rúa, 2011, p. 180; 2016, p. 406; 2018, p. 714; Pérez Murado, 2019, p. 72), RS.01 (Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2014, p. 898); BJ.01 (Alvárez Martínez, 1977, p. 55; Barrientos Vera, 1996, p. 31; Mateos Cruz *et al.*, 2002, p. 77; Reis, 2010, p. 298; Pizzo, 2015, p. 35); BJ.02 (Reis, 2010, p. 295); VR.01 (Hauschild, 1992, p. 114; Hauschild & Sarantopoulos, 1996, p. 435).

¹⁴¹ Elemento concebido por aduelas para suportar cargas verticais, podendo criar vários modelos (Alarcão & Barroca, 2012, p. 34), mas foi o arco de volta perfeita o mais popular (Adam, 2005, pp. 338-343).

¹⁴² Elemento arquitetónico concebido pelos etruscos (Adam, 2005, p. 319) que consistia num sistema de cobertura concava, podendo adotar vários modelos (abóbada de canhão; abóbada de berço).

¹⁴³ No âmbito das coberturas, os modelos populares seriam os de duas águas, semelhante a “túmulos de cabana” do séc. VII a.C. (Adam, 2005, p. 422), ou de quatro águas (Alarcão & Barroca, 2012, p. 325). Nos casos estudados apenas dois (VD.01; CH.01) são interpretados como tendo tido telhado de duas águas.

¹⁴⁴ Não é perceptível nenhum elemento construtivo visto ser uma estrutura escavada na rocha.

¹⁴⁵ A conservação deste monumento não nos permite ter a noção se o telhado corresponde ao original, apesar dos estudos apontarem para uma reconstrução (Ríos González, 1999, p. 262; Rojo *et al.*, 2004 citado por González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 76).

¹⁴⁶ Elemento que traduz a influência visigótica no monumento (Barreiro, s.d., p. 5), mas segundo Enrique Montenegro Rúa (2008a, p. 26), pode corresponder a influências provenientes das províncias orientais.

¹⁴⁷ Intervenções arqueológicas registaram um *impluvium* na zona íntima circundado por oito colunas, mas existem duas meias-colunas que adossam lateralmente o ninfeu (Sales, 2007, p. 106).

¹⁴⁸ Não são perceptíveis elementos *in situ* visto não se conservarem paramentos na *villa*.

correspondem a arcos de aduelas. No caso LG.01, para além dos arcos serem produzidos com tijolo, ao contrário dos restantes, foi também identificado um arco de ferradura de construção posterior. São poucos os exemplares que preservam as suas coberturas originais. Neste âmbito apenas foi registada uma abóbada de berço (LG.01). Na Lusitânia apenas dois casos apresentam os estes elementos arquitetónicos originais (CV.01; CV.02), nomeadamente o recurso das colunas (CV.01) e arcos (CV.02).

4.2.1.1. Pavimentos

No âmbito da pavimentação, nos territórios da Galécia e da Lusitânia registou-se uma tendência às composições pétreas que garantiam a estabilidade do solo, podendo ser formado por lajes pétreas, placas de mármore ou *opus musivum* (Adam, 2005, p. 471).

Casos de Estudo da Galécia	GJ. 01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Tipos de Pavimentos	Não Aplicável ¹⁴⁹	Lajes Pétreas ¹⁵⁰	Lajes Pétreas; Pavimento Marmóreo ¹⁵¹	Lajes Pétreas? ¹⁵²	Lajes pétreas ¹⁵¹	Lajes Pétreas ¹⁵¹	Lajes Pétreas
Casos de Estudo da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Tipos de Pavimentos	Lajes Pétreas ¹⁵³	Não Aplicável	Opus Musivum	Não Aplicável ¹⁵⁴	Não Aplicável	Indeterminado ¹⁵⁵	<i>Opus Musivum</i> ¹⁵⁶

Tabela 3. Tipos de Pavimentos em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

Pode-se constatar uma divergência entre os dois territórios (ver Tabela 3). Na Galécia assiste-se à predominância das lajes pétreas (VD.01; RS.01; RS.02; CH.01; BR.01), com

¹⁴⁹ Não é perceptível nenhum tipo de pavimento visto ser uma estrutura escavada na rocha.

¹⁵⁰ Ríos González, 1999, p. 265; González Gutiérrez, 2018, p. 20.

¹⁵¹ Não são perceptíveis os pisos originais, sendo atualmente visíveis lajes pétreas de granito, mas Enrique Montenegro Rúa (2008a, p. 13), constatou que placas de mármore cobriam originalmente o pavimento.

¹⁵² Não é perceptível nenhum tipo de pavimento, nem existem dados suficientes para confirmar se os indícios *in situ* datam de época romana.

¹⁵³ Na área do *impluvium*, o pavimento caracteriza-se pelo *opus musivum*, mas importa salientar que a estrutura designada como ninfeu apresenta um balcão de lajes pétreas calcárias (Sales, 2007, p. 106).

¹⁵⁴ Não existem dados acerca do piso original, no entanto, as intervenções mencionam uma estrutura revestida por placas marmóreas (Barrientos Vera, 1996, p. 39; Reis & Oliveira, 2009, p. 42).

¹⁵⁵ Não existem registos do piso original do tanque que envolvia o templo.

¹⁵⁶ Nenhuma das referências aborda o pavimento desta estrutura, apenas exploram o *opus musivum* num âmbito decorativo.

exceção da Fonte da Mortera (GJ.01), onde não existem evidências, e do Templo de Santa Eulália de Bóveda (LG.01), cujas intervenções revelaram um pavimento granítico com placas de mármore. Na Lusitânia, a conservação destes elementos cria desafios à sua interpretação, porém existe uma tendência para o pavimento com mármore (CV.01) e em *opus musivum* (RM.01; FR.01).

Tal como a pedra, a madeira terá sido um dos materiais essenciais à construção, apesar da escassez de testemunhos em contexto arqueológico. Infelizmente nenhum dos casos de estudo apresentou evidências da utilização deste elemento. No caso do ninfeu de Chaves, investigadores defendem a possível existência de uma porta de madeira na entrada da estrutura (Carneiro, 2015, p. 38; Carneiro, 2017c, p. 20). Esta teoria resulta da presença de negativos nas lajes pétreas localizados na entrada deste edifício.

4.2.1.2. Acabamentos

Citando Jean-Pierre Adam (2005, p. 442), “*The intensive use of masonry and lime mortar could only lead the Romans to combine these techniques, resulting in the standard use of both protective and decorative wall renderings*”.

Nos territórios em estudo, o tratamento das superfícies também evidencia a dicotomia entre funcional-estético, existindo registos da aplicação de diferentes técnicas em espaços cultuais às águas, designadamente acabamentos em reboco (*opus tectorium*). Esta técnica possibilitava a aplicação de acabamentos adicionais (ver Tabela 4), como a pintura¹⁵⁷, o estuque¹⁵⁸ e os mosaicos (*opus musivum*)¹⁵⁹.

Casos de Estudo da Galécia	GJ. 01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Acabamentos	Não Aplicável	Não Aplicável	Reboco; Pintura	Não Aplicável	Não Aplicável	Não Aplicável	Não Aplicável

¹⁵⁷ De acordo com Jean-Pierre Adam (2005, p. 451), as superfícies destinadas à aplicação da pintura eram cuidadosamente revestidas para receber esta técnica, de modo a garantir a sua preservação. Este tipo de pintura designa-se como *fresco*, tópico a abordar no ponto 4.2.2.

¹⁵⁸ Este acabamento refere-se ao tipo de decoração em relevo, executadas com argamassa, que poderiam ser aplicadas em tetos, paredes e pavimentos (Adam, 2005, p. 458).

¹⁵⁹ Composições policromadas feitas a partir de tesselas (*opus tessellatum*), o *opus musivum* seria uma técnica aplicada com frequência nos pavimentos, mas também como elemento de decoração de parede sendo comum em fontes (Adam, 2005, p. 468). Tópico a abordar no ponto 4.2.2.

Casos de Estudo da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Acabamentos	Reboco; Pintura; Estuque ¹⁶⁰ ; Placas de Calcário Branco	Não Aplicável ¹⁶¹	<i>Opus Musivum</i> : <i>Opus Tessellatum</i>	Não Aplicável ¹⁴⁶	Reboco	Não Aplicável	Reboco; <i>Opus Musivum</i> : <i>opus tessellatum</i>

Tabela 4. Tipos de Acabamentos em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

No âmbito dos acabamentos, a Galécia não regista nenhuma técnica de acabamento, com exceção do Templo de Santa Eulália de Bóveda (LG.01) que preserva reboco nas paredes do edifício associado à aplicação de frescos¹⁶². Na Lusitânia, identifica-se igualmente reboco (CV.01; BJ.02; FR.01), em associação com pintura apenas no primeiro caso, onde são visíveis resíduos de pigmentos. Neste território é identificável o recurso ao *opus musivum*, reconhecido em dois casos (RM.01; FR.01), ambos associados a *villae*, e cujos motivos serão discutidos à *posteriori* no âmbito da decoração.

4.2.1.3. Sistemas de Abastecimento

Metaforicamente, Sérgio Carneiro (2017c, p. 22) compara os sistemas hidráulicos com um organismo vivo. Os sistemas são simples, conectados a uma nascente e podiam ser edificados *in situ* ou depender de uma distribuição por canalizações (ver Tabela 5):

Casos de Estudo da Galécia	GJ. 01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Abastecimento	Nascente ¹⁶³	Canalização ¹⁶⁴	Lençol Freático ¹⁶⁵	Nascente ¹⁶⁶	Indeterminado ¹⁶⁷	Canalização	Nascente ¹⁶⁸

¹⁶⁰ Reis & Oliveira, 2009, p. 44.

¹⁶¹ Na sequência da visita ao local não foi possível identificar nenhum tipo de acabamento, no entanto, a observação cuidada do interior da estrutura leva à possível existência de *opus caementicium* com reboco.

¹⁶² Este caso será abordado com mais profundidade nos tópicos 4.2.2.

¹⁶³ González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74.

¹⁶⁴ Estudos recentes apontam para um abastecimento a partir de uma fonte localizada a curta distância (González Gutiérrez, 2018, p. 22; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 76).

¹⁶⁵ Montenegro Rúa, 2005, p. 64; 2011, p. 181; 2016, p. 40; 2018, p. 174.

¹⁶⁶ Não existem informações acerca do abastecimento d' As Burgas, mas, os autores têm defendido que a edificação deste complexo terá sido sobre a nascente (Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013, pp. 100-101; 2014. P. 898; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019, p. 43).

¹⁶⁷ Não existem estudos suficientes para confirmar o abastecimento da estrutura.

¹⁶⁸ Rodríguez Colmenero, 2002, p. 26; Tranoy, 2002, p. 31; Alves, 2006, p. 2; Martins & Ribeiro, 2012, p. 42; Encarnação, 2020b, p. 61.

Casos de Estudo da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Abastecimento	Canalização ¹⁶⁹	Nascente ¹⁷⁰	Indeterminado ¹⁷¹	Aqueduto	Canalização ¹⁷²	Não Aplicável	Canalização ¹⁷³

Tabela 5. Tipos de Sistemas de Abastecimento em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

No âmbito do abastecimento destes edifícios observamos testemunhos dos sistemas de canalização em cinco casos de estudo, mas com uma maior incidência no território na Lusitânia (CV.01; BJ.02; FR.01). Importa referir que estava frequentemente conectado a aquedutos (BJ.01).

Verificam-se igualmente casos em que a sacralização está relacionada com a presença de nascentes *in situ* (GJ.01; LG.01; RS.01; BR.01; CV.01)¹⁷⁴.

4.2.2. Decoração

A arquitetura romana destaca-se no panorama histórico não só pela sua funcionalidade, mas pela estética que reflete a realidade sociopolítica e cultural das províncias romanas (Costa Solé, 2017, p. 358). Era necessário introduzir elementos criativos, explorando a interação sensorial e sagrada de forma envolvente¹⁷⁵ (Carneiro, 2019b, p. 8).

Por vezes, a identificação de elementos estéticos em contexto arqueológico é essencial à interpretação dos edifícios. Na Galécia e na Lusitânia, também a escassez de motivos decorativos *in situ* transforma-se num verdadeiro desafio. Entre a limitada panóplia de

¹⁶⁹ Oleiro, 1992, p. 22; Reis & Correia, 2008, p. 297.

¹⁷⁰ Reis, 2013, p. 26; Coelho, 2016, p. 93; Santos, 2017b, p. 39; Acero Pérez, 2019, p. 139.

¹⁷¹ Não são perceptíveis sistemas de abastecimento no compartimento intitulado como ninfeu na *villa*, um fator que resulta nas várias interpretações desta divisão como espaço lúdico ou religioso.

¹⁷² Álvarez Martínez, 1991, p. 90.

¹⁷³ Hauschild, 1984, p. 141; Teichner, 2008, p. 486.

¹⁷⁴ Visto se ter registado uma alta concentração de espólio votivo associado às nascentes, existe uma possibilidade de existirem outros espaços, mas dos quais não há testemunhos *in situ*.

¹⁷⁵ Mónica Montoro Castillo (2008, pp. 119-120) defende que a decoração contribui à perda do verdadeiro carácter sagrado por detrás dos monumentos: “*Soy de la opinión de que muchas veces la decoración puede estar reñida con el auténtico sentimiento religioso, en el sentido de que un verdadero hecho religioso puede no estar marcado con excesivas muestras externas, ya que el significado es obvio para todos los “creyentes” y no requiere de muchas manifestaciones ni explicaciones*”.

acabamentos, identificaram-se frescos¹⁷⁶, conjuntos escultóricos, folheado e mosaicos (ver Tabela 6).

Casos de Estudo da Galécia	GJ.01	VD.01	LG.01	RS.01	RS.02	CH.01	BR.01
Tipos de Decoração	Não Aplicável	Não Aplicável	Frescos	Não Aplicável	Não Aplicável	Motivo Gravado na Pedra	Conjunto Escultórico
Casos de Estudo da Lusitânia	CV.01	CV.02	RM.01	BJ.01	BJ.02	VR.01	FR.01
Tipos de Decoração	Folheado; Pintura; <i>Opus Musivum</i> : <i>Opus Tessellatum</i> ¹⁷⁷	Não Aplicável	<i>Opus Musivum</i> : <i>Opus Tessellatum</i> ; Conjunto Escultórico	Não Aplicável ¹⁷⁸	Não Aplicável	Não Aplicável	<i>Opus Musivum</i> : <i>Opus Tessellatum</i>

Tabela 6. Tipos de Decoração em Edifícios de Culto às Águas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

Na Galécia, observamos uma pequena variação das preferências decorativas, não se verificando um padrão comum entre casos. Em Lugo (LG.01) foram identificados frescos *in situ* (Montenegro Rúa, 2005, p. 19; 2008b, p. 169; 2016, p. 5; 2018, p. 710; Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 185; Carrocera Fernández, 2016, p. 164) com elementos geométricos¹⁷⁹ e motivos alusivos à fauna e flora (*ibid.*, p. 164; Montenegro Rúa, 2018, p. 709), compondo uma “*sinfonia vegetal*” (Carrocera Fernández, 2016, p. 164). O estado de conservação não permite ter noção da intensidade das cores (Montenegro Rúa, 2018, p. 716), contudo, análises efetuadas nos frescos identificaram um conjunto de pigmentos que incluem vermelho, azul, verde, ocre, entre outros (Blanco-Rotea *et al.*, 2009, p. 187).

¹⁷⁶ Técnica que, de acordo com Jean-Pierre Adam (2005, p. 451), assegurava a longevidade das pinturas. Os pigmentos seriam de origem mineral e aplicados numa mistura de lima e areia (*ibid.*, p. 455).

¹⁷⁷ Conforme indicado na nota de rodapé ¹⁴⁴, na área do *impluvium*, o pavimento caracteriza-se pelo *opus musivum*, no entanto, funciona como elemento decorativo do compartimento onde se insere o ninfeu.

¹⁷⁸ Não são perceptíveis elementos decorativos no local, no entanto, de acordo com José Álvarez Martínez (1977, p. 59) aponta para a possibilidade do *castellum* emeritense ter tido um conjunto escultórico, incluindo a estátua de uma ninfa, apesar do seu paradeiro ser hoje desconhecido.

¹⁷⁹ Cabe enfatizar que existem autores que estabeleceram uma cronologia para o monumento com base nos frescos, interpretando como um ninfeu (Montenegro Rúa, 2008a, p. 32; 2008b, p. 177; 2016, p. 219), ou espaço funerário (Carrocera Fernández, 2016, p. 176).

O ninfeu de Chaves (CH.01) apresenta um motivo decorativo gravado no centro do tímpano, identificado como uma rosácea¹⁸⁰ (Carneiro, 2017c, p. 19; Costa & Carvalho, 2022, p. 8). Por outro lado, a Fonte do Ídolo (BR.01) caracteriza-se pelo seu conjunto escultórico constituído por duas esculturas em alto-relevo gravadas na rocha (Rodríguez Colmenero, 2002, p. 26)¹⁸¹.

Na Lusitânia, por outro lado, observa-se a predominância da aplicação de *opus musivum*, designadamente o *opus tessellatum*. O mosaico, além de prático, era considerado um elemento decorativo (Campos Carrasco *et al.*, 2008, p. 11), geralmente usado em contextos domésticos.

Na Casa dos Repuxos (CV.01), a divisão do *impluvium* com ninfeu¹⁸² é ornamentado por mosaicos geométricos composto por octógonos curvilíneos e cruces fuseladas (Oleiro, 1992, p. 97; Pessoa, 2005, p. 381). Já a estrutura correspondente ao ninfeu é adornada com um folheado e uma ténue pintura na êxedra. Outro caso de estudo que recorre ao *opus tessellatum* é a *Villa Romana de Rio Maior* (RM.01), com a representação de motivos geométricos¹⁸³ (Jorge, 2012, p. 26). Em 1992, sondagens revelaram também

¹⁸⁰ Símbolo comum na gramática decorativa castreja do noroeste peninsular (Carneiro, 2017c, p. 19). A presença de uma rosácea no tímpano de um espaço cultural romano, além de indicar a intensa influência romana no território, defende a adoção de símbolos autóctones. Na igreja românica da Granjinha, a 4,6km de Chaves, existe uma pedra sobre a pia batismal com semelhanças ao tímpano do ninfeu (*ibid.*, p. 20).

¹⁸¹ No lado esquerdo há uma escultura com 1,10m que figura uma personagem trajada com toga (Vasconcellos, 1905, p. 254; Tranoy, 1981, p. 283; 2002, p. 31) cuja identidade suscita dúvidas, sendo a teoria mais consensual de ser Célico Frontão. Estas hipóteses provêm de descrições de Contador de Argote, no séc. XVIII que descreve a estátua como tendo um rosto barbado (*ibid.*, p. 31; Tranoy, 1981, p. 283), contudo, recentemente tem sido interpretada como sendo a representação Nabia. Esta mudança de interpretação deve-se à identificação de uma cornucópia, um símbolo de fertilidade (*ibid.*, p. 283; Rodríguez Colmenero, 2002, p. 26; Tranoy, 2002, p. 31; Morais, 2010, p. 72; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 343). No lado direito do monumento é visível uma segunda escultura, no interior de uma edícula com frontão triangular, onde se identifica um busto masculino (Alves, 2006, p. 1; Rodríguez Colmenero, 2002, p. 26; Tranoy, 2002, p. 31; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 343), cuja inscrição revela a identidade do indivíduo no nicho: «[CEL]ICVS · FRONTO / ARCOBRIGENSIS / AMBIMOGIDVS / FECIT», que se pode traduzir por “*Célico Fronto, oriundo de Arcóbriga, da parentela dos Ambimógidos, fez*” (Rodríguez Colmenero, 2002, p. 26; Tranoy, 2002, p. 31).

¹⁸² De acordo com Maria Pilar Reis e Cristina Oliveira (2009, p. 44), o ninfeu seria decorado por um nicho com semicúpula “*decorada com estuques, não sendo despropositado pensar que a decoração estucada representasse uma concha*”. O atual estado de conservação do ninfeu não permite ter uma perceção ao nível decorativo.

¹⁸³ De acordo com a informação fornecida pelo arqueólogo da Câmara de Rio Maior, Carlos Pereira, a cor intensa existente numa área da divisão resulta do tipo de matéria-prima utilizada no fabrico das tesselas,

uma escultura antropomórfica, designada “Ninfa Fontenária”¹⁸⁴ (*ibid.*, p. 29; Matos, 1993, p. 316; Oliveira, 2003, p. 17), cujas características atribuem-lhe uma natureza sagrada associada à água (Fernandes, 2002, p. 133; Reis & Oliveira, 2009, p. 32; Jorge, 2012, p. 26).

Ao contrário dos casos anteriores, o ninfeu da *Villa Romana* de Milreu, à semelhança do restante complexo arqueológico, apresenta motivos ictiológicos no interior do tanque (Hasuchild, 1984, p. 134; Azevedo, 2008, p. 232; Teichner, 2008, p. 256; Reis & Oliveira, 2009, p. 46) e na fachada da estrutura identifica-se uma fita entrançada (Teichner, 2008, p. 256).

4.3. Oferendas Associadas a Espaços de Culto às Águas

De acordo com José Maria Blázquez (2002, p. 21) e Blanca María Prósper (2009, p. 203), a devoção às águas encontra-se bem documentada no extremo noroeste ibérico através de oferendas, um meio de comunicação com a divindade (Bassani & Fusco, 2016, p. 3; Costa Solé, 2017, p. 76). Às divindades eram feitas promessas em troca de saúde ou em forma de agradecimento face à recuperação de efemeridades¹⁸⁵ (*ibid.*, p. 74; Damas, 1970, p. 25).

atribuindo-lhe um tom ocre vermelho vivo. Existem também motivos conchados localizados nas absides da *villa* que, em par, com a estatuária recuperada, indica um possível culto às águas (Mourão, 2008, pp. 119-120).

¹⁸⁴ Representação de uma jovem reclinada, seminua, acompanhada de um vaso, um “*cantharus*” (Matos, 1993, p. 116; Jorge, 2011, p. 26), elemento característico na representação de divindades aquáticas. Esta descoberta levou os investigadores a defenderem a existência de possível ninfeu na *villa*, contudo esta questão não é consensual na comunidade científica visto faltarem outros indícios característicos de um espaço cultural consagrado às águas no ambiente doméstico (Oliveira, 2003, p. 30).

¹⁸⁵ O *votum* consistia num contrato entre o indivíduo e a divindade (Costa Solé, 2017, p. 69). Enquanto a oferenda diz respeito à entrega de uma dádiva ou serviço – o *damnatus* (*ibid.*, p. 69; Pérez Ruiz, 2018, p. 138), o ex-voto corresponde à sua deposição material após a obtenção do favor solicitado (*ibid.*, p. 138; Costa Solé, 2017, p. 69; Patrício, s.d., p. 1). A fórmula mais comum nos ex-votos epigráficos corresponde a V · S · L · M (*votum solvit libens merito*) (Costa Solé, 2017, p. 69).

Elizabeth Richert (2012, p. 178) resume a relevância destes testemunhos: *“These votive offerings are more than passive artefacts in the archaeological record: they are the material footprint of a symbolic transaction between god and devotee”*. Oferendas votivas na sacralização da água assumiam múltiplas formas, contudo na Galécia e Lusitânia destacaram-se os testemunhos epigráficos, seguido de numismáticos e ex-votos anatómicos (ver Gráfico 1)¹⁸⁶.



Gráfico 1. Número de Oferendas Religiosas Recuperadas em Espaços de Sacralização da Água nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

4.3.1. Testemunhos Epigráficos

Como reflexo da religião, a epigrafia votiva é um dos principais testemunhos de espaços religiosos e a sua análise permite obter informações sobre a natureza sagrada dos sítios (Morillo Cerdán, 2014, p. 125; Costa Solé, 2017, p. 68).

Entre as entidades aquáticas cultuadas no noroeste peninsular (ver Gráfico 2) destacam-se as ninfas¹⁸⁷ (Costa Solé, 2017, p. 43). De acordo com Francisco Díez de Velasco (1985, p. 74) e Enrique Montenegro Rúa (2008b, p. 170), estas entidades foram sendo aceites nas práticas religiosas autóctones. Também a conexão das ninfas a contextos termiais

¹⁸⁶ No Gráfico 1, a categoria “Outros” agrega os testemunhos identificados em três sítios distintos (RS.01, FC.01 e BJ.01), consolidando dados que não se enquadram nas demais classificações. Dizem respeito ao camafeu (RS.01), às pedras votivas (FC.01) e ex-votos de bronze (BJ.01).

¹⁸⁷ As invocações às ninfas tornaram-se predominantes a partir do séc. II d.C. ao séc. III d.C. (Gomes, 2015, p. 94), assumindo diferentes grafias: *“Nimphis, Nymphis, Nymfis, Ninphis, Nimpis”* (Blásquez & García-Gelabert, 1992, p. 28). A análise de testemunhos consagrados às ninfas também verificou uma conexão de epítetos às localidades: *Nymphae Varcilena, Lupiana, Caparenses, Griselicæ* (Rogers, 2015, p. 286).

(Díez de Velasco, 1985, p. 74; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 28) contribuiu à fácil aceitação destas entidades romanas.

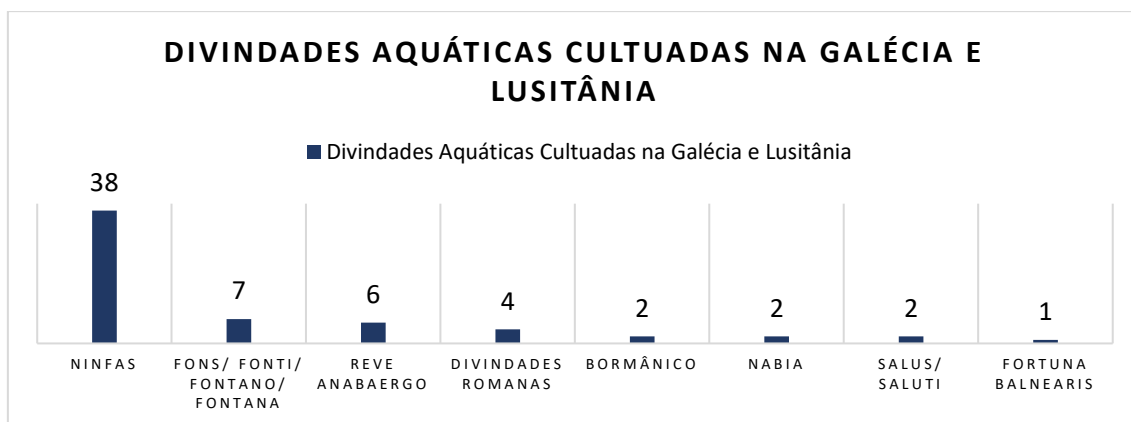


Gráfico 2. Número de Testemunhos Epigráficos Consagrados a Divindades Aquáticas nos Territórios da Galécia e na Lusitânia

Encarnación Óro Fernández (1996, p. 104) refere que é da Galécia que provêm o maior número de inscrições às ninfas, porém, isso não implica que não haja invocações a estas entidades na Lusitânia. Em Baños de Montemayor¹⁸⁸ registou-se um amplo número de inscrições consagradas às *Nymphae Caparenses*¹⁸⁹ (Rodrigo & Haba Quirós, 1992, pp. 356-357; Blázquez, 2002, p. 23; Haba Quirós & Rodrigo López, 2009, p. 274), enquanto que no atual território português este culto parece menos comum, registando-se apenas na região do Alentejo (Caessa, 1990, p. 147).

Num panorama geral, as oferendas registaram também a invocação de outras deidades do panteão romano, apesar deste registo ser mais esporádico. Neste sentido, registou-

¹⁸⁸ Este caso (CC.01) não está incluído no corpo de texto, mas foi explorado no Anexo III por meio de uma tabela, permitindo uma análise de um hipotético espaço cultural consagrado às águas.

¹⁸⁹ Entidades sobrenaturais às quais eram atribuídas as virtudes terapêuticas das águas termais de Baños de Montemayor (Vargas Calderón, Mateos Molinero & Aparicio Martínez, 2007, p. 556; Mathieu-Colas, s.d., p. 20, Álvarez Martínez, 2020, p. 14). No mesmo local foi encontrada um ex-voto consagrado a *Salus*. Ver Catálogo de epígrafes: EP.CC19.

se o culto a *Fons*¹⁹⁰; Mercúrio¹⁹¹; Neptuno¹⁹²; Esculápio¹⁹³; *Salus*¹⁹⁴; *Fortuna Balnearis* e os *Lares*. O sincretismo religioso introduzido nas províncias resultou ainda na contínua devoção das entidades autóctones, incluindo *Reve Anabaerego*; Bormânico¹⁹⁵; *Nabia*; e *Igaedo*¹⁹⁶. O culto de deidades autóctones não se manteve apenas nas comunidades locais visto que “*temos alguns casos de veneração de divindades luso-galaicas por colonos ou cidadãos romanos*” (Alarcão, 2018, p. 243). A epigrafia testemunha a relação aos contextos termais: “*Las divinidades termales son muy resistentes al cambio, por lo tanto son un buen índice para atisbar algunos rasgos del pasado de una sociedad*” (Díez de Velasco, 1985, p. 78).

¹⁹⁰ Personificação da fonte. De acordo com Francisco Díez de Velasco (1985, p. 75) tem caráter duplo visto se tratar de uma divindade com variantes autóctones, podendo assumir os epítetos de *Fonti*, *Fontano* ou *Fontana*. Seria em honra de *Fons* que se dava o festival da Fontinália (Grimal, 1990, p. 155). Ver catálogos de epígrafes: EP.LN1; EP.LN6; EP.CH4; EP.CC16; EP.RC1; EP.VV1; EP.FN2.

¹⁹¹ Deus Mensageiro (= Hermes) (Grimal, 1990, p. 271). Divindade associada à medicina, em S. Pedro do Sul assume cariz termal através do epíteto *Aguaecus* (Encarnação, 1987, p. 27; Díez de Velasco, 1998, p. 113; 2008, p. 466; Fernandes, 1999, p. 148; Carriço, 2013, p. 85). Ver catálogo de epígrafes: EP.SPS1.

¹⁹² Deus dos Mares (= Poseidon) (Grimal, 1990, p. 291). Seria em honra de Neptuno que se dava o festival da Neptunália (*ibid.*, p. 291). “*Numa cidade do interior, o culto a Neptuno parece não ter explicação. Mas Neptuno poderia ter sido aqui adorado como uma divindade genérica das águas*” (Alarcão, 2002-2003, p. 160; 2004, p. 212; Fernandes, 2002, p. 131; Encarnação, 2006, p. 280; Reis & Oliveira, 2009, p. 28). José Vasconcellos (1913, p. 250) sugere que se refere provavelmente às festas em honra de Neptuno. Ver catálogo de epígrafes: EP.LV1.

¹⁹³ Deus da Medicina (Díez de Velasco, 1985, p. 76; 1998, p. 108; Grimal, 1990, p. 62; Blásquez & García-Gelabert, 1992, p. 29; Morillo Cerdán, 2008, p. 386; Cumurciuc, 2011, p. 207). A relação entre as águas e Esculápio está bem documentado através dos santuários no mundo greco-romano, estando associado à purificação (*ibid.*, p. 208). Segundo Maria Pacheco (2007, p. 261), “*Curioso é o testemunho de Pausânias ao afirmar que os templos de Esculápio, os primeiros berços da Medicina, foram construídos sempre nas proximidades das fontes termais*”, questão reforçada por Andrea Cumurciuc (2011, p. 208), “*The chosen place must be rich in springs, preferably thermal or mineral ones, must be situated outside the settlements, because of hygienic reasons, and if possible near woods, or on high platforms, where the clean air could help heal certain diseases*”. Ver catálogo de epígrafes: EP.LN4.

¹⁹⁴ Deusa da Saúde (= Hígia) (Grimal, 1990, p. 392). Na Hispânia, *Salus* surge exclusivamente associada a águas medicinais utilizadas em contexto termal (Díez de Velasco, 1985, p. 76; 1998, p. 108; Blásquez & García-Gelabert, 1992, p. 29; Morillo Cerdán, 2008, p. 386). Ver catálogo de epígrafes: EP.LN4.

¹⁹⁵ Divindade autóctone (≈ Esculápio/ Apolo) (Vasconcellos, 1984, p. 17; García Martínez, 1995, p. 3; Oró Fernández, 1996, p. 93). Deus protetor das águas termais quentes e curativas (*ibid.*, p. 91; Tranoy, 1981, p. 269; Díez de Velasco, 1985, p. 72; 2017, p. 127) associado ao efeito de águas borbulhantes (Sarmiento, 1878, p. 2; Damas, 1970, p. 29; Díez de Velasco, 2010, p. 153; 2016, p. 45). Na Galécia, Bormânico surge como o génio tutelar das águas vizelenses (Vasconcellos, 1984, p. 18; Encarnação, 1970, p. 220; García Martínez, 1995, p. 3; Olivares, 2003, p. 303; Queiroga, 2013, p. 183). Ver catálogo de epígrafes: EP.VZ1; EP.VZ2.

¹⁹⁶ Divindade tutelar dos *Igaeditani* (Encarnação, 1984, p. 35; Olivares, 2003, p. 302; Alarcão, 2009, p. 114; Carneiro, 2012a, p. 560) e mananciais mineromedicinais (Oró Fernández, 1996, p. 97; Ferreira, 2022a, p. 44). Ver catálogo de epígrafes: EP.DN1.

Para além dos deuses romanos e autóctones, veneraram-se na Lusitânia e na Galécia os deuses orientais com relação às águas, designadamente Serápis-Ísis¹⁹⁷ (Alarcão, 2018, p. 244).

4.3.2. Outros Testemunhos (Numismáticos & Ex-Votos Anatómicos)

O costume de lançar moedas às fontes não é exclusivamente contemporâneo e resulta sim de um costume com origens históricas associado ao culto das águas (Teixell Navarro, 2018, p. 121). Extremamente popular em época romana (Costa Solé, 2017, p. 70), esta tradição permite aos investigadores identificar oferendas monetárias *in situ*, junto das nascentes, indiciando um cariz sagrado destes locais (Frade & Moreira, 1992, p. 516).

As moedas eram lançadas às divindades protetoras¹⁹⁸ (*ibid.*, p. 516; Vasconcellos, 1913, p. 261). A maioria dos achados é interpretada como sendo moedas de baixo valor, feitas de bronze como asses ou dupôndios (Abad Varela, 1992, p. 138; Teixell Navarro, 2018, p. 126), porém, são igualmente encontrados sestércios ou moedas de prata e ouro (Abad Varela, 1992, p. 138). À semelhança dos ex-votos epigráficos, são as ninfas as divindades mais agraciadas com as oferendas monetárias (*ibid.*, p. 179).

Os ex-votos anatómicos têm origem etrusca, porém terão sido amplamente difundidos desde época romana até à atualidade (Óro Fernández, 1996, p. 88). São representações anatômicas depositadas próximo de nascentes ou santuários consagrados a divindades associadas à medicina, para expressar gratidão pela recuperação ou em busca da cura para dada enfermidade (*ibid.*, p. 88; Vasconcellos, 1913, p. 261; Pérez Ruiz, 2018, p. 139).

No território em estudo este género de oferendas é escasso (*ibid.*, p. 139), tendo apenas sido registados cerca de 600 ex-votos anatómicos em Baños de Montemayor (Díaz y Pérez, 1880 citado por Rodrigo & Haba Quirós, 1992, p. 359; Díez de Velasco, 1998, p. 37; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 214). Citando Nicolás Díaz y Pérez (citado por

¹⁹⁷ Deus dos Mortos (= Hades) (Grimal, 1990, p. 167) / Deusa Egípcia da Fertilidade (= Demeter) (*ibid.*, p. 226). O culto Serápis-Ísis, na Península Ibérica, surge relacionado ao cariz medicinal (Díez de Velasco, 1985, p. 76; 1998, p. 118; Blásquez & García-Gelabert, 1992, p. 40). Ver catálogo de epígrafes: EP.LN4.

¹⁹⁸ Segundo Encarnación Óro Fernández (1996, p. 27), o ato de lançar moedas possuía uma expressão, “*stipem*” ou “*stipes jacere*”, contudo, o significado mais comum de “*stips*” (moeda pequena) corresponde a uma oferenda monetária à divindade (*ibid.*, p. 89; Vasconcellos, 1913, p. 261; Abad Varela, 1992, p. 136; Teixell Navarro, 2018, p. 128).

Rodrigo & Haba Quirós, 1992, p. 359), “Entre los ex-votos abundaban pies, manos, brazos, piernas y pechos de tamaño natural”.

5. Discussão

Ao longo do presente capítulo serão discutidas problemáticas identificadas ao longo da presente dissertação, incluindo os desafios terminológicos do termo *nymphaeum* (1), procurando compreender eventuais obstáculos à sua interpretação. Seguidamente, procurar-se-á explorar as similitudes e diferenças na sacralização da água na Galécia e na Lusitânia (2), e ainda estabelecer paralelos entre os ninfeus, tanque e fontes sagradas e outros monumentos de culto às águas identificados no contexto do Império Romano (3). Adicionalmente, será abordada a relação dos *castella aquae* com a sacralização da água destinada ao abastecimento das populações (4). Por fim, serão discutidas as transformações verificadas nestes espaços culturais decorrentes da introdução do cristianismo no extremo ocidente peninsular (5).

5.1. Desafios Terminológicos do Termo *Nymphaeum*

A complexidade associada à verdadeira natureza do termo *nymphaeum* coloca um conjunto de desafios que remontam ao século XX, período durante o qual estes monumentos foram, de forma generalizada, interpretados como fontes públicas monumentais (Aristodemou, 2014, p. 523; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74). Esta leitura afastou-se significativamente do sentido original do termo (ibid., p. 74; Rogers, 2015, p. 60). A escassez de fontes clássicas contribuiu igualmente para a dificuldade em esclarecer esta problemática (Montoro Castillo, 2008, p. 26), originando frequentemente a classificação genérica de “ninfeu” para diversas estruturas hidráulicas, em contextos tanto urbanos como rurais, por todo o Império Romano.

Neste contexto, importa sublinhar que a presente dissertação aborda esta temática com base no conceito original greco-latino “νυμφαειον/ *nymphaeum*” (ibid., p. 11), entendido como um espaço cultural consagrado às ninfas (Rogers, 2015, p. 45; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 74), posteriormente associado também a

outras divindades aquáticas. A complexidade do termo intensifica-se com a consideração das formas latinas *nymphaeum* e *nymphaea*.

A forma plural *nymphaea* poderá ter contribuído para ambiguidades interpretativas em épocas mais recentes. Em botânica, *nymphaea* designa um género de plantas aquáticas pertencentes à família das *Nymphaeaceae* (Kiranmai, Sandhyarani & Tiwari, 2023, p. 226), vulgarmente conhecidas como nenúfares¹⁹⁹. A semelhança terminológica entre o nome científico e o termo arquitetónico poderá ter motivado interpretações erróneas dos ninfeus enquanto lagos ornamentais de nenúfares. Esta confusão é evidente, por exemplo, em estudos como o de Virgílio Hipólito Correia (2006, p. 19): “*Hypothetical reconstruction of the water lily pond and private peristyle of the Fountain House*”, ou na investigação sobre a *Domus Septem Parthorum* (Barone *et al.*, 2015, p. 21), onde se descreve um ninfeu como um “grande lago de nenúfares”: “*The earliest buildings date to the middle of the third century AD and consist of a large lily pond (nymphaeum)*”.

Embora a abordagem clássica do conceito “*nymphaeum*” seja amplamente aceite, esta dissertação propõe uma leitura própria, fundamentada nos dados recolhidos na literatura especializada. Destaca-se, neste sentido, a relevância das questões etimológicas que sustentam a perspetiva adotada.

Assim, parte-se do entendimento original de “*νυμφαῖον*” como espaço sagrado de culto às ninfas, frequente no mundo helenístico. A semelhança fonética entre “*νυμφαῖον*” e o latim *nymphaeum*, derivado de “*nymphae*” (= “*lympa*”), reforça a natureza religiosa destes espaços. Desta forma, nesta dissertação, os ninfeus são estruturas de cariz cultural dedicadas às ninfas, amplamente difundidas no contexto romano. Excluem-se, por conseguinte, os monumentos designados como *nymphaeum* que se destinavam exclusivamente a funções públicas, monumentais ou lúdicas.

¹⁹⁹ Os nenúfares são plantas aquáticas pré-históricas, havendo indícios em Portugal no período Mesozoico (Kiranmai, Sandhyarani & Tiwari, 2023, pp. 226-227), caracterizadas pelas folhas flutuantes, flores e pelas suas propriedades medicinais. (*ibid.*, p. 226).

5.2. As Características da Sacralização da Água na Galécia e Lusitânia

O estudo da sacralização da água nos territórios correspondentes à Galécia e Lusitânia permitiu identificar elementos fundamentais para a compreensão destas regiões no contexto religioso do mundo romano, revelando características específicas e distintas no tratamento simbólico e cultural da água. A Galécia, incorporada tardiamente no Império Romano, preservou diversos traços de tradições autóctones, mesmo após a introdução dos valores e práticas religiosas romanas (Costa Solé, 2017, p. 45). Neste território manteve-se uma profunda ligação à natureza, sendo a água concebida como elemento estruturante da paisagem sagrada (Rodríguez Míguez, 2001, p. 54). Esta incorporação contribuiu para o desenvolvimento de um sincretismo religioso particular, visível na adaptação de antigos espaços autóctones ao culto, bem como na veneração simultânea de divindades locais e romanas.

Na Lusitânia observa-se uma expressão mais fortemente romanizada na edificação de ninfeus, tanques e fontes sagradas. Esta realidade pode ser explicada pela presença romana mais intensa e precoce na zona, ainda que o número de exemplares conhecidos seja reduzido (Reis & Oliveira, 2009, p. 41). Neste território, os cultos relacionados com a água tendem a ser associados a divindades romanas, o que revela uma maior adesão às formas religiosas imperiais.

Apesar destas diferenças, verifica-se um elemento comum entre as regiões: a associação entre a sacralização da água com espaços termais. Acreditava-se nas propriedades terapêuticas e sobrenaturais das águas (Sánchez Lomba, 2014, p. 249) o que levou à criação de espaços de culto junto a complexos termais (Oró Fernández, 1996, p. 85; Montoro Castillo, 2008, p. 21; Carriço, 2013, p. 84; Bassani & Fusco, 2016, p. 6; González Soutelo, 2019, p. 168). Esta realidade é comprovada pela significativa quantidade de oferendas votivas identificadas em contexto termal, desde a Galécia até à Lusitânia (Fernandes, 2002, p. 135). A persistência desta relação entre água, saúde e sacralidade atesta o conhecimento empírico das comunidades locais sobre as propriedades benéficas das águas termais. Embora o culto religioso da água tenha desaparecido, o reconhecimento das suas qualidades terapêuticas perdura até à atualidade.

5.3. Paralelos com outras Zonas do Império Romano

Ao longo do período imperial romano, foram construídos numerosos ninfeus, tanques e fontes sagradas que, embora partilhem determinadas características formais e funcionais, apresentam também traços distintos, refletindo as dinâmicas socioeconómicas locais e as diferentes influências culturais a que estavam sujeitos. A identificação de paralelos entre os espaços cultuais consagrados à água nos diversos territórios do Império revelou-se um exercício exigente, dada a diversidade tipológica, funcional e contextual. Ainda assim, foi possível estabelecer algumas afinidades significativas entre os casos estudados e outros exemplares do universo romano (cf. Tabela 7).

Casos de Estudo	Paralelos mais próximos identificados	Observações
GJ. 01	Ninfeu de Gruta de Kafizin Kafizin, Chipre	Gruta dedicada às ninfas (Fig. 37). Intervenções realizadas no local revelaram um extenso conjunto de fragmentos cerâmicos com inscrições às ninfas, datados do séc. III a.C. (Jim, 2012, pp. 9-10).
VD.01	Ninfeu <i>Ad Edicola</i> da Casa da Fonte Pequena Pompeia, Itália	Ninfeu doméstico cuja arquitetura se assemelha ao caso de Oviedo (Fig. 38) (Ríos González, 1999, p. 270; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021, p. 77).
LG.01	Ninfeu da <i>Villa</i> Romana de Cupra Marittima Cupra Marittima, Itália	Arquitetura remete aos ninfeus de câmara com planta retangular abobadada, uma abside semicircular com arco de tijolo, nichos laterais e piscina central. Nas paredes ainda são visíveis frescos com representações marinhas (Fig. 39) (Frapiccini et al., 2015, pp. 141-142).
RS.01	Santuário Ritrovato San Casciano dei Bagni, Itália	Santuário etrusco-romano edificado próximo a nascentes termais. Intervenções arqueológicas revelaram uma piscina sagrada onde eram depositadas oferendas (Fig. 40) (Tabolli, 2023, pp. 2-4).
RS.02	–	Não existem paralelos ao monumento visto que atualmente este caso parece ter sido alvo de transformações posteriores a época romana.
CH.01	Termas de <i>Fordingianus</i> Sardenha, Itália	Complexo termal cujas intervenções arqueológicas revelaram um conjunto de inscrições às ninfas, resultando na identificação de um ninfeu associado ao balneário. Segundo A. Taramelli (1982, p. 18, citado por Carneiro, 2017c, p. 21) existia um ninfeu de êxedra semicircular no exterior do complexo, mas, estudos mais recentes apontam para um estabelecimento no interior do mesmo (Fig. 41) (Fabio et al., 2020, p. 146).

BR.01	Templo de <i>Icovellauna</i> Metz, França	Santuário consagrado à deusa autóctone <i>Icovellauna</i> , divindade associada à água. Localizar-se-ia próximo do aqueduto de Gorze (Witt, 2013, p. 94) (Fig. 42).
CV.01	Ninfeu <i>Ad Edicola</i> da Casa da Fonte Grande Pompeia, Itália	O estado de conservação do ninfeu da Casa dos Repuxos não permite estabelecer um paralelo concreto, mas insere-se nos <i>nymphaea</i> domésticos (Fig. 43).
CV.02²⁰⁰	Templo da Água Zaghuan, Tunísia	Ninfeu monumental semicircular associado com o aqueduto de Cartago (Fortes, 2008, p. 455) (Fig. 44).
RM.01	–	Não é possível estabelecer um paralelo direto visto que o caso de estudo não apresenta testemunhos <i>in situ</i> relevantes. No entanto tratar-se-ia de um ninfeu doméstico, à semelhança do que ocorre noutras províncias.
BJ.01	Ninfeu de Trajano Éfeso, Turquia	Planta em U semelhante a ninfeus monumentais documentados no Império Romano. A diferença reside nas dimensões modestas da estrutura (Fig. 46) (Barrientos Vera, 1996, p. 40).
BJ.02	Templo do Fórum de Óstia Óstia, Itália	Não existem muitas evidências <i>in situ</i> desta prática, mas existe uma tendência para defender a presença de tanques associados aos templos de culto imperial à escala do Império Romano (Fig. 47) (Pensabene, 2004, p. 185).
VR.01		
FR.01	Casa dell'Orso Ferito Pompeia, Itália	O estado de conservação não permite estabelecer um paralelo concreto, mas insere-se nos <i>nymphaea</i> domésticos pompeianos (Fig. 48) (Hauschild, 1984, p. 143).

Tabela 7. Paralelos em outras zonas do Império Romano de Edifícios de Culto às Águas

5.4. A Sacralização dos *Castella Aquae* como Pontos de Distribuição de Água

Segundo Jean Claude Litaudon (2004, p. 73), a presença de um edifício monumental ou cultural associado a um aqueduto não seria obrigatória. No entanto, sempre que exista uma construção complementar, importa analisar a relação entre ambas as estruturas, atendendo à sua funcionalidade e simbologia (Leveau, 2004, p. 127).

²⁰⁰ De acordo com informações fornecidas pelo Dr. Virgílio Correia via e-mail a 11.06.2025 não existem paralelos conhecidos para o *castellum* de Alcabideque. Segundo o arqueólogo, este talvez seja a única *arca aquae* conservada no Ocidente do Império.

Tendo em consideração a importância simbólica da água na cultura romana, é compreensível que os *castella aquae* fossem revestidos de conotação religiosa no contexto provincial romano. A edificação de ninfeus em pontos estratégicos, como os locais de captação, chegada ou redistribuição da água dos aquedutos urbanos, pode ser interpretada como uma expressão da sacralidade atribuída à água. Esta prática poderá, inclusivamente, refletir uma estratégia simbólica destinada a preservar o carácter sagrado das águas subterrâneas (Reis, 2010, p. 288; Álvarez Martínez, 2020, p. 33).

Neste contexto, Jaime Muñoz Garrido (2002, p. 411) propõe a designação “ninfeu-depósito” para estruturas que integrariam simultaneamente a nascente e o aqueduto, como se verifica no caso de Alcabideque (CV.02). Segundo o autor (*ibid.*, p. 411), tais construções seriam consagradas simultaneamente às ninfas, enquanto entidades responsáveis pelas águas, e ao Imperador, como promotor do seu aproveitamento. Contudo, conforme demonstrado nesta dissertação, esta conotação sagrada não se restringe aos pontos de captação ou origem das águas, podendo também verificar-se em estruturas situadas nos pontos de chegada à cidade, como no caso de Mérida (BJ.01).

5.5. A Cristianização de Espaços de Sacralização da Água

Originário da Judeia (at: Palestina), no séc. I d.C., o Cristianismo consolidou-se como uma religião monoteísta num contexto predominantemente politeísta²⁰¹. A partir do séc. IV d.C., Roma flexibilizou a atitude quanto à nova doutrina, concedendo maior liberdade religiosa (Carvalho, 2017, p. 353) até ser reconhecida como a religião do Império.

Dissipada a ideia da completa extinção da prática banhar/termal, o Cristianismo trouxe várias interpretações do culto da água²⁰² (Pinto, 2013, p. 12). Com a cristianização da Península Ibérica, a sacralização da água foi severamente condenada resultando na demonização das suas divindades (Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 29;

²⁰¹ Representativo de uma ameaça à identidade romana, Diocleciano decreta o Édito da Perseguição (297), “defendendo a religião Imperial (pagã), contra as novas crenças” (Carlan, 2013, p. 70).

²⁰² Segundo o abade Francisco Manuel Alves (citado por Catana, 2007, p. 15), “A Igreja não só cristianizou os loca sacra com capelazinhas e cruzeiros, mas também aproveitou habilmente a devoção pagã, canalizando-a no sentido cristão”.

Velásquez Sorieno & Ripoll López, 1992, p. 568; Díez de Velasco, 2016, p. 60). Opositora ao termalismo, a Igreja reposicionou-se afirmando que estas águas eram terapêuticas, sendo reinterpretadas “*águas santas*” (Bernardes, 2015, p. 3; Trindade, 2015, p. 211). Esta nova leitura levou à edificação de espaços de culto cristão sobre antigos locais de sacralização pagã, prática que levou diversos autores a defender que os ninfeus, fontes e nascentes romanas foram progressivamente cristianizados (Gutiérrez González, 2018, p. 31).

Com efeito, vários espaços romanos consagrados à água foram adaptados ao culto cristão, passando a estar sob a invocação de santos e mártires (*ibid.*, p. 31; Velásquez Sorieno & Ripoll López, 1992, p. 566; Montoro Castillo, 2008, p. 218; Pérez Murado, 2019, p. 68), como em Lugo (LG.01) (Oró Fernández, 1996, p. 135; González Soutelo, 2012, p. 83), no Santuário de Nossa Senhora do Almortão (DN.01) e em Santa Marta (RC.01). Também em Milreu (FR.01), o antigo santuário romano foi convertido em espaço cristão (Teichner, 1993, p. 91; 2006, p. 212).

A água continuou a desempenhar um papel central nos rituais cristãos, e a própria Igreja Católica incorporou as fontes e nascentes numa lógica de religiosidade popular: “*a própria Igreja Católica envolve as fontes num manto a que a religiosidade não é alheia*” (Encarnação, 2020b, p. 66). Essa continuidade simbólica é ainda visível na toponímia, com designações como “Fonte Santa” e/ou “Fonte da Moura”²⁰³ (Vasconcellos, 1895, p. 313; 1896, p. 251; Braga, 1946, p. 68; Santos Junior & Cardozo, 1953, p. 56). Assim, a persistência da sacralidade da água em determinados locais reflete uma continuidade histórica e cultural em torno do culto das águas, apesar da transformação do enquadramento religioso.

²⁰³ “Muitas «fontes de Moiros» e quejandas, que a tradição teima em não deixar esquecer, remontam provavelmente à época em que Bormânico tinha altares em sua honra (...) Assim, se os Deuses antigos da água eram Bormos e Bormânico, quando o povo apelida muitas fontes de Fonte da Moira e Fonte da Velha, são paralelos de relação que se encontram. Em muitas outras já o Bormos, o Bormânico, a Moira e a Velha nos aparecem com a cristianização verdadeiramente acentuada, sobretudo nas Fontes Santas” (Braga, 1946, pp. 63-68).

Considerações Finais

A partir das problemáticas expostas ao longo deste estudo sobre a sacralização das águas no ocidente peninsular, foi possível desenvolver reflexões relevantes sobre a edificação de espaços com conotação sagrada (ninfeus, tanques e fontes) nestes territórios.

Durante a realização deste estudo foram analisados trinta e três casos localizados nas áreas em estudo, possibilitando a ampliação do debate sobre a sacralização das águas numa zona periférica do Império. Apesar da escassez de estudos dedicados especificamente a esta temática nestas províncias, identificaram-se catorze casos com testemunhos preservados *in situ* que evidenciam uma conotação sagrada da água, enquanto os restantes dezanove casos apresentam uma interpretação ainda em aberto. A análise comparativa entre os territórios revelou uma distribuição relativamente equilibrada: dezasseis casos na Galécia (dos quais sete com testemunhos *in situ*) e dezassete na Lusitânia (dos quais sete *in situ*). Estes dados sublinham a relevância da sacralização da água no mundo provincial, refletindo não apenas a adoção de padrões romanos, mas também as especificidades regionais no modo como esses espaços eram concebidos e utilizados.

Não obstante, observam-se diferenças significativas entre as duas províncias, tanto ao nível da tipologia dos espaços, como do contexto cultural e das divindades associadas.

Na Galécia, destaca-se uma forte relação entre a sacralidade da água e os mananciais termais, o que sugere a persistência de tradições autóctones e a valorização do carácter terapêutico destas águas. Verifica-se também a continuidade do culto a divindades locais, frequentemente integradas no panteão romano, bem como uma significativa presença de dádivas votivas dirigidas às ninfas. Na Lusitânia, o cenário altera-se profundamente com a identificação de espaços cultuais em contexto urbano e doméstico. Ainda que existam áreas termais conhecidas, estas tendem a estar integradas em *domus* e *villae*, refletindo uma apropriação mais romanizada da sacralidade da água. Este estudo permitiu ainda identificar possíveis relações entre

ninfeus, tanques, fontes sagradas e estruturas hidráulicas como os *castella aquae*, nomeadamente em Conímbriga e Mérida.

A escassez de testemunhos *in situ* não limitou a análise dos casos. Na realidade, em muitos destes, a interpretação enquanto espaço de culto é sustentada essencialmente por oferendas votivas.

A escassez de estudos prévios sobre a sacralização da água em época romana, aliada à fragmentação da bibliografia, às divergências entre autores e à limitada acessibilidade a algumas fontes, constituiu um dos principais desafios desta investigação. A própria definição do termo *nymphaeum* tem sido alvo de debate desde o século XX, oscilando entre uma conceção funcional (como fonte monumental pública) e uma conceção religiosa, que remonta à sua origem etimológica ligada ao culto das ninfas e à sacralização da água. Nesta dissertação optou-se por adotar uma definição original, considerando o *nymphaeum* como um espaço tipologicamente concebido para a consagração das águas, distinguindo-o de estruturas meramente utilitárias.

As limitações apontadas nesta investigação demonstram a necessidade de aprofundar o estudo da sacralização da água em contexto romano, sobretudo na periferia ocidental do Império. Perspetivas futuras poderão beneficiar de uma abordagem sistematizada e interdisciplinar, integrando contributos da arqueologia, história, história das religiões, teologia, antropologia e até das ciências naturais, de modo a enriquecer a análise destes espaços e a sua interpretação. Torna-se também imprescindível o desenvolvimento de novos projetos de investigação que reavaliem os sítios identificados, bem como a publicação e divulgação de novos dados.

Perspetivas futuras desta investigação apontam para a necessidade de uma abordagem mais aprofundada sobre esta temática. Esta carência torna-se mais clara com a limitação de acesso e escassez de literatura na região em estudo. Também a falta de dados associados às construções consagradas às águas neste território carece de uma pesquisa sistematizada deste tipo de infraestrutura. Além disso, a expansão do estudo de espaços de sacralização da água na faixa atlântica através de colaborações interdisciplinares com áreas das ciências e das humanidades para ampliar a compreensão dos casos

mencionados nesta dissertação, e futuros outros, numa região, promovendo uma discussão abrangente sobre a temática.

A presente dissertação termina com uma reflexão que se impõe: a água revela-se mais do que um recurso natural com função prática e económica, é um símbolo importante na mitologia e nas manifestações religiosas frequentemente associada a uma natureza purificadora. A sua sacralização, materializada na edificação de ninfeus, tanques e fontes sagradas, bem como na deposição de oferendas votivas, revela uma profunda relação simbólica entre as comunidades e este elemento natural, relação essa que atravessa o tempo e se reflete, ainda hoje, em práticas culturais e religiosas que lhe continuam a atribuir um carácter especial.

Referências Bibliográficas

- Abad Varela, M. (1992). La moneda como ofrenda en los manantiales. *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, 133-194. <https://doi.org/10.5944/etfii.5.1992.4189>
- Acero Pérez, J. (2019). O ciclo urbano da água no Portugal romano. *Anais Leirienses – estudos & documentos*, 4, 137-168.
- Adam, J. P. (2005). Roman Building. Materials and Techniques (A. Mathews, Trad.). Routledge.
- Agusta-Boularot, S. (2001). Fontaines et fontaines monumentales en Grèce de la conquête romaine à l'époque flavienne: permanence ou renouveau architectural?. In J. Marc & J. Moretti (Eds.), *Constructions publiques et programmes édilitaires en Grèce entre le IIe siècle av. J.-C. et le Ier siècle ap. J.-C.: Actes du Colloque organisé par l'Ecole française d'Athènes et le CNRS*, maio 14-17, 1995, Atenas (pp. 167-236). Bulletin de Correspondance Hellénique.
- Alarcão, J. (1992). A Evolução da Cultura Castreja. *Conimbriga*, 31, 39-71. <https://hdl.handle.net/10316.2/45508>
- Alarcão, J. (2002-2003). A splendidissima civitas de Bobadela (Lusitânia). *Anas*, 15-16, 155-180.
- Alarcão, J. (2004). Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – II. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(2), 193-216.
- Alarcão, J. (2012). Ninfheu. In J. Alarcão & M. Barroca (Eds.), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa* (p. 252). Figueirinhas.
- Alarcão, J. (2018). *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II A. C. ao séc. VI*. Imprensa Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1479-3>
- Álvarez Martínez, J. (1973). Alange y sus termas romanas. *Revista de estudios extremeños*, 29(3), 445-524.
- Álvarez Martínez, J. (1977). *En torno al acueducto de "Los Milagros" de Mérida*. In Universidad de Barcelona (Ed.), *Segovia y la arqueologia romana* (pp. 49-60).
- Álvarez Martínez, J. (1991). El Templo de Diana. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, 1, 83-93.
- Álvarez Martínez, J. (2020). El culto a las aguas en Augusta Emerita. *Boletín de la Real Academia de Extremadura de las Letras y las Artes*, 28, 9-34.
- Alves, A. A. (2006). *Fonte do Ídolo – Bracara Augusta*.
- Alves, O. D. (1955). *Monte Real. No Passado e no Presente*.
- Andreu Pintado, J. & Pérex Agorreta, M. (2017). La sacralización del agua en Lusitania: balance historiográfico, propuesta de actualización y caracterización básica. In T. Nogales Basarrate

- (Ed.), *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. (pp. 293-312). Museo Nacional de Arte Romano.
- Andreu Pintado, J. (2012). Aspectos sociales del culto a las aguas en Hispania: las dedicaciones a las Nymphaeae. In J. Bost (Ed.), *L'eau: usages, risques et représentations dans le Sud-Ouest de la Gaule et le Nord de la Péninsule Ibérique, de la fin de l'âge du Fer à l'Antiquité Tardive (IIe s. a. C-VI s. p. C.)* (pp. 333-347). Fédération Aquitaine.
- Andreu, J., Cabrero, J., Peréx, M., Miró, C., Hernando, A., Frade, H. & Martín-Escorza, C. (2008). El culto a las aguas en la Lusitania romana novedades arqueológicas y epigráficas. *Bolletino di Archeologia On-line*, 1-9.
- Andrews, P. (2013). Two Possible Nymphaea at Truckle Hill, North Wrexham, Wiltshire. *Archaeological Journal*, 170(1), 106–153. <https://doi.org/10.1080/00665983.2013.11021003>
- Ángeles Mezquíriz, M. A. & Unzu Urmeneta, M. (2004). Presencia de un "aquilegus" en Leire. Posible sustrato romano. *Trabajos de arqueología Navarra*, 17, 157-165.
- Aristodemou, G. (2011). Theatre Façades and Façade Nymphaea. The Link between. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, 135(1), 163-197. <https://doi.org/10.3406/bch.2011.7831>
- Aristodemou, G. (2012). *Ο Γλυπτός Διακόσμος Νυμφαίων και Κρηγών στο Ανατολικό Τμήμα της Ρωμαϊκής Αυτοκρατορίας*. Kornelia Sfakianaki Editions.
- Aristodemou, G. (2014). Monumental fountain structures: The role of Nymphaea within the urban context of the cities of the Graeco-Roman East. In I. Kalavrouziotis & A. Angelakis (Eds.), *IWA Regional Symposium on Water, Wastewater and Environment: Traditions and Culture*, mar. 22-24, 2014, Patras (pp. 523-535). Hellenic Open University.
- Aristodemou, G. (2020). The semicircular Nymphaea of the Roman period and their Greek predecessors. On the occasion of a new find from the ancient Agora of Pella excavations. In I. Livaja & T. Bilic (Eds.), *Monumenta Marmore Aereque Perenniora* (pp. 34-45). Archaeological Museum of Zagreb.
- Ashby, T. (1935). *The Aqueducts Of Ancient Rome*. Clarendon Press.
- Aupert, P. (1974). *Le nymphée de Tipasa et les nymphées et « septizonia » nord-africains*. École Française de Rome.
- Azevedo, R. (1969). As Moiras da Fonte de Numão. *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, 21, 313-321. <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/tae/article/view/8867>
- Baggio, C., Sabbatini, V., Santini, S., Sebastiani, C., Fioriti, V., Roselli, I., Colucci, A., Saitta, F. & Fortliti, S. (2020). Dynamic identification of the so-called Temple of Minerva Medica:

- comparison of different instrumentations and methods for mutual validation of the results. In P. Roca, L. Pelà & C. Molins (Eds.), *New technologies for a sustainable conservation of heritage structures*, setembro, 29-30, 2021 (pp.3252-3263).
- Barone, P., Carlucci, G., Smriglio, F., Basile, F. & Monica, G. (2015). Can integrated geophysical investigations solve an archaeological problem? The case of the so-called Domus septem Parthorum in Rome (Italy). *International Journal of Archaeology*, 3(1-1), 21-25. <https://doi.org/10.11648/j.ija.s.2015030101.13>
- Barreiro, C. (s.d.). *Santa Eulalia de Bóveda. Un enigma en la historia*.
- Barrientos Vera, T. (1996). Intervención arqueológica en el solar de la c/ Adriano,62. El cerro del Calvario. Memoria. *Excavaciones Arqueológicas en Mérida*, 3, 27-54.
- Bassani, M. & Fusco, U. (2019). Methodological Aspects. In M. Bassani, M. Bloder-Boos & U. Fusco (Eds.), *Roman Archaeology Conference 2016: Proceedings of the Session of Study. Rethinking the Concept of 'Healing Settlements': Water, Cults, Constructions and Contexts in the Ancient World* (pp. 3-7). Archaeopress Publishing Ltd.
- Bassani, M. (2024). Ceremonial Buildings at Thermo-Mineral Springs: The Example of Via Scavi at Montegrotto Terme. In S. González Soutelo (Coord.), *Thermalism in the Roman Provinces: The Role of Medicinal Mineral Waters across the Empire* (pp. 108-121). Archaeopress Publishing Ltd.
- Beltrán Lloris, M. & Paz Peranta, J. Á. (2002). Las aguas sagradas del Municipium Turiaso excavaciones en el patio del colegio Joaquín Costa (antiguo allué Salvador). Tarazona (Zaragoza). *Caesaraugusta*, 76, 15-427.
- Bernardes, A. (2015). *Termas de Monte Real* [Trabalho apresentado na Unidade Curricular Termalismo e Turismo de Saúde, Universidade de Coimbra].
- Bernardes, J. P. (2007). *A Ocupação Romana na Região de Leiria*. Universidade do Algarve Centro de Estudos de Património.
- Bernardes, J. P. (2014). Ossonoba E O Seu Território: As Transformações De Uma Cidade Portuária Do Sul Da Lusitânia. In D. Vaquerizo Gil, J. Garriguet Mata & A. León Muñoz. (Eds.), *Ciudad y territorio: transformaciones materiales e ideológicas entre la época clásica y el Altomedioevo* (pp. 355-366). Universidad de Córdoba.
- Blanco-Rotea, R., Benavides García, R., Sanjurjo Sánchez, J. & Fernández Mosquera, D. (2009). Evolución constructiva de Santa Eulalia de Bóveda (Lugo, Galicia). *Arqueología de La Arquitectura*, 6, 149-198. <https://doi.org/10.3989/arqarqt.2009.09010>

- Blázquez, J. M. & García-Gelabert Pérez, M. P. (1992). Recientes aportaciones al culto de las aguas en la Hispania romana. *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, 21-66. <https://doi.org/10.5944/etfii.5.1992.4185>
- Blázquez, J. M. (2002). Cultos e Devoções de Cariz Aquático no Ocidente em contextos Paleohispânicos. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 21-24). Museu Nacional de Arqueologia.
- Borge Cordovilla, F. J. (2011). La Fuente de Foncalada (Oviedo): Aplicación de métodos gráficos e infográficos de análisis compositivo y metrológico a la formulación de una hipótesis de Anastilosis Virtual del Monumento. *Virtual Archaeology Review*, 2(3), 165–168. <https://doi.org/10.4995/var.2011.4674>
- Braga, A. (1946). Curiosidades de Guimarães. IX Instrução. Irmandades. *Revista de Guimarães*, 56(1-2), 5-84.
- Cabecera Soriano, R. (2020). *El Templo de Diana de Mérida. Rehabilitación de un edificio patrimonial*. Universidade da Extremadura.
- Caessa, A. (1990). As Ninfas, divindades locais?: a propósito de um artigo de Santos Júnior e Mário Cardozo. In M. Rodrigues, (Coord.), *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior* (pp. 143-149). Instituto de Investigação Científica Tropical.
- Campos Carrasco, J. M., Fernández Ugalde, A., García Dils, S., Gómez Rodríguez, Á., Lancha, J., Oliveira, C., Rueda Roigé, J. F. & Vidal Teruel, N. (2008). *A rota do Mosaico Romano. O sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve). Cidades e villae notáveis da Bética e Lusitânia romanas*. Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. <http://hdl.handle.net/10400.1/5906>.
- Cardoso, J. & Detry, C. (2005). A lixeira baixo-imperial da villa da Quinta das Longas (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8(1), 369-386. <http://hdl.handle.net/10451/28814>
- Carlan, C. (2013). Roma: religião e poder. Os séculos IV e V. *Classica*, 26(1), 67-85. https://doi.org/10.14195/2176-6436_26-1_3
- Carneiro, A. (2004). *Povoamento Romano no Actual Concelho de Fronteira*. Edições Colibri.
- Carneiro, A. (2011). Para uma cartografia dos Cultos Religiosos no Alto Alentejo em Época Romana. In F. Oliveira, J. Oliveira & M. Patrocínio (Eds.), *Espaços e paisagens. Antiguidade clássica e heranças contemporâneas* (pp. 87-98). <http://hdl.handle.net/10174/4122>
- Carneiro, A. (2012a). Mulheres na Lusitânia Romana. Vestígios de uma Presença Discreta. In M. Lopes, A. Pinto, A. Melo, A., J. Silva & M. Gonçalves (Coords.), *Narrativas do Poder Feminino*

- (pp. 548-564). Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
<http://hdl.handle.net/10174/10061>
- Carneiro, A. (2013a). Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa. *Callipole*, 21, 211-232.
- Carneiro, A. (2014). *Lugares, tempos e pessoas Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10174/12924>
- Carneiro, A. (2017a). As casas dos deuses. A propósito do templo romano de Santana do Campo. In R. M. Lobo (Coord.), *Jornadas do Património e Arqueologia no concelho de Arraiolos* (pp. 85-100). Câmara Municipal de Arraiolos. <http://hdl.handle.net/10174/22047>
- Carneiro, A. (2017b). Urbs in Rure: Decorative Programmes and Architectural Models in Lusitania's Villae. *Journal of Mosaic Research*, 10, 117-124.
- Carneiro, A. (2018). Hidácio e o Fim da História. O pessimismo de um Mundo em Mudança. *Revista Urbs Regia*, 3, 46-53.
- Carneiro, A. (2019a). A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização. In V. Serrão, C. Soares & A. Carneiro (Coords.), *Mármore 2000 anos de História* (pp. 57-122). Theya. <http://hdl.handle.net/10174/26541>
- Carneiro, A. (2019b). La vivencia en las villae: de las descripciones literarias a los espacios y programas decorativos en Lusitânia. In J. Tomás García & V. del Prete (Coords.), *Imágenes, lengua y creencias en Lusitania romana* (pp. 5-15). Archaeopress Access Archaeology. <http://hdl.handle.net/10174/26537>
- Carneiro, A. (2020). Povoamento Rural na Lusitânia. In J. Brandão, & F. Oliveira (Coords.), *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica* (pp. 453-469). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://doi.org/10.14195/978-989-26-1782-4_19
- Carneiro, A. (2021). Ebora Liberalitas Iulia (Évora, Portugal). In A. Pizzo (ed.), *La arquitectura doméstica urbana de la Lusitania romana* (pp. 177-182). Mytra. <http://hdl.handle.net/10174/31275>
- Carneiro, M. (1974). Evolução Termal de Chaves.
- Carneiro, S. (2005). Novos contributos para a epigrafia de Aquae Flaviae: achados fortuitos 1999-2005. *Aquae Flaviae*, 33, 102-105.
- Carneiro, S. (2013b). As Termas Medicinais de Chaves. In J. Arnaud, A. Martins & C. Neves (Coords.), *Atas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, novembro, 20-24, 2013 (pp. 793-802). Associação dos Arqueólogos Portugueses.

- Carneiro, S. (2015). Les termes romanes de Chaves (Portugal), un patrimoni arqueològic al centre de la ciutat. In A. Molina Castellà (Coord.), *Atas do I Simposi Internacional d'Arqueologia d'el Born Centre de Cultura i Memória*, novembro, 27-29, 2015 (pp. 26-41). Institut de Cultura El Born Centre de Cultura i Memória.
- Carneiro, S. (2016). The water supply and drainage system of the Roman healing spa of Chaves (Aquae Flaviae). In J. Faílde Garrido, A. Formella, J. Fraiz Brea, M. Gómez Gesteira, F. Pérez Losada & V. Rodríguez Vázquez (Eds.), *Libro de actas del I Congreso Internacional del Agua "Termalismo y Calidad de Vida"*, setembro, 23-24, 2015 (pp. 289-298). Vicerreitoria do Campus de Ourense.
- Carneiro, S. (2017c). As Termas Medicinais Romanas de Chaves. *Aquae Flaviae*, 54, 13-42.
- Carrillo Díaz-Pinés, J. R. (1990). Técnicas Constructivas En La Villa Romana De El Ruedo (Almedinilla, Córdoba). *Anales de Arqueología Cordobesa*, 1, 81-108. <https://doi.org/10.21071/aac.v0i.11426>
- Carrocera Fernández, E. (2016). Santa Eulalia de Bóveda (Lugo): Ensayo sobre La Cronología de las Pinturas. *Portvgalia*, 37, 163–188. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/2906>
- Carvalho, A. S. (1939). *Memórias das Caldas de Monchique*. Comissão Administrativa das Caldas de Monchique.
- Carvalho, M. (2018). From the Ruin to the Temple, Passing by the Butchers. A Reconstitution of the Temple of Diana in Evora, Based on Literary and Iconographic Sources. In G. Amoruso (Ed.), *Atas do 5th INTBAU International Annual Event. Putting Tradition into Practice: Heritage, Place, Design* (pp. 147–159). http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-57937-5_16
- Carvalho, P. (2017). Há Dois Mil Anos Em Redor Do Vale Do Tua, Entre O Douro E Trás-Os-Montes: Tempos De Confronto, Paisagens De Transição. In P. Carvalho, L. Gomes & J. Marques (Coords.), *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua (Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor)* (pp. 240-383). Ed. EDP, S.A./Ed. Afrontamento. <https://hdl.handle.net/10316/85665>
- Catana, A. (2007). *A devoção à Senhora do Almurtão*. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.
- Chavarria Arnau, A. (2005). Villas in Hispania during the Fourth and Fifth Centuries. In K. Bowes & M. Kulikowski (Eds.), *Hispania in Late Antiquity* (pp. 519–552).
- Chavarria Arnau, A. (2007). *El final de las villae en Hispania (siglos IV-VIII)*. Brepols Publishers.
- Concello de Ourense. (s.d.). *As Burgas of Ourense: The Shrine Pool of Revve Anabaraego. A Virtual Hypothesis*.

- Correia, V. H. (2006). *Conimbriga: guide to the ruins*. Instituto Português de Museus.
- Correia, V. H. (2013). *A Arquitectura Doméstica de Conimbriga e as Estruturas Económicas e Sociais da Cidade Romana*. Instituto de Arqueologia da FLUC.
<http://hdl.handle.net/10400.26/19545>
- Correia, V. H. (2020). O Setentrião Da Lusitânia e o Meridião Da Galécia: Geografia, Cultura E Etnicidade Em Transição. In R. Centeno, R. Morais, T. Soeiro & D. Ferreira (Coords.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições* (pp. 9-32). Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.
<http://hdl.handle.net/10400.26/36358>
- Cortés, R. (2013). *Escavação Arqueológica. Banhos Velhos das Caldas das Taipas, Guimarães*. ArqueoGes.
- Cosme, F. (2021). Amares, Da Pré-História Recente à Romanização. *Boletim Cultural de Amares*, 3, 9-33.
- Costa, M. & Carvalho, P. (2021). *Termas Romanas Chaves*. Câmara Municipal de Chaves.
- Cumurciuc, A. (2011). The Importance Of Water In The Sanctuaries Of Aesculapius. A Study Regarding The Northern Provinces Of The Roman Empire. *Acta Musei Napocensis*, 45-46, 207-221.
- Damas, J. (1970). *Vizela. Tágilde e S. Gonçalo*. Vizela.
- Díez de Velasco, F. (1985). Balnearios y dioses de las aguas termales en Galicia romana. *Separata de Archivo Español de Arqueología*, 58(151-152), 69-98.
- Díez de Velasco, F. D. (1998). *Termalismo y Religión. La sacralización del agua termal en la Península Ibérica y el norte de África en el mundo antiguo*.
- Díez de Velasco, F. D. (2002). O Balneário de Baños de Montemayor. Inscrições votivas. In J. C. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 141-144). Museu Nacional de Arqueologia.
- Díez de Velasco, F. D. (2004). Las Aquae (ciudades de aguas) y la práctica balnear en la Península Ibérica en época romana. *Contrastes*, 34, 112-117.
- Díez de Velasco, F. D. (2008). Mutation et perduration de l'espace sacré: l'exemple du culte des eaux thermales dans la Péninsule Ibérique jusqu'à la romanisation. In X. Dupré Raventós, S. Ribichini & S. Verger (Coords.), *Saturnia Tellus: definizioni dello spazio consacrato in ambiente etrusco, italico, fenicio-punico, iberico e celtic*, novembro, 10-12, 2004 (pp. 457-470). Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Díez de Velasco, F. D. (2009). Balnearios Galaicos: Sincretismo Religioso. In M. Souto Figueroa (Ed.), *Galicia, Terma Bimilenaria* (pp. 14-15). Diputación provincial de Ourense.

- Díez de Velasco, F. D. (2010). La Naturaleza Entre La Concreción Y La Abstracción: El Imaginario De Las Divinidades Termales En La Península Ibérica Antigua. In S. Montero Herrero & M. Cardete del Olmo (Eds.), *Naturaleza y Religión en el Mundo Clásico: Usos y abusos del medio natural* (pp. 151-164). Signifer Libros.
- Díez de Velasco, F. D. (2016). Los lugares de culto pagano de las aguas y su pervivencia en el cristianismo: el caso del termalismo en la Península Ibérica. In J. García de Cortázar & R. Teja Casuso (Coords.), *Los monasterios medievales en sus emplazamientos. Lugares de memoria de lo sagrado* (pp. 41-63).
- Díez de Velasco, F. D. (2017). Balnearios y Divindades indígenas testificadas en la Epigrafía de época romana en la Península Ibérica. In F. Fernández Nieto, J. Bermejo Barrera & M. García Sánchez (Eds.), *Desmoi filias: bonds of friendship. Studies in ancient history in honour of Francisco Javier Fernández Nieto* (pp. 123-136). Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Edlund-Berry, I. (2006). Hot, cold, or smelly. the power of sacred water in Roman religion, 400–100 BCE. In C. Schultz, & P. Harvey, (Eds.), *Religion in Republican Italy* (pp. 162-180). Cambridge University Press.
- Eguileta Franco, J. M. & Rodríguez Cao, C. (2019). Contextos arqueológicos para los orígenes de Ourense. *Abrente*, 51, 33-70.
- Eguileta Franco, J. M. (2008). Ourense, Sucesión De Ciudades Estratificadas Por El Tiempo: El Entramado Romano. *Porta da Aira*, 12, 51-106.
- Elena, A. G., Mar, R., & Martins, M. (2008). *A Fonte do Ídolo. Análise, interpretação e reconstituição do santuário*. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Encarnação, J. (1970). Lápides a Divindades indígenas no Museu de Guimarães. *Revista Guimarães*, 80(3-4), 207-238. <https://hdl.handle.net/10316/22956>
- Encarnação, J. (1975). *Divindades indígenas sob domínio romano em Portugal*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Encarnação, J. (1984). Epigrafia. Uma Leitura Diferente. *Munda*, 7, 31-35.
- Encarnação, J. (1987). Divindades Indígenas da Lusitânia. *Conimbriga*, 26, 5-37.
- Encarnação, J. (2006). O mar na epigrafia da Lusitânia romana. In F. Oliveira, P. Thiery & R. Vilaça (Coords.), *Mar GrecoLatino* (pp. 271-289).
- Encarnação, J. (2010). *Epigrafia. As pedras que falam* (2ª Ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Encarnação, J. (2017). As termas de Monte Real e a divindade romana aí venerada. *Cadernos de Estudos Leirienses*, 14, 51-63. <https://hdl.handle.net/10316/44866>

- Encarnação, J. (2020a). Acerca do culto às divindades salutíferas na Lusitânia ocidental. In C. Soares, C. Rufino, F. Isaac & J. Magalhães (Coords.), *Phármakon: Do Combate da Enfermidade à Invenção da Imortalidade* (pp. 87-98). CITCEM. <https://doi.org/https://doi.org/10.21747/978.989.8970-07-7/pha>
- Encarnação, J. (2020b). A Entidade Sobrenatural da Água. *Biblos*, 6(3), 55-69. https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_3
- Espanca, J. (1880). *Memórias de Vila Viçosa* (Vol. 2). Câmara Municipal de Vila Viçosa.
- Esparza, Á., González, F., Larrazabal, J. & Prieto, M. (2006). *Fuentes abovedadas “romanas” de la provincia de Zamora*. Junta de Castilla y León. Consejería de Cultura y Turismo.
- Étienne, R. & Alarcão, J. (1974). O Aqueduto Romano De Conímbriga. Relatório preliminar. In *Atas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Ministério da Educação Nacional. Junta Nacional da Educação.
- Fabio, S., Massimo, B., Stefano, C., Carla, I., Catarina, M. & José, M. (2020). Ancient restoration and production technologies of Roman mortars from monuments placed in hydrogeological risk areas: a case study. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 12(147), 1-23. <http://hdl.handle.net/10174/31402>
- Fernandes, L. (1999). A presença da mulher na epigrafia do Conventus Scallabitanvs. *Portvgalia*, 20, 129–228. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/4278>
- Fernandes, L. (2002). As águas e o factor religiosos na província romana da Lusitânia. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 131-140). Museu Nacional de Arqueología.
- Ferreira, D. (2022a). *Os Deuses foram honrados. O contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto da ocupação romana da Beira Interior Portuguesa*. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/139729>
- Ferreira, J. (1968a). Achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão. *Trabalhos De Antropologia E Etnologia*, 20(3-4), 376-380. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8822>
- Ferreira, J. (1968b). Pedra esculpida encontrada em Numão [Primeiro de Janeiro]. *O Arqueólogo Português*, 2(3), 191.
- Figueiredo, C. (2022). O papel da ilustração científica na comunicação e divulgação de ciência. In F. Queiroga (Coord.), *Atas do Symposium Aqvae: Cidades Termas no Império Romano* (pp. 210-144).

- Fita, F. (1903). La epigrafía latina en la provincia de Orense. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Tomo 42, 392-400. <https://www.cervantesvirtual.com/obra/boletin-de-la-real-academia-de-la-historia--45/>
- Formosinho, J., Ferreira, O. & Viana, A. (1953). Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos De Antropologia E Etnologia*, 14(1-4), 66-225. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8636>
- Frade, H. & Moreira, J. (1992). A arquitectura das Termas Romanas de S. Pedro do Sul. *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, 515-544. <https://doi.org/10.5944/etfii.5.1992.4205>
- Franceschini, M. & Veneziano, G. (2019). Archeoastronomia nella Villa di Tiberio a Sperlonga (Latina). In G. Veneziano (Ed.), *Atas do 21º Seminario di Archeoastronomia*, março 30-31, 2019, Génova (pp. 8-29).
- Franco, M. (1945). *As Termas Romanas de Monchique*. Comissão Administrativa das Caldas de Monchique.
- Frapiccini, N., Galazzi, F., Laffranchi, Z. & Salvucci, L. (2015). Le fasi tardoantiche e altomedievali della “Villa con ninfeo” di Cupra Marittima. *Archeologia medievale*, 42, 138-163.
- Fundação Calouste Gulbenkian. 1994. *Guia de Portugal. Entre Douro e Minho* (Tomo II).
- Gallozzi, A., Paris, L. & Wahbeh, W. (2020). 3D Models and Interactive Communication for Archaeology: The Nymphaeum Ponari in Cassino. In J. Glover, J. Moss & D. Rissolo (Eds.), *Atas da Digital Archaeologies, Material Worlds (Past and Present)* (pp. 401-411).
- Ganiers, J., Devambaz, P., Kahil, L. & Ginouvès, R. (1969). *Laodicée du Lycos: le nymphée; campagnes 1961-1963*. Presses de l'Université Laval.
- García Aguinaga, J. (1996). Planta y Sección de La Cueva Negra. *Antigüedad y Cristianismo*, (13), 267–272. <https://revistas.um.es/ayc/article/view/64911>
- García Martínez, S. (1995). La epigrafia romana del concelho de Guimarães. Un estado de la cuestión. *Revista de Guimarães*, 105, 139-171.
- Garcia, J. (1987). Da epigrafia votiva de Conimbriga: observações e novos monumentos. *Conímbriga*, 26, 39-59.
- Garibo, J. G. & Pereira, S. (2014). A Civitas dos Banienses. Em torno da sua implantação e territorium. In S. Martínez Caballero, V. Cabañero Martín & C. Merino Bellido (Coords.), *Arqueología en el Valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media* (pp. 532-557).
- Gimeno, H. & Stylow, A. (1999). Analecta epigraphica hispanica: manuscritos, calcos, dibujos, duplicaciones. *Sylloge epigraphica Barcinonensis*, 3, 85-112.

- Ginouvé, R. (1998). *Dictionnaire méthodique de L'architecture grecque et romaine, III, Espaces architecturaux, bâtiments et ensembles*. École Française de Rome.
- Glaser, F. (2000). Water Landscaping. In Ö Wikander (Ed.), *Handbook of Ancient Water Technology*. Brill.
- Gonzalez Blanco, A., Amante Sánchez, M., Rahtz, Ph. & Watts, L. (1922). El balneario de Fortuna y la Cueva Negra (Fortuna, Murcia). *Espacio, Tiempo y Forma*, 2, 421-454.
- Gonzalez Blanco, A., Lillo Carpio, P., Rodriguez Campillo, R., Sanchez Ferra, A. & Garcia Herrero, G. (1979). Las inscripciones romanas de Cueva negra (Fortuna, Murcia). *Memorias de historia antigua*, 3, 277-284.
- González Fernández, E. & González Soutelo, S. (2016). La ciudad y el Balneario: los orígenes del Balneario de Lugo en su contexto histórico. In S. González Soutelo & M. Mario Crecente (Coord.), *Dos mil años del Balneario de Lugo: un modelo de activación del patrimonio termal* (pp. 123-117).
- González Montes, B., Estrada García, R. & Gutiérrez González, J. (2021). Los cultos a las aguas y sus santuarios asociados. Oviedo y las fuentes-ninfeo del noroeste. In P. Cruz Sánchez, B. Sánchez Valdevira, J. Torres & O. Santana (Eds.), *Los paisajes sagrados a escena. Visiones plurales* (pp. 73-84). Junta de Castilla y León.
- González Rodríguez, M. (2013). As dedicacións a Revve Anabaraego no Marco da Relixión Romana Provincial da Época AltoImperial. In J. M. Eguileta & C. Rodríguez Cao (Eds.), *Aqva Divi Vrbs. Auga, Deuses e Cidade. Escavacions Arqueoloxicas nas Burgas (Ourense): Casa dos Fornos e Traseiras Das Rúas do Vilar, Cervantes e do Baño*. (pp. 58-81).
- González Soutelo, S. & Capela, F. (2016). Caldas de Monchique (Portugal): Estado de la cuestión sobre un balneario romano en el suroeste de Lusitania. *Zephyrus*, 78, 111-129. <https://doi.org/10.14201/zephyrus201678111129>
- González Soutelo, S. & Méndez Fernández, X. (2023). Concrétions dans des contextes votifs des eaux minérales: les monnaies romaines de Cuntis (Pontevedra, Espagne). *Archéologie, Société Et Environnement*, 1(1), 1-12. <https://doi.org/10.21494/ISTE.OP.2023.0963>
- González Soutelo, S. (2012). Thermal Spas in the Roman Age. An approximation to the architectonic configuration of baths with mineral-medicinal water in Hispania. In R. Kreiner & W. Letzner (Eds.), *Proceedings of the International Frontinus-Symposium on the Technical and Cultural History of Ancient Baths*, março, 18-22, 2009 (pp. 79-86).
- González Soutelo, S. (2013). ¿De qué hablamos cuando hablamos de balnearios romanos? La arquitectura romana en los edificios de baños con aguas mineromedicinales en Hispania.

- Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 39, 123-150. <http://hdl.handle.net/10486/660129>
- González Soutelo, S. (2019). Shall We Go «Ad Aquas»? Putting Roman Healing Spas On The Map. *Espacio, tiempo y forma*, 12, 151-189. <http://hdl.handle.net/10486/691941>
- Graen, D. (2005). Os mosaicos do santuário de Milreu, Estói (Algarve), no contexto de uma nova interpretação. *O Arqueólogo Português*, 23(4), 367-415.
- Grimal, P. (1990). *A concise dictionary of classical mythology*. Basil Blackwell Ltd.
- Gros, P. (1996). *L'Architettura Romana Dagli inizi del III secolo a.C. alla fine dell'alto impero* (M. Guidobaldi, Trad.). Longanesi.
- Guerra, A. (2003). Algumas questões de toponímia pré-romana do Ocidente Peninsular. *Palaeohispanica*, 3, 101-112. <https://doi.org/10.36707/palaeohispanica.v0i3.331>
- Gutiérrez González, J. (2013). Oviedo y el territorio astur entre Mahoma y Carlomagno (siglos VII-IX). El poder del pasado en el origen del reino de Asturias. In Gobierno de Navarra (Eds.), *De Mahoma a Carlomagno. Los primeros tiempos, siglos VII-IX*, julho, 17-20, 2012 (pp. 377-434).
- Gutiérrez González, J. (2017a). Interpretaciones Académicas de la inscripción votiva romana de Boñar.
- Gutiérrez González, J. (2017b). Procesos de formación de ciudades altomedievales en el norte peninsular. In A. Costa, A. Andrade & C. Tente (Eds.), *O papel das pequenas cidades na construção da Europa medieval* (pp. 19-85). Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Gutiérrez González, J. (2018). Arqueología de la temprana Edad Media en Asturias: sobre los orígenes antiguos de Oviedo. In A. Álvarez-Busto, J. Gutiérrez González, I. Muñiz López & O. Requejo Pagés (Eds.), *Arqueología de época histórica en Asturias* (pp. 13-46). <http://hdl.handle.net/10651/51394>
- Haba Quirós, S. & Rodrigo López, V. (2009). El tema del culto a las aguas y su continuidad en relación con las vías naturales de comunicación. *Zephyrus*, 43, 271-279. <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/1998>
- Harouel, J. L. (2004). *História do Urbanismo* (Ivone Salgado, Trad.). Papirus Editora.
- Hauschild, T. & Sarantopoulos, P. (1996). O tanque de água do templo romano de Évora. Notícia Preliminar da Intervenção Arqueológica de 1996. *O Arqueólogo Português*, 14(4), 429-440.
- Hauschild, T. (1984). O edifício de culto do complexo de ruínas romanas perto de Estói, na província da Lusitânia. *Arqueologia e História*, 1(10), 122-151.

- Hauschild, T. (1992). El Templo Romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*, 1, 107-117.
- Hauschild, T. (1997). Milreu, Estói (Faro). Villa Romana E Santuário. In M. Barata & R. Parreira (Eds.), *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar* (pp. 407-413). Instituto Português Do Património Arquitectónico.
- Hauschild, T. (2002). O "Ninfeu" do Milreu. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 131-140). Museu Nacional de Arqueologia.
- Hervés Raigoso, F. & Meijide Cameselle, G. (2000). O culto às ninfas nas Termas de Lugo. *Gallaecia*, 19, 187-196.
- Iglesias Gil, J. & Ruiz-Gutiérrez, A. (2012). Cultos, supersticiones y usos terapéuticos de las aguas en la Hispania romana: manifestaciones en el área central de la Cordillera Cantábrica. In J. Bost (dir.), *L'eau: usages, risques et représentations dans le Sud-Ouest de la Gaule et le Nord de la péninsule Ibérique, de la fin de l'âge du Fer à l'Antiquité tardive (Ile s. a.C. – VIe s. p.C.)* (pp. 349- 365). Éditions Fédération Aquitania.
- Iglesias Gil, J. M. & Saavedra Guerrero, M. (1988). La teonimia en la antigüedad romana de las áreas de montaña del norte de la península Ibérica hasta las costa cantabrica a través de la epigrafía. *Altamira*, 47, 47-74.
- Jim, T. (2012). Seized by the Nymph? Onesagoras the 'dekatephoros' in the Nymphaeum at Kafizin in Cyprus. *Kernos*, 25, 9-26. <https://doi.org/10.4000/kernos.2101>
- Jiménez, M. & Chauton, H. (2004). El Palacio de Mayoralgo. Resultados de las Intervenciones Arqueológicas. In *El Palacio de Mayoralgo. Yacimiento Arqueológico. Cáceres: Caja de Extremadura* (pp. 247-254).
- Junta da Extremadura. (2007). *Guía de Yacimientos Arqueológicos de Extremadura. De la Prehistoria a Roma*. Consejería de Cultura y Turismo.
- Khlifi, R. (2016, 8 de abril). Zaghuan: Where the Temple of Water and Andalusian heritage meet. *The Arab Weekly*.
- Kiranmai, B., Sandhyarani, M. & Tiwari, A. (2023). Water Lily (*Nymphaea nouchali* Burm. f): An Ancient Treasure of Food and Medicine. *Pharmacogn*, 15(2), 226-234. <http://dx.doi.org/10.5530/pres.15.2.024>
- Kraeling, C. (1938). *Gerasa, city of the Decapolis. An account embodying the record of a joint excavation conducted by Yale university and the British school of archaeology in Jerusalem (1928-1930), and Yale university and the American schools of oriental research (1930-1931, 1933-1934)*. American Schools of Oriental Research.

- Lagarda Mata, F. (2011). Menorca Arqueológica III: El Ninfeo romano de Cala Figuera. In F. Lagarda Mata (Ed.), *La Arqueología de Menorca. Yacimientos y Monumentos* (pp. 23-24).
- Lemos, F. (2008). A Cultura Castreja no Minho. Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste peninsular. In Universidade do Minho (Ed.), *Minho - Traços da Identidade* (pp. 122-213). Universidade do Minho.
- Lendon, J. E. (2015). Rhetoric and Nymphaea in the Roman Empire. *Chiron. Mitteilungen Der Kommission für Alte Geschichte Und Epigraphik Des Deutschen Archäologischen Instituts*, 45, 123–149. <https://doi.org/10.34780/v22t-cei2>
- Leveau, P. (2004). L'archeologia des aqueducs romains ou les aqueducs romains entre projet et usage. In R. Alba, I. Moreno Gallo & R. Gabriel Rodríguez (Coords.), *Elementos de ingeniería romana: Congreso europeo "Las obras públicas romanas"*, novembro 3-6, 2004, Tarragona (pp. 105-133). *Colegio de Ingenieros Técnicos de Obras Públicas*.
- Litaudon, J. C. (2004). Les Aqueducs Antiques Conduire L'eau (Aquaeductus). In R. Alba, I. Moreno Gallo & R. Gabriel Rodríguez (Coords.), *Elementos de ingeniería romana: Congreso europeo "Las obras públicas romanas"*, novembro 3-6, 2004, Tarragona (pp. 71-85). *Colegio de Ingenieros Técnicos de Obras Públicas*.
- Loza Azuaga, M. (1993). Estatuas-Fuentes Romanas de Colonia Patricia Corduba. *Anales de Arqueología Cordobesa*, 4, 141-158. <http://hdl.handle.net/10396/2705>
- Lugli, G. (1913). Lo scavo fatto nel 1841 nel ninfeo detto Bergantino sulla riva del lago Albano. *Bullettino della Commissione archeologica comunale di Roma*, 41, 89-148. <https://doi.org/10.11588/diglit.14883.12>
- Lusnia, S. (2004). Urban Planning and Sculptural Display in Severan Rome: Reconstructing the Septizodium and Its Role in Dynastic Politics. *American Journal of Archaeology*, 108, 517-544.
- Macgibbon, D. (1888). *The Architecture of Provence and The Riviera*. David Douglas.
- Mantas, V. (2004). A Lusitânia e o Mediterrâneo: Identidade e Diversidade numa Província Romana. *Conimbriga*, 43, 63-83. https://doi.org/10.14195/1647-8657_43_3
- Marco Simón, F. (2017). Santuarios En La Celtiberia: Ejemplos De Monumentalización Y Romanización Religiosa. In T. Tortosa Rocamora & S. Ramallo Asensio (Eds.), *El tiempo final de los santuarios ibéricos en los procesos de impacto y consolidación del mundo romano* (pp. 201-212). Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- María Prósper, B. (2009). Reve Anabaraeco. Divinidad Acuática de Las Burgas (Orense). *Paleohispanica X*, 9, 203-214. <https://doi.org/10.36707/palaeohispanica.v0i9.224>

- Martin Bacaicoa, I. (1989). Balneario de Molgas. *Boletín De La Sociedad Española De Hidrología Médica*, 4(1), 37-41.
- Martins, M. & Ribeiro, M. (2012). Gestão e Uso da Água em Bracara Augusta. Uma Abordagem Preliminar. In M. Martins, I. Freitas & M. Valdivieso (Coords.), *Caminhos da Água. Paisagens e Usos na Longa Duração* (pp. 9-52). CITCEM. <https://hdl.handle.net/1822/19872>
- Mateos Cruz, P., Ayerbe Vélez, R., Barrientos Vera, T. & Feijoo Martínez, S. (2002). La Gestión del Agua en Augusta Emerita. *Empúries*, 53, 67-88.
- Mathieu-Colas, M. (s.d.). *Divinités Hispaniques*.
- Matos, J. (1993). Estátua de ninfa de Rio Maior. In M. Coelho (Coord.), *Dar Futuro ao Passado* (pp. 316-318). Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- Meijide Cameselle, G. & Hervés Raigoso, F. (2016). Cinco Lustros De Trabajos Arqueológicos En Las Termas De Lugo. In S. González Soutelo & M. Crecente (Coords.), *Dos mil años del Balneario de Lugo: un modelo de activación del patrimonio termal* (pp. 298-317).
- Mendes-Pinto, M. & Reis, M. (2020). Achados Monetários das Escavações Arqueológicas das Termas Romanas de São Pedro do Sul. *NVMMVS*, 42-43(2), 33-45.
- Mendes-Pinto, M. & Reis, M. (2021). Os Banhos romanos de S. Pedro do Sul. In M. Real, A. Carvalho & C. Tente (Coords.), *I Jornadas de Arqueologia de Vouzela-Lafões: Estudos de História e Arqueologia de Vouzela*, novembro, 14-16, 2019 (pp. 177-197). Câmara Municipal de Vouzela.
- Mendes-Pinto, M. & Reis, M. (2023). As Termas Romanas de S. Pedro do Sul - Uma proposta de Revisão Cronológica. *Portvgalia*, 44, 27-50. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Port/article/view/13473>
- Montenegro Rúa, E. (2008b). The monument of Santa Eulalia de Bóveda, a summary of the known history. In Xunta de Galicia (ed.), *Santa Eulalia de Bóveda* (pp. 169-187).
- Montenegro Rúa, E. (2005). *El Descubrimiento Y Las Actuaciones Arqueológicas En Santa Eulalia De Bóveda (Lugo). Estudio Historiográfico Y Documental De Los Avatares De Un Bien De Interés Cultural*. Libros Portico.
- Montenegro Rúa, E. (2008a). O monumento de Santa Eulalia de Bóveda, síntese da súa historia coñecida. In Xunta de Galicia (ed.), *Santa Eulalia de Bóveda* (pp. 11-40).
- Montenegro Rúa, E. (2011). Santa Eulalia de Bóveda y el Castro de Corvazal: Una Aproximación al Estudio Arqueológico de lo Próximo. *Férvedes*, 7, 175-184.
- Montenegro Rúa, E. (2018). La pintura mural de Santa Eulalia de Bóveda reproducida por Elías de Segura. In A. Carretero Pérez, C. Papí Rodes & G. Ruiz Zapatero (Coords.), *Atas do V*

Congreso Internacional de Historia de la Arqueología: Arqueología de los museos. 150 años de la creación del Museo Arqueológico Nacional (pp. 709-728).

Morais, A. (1956). *As águas de Bem-Saúde. 1936/1956*. Edições Maránus.

Morais, R. & Lagóstena, L. (2018). A água na cidade romana: perspetivas de investigação: o caso de Bracara Avgvsta. In J. Brandão & P. Dias. (Coords), *O melhor é a água: da antiguidade clássica aos nossos dias* (pp. 175-202). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10216/125263>

Morais, R. (2010). *Bracara Augusta*. Câmara Municipal de Braga.

Morgado, P. & Carneiro, A. (2011). Os rostos de Janus. Estratégias de povoamento na mudança da Era no concelho de Monforte. In A. Carneiro, P. Morgado, J. Oliveira & L. Rocha (Eds.), *Arqueologia do Norte Alentejano*. Comunicações das 3^{as} Jornadas (pp. 137-146). Edições Colibri/Câmara Municipal de Fronteira.

Morillo Cerdán, Á. & García Marcos, V. (2022). Castra Legionis (León), capital militar de la Hispania romana: el campamento legionario y sus vici militares. In Museu Arqueológico Nacional (Coord.), *Actualidad de la investigación arqueológica en España IV (2021-2022): Conferencias impartidas en el Museo Arqueológico Nacional* (pp. 377-398).

Morillo Cerdán, Á. & Salido Domínguez, J. (2011). Labra de época romana en Hispania. *Archivo Español de Arqueología*, 84, 153-178. <https://doi.org/10.3989/AESPA.084.011.006>

Morillo Cerdán, Á. (2008). Cultos militares y espacios sagrados en el campamento de la legio VII gemina en León. *Gerión*, 26(1), 379-405.

Morillo Cerdán, Á. (2014). Espacios sagrados y santuarios militares romanos en Hispania. In J. Mangas Manjarrés & M. Novillo López (eds.), *Santuarios suburbanos y del territorio de las ciudades romanos* (pp. 123-162). Universidad Autónoma de Madrid.

Mourão, C. (2008). Motivos Aquáticos Em Mosaicos Antigos De Portugal. Decorativismo E Simbolismo. *Revista de História da Arte*, 6, 115-131.

Neto, A. (2015). As Fontes de Mergulho no Concelho de Mogadouro. *Revista CEPIHS*, 5, 2-18.

Neuerburg, N. (1965). *L'architettura delle fontane e dei ninfei nell' Italia Antica*. Gaetano Macchiaroli Editore.

Nogales Basarrate, T. & Álvarez Martínez, J. (2006). Foros de Augusta Emerita: espacios simbólicos en el urbanismo emeritense. In M. Navarro Caballero & J.-M. Roddaz (Eds.), *La transmission de l'idéologie impériale dans l'Occident romain* (pp. 126-177). <https://doi.org/10.4000/books.ausonius.441>

- Oleiro, J. (1992). *Conímbriga: Casa dos Repuxos*. Instituto Português de Museus/Museum Monográfico de Conímbriga.
- Oliveira, C. (2003). *A villa romana de Rio Maior: estudo de mosaicos*. Instituto Português de Arqueologia. <https://hdl.handle.net/10316/9785>
- Oró Fernández, E. (1996). El balneario romano. Aspectos médicos, funcionales y religiosos. In A. González, M. Mayer, U. Stylow & R. González (Eds.), *Antigüedad y cristianismo: revista de estudios sobre antigüedad tardía* (pp. 23-152). Ediciones de la Universidad de Murcia. <https://revistas.um.es/ayc/article/view/64801>
- Ortigão, R. (1875). *Banhos de Caldas e Aguas Mineraes*. Livraria Universal.
- Otero, J. (2011). *Os Banhos de Bande ou Aquae Querquennae: A morada das Ninfas para Repouso Lexionário*.
- Pacheco, M. (2007). *Das Margens de Vizela – Memórias*. Editorial Magnólia.
- Parsons, A. (1943). Klepsydra and the Paved Court of the Pythion. *Hesperia*, 12(3), 191-267. <https://doi.org/10.2307/146770>
- Patrício, J. (s.d.). Medicina e Religião. Ex-votos Picturais.
- Pelet, M. (1852). *Essai sur le Nymphée de Nîmes*. Nîmes.
- Pensabene, P. (2004). Roma e le capitali provinciali. Contributi per lo studio dell'architettura e della decorazione architettonica in marmo nella Hispania romana. In J. Arbulo (Coord.), *Simulacra Romae. Roma y las capitales provinciales del Occidente Europeo* (pp. 175-199). Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.
- Pereira, F. (1914). Por caminhos da Ericeira: notas arqueológicas e etnográficas. *O Arqueólogo Português*, 19, 324-362.
- Pérex Agorreta, M. J. & Miró i Alaix, C. (2018). *VBI AQVAQ IBI SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüedad)*. Universidade Nacional e Educación a Distancia.
- Peréx, M., Cabrero, J., Andreu Pintado, J., Miró, C., Escorza, C., Frade, H. & Hernando, A. (2008). The Use of Water for Health Purposes in Roman Hispania. In C. Ohlig (Ed.), *Cura Aquarum in Jordanien* (pp. 349-352).
- Pérez Olmedo, E., Hernández Hernández, A., Regueras Grande, F. & Martín Chamoso, C. (1997). Arquitectura Romana Tardía en la Provincia de Salamanca. El complejo de Sahelices el Chico. *BSAA*, 63, 179-201. <http://uvadoc.uva.es/handle/10324/9942>
- Pérez Ruiz, M. (2018). Culto A Las Aguas Y Manifestaciones De Religiosidad En Los Centros Termales En Época Romana. Exvotos Y Ofrendas. In M. Pérex Agorreta & M. Miró i Alaix,

- (Eds.), *VBI AQVAQ IBI SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüedad)* (pp. 137-158).
- Pessoa, M. (2005). Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das civitates de Aeminium e de Conimbriga, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8(2), 363-401.
- Pessoa, M. (2008). Um Stibadium com mosaico na Villa Romana do Rabaçal. De cenário áulico a chão de culto cemiterial – de chão agricultado às primícias arqueológicas. *Revista de História da Arte*, 6, 139-161. <http://hdl.handle.net/10362/16613>
- Pina, F. (2010). As Termas Da Sulfúria. Contributos Para A História Das Águas De Cabeço De Vide.
- Pina, H. & Martins, F. (2022). As Águas Frize: Uma Componente para a Revitalização e Desenvolvimento Sustentável de Vila Flor. In M. Martín Jiménez, J. Plaza Gutiérrez & D. Ramos Pérez (Coords.), Livro de Atas do XVII Colóquio Ibérico da Geografia: *Nuevas fronteras y nuevos horizontes en la Geografía Ibérica: políticas y transformaciones territoriales*, julho, 6-8, 2020 (pp. 243-256).
- Pino Espinosa, B. (2013). Memoria y percepción del Patrimonio a través de la imagen. el Templo de Diana de Mérida. In A. Mena (Coord.), Atas do I Congreso Internacional de Buenas Prácticas en Patrimonio Mundial, abril, 9-13, 2012, Mahón (pp. 140-158). <https://api.core.ac.uk/oai/oai:digital.csic.es:10261/139498>
- Pizzo, A. (2015). Los acueductos de Augusta Emerita. técnicas y procesos de construcción. In L. Borau & A. Borlenghi (Coords.), Atas do Colóquio Internacional de Toulouse: *Aquae Ductus: actualité de la recherche en France et en Espagne*, fevereiro, 15-16, 2013 (pp. 21-48).
- Ponsich, M. (1974). La fontaine publique de Belo. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 10, 21-39. <https://doi.org/10.3406/casa.1974.894>
- Queiroga, F. (2013). Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela. *Revista da Faculdade de Letras*, 12, 181-201.
- Reis, M. P. & Correia, V. (2008). *Jardins de Conimbriga. Arquitetura e gestão hidráulica*. <http://hdl.handle.net/10400.26/19600>
- Reis, M. P. & Oliveira, C. (2009). A água como elemento decorativo e a simbologia dos edifícios hidráulicos na Lusitânia romana. Alguns exemplos. *Portogallo e Mediterraneo*, 1, 23-49. <http://hdl.handle.net/10400.26/19592>
- Reis, M. P. (2010). Tanques, fontes e espelhos de água nos fora lusitanos. In T. Nogales Basarrate (Ed.), *Ciudad y foro en Lusitania Romana* (pp. 285-314). Artes Gráficas Rejas.

- Reis, M. P. (2013). Gestão e Rede Hidráulica de Conimbriga. A domus de Tancinus e construções anexas. In J. López Quiroga (Ed.), *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus* (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal) (pp. 25-36). <http://hdl.handle.net/10400.26/19594>
- Rendić-Miočević, A. (2015). A reconstruction of the central part of the nymphaeum (fountain) at Varazdinske toplice (Aquae Iasae) with a relief depiction of Nymphs. In C. Alexandrescu (Ed.), *Cult and votive monuments in the Roman provinces. Proceedings of the 13th International Colloquium on Roman provincial art*, maio/junho, 27-3, 2013, Constança (pp. 43-54). Mega Publishing House.
- Ribeiro, A. (2002). Manifestações Particulares de Devoção as Árulas de Conimbriga. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 193-199). Museu Nacional de Arqueologia.
- Ribeiro, J. (1983). Contributos para o reconhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do Município Olisiponense. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 89, 331-369.
- Richard, J. (2008). Roman Monumental Fountain in the Levant: Water Supply vs. Urban Aesthetics? In C. Ohlig (Ed.), *Cura Aquarum in Jordanien* (pp. 263-284). Brepols Publishers.
- Richardson, L. (1992). *A New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Johns Hopkins University Press.
- Ríos González, S. (1999). La Fuente de Foncalada. Paralelos Técnicos, Formales y Funcionales. *Zephyrus*, 52, 261-278. <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/5230>
- Robinson, B. (2013). Dialogo con...Betsey Robinson. In V. Gheller (Ed.), *Ricerche a confronto: Dialoghi di antichità classiche e del vicino oriente* (pp. 161-166).
- Rodrigo, V. & Haba Quirós, S. (1992). Aguas medicinales y culto a las aguas en Extremadura. *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, 351-382. <https://doi.org/10.5944/etfii.5.1992.4199>
- Rodrigues, P. (2012). A muralha, o templo e o aqueduto na tradição de Sertório construtor da Évora romana (Sécs. XVI-XIX). In F. Oliveira, J. Oliveira, M. Patrocínio & M. Fialho (Coords.), *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas: História, Arqueologia e Arte* (pp. 255-263). <http://hdl.handle.net/10316.2/2376>
- Rodríguez Cao, C. & Cordeiro Maañón, L. (2013). As Burgas de Ourense Contexto Histórico-Arqueológico. In J. María Prósper & C. Rodríguez Cao (Eds.), *Aqua Divi Vrbs. Auga, Deuses e*

Cidade. Escavacions Arqueoloxicas nas Burgas (Ourense): Casa dos Fornos e Traseiras Das Rúas do Vilar, Cervantes e do Baño (pp. 93-103).

Rodríguez Cao, C. & Cordeiro Maañón, L. (2014). Las Burgas de Ourense. Agua y Religión en Época Romana. In J. Álvarez Martínez, T. Nogales Basarrate & I. Rodà de Llanza (Eds.), *Atas do XVIII Congresso Internacional Arqueología Clásica*, maio, 13-17, 2013 (pp. 897-900). Museu Nacional de Arte Romano.

Rodríguez Colmenero, A. (2002). Deuses da Planície: Nabia e Assimilados. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa* (pp. 25-29). Museu Nacional de Arqueologia.

Rodríguez González, M. (2013). Las augas termais en Ourense. Fonte de desenvolvemento urbanístico e renovación urbana. *REGAP*, 45, 461-513.

Rodríguez Míguez, L. (2001). *Ourense Termal*. Alva Gráfica/ Diputación Provincial de Orense.

Rogers, D. (2013). Il piacere dell'acqua: i ninfei di Pompei. In Gheller, V. (Ed.), *Ricerche a confronto: Dialoghi di antichità classiche e del vicino oriente* (pp. 154-160). Edizioni Saecula.

Salvado, P. (2005). A propósito de uma inscrição romana do Souto da Casa (Concelho do Fundão) Evergetismo e Águas Termas. *Cadernos de História da Medicina na Beira Interior*, 19, 118-122.

Sánchez Lomba, F. (2014). Salud, patrimonio y agua en la Cuenca cacereña del Tajo. In M. Lozano Bartolozzi & V. Méndez Hernán (Coords.), *Patrimonio cultural vinculado con el agua: paisaje, urbanismo, arte, ingeniería y turismo* (pp. 247-264). Junta de Extremadura/Editora Regional de Extremadura/ Universidad de Extremadura. <http://hdl.handle.net/10662/18135>

Sánchez Sánchez, J. (2023). Ingeniería hidráulica de la ciudad de Valeria (Cuenca). la cuestión del ninfeo. In I. Moreno Gallo (Coord.), *VI Congreso Internacional de las obras públicas romanas: Ingeniería hidráulica romana*, novembro, 7-9 2019, (pp. 255-285).

Santos Junior, J. & Cardozo, M. (1953). Ex-Votos às Ninfas em Portugal. *Zephyrus*, 4, 53-68. <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/1834>

Santos Júnior, J. (1982). Estação arqueológica do Olival das Fragas - Quinta da Terrincha - Vilariça – Montecorvo. *Trabalhos De Antropologia E Etnologia*, 23(2-3), 237-159. <https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/tae/article/view/8992>

Santos Yanguas, N. (2017). El Ara a Fortuna Balnearis Hallada en Tremañes (Gijón) Y El Culto a Las Aguas en Asturias Antigua. *Anas*, 20-30, 349-354.

Sarmiento, F. M. (1878). O Deus Bormânico. Museu Ilustrativo.

- Sarmiento, F. M. (1884). O Deus Bormânico. Subsídio para o Estudo da Mitologia dos Lusitanos. *Revista de Guimarães*, 1, 57-67.
- Sarmiento, F. M. (1887). Para o panteão lusitano. *Revista Lusitana*, 1(3), 227.
- Settis, S. (1973). “‘Esedra’ e ‘ninfeo’ nella terminología architettonica del mondo romano. Dall’età repubblicana allá tarda antichità”. In H. Temporini & W. Haase (Eds.), *Aufstieg und niedergang der Römischen welt* (pp. 661-745). De Gruyter.
- Signani, L. (1998). *Le fontane ed i ninfei nel mondo romano*. Sydaco.
- Silva, A., Machado, J. & Lobato, R. (2013). Balneários Castrejos: Do Primeiro Registo à Arqueologia Experimental. *Boletim Cultural*, 6/7(3), 79-87.
- Silva, A., Pinto, F., Quintino, N. & Teixeira, V. (2007). Novos dados sobre o urbanismo e história da cidade de Chaves. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 5-6, 549-565.
- Silva, J. & Martins, M. (2015). Evolução e análise funcional de uma domus romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das “antigas Cavalariças” de Braga. In R. Martínez Peñin, J. Ribeiro, F. Magalhães & C. Braga (Coords.), *Evolución de Los Espacios Urbanos Y Sus Territorios en El Noroeste de La Península Ibérica* (pp. 425-442).
- Silva, J. (2016). A Água – A alma mater de Vizela. In A. Ferreira & M. Abreu (Eds.), *Jornadas do Património Local*.
- Silva, M. (2017). Os primórdios do Termalismo: os balneários castrejos e o seu potencial turístico. *Tourism and Hospitality International Journal*, 9(2), 4-28. [https://doi.org/10.57883/thij9\(2\)2017.30432](https://doi.org/10.57883/thij9(2)2017.30432)
- Silva, M. (2019). Decoração e simbolismo das pedras formosas dos balneários-sauna castrejos da Idade do Ferro: leituras possíveis. *Vínculos de Historia*, 8, 191-215. https://doi.org/10.18239/vdh_2019.08.10
- Silva, R., Ruivo, J. & Dias, V. (2023). A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022. In J. Arnaud, C. Neves & A. Martins (Coords.), *Arqueologia em Portugal. 2023 - Estado da questão* (pp. 679-692). Associação dos Arqueólogos Portugueses. <http://hdl.handle.net/10400.26/57339>
- Sousa, A. (2012). *As termas públicas e privadas de Bracara Augusta: Os casos de estudo da R. D. Afonso Henriques e da R. Gualdim Pais* [Relatório de Estágio, Universidade do Minho].
- Souto Figueroa, M. (2009). *Galicia, Terma Bimilenaria*. Deputación Provincial de Ourense.
- Tabolli, J. (2023). The Etrusco-Roman thermo-mineral sanctuary of Bagno Grande at San Casciano dei Bagni (Siena): aims and perspectives ‘behind-the-scenes’ of the ongoing

- multidisciplinary research project. *The Journal of Fasti Online*, 556, 1-23.
<https://hdl.handle.net/20.500.14091/7586>
- Teichner, F. (1993). Acerca da vila Romana de Milreu Estói. Continuidade da ocupação na Época Árabe. In C. Torres (Ed.), *Arqueologia Medieval* (pp. 89-100).
- Teichner, F. (2006). De lo Romano a lo Árabe. La transición del Sur de la Provincia de Lusitania a Al-Gharb al-Andalus. Nuevas investigaciones en los yacimientos de Milreu y Cerro da Vila. In A. Chavarría i Arnau, J. Arce Martínez & G. Pietro Brogiolo (Eds.), *Villas tardoantiguas en el Mediterráneo Occidental* (pp. 207-220). Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Teichner, F. (2008). *Entre tierra y mar. Zwischen Land und Meer. Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*. Museu Nacional de Arte Romana. <https://doi.org/10.11588/bjb.2009.0.30004>
- Teichner, F. (2017a). O Estabelecimento Portuário do Cerro da Vila (Vilamoura). De aglomerado Romano a Aldeia Islâmica. In A. Carvalho, S. Paulo & R. Almeida (Coords.), *Loulé: Territórios, Memórias, Identidades* (pp. 278-291).
- Teichner, F. (2017b). Cerro da Villa. A rural commercial harbour beyond the pillars of Hercules. In J. Campos Carrasco & J. Bermejo Meléndez (Eds.), *Los puertos Atlánticos, Béticos y Lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo* (pp. 401-431). «L'Erma» di Bretschneider.
- Teixell Navarro, I. (2018). STIPES IACERE: La Acción De Lanzar Monedas Como Ofrendas A Las Aguas. O Cuando La Gratitude Se Paga Con Dinero. In M. Pérex Agorreta & M. Miró i Alaix (Eds.), *VBI AQVAQ IBI SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüedad)* (pp. 121-136).
- Tölle-Kastenbein, R. (1993). *Archeologia dell'acqua la cultura idraulica nel mondo classico*. Longanesi.
- Tranoy, A. (1981). *La Galice Romaine: Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. Diffusion de Boccard.
- Tranoy, A. (2002). A “Fonte do Ídolo”. In J. Ribeiro (Coord.), *Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*. Museu Nacional de Arqueologia.
- Trindade, L. (2015). Corpo E Água: Os Banhos Públicos Em Portugal Na Idade Média. *digitAR*, 2, 206-221. <https://hdl.handle.net/10316/41534>
- Vaquerizo Gil, D. (2008). La villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba), paradigma de asentamiento rural en Baetica. In c. Fernández Ochoa, V. García Entero & F. Gil Sendino

- (Coords.), *Las "villae" tardorromanas en el Occidente del Imperio: Arquitectura y función* (pp. 261-283). Trea.
- Vargas Calderón, J., Mateos Molinero, V. & Aparicio Martínez, F. (2007). Intervención arqueológica en la terma romana de Baños de Montemayor (Cáceres). 1999. *Cæsaraugusta*, 78, 555-564.
- Vasconcellos, J. L (1905). *Religiões da Lusitânia* (Vol. 2). Imprensa Nacional.
- Vasconcellos, J. L. (1895). Museu Ethnographico Português. *Revista Lusitana*, 3, 193-250.
- Vasconcellos, J. L. (1896). Nota a cerca das fontes. *O Archeologo Português*, 2, 248-251.
- Vasconcellos, J. L. (1913). *Religiões da Lusitânia* (Vol. 3). Imprensa Nacional.
- Vasconcellos, J. L. (1984). Fontes Santas e o Deus Bormânico de Vizela. In M. Pacheco (Ed.), *Avicella - Antologia sobre Vizela e seu termo* (pp.). Brasilia Editora.
- Vaz, F., Martín-Seijo, M., Carneiro, S. & Tereso, J. (2016). Waterlogged plant remains from the Roman healing spa of Aquae Flaviae (Chaves, Portugal): Utilitarian objects, timber, fruits and seeds. *Quaternary International*, 404, 86-103.
<https://doi.org/10.1016/j.quaint.2015.09.063>
- Vaz, J. (1997). A civitas de Viseu. Espaço e Sociedade (Vol. I). In A. Saturnino (Ed.), *História Regional e Local* (nº 2). CCRC.
- Velásquez Sorieno, I. & Ripoll López, G. (1992). Pervivencias del termalismo y el culto a las aguas en época visigoda hispánica. *Espacio, Tiempo y Forma*, 5, 555-580.
<https://doi.org/10.5944/etfii.5.1992.4206>
- Vilarinho, G. (2023). A exploração de Pedras Ornamentais na Lusitânia. Primeiros dados de um Estudo em Curso. In J. Arnaud, C. Neves & A. Martins (Coords.), *Arqueologia em Portugal 2023 - Estado da Questão* (pp. 993-1005).
- Ward-Perkins, J. B. (1993). *The Severan Buildings Of Lepcis Magna. An Architectural Survey*. Society for Libyan Studies. <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/63744>
- Witt, D. (2013). "Creolization" and Agency in Divodurum Mediomatricorum. *Chronika*, 3, 90-97.

Dissertações e Teses

- Araújo, D. (2015). *Proto-urbanismo no noroeste de Portugal: a influência do urbanismo romano na organização do espaço castrejo* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada]. Repositório das universidades Lusíada. <http://hdl.handle.net/11067/2948>

- Azevedo, M. (2008). *Arquitectura Contemporânea nos Sítios Arqueológicos* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/64320>
- Batista, P. (2013). *Monchique. Identidade e Património para o desenvolvimento local* [Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade de Évora]. Repositório da Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/16371>
- Carriço, A. (2013). *Metamorfoses do Espaço Termal. O Caso das Termas de S. Pedro do Sul* [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Engenharia da Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/4409>
- Coelho, F. (2016). O sítio arqueológico de Conímbriga: proposta de um novo museu [Dissertação de Mestrado, Departamento e Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://hdl.handle.net/10316/30909>
- Costa Solé, A. (2017). *Aigua sagrada i aigua monumental al nord-est de la Península Ibèrica en l'època romana* [Tese de Doutoramento, Universitat de Girona]. DUGiDocs. <http://hdl.handle.net/10256/14705>
- Daetwyler, J. (2014). O Santuário de Sulis Minerva: Uma Abordagem das Interações Religiosas Romano-Bretãs na Britannia Romana [Dissertação de Licenciatura, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro].
- Ferreira, M. (2022b). *Villa Cardilium à escala natural, o tipo e os modelos* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/146205>
- Fortes, M. (2009). *A Xestión da Auga na Paisaxe Romana do Occidente Peninsular* [Tese de Doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela]. Minerva. <http://hdl.handle.net/10347/2532>
- Gomes, R. (2015). *Interação cultural e interpretatio na epigrafia votiva* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/40714>
- Gómez Robles, L. (2014). *El ninfeo romano. Tipologías y características. Aplicación de un método de análisis procedente de la conservación* [Tese de Doutoramento, Universidade de Granada]. Digibug. <http://hdl.handle.net/10481/30328>

- Jorge, L. (2012). *História da evolução religiosa no concelho de Rio Maior* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Lisboa]. Repositório Ulisboa. <http://hdl.handle.net/10451/6973>
- Lacerda, R. (2011). *Arquitectura Termal em Portugal. Em busca do balneário ideal* [Dissertação de Doutoramento, Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade de A Coruña]. Repositorio Universida. <http://hdl.handle.net/2183/10121>
- Letzner, W. (1990). *Römische Brunnen und Nymphaea in der westlichen Reichshälfte* [Tese de Doutoramento, Universidade de Münster]. Katalog für die Bibliotheken der Universität Heidelberg. <https://katalog.ub.uni-heidelberg.de/titel/3588605>
- Lodice, A. (2013). *I ninfei di Minturno* [Tese de Licenciatura, Faculdade de Letras e Filosofia da Segunda Universidade de Nápoles].
- Martins, M. (2009). *Aglomerados Termais Portugueses - Proveito da Sua Revitalização na Competitividade Urbana* [Relatório de Projeto, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/58583>
- Matias, A. (2017). *Povoamento rural romano e usos potenciais da terra em torno da capital da civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal)* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://hdl.handle.net/10316/85635>
- Moledo, M. (2011). *Revitalização Arquitetónica pelo Equipamento: um contributo termal em Caldas das Taipas* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada].
- Montenegro Rúa, E. (2016). *Santa Eulalia de Bóveda. Estudio histórico-arqueológico y propuesta interpretativa del monumento y su entorno* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autónoma de Madrid]. Repositorio UAM. <http://hdl.handle.net/10486/675383>
- Montoro Castillo, M. (2008). *El Ninfeo Hispanorromano de Valeria* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Autónoma de Madrid]. Repositorio UAM. <http://hdl.handle.net/10486/1695>
- Muñoz Garrido, J. (2002). *El proyecto romano construido en Lusitania* [Dissertação de Doutoramento, Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid]. Archivo Digital UPM. <https://doi.org/10.20868/UPM.thesis.600>

- Núncio, M. (2023). *Roteiros de Olisipo: Dois roteiros arqueológicos em torno da presença romana na região de Lisboa* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/154854>
- Pereira, B. (2017). *Salvaguarda do Património Arqueológico: a freguesia de Santa Maria Maior em Aquae Flaviae (Chaves)* [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/15335>
- Pinto, A. (2013). *Realizações e Utopias. O Património Arquitetónico e Artístico das Caldas de Monchique na Cenografia da Paisagem Termal* [Dissertação de Mestrado, FLUL]. Repositório Ulisboa. <http://hdl.handle.net/10451/11357>
- Ribeiro, J. (2010). *Arquitectura romana em Bracara Augusta. Uma análise das técnicas edilícias* [Dissertação de Doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/12232>
- Richert, E. (2012). *Sacred Place - Contextualizing Non-Urban Cult Sites and Sacred Monuments in the Landscape of Lusitania from the 1st to 4th c. AD* [Dissertação de Doutoramento, Universidade de Edimburgo]. ERA. <http://hdl.handle.net/1842/8234>
- Rogers, D. (2015). *Water-Display and Meaning in the High Roman Empire* [Tese de Doutoramento, Departamento de Artes da Universidade de Virginia]. Library University of Virginia. <https://doi.org/10.18130/V3XS0M>
- Sales, P. (2007). *A Casa dos Repuxos de Conimbriga - Evolução das soluções de Reabilitação, Conservação e Restauro* [Tese de Mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto].
- Santos, I. (2013). *A Lusitania e a Iberia. Um estudo da mudança na Urbanização Pré e Pós-Romanização (Da Pré-Conquista Romana Ao Baixo Império - Séculos II a.C. A V d.C.)*. [Dissertação de Pós-graduação, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/T.71.2014.tde-16102014-112457>
- Santos, M. (2017). *Arquitetura e Memória. Conimbriga e o Aqueduto Romano* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://hdl.handle.net/10316/81556>
- Silva, A. (2020). *A cidade romana - Conceção de um Modelo Urbanístico no Atual Território Português*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/130331>

- Silva, J. (2014a). *A domus da Zona Arqueológica das Antigas Cavalariças de Braga. Contributo para o estudo da arquitetura doméstica de Bracara Augusta* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/28943>
- Silva, R. (2014b). *Bobadela em Época Romana: Cidade e Território Periurbano* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://hdl.handle.net/10316/35230>
- Silva, R. (2015). *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <https://hdl.handle.net/10316/29447>
- Teixeira, S. (2015). *Cultos e cultuantes no Sul do território actualmente português em época romana (sécs. I a. C. – III d. C.). Uma aproximação à sociologia das religiões* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/18243>
- Teixeira, S. (2023). *Nascer escravo, morrer livre. Contributo para uma história social da Lusitânia Romana* [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/58428>
- Tolfo, T. (2017). *A urbanização romana no Noroeste da Hispânia: fontes e especificidades* [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/46546>

Fontes Clássicas

- Estrabão. (2001). *Geografia (Libros V-VII)* (José Vela Tejada & Jesús Gracia Artal, Trans.). Editorial Gredos.
- Homero. (2018). *Odisseia* (Frederico Lourenço, Trad.). Lisboa: Quetzal Editores.
- Maurus Servius Honoratus. (1881). *Servii Grammatici In Vergilii Aeneidos Librum Septimum Commentarius*. *Perseus Digital Library*.
<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0053%3Ab ook%3D7%3Acard%3D81>
- Plínio-o-Velho. (1998). *Historia Natural* (A. Fontán, I. Arribas, E. Barrio & M. Arribas, Trans.). Editorial Gredos.
- Virgílio. (2022). *Eneida* (Carlos Ascenso André, Trad.). Quetzal Editores.

Websites

- Aib Architecture_Obras. (2014). *Entorno del Templo de Diana*_José Maria Sánchez García.
<https://aibarchitectureobras.blogspot.com/2014/02/entorno-del-templo-de-dianajose-maria.html>
- Aristodemou, G. (2002). Miletus (Antiquity), Nymphaeum of Flavius. *Encyclopaedia of the Hellenic World, Asia Minor*. <http://www.ehw.gr/l.aspx?id=8190>
- Aristodemou, G. (2005). Ephesus (Antiquity), Library of Celsus. *Encyclopaedia of the Hellenic World, Asia Minor*. <http://www.ehw.gr/l.aspx?id=7003>
- Aristodemou, G. (2008). Nymphaea in Asia Minor. *Encyclopaedia of the Hellenic World, Asia Minor*. <http://www.ehw.gr/l.aspx?id=8856>
- Ayuntamiento de Gijón. (2019a). *Ficha YA-35-I*.
<https://documentos.gijon.es/PGO/ficha.php?id=YA-35-I>
- Ayuntamiento de Gijón. (2019b). *Ficha YA-74-I*.
<https://documentos.gijon.es/PGO/ficha.php?id=YA-74-I>
- César Figueiredo Illustration. (s.d.). Fonte do Ídolo. <https://www.cesarfigueiredo.com/ilustr-reconstruicao-arqueologica?pgid=m94doysd-a5157618-401b-47b6-b492-98ff0eca1b44>
- Cornell University Library. (s.d.). Andrew Dickson White Architectural Photograph Collection, #15-5-3090. Division of Rare and Manuscript Collections, Cornell University Library.
<https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:3874977>
- Davis, C. E. (2004). On The Excavations Of The Roman Baths At Bath. Gutenberg.
<https://www.gutenberg.org/cache/epub/13582/pg13582-images.html>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (s.d.). Sigmóide.
<https://dicionario.priberam.org/sigm%C3%B3ide>
- Erriu, S. (2024). Roman Baths of Fordongianus. *Google Maps*.
<https://maps.app.goo.gl/NhW17VapKQk6VP5h9>
- Parco archeologico di Pompei. (2022). House of the Small Fountain. *Pompeii Sites*.
<https://pompeiiisites.org/en/archaeological-site/house-of-the-small-fountain/>
- PompeiiinPictures. (2023a). Casa dell' Orso Ferito – VII.2.45.
<https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R7/7%2002%2045.htm>
- PompeiiinPictures. (2023b). *Casa della Fontana Grande* – VI.8.22.
<https://www.pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/r6/6%2008%2022%20p3.htm>

Portal do Arqueólogo. (20179). *Sulfúrea*.

<https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&subsid=2303214>

Portale Turistico del Comune di Cupra Marittima. (s.d.). *Il ninfeo e le villa romana*.

<https://visitecupramarittima.it/contenuti/1545357/ninfeo-villa-romana>

San Casciano dei Bagni. (s.d.). *Il Santuario Ritrovato – San Casciano dei Bagni*.

<https://www.sancascianoliving.it/borghi/san-casciano-dei-bagni-11b/>

SIPA. (IPA.00001253). Fonte do Ídolo / Tanque do Quintal do Ídolo. *Direção-Geral do Património Cultural*.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1253

SIPA. (IPA.00002863). Templo Romano de Évora / Templo de Diana. *Direção-Geral do Património Cultural*.

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=2863

SIPA. (IPA.00006735). Capela da Senhora do Almortão / Santuário de Nossa Senhora do Almortão. http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=6735

SIPA. (IPA.00011409). Fonte da Moura Encantada / Fonte do Campelinho. *Direção-Geral do Património Cultural*.

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=11409

Varela, S. (2017). Santa Eulalia de Bóveda, una primicia que esperó dieciséis siglos. La Voz de Galicia. https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/cultura/2017/05/31/primicia-espero-dieciseis-siglos/0003_201705G31P39991.htm

Viaje Comigo. (2018). *Muitas razões para descobrir Ourense, Espanha*.

<https://www.viajecomigo.com/2018/04/06/ourense-espanha/>

Bases de Dados

Corpus Inscriptionum Latinarum. (s.d.). [Base de dados epigráfica]. <https://cil.bbaw.de/>

Corpus Inscriptionum Latinarum Augustae Emeritae. (s.d.). [Base de dados epigráfica]. <https://cil2digital.web.uah.es/>

Epigraphic Database Heidelberg. (s.d.). [Base de dados epigráfica]. <https://edh.ub.uni-heidelberg.de/>

Gens isíaca en Hispania. (s.d.). [Base de dados epigráfica]. <https://humanidadesdigitales.uc3m.es/s/gens-isiaca-en-hispania/page/inicio>

HispaniaEpigraphica Online Database. (s.d.). [Base de dados epigráfica]. <https://eda-bea.es/>

Anexo I – Metodologia

Entidades Contactadas

Entidades	Propósito	Data de Contacto
Arquivo Municipal de Torre de Moncorvo	Orientação Bibliográfica	19/01/2024
Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira	Orientação Bibliográfica	2/10/2024
Ayuntamiento de Boñar	Orientação Bibliográfica	1/10/2024
Ayuntamiento de Cáceres	Pedido de Informação	29/09/2024
Ayuntamiento de Oviedo	Orientação Bibliográfica	1/10/2024
Balneario Baños de Molgas/ Turismo do Concello de Baños de Molgas	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Balneário de Baños de Montemayor	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Balneário Romano de S. Pedro do Sul	Orientação Bibliográfica	18/10/2023
Câmara Municipal de Sintra	Orientação Bibliográfica	18/10/2023
Câmara Municipal de Tavira	Pedido de Informações	18/10/2023
Câmara Municipal de Torres Novas	Pedido de Informação	11/12/2024
Câmara Municipal de Vila Flor	Orientação Bibliográfica	4/02/2024
Cerro da Vila	Pedido de Informações	14/10/2023
Consorcio Ciudad Monumental de Mérida	Pedido de Informações	18/10/2023
CSEA La Cocosa	Pedido de Informações	18/10/2023
Divisão de Cultura e Património da Câmara Municipal de Évora	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Espaço-Museu da Villa Romana do Rabaçal	Orientação Bibliográfica	10/01/2024

Fonte do Ídolo	Orientação Bibliográfica	14/10/2023
Fundación Aquis Querquennis	Orientação Bibliográfica	1/10/2024
Fundación Municipal de Cultura, Educación y Universidad Popular	Orientação Bibliográfica	1/10/2024
Instituto de Arqueología de Mérida	Pedido de Informações	23/08/2024
Jornal Nordeste	Pedido de Informação	22/01/2024
Junta de Freguesia de Bobadela	Orientação Bibliográfica	18/10/2023
Junta de Freguesia de Caldelas, Sequeiros e Paranhos	Orientação Bibliográfica	10/5/2024
Junta de Freguesia de Numão	Orientação Bibliográfica	8/2/2024
Junta de Freguesia de São Domingos de Rana	Pedido de Informações	11/01/2024
MAPOTECA	Apoio Cartográfico	01/04/2025
Município de Idanha-a-Nova	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Município de Vila Viçosa	Orientação Bibliográfica	10/11/2024
Município de Vizela	Orientação Bibliográfica	18/10/2023
Museu de Arqueologia e Etnografia de Elvas	Pedido de Informações	14/10/2023
Museos Arqueológicos del Ayuntamiento de Gijón	Orientação Bibliográfica	01/10/2024
Museu Nacional de Arqueologia	Orientação Bibliográfica	10/11/2024
Museu Nacional de Conímbriga	Orientação Bibliográfica Pedido de Acesso Pedido de Informações	20/10/2023
Museu Termas Romanas Chaves / Município de Chaves	Orientação Bibliográfica	14/10/2022

	Pedido de Acesso	
Oficina de Cultura, Património e Educação de León	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Oficina Municipal de Turismo de Ourense	Orientação Bibliográfica	1/10/2024
Parque Natural Regional do Vale do Tua	Orientação Bibliográfica	30/04/2024
Resort Caldas de Monchique	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Ruínas Romanas de Milreu	Orientação Bibliográfica	14/10/2023
Sociedade Martins Sarmento	Orientação Bibliográfica	3/12/2023
Termas da Sulfúrea	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Termas de Caldelas	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Termas de Cuntis	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Termas de Monte Real	Orientação Bibliográfica	2/2/2024
Turismo do Concello de Ourense	Orientação Bibliográfica	01/10/2024
Turismo de Lugo / Balneário Romano de Lugo /Arquivo Histórico Provincial de Lugo	Orientação Bibliográfica	23/01/2024
Turismo de Rio Maior/ Município de Rio Maior	Orientação Bibliográfica	18/10/2023
Universidade de Madrid	Orientação Bibliográfica	1/2/2024
Universidade de Oviedo	Pedido de Informação	02/02/2024
Villa Romana da Horta da Torre	Pedido de Informação	16/10/2023
Villa Romana De Saelices El Chico	Pedido de Informação	28/09/2024

Tabela 8. Entidades Contactadas durante a Elaboração da Presente Dissertação

Estruturação das Fichas de Sítio

Com a elaboração das fichas de sítio, previamente delineadas, a dissertante armazena o conhecimento adquirido através da revisão da literatura num formato simplificado que visa funcionar como um complemento ao projeto e facilitar a leitura ao futuro leitor. Deste modo, este ponto exporá toda a organização e os critérios adotados na estruturação destas. A apresentação das fichas de sítio segue a ordem adotada na dissertação, norte-sul, à semelhança do catálogo de epígrafes.

Identificação			
Designação			
Código		CNS	
		SIPA	
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Histórico			
Caracterização			
Descrição Geral			
Cronologia		Dimensões	
Tipologia		Abastecimento	
Aparelhos		Elementos Decorativos	
Elementos Arquitetónicos		Espólio	
Pavimentos			
Acabamentos			
Proteção			
Estado de Conservação		Classificação Nacional	
Imagens			
Bibliografia			

Fig 1. Estrutura da Ficha de Sítio apresentados em Anexo IV.

Organizadas em seis campos: identificação; enquadramento geográfico, caracterização; proteção; imagens e bibliografia. Nos casos em que não existem dados para preencher os campos atribuiu-se o termo “Não Aplicável”.

A identificação diz respeito ao campo onde são apresentados os dados básicos de registo dos sítios estudados, nomeadamente a sua designação oficial e os códigos, previamente estabelecidos tendo em conta os concelhos de inserção dos locais. Para a obtenção dos códigos, utilizou-se as primeiras consoantes das localidades, seguindo um método único e sequencial numeral (CN.00):

Concelhos	Código	Sítios
Gijón	GJ	Fonte de Mortera
Oviedo	VD	Fonte de Foncalada
Lugo	LG	Templo de Santa Eulália de Bóveda Termas Romanas de Lugo
León	LN	Fonte Extramuros de León Inscrição das Caldas de Boñar
Pontevedra	PT	Termas de Cuntis
Ourense	RS	Piscina-Santuário d’As Burgas Fonte das Ninfas
Bande	BD	<i>Aquis Querquennis</i>
Chaves	CH	Termas Romanas de Chaves
Braga	BR	Fonte do Ídolo Termas de Caldelas Caldas de Taipas
Vizela	VZ	Termas de Caldas de Vizela

Tabela 9. Códigos dos Casos de Estudo no Território da Galécia

Concelhos	Código	Sítios
Vila Flor	VF	Fonte de Bem Saúde
Vila Nova de Foz Côa	FC	Fonte Campelinho
São Pedro do Sul	SP	Termas Romanas de São Pedro do Sul
Cáceres	CC	Termas Romanas de Baños de Montemayor
Oliveira do Hospital	LV	Inscrição da Igreja Matriz de Bobadela
Condeixa-a-Velha	CV	Casa dos Repuxos <i>Castellum</i> de Alcabideque
Idanha-a-Nova	DN	Fonte Santa de Nossa Senhora do Almortão
Leiria	LR	Termas de Monte Real
Rio Maior	RM	<i>Villa</i> Romana de Rio Maior
Fronteira	FN	Termas da Sulfúrea / Fonte do Borbolegão
Vila Viçosa	VV	Fonte Santa de Bencatel
Ericeira	RC	Ermida de Santa Marta
Badajoz	BJ	<i>Castellum</i> do Aqueduto de Los Milagros Templo de Diana
Évora	VR	Templo Romano de Évora
Monchique	MN	Caldas de Monchique
Faro	FR	<i>Villa</i> Romana de Milreu

Tabela 10. Códigos dos Casos de Estudo no Território da Lusitânia

CNS → Obtido através do Endovélico (Portal do Arqueólogo). Código de identificação dos arqueossítios em território nacional. Nos casos onde não existe um código, o campo é preenchido como “Inexistente”.

SIPA → Obtido através do SIPA. Número do inventário do Património Arquitetónico. Nos casos onde não existe um código, o campo é preenchido como “Inexistente”.

O enquadramento geográfico corresponde à categoria que assinala as áreas territoriais que contemplam os sítios, tendo em consideração a localização moderna e histórica:

Enquadramento Geográfico → Assinala a localização dos casos no contexto geográfico atual (país, concelho e freguesia).

Enquadramento Histórico → Assinala a localização dos casos no contexto geográfico da Hispânia Romana (província e cidade²⁰⁴). Nem sempre foi possível identificar as designações romanas, e nestes casos é indicado “-”.

A caracterização corresponde à descrição dos sítios. A tarefa revelou-se especialmente eficaz nos casos *in situ*. Esta categoria simplifica o entendimento dos leitores quanto à perceção dos monumentos:

Descrição Geral → Caracterização geral do sítio onde se refere a tipologia, a cronologia e são feitas outras observações. Campo de preenchimento aberto.

Tipologia → Classificação tipológica dos sítios: fonte sagrada de tradição autóctone/ romana; ninfeu; ou tanque sagrado. As construções pré-romanas são identificadas de “Fonte Sagrada de Tradição Autóctone” e as construções romanas como “Fonte Sagrada de Tradição Romana”. Nos ninfeus, a classificação tipológica tem por base a proposta de Norman Neuerburg (1965), tendo sido identificados ninfeus de gruta; de êxedra semicircular e *ad edicola*. Campo de preenchimento fechado.

Cronologia → Assinala a cronologia de ocupação do sítio, entre o Período Baixo Imperial e Alto-Imperial, do séc. I ao V. Campo de preenchimento fechado.

Dimensões → Apresentadas em centímetros (comprimento x altura x largura). Nem sempre foi possível indicar as três medidas. Campo de preenchimento aberto.

Paramentos e Acabamentos → Identificação das principais técnicas identificadas *in situ*. Neste campo serão considerados vários aspetos. Campo de preenchimento aberto.

²⁰⁴ De acordo com as normas linguistas, termos em latim necessitam de ser colocados em itálico. Por conta de limitações impostas pelo Acess, esta tarefa não foi possível durante a elaboração das fichas de sítio.

Aparelhos Construtivos → Identificação de aparelhos construtivos *in situ*: Grandes aparelhos construtivos (*Opus Quadratum*) e de pequenos aparelhos construtivos (*Opus Mixtum*; *Opus Incertum*; *Opus Vittatum*; *Opus Incertum*; *Opus Testaceum*). Em caso de dúvida, será identificado o hipotético aparelho, seguido do símbolo ?.

Paramentos → Identificação dos paramentos *in situ*: arcos; abóbadas; coberturas e colunas. Nos casos onde não são visíveis os paramentos ou outros elementos construtivos, mas existe referências, este campo será preenchido com a informação do autor.

Pavimentos → Identificação dos pavimentos *in situ*: lajes pétreas; placas de mármore ou *opus musivum*. Nos casos onde não são visíveis os pavimentos, mas existe referências este campo será preenchido com a informação do autor.

Acabamentos → Identificação dos acabamentos *in situ*: reboco; pintura; estuque e *opus musivum* (*opus tessellatum*).

Abastecimento → Identificação do sistema de abastecimento: aqueduto; canalização; lençol freático; nascente. Campo de preenchimento fechado.

Decoração → Identificação das técnicas decorativas *in situ*: motivos gravados na pedra; frescos, conjuntos escultóricos e *opus musivum* (*opus tessellatum*). Campo de preenchimento fechado.

Espólio → Identificação do espólio: testemunhos epigráficos, numismáticos; ex-votos anatômicos e outros. Campo de preenchimento fechado.

Na categoria “Proteção” é feita uma avaliação externa do sítio:

Estado de Conservação → Nível de conservação *in situ*. Campo de preenchimento fechado.

Estado de Conservação	Descrição
Bem Preservado	Conserva totalmente, ou quase integralmente, elementos construtivos e/ou decorativos.

Parcialmente preservado	Conserva apenas alguns elementos <i>in situ</i> . Em parcial ruína
Mal preservado	Conserva pouco, ou nada dos elementos construtivos ou decorativos <i>in situ</i> . Identificado por outros indícios
Destruído/ Desaparecido	Não conserva vestígios ou sem informação da localização do edifício
Outro	Conserva elementos construtivos, mas não estão visíveis

Tabela 11. Níveis Propostos do Estado de Conservação

Classificação Nacional → Classificação atribuída ao património pelo Estado Português e Espanhol: Bem de Interesse Cultural; Monumento Histórico-Artístico; Monumento Nacional; Zona Especial de Proteção. Nos casos em que não existem uma classificação oficial atribuiu-se o termo “Sem Classificação”. Campo de preenchimento fechado.

Imagens → Inserção de imagens representativas dos casos. Na ausência de indícios *in situ* são apresentadas outras referências visuais associadas aos sítios.

Bibliografia → Referências relevantes na discussão dos arqueossítios, dos indícios *in situ* ou do espólio associado aos locais. A apresentação das referências é feita por ordem alfabética (autor e ano). Campo de preenchimento aberto.

Estruturação do Catálogo de Epígrafes

A escassez de testemunhos *in situ* revelou a necessidade de recorrer aos outros indícios para justificar a sacralização da água numa dada localidade, sendo essencial ter um conhecimento destes vestígios, designadamente epigráficos, visto trazerem novos dados aos sítios. Importa lembrar que o objeto central deste estudo não são epígrafes, sendo estas descritas brevemente para estabelecer uma relação com a pesquisa. Para todas foi estabelecido um código utilizando as primeiras consoantes das localidades, seguindo um método sequencial numeral (EP.CN0).

Proveniência → Assinala a localização do achado (local, cidade). Proporciona o contexto geográfico e histórico. Se não conhecido o local de descoberta, atribui-se a designação “Desconhecido”.

Depósito → Assinala a localização do detentor atual do achado (local, cidade). Se não for conhecido o local de depósito, atribui-se a designação “Desconhecido”.

Cronologia → Assinala a cronologia do achado.

Suporte → Descrição do suporte, do material e das dimensões (comprimento x altura x largura) Se não conhecido o suporte, atribui-se a designação “Desconhecido”.

Inscrição → Transcrição; Leitura; Tradução

Bibliografia → Referências relevantes no estudo das epígrafes. A apresentação das referências é feita por ordem alfabética (autor e ano).

Lista de Sinais Diacríticos

/ Separação das Linhas

[] Reconstituição de Letras

() Desdobramento de Abreviaturas e Siglas

· Pontuação

Anexo II – Figuras

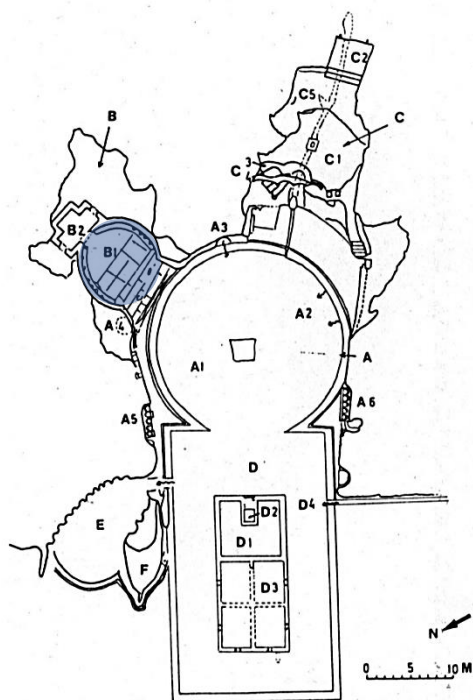


Fig 2. Planta Geral da Gruta de Tibério (Sperlonga). Segundo Letzner (1990).
Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 99).

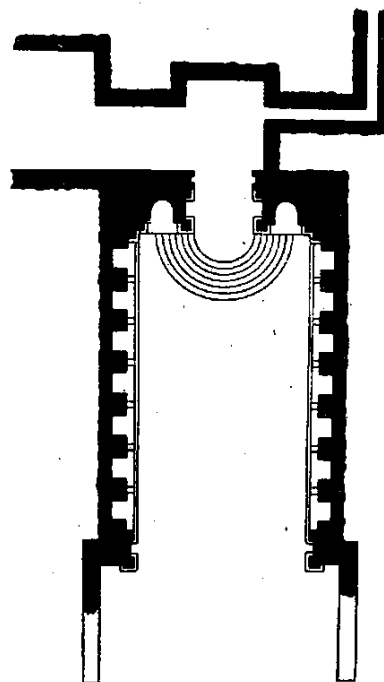


Fig 3. Planta Geral do Ninfeu Dórico (Castel Gandolfo). Segundo Lugli (1913). Fonte: Lucía Gómez Robles (2014, p. 87).

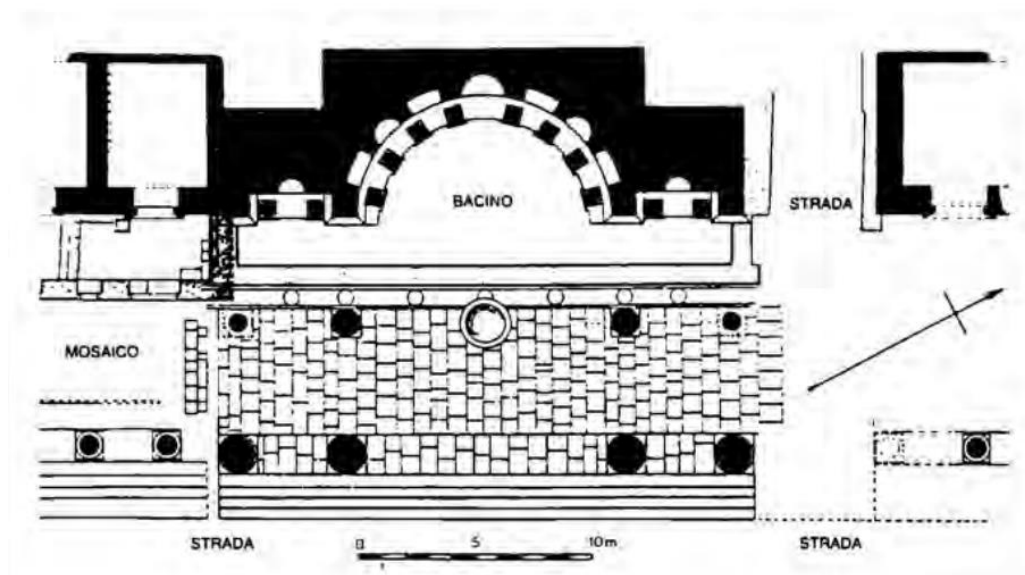


Fig 4. Planta Geral do Ninfeu de Gérasa. Segundo C. S. Fischer. Fonte: Pierre Gros (1996, p. 479).

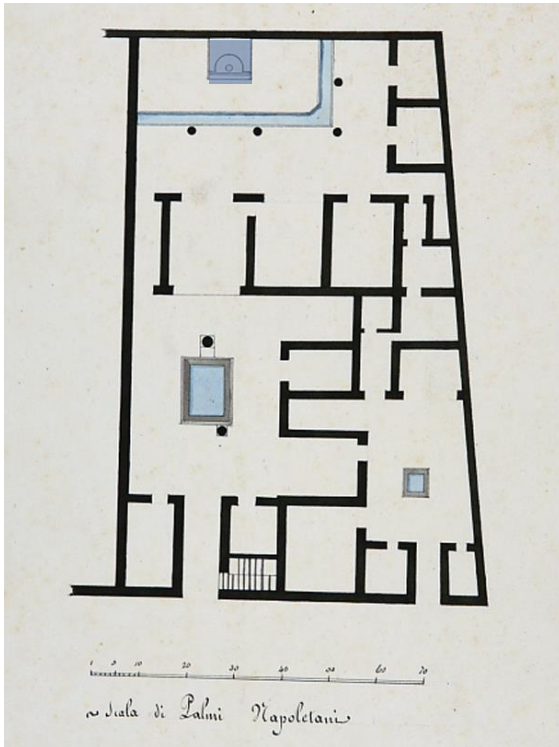


Fig 5. Planta Geral da Casa da Fonte Pequena (Pompeia). Segundo Carlos Bonucci (Séc. XIX).
Fonte: Catálogo generale Beni Culturali.

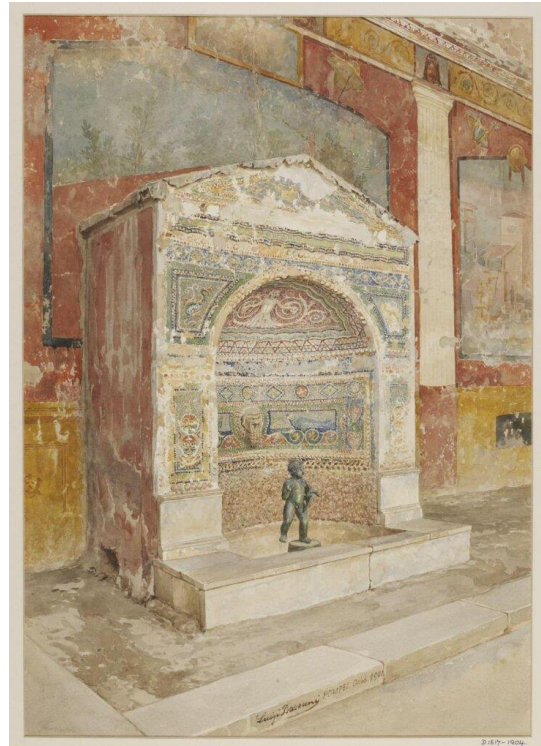


Fig 6. Representação do Ninfeu *Ad Edicola* da Casa da Fonte Pequena. Segundo Luigi Bazzani (1901). Fonte: Inventário do Victoria & Albert Museum.

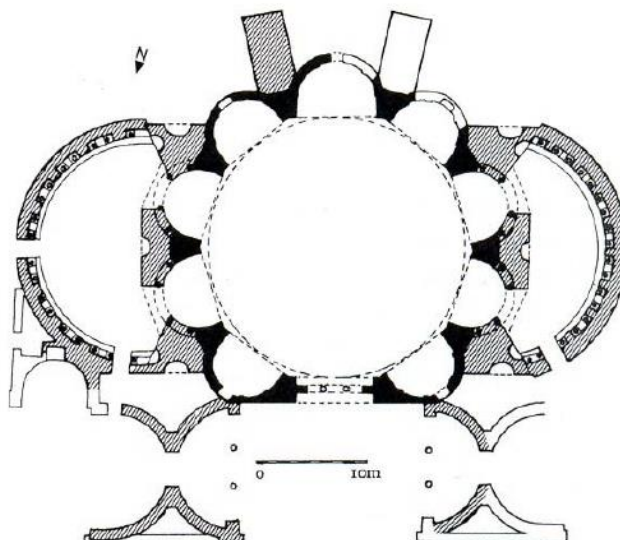


Fig 7. Planta Geral do Templo de Minerva Médica (Roma). Segundo Richardson (1992).
Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 140).

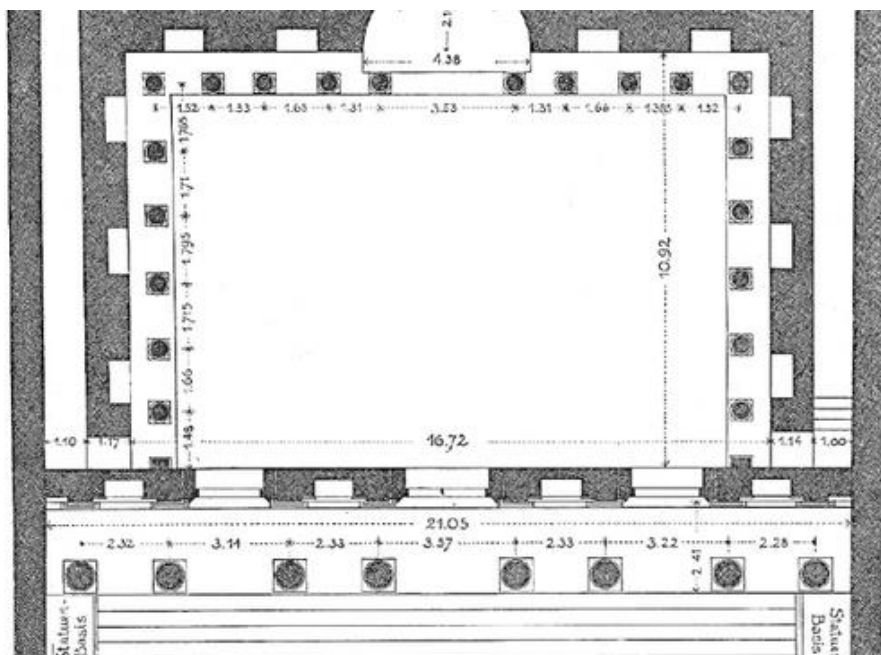


Fig 8. Planta Geral da Biblioteca de Celso (Éfeso). Desenho de W. Wilberg.
Fonte: Ferit Cakir (2022, p. 6).

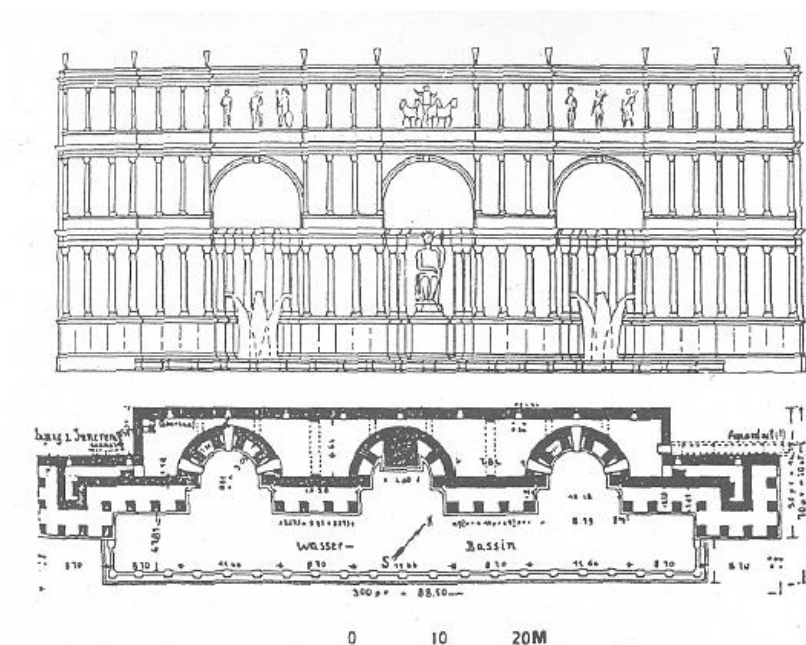


Fig 9. Planta Geral (abaixo) e Reconstrução do Septizódio de Sétimo Severo (Roma). Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 46).

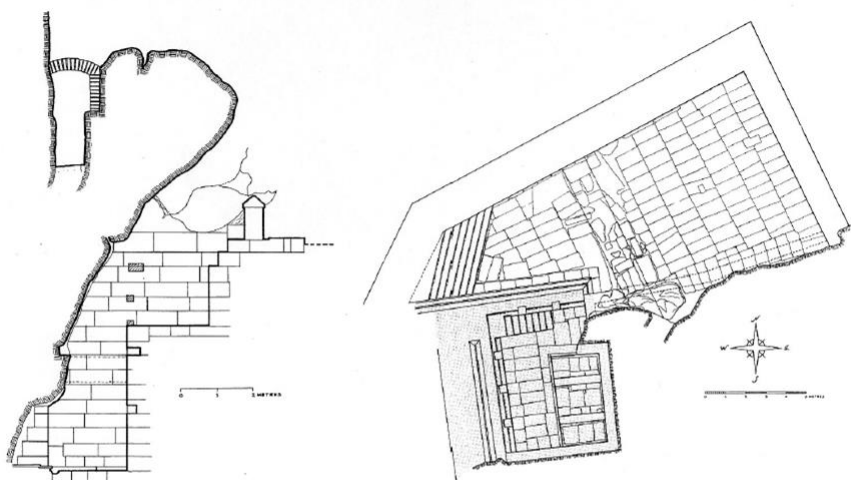


Fig 10. Planta Geral da Fonte de Clepsidra (Atenas). Fonte: Arthur Parsons (1943, p. 253; 255).

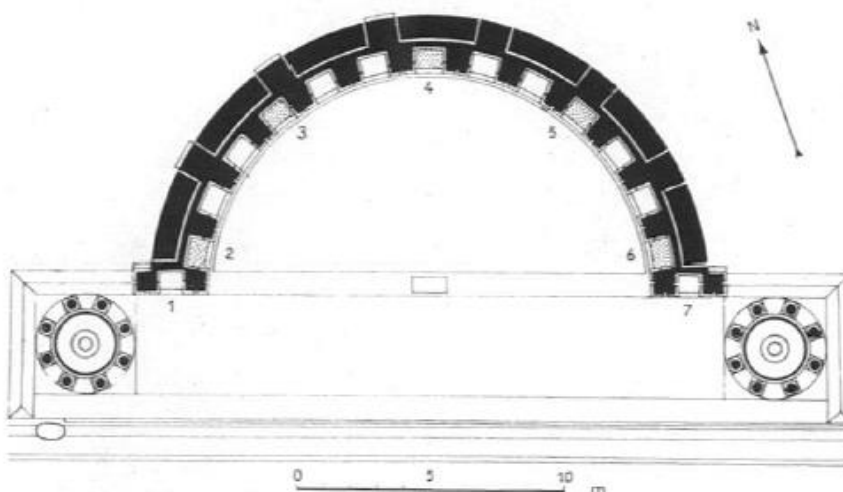


Fig 11. Planta Geral do Nífeu de Herodes Ático (Olímpia). Segundo Meschini (1963). Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 59).

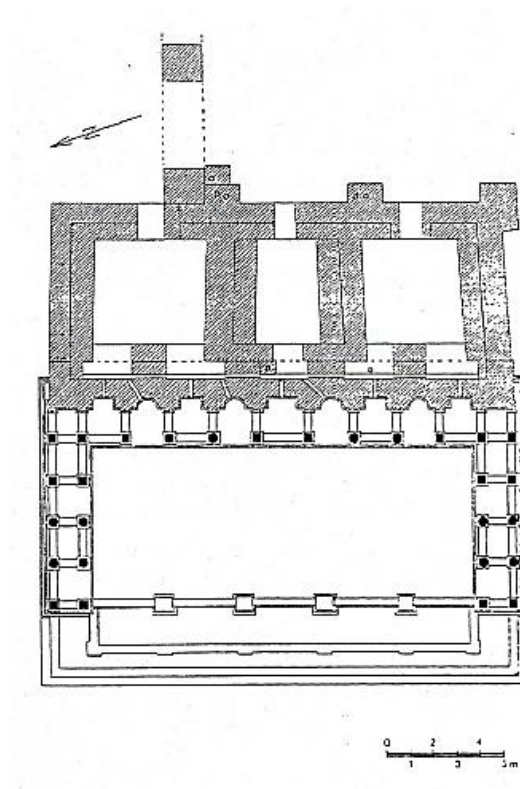


Fig 12. Planta Geral do Ninfeu de Mileto. Segundo J. Hülsen. Fonte: Pierre Gros (1996, p. 480).

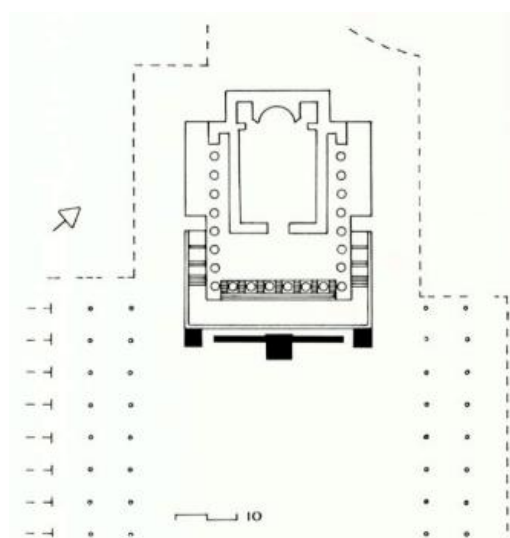


Fig 13. Planta Geral do Templo de Vênus Genetrix (Roma). As fontes consagradas às ninfas estão identificadas a preto. Segundo Ulrich (1986). Fonte: Dylan Rogers (2015, p. 624).

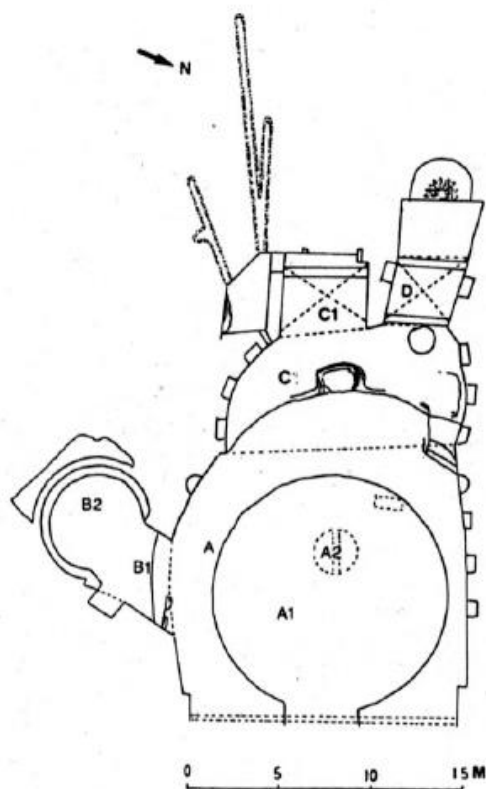


**Fig 14. Planta Geral do Ninfeu de Bergantino (Castel Gandolfo). Segundo Letzner (1990).
Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 495).**

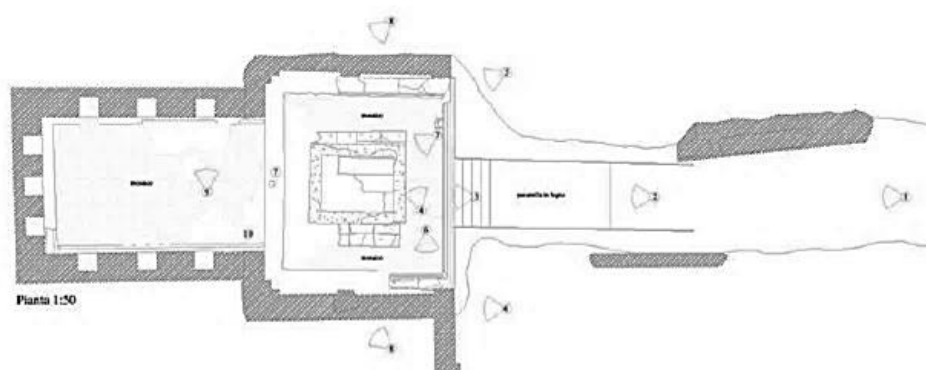


Fig 15. Planta Geral do Ninfeu de Ponari (Cassino). Fonte: Lucía Gómez Robles (2014, p. 160).

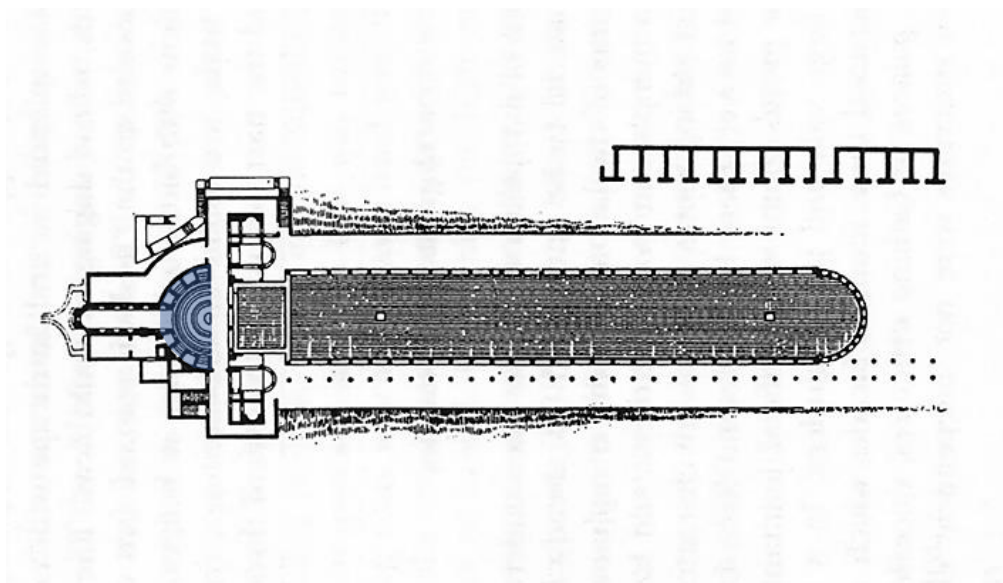


Fig 16. Planta Geral do Canopo da *Villa Adriana* (Tivoli). Fonte: Franz Glaser (2000, p. 463).

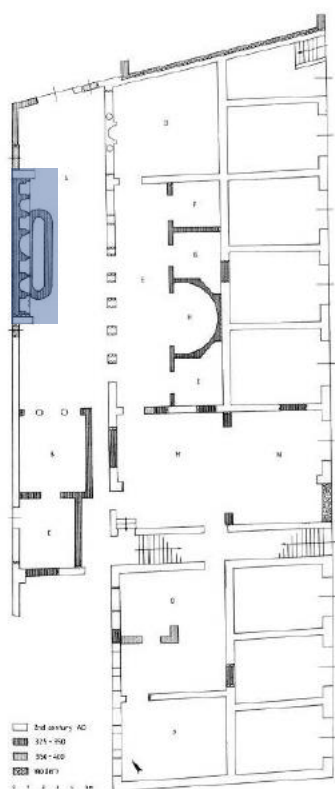


Fig 17. Planta Geral da *Domus* do Ninfeu (Óstia). Fonte: Theodora Heres (1982, p. 473).

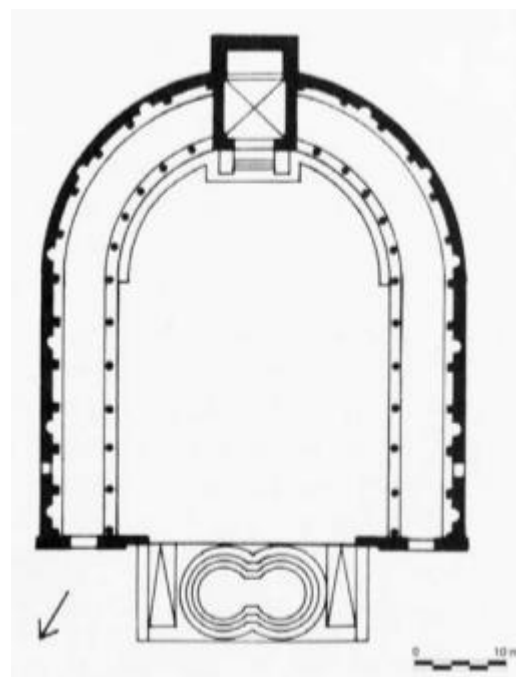


Fig 18. Planta Geral do Templo das Águas (Zaghouan). Segundo B. Longfellow (2011). Fonte: Dylan Rogers (2015, p. 692).

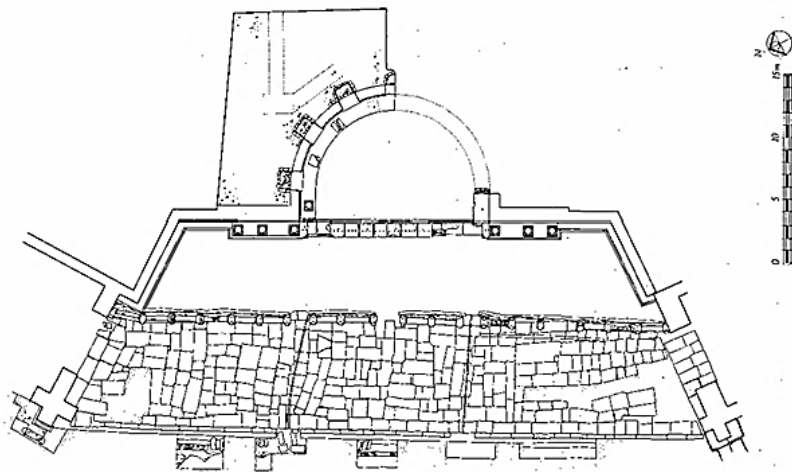


Fig 19. Planta Geral do Ninfeu de Léptis Magna. Fonte: J. Ward-Perkins (1993, p. 78).

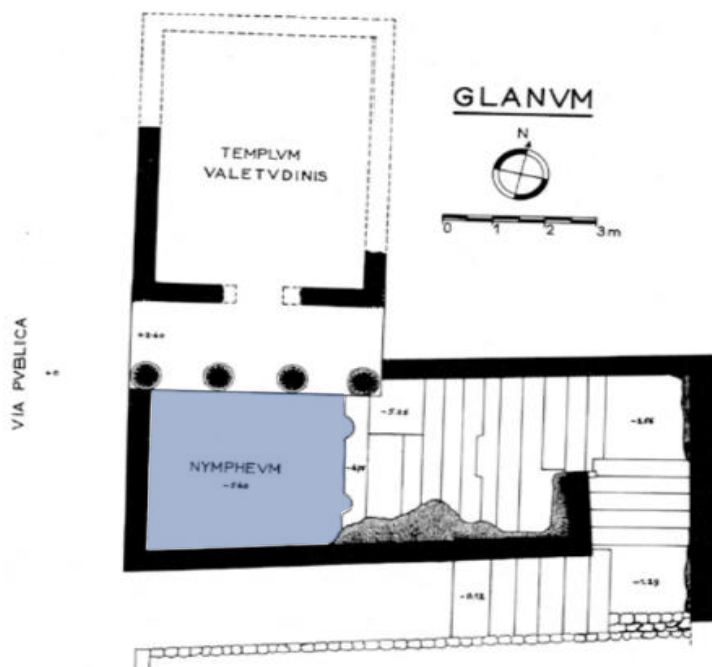
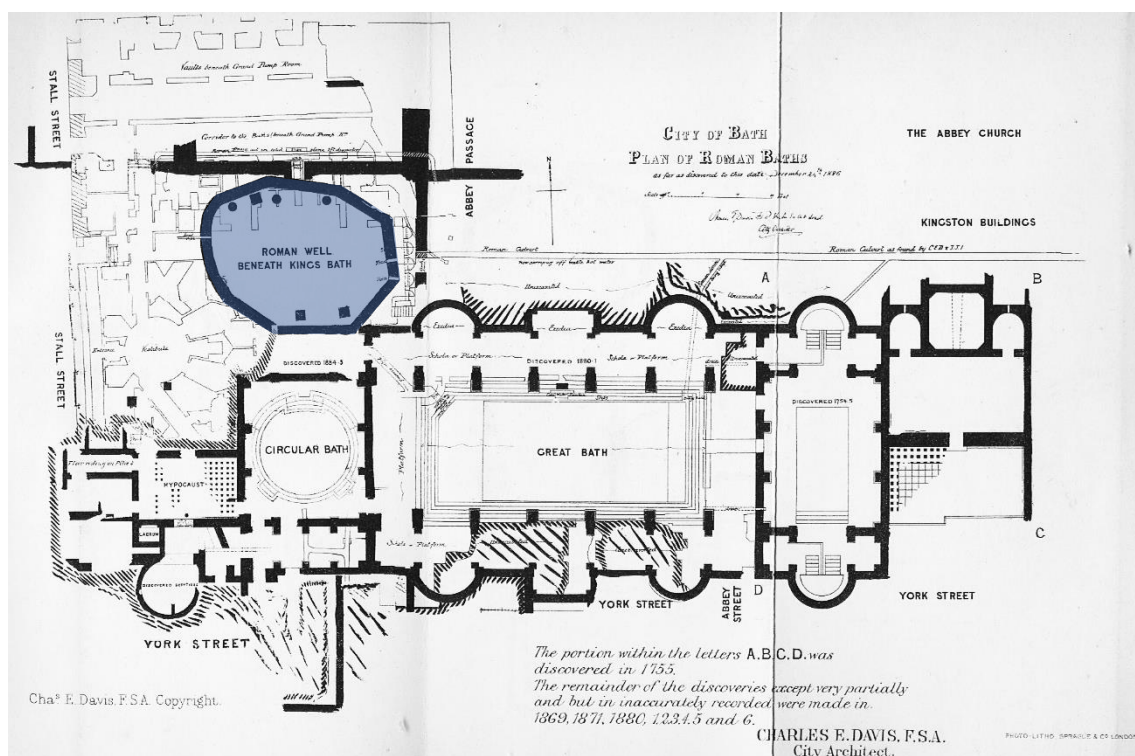
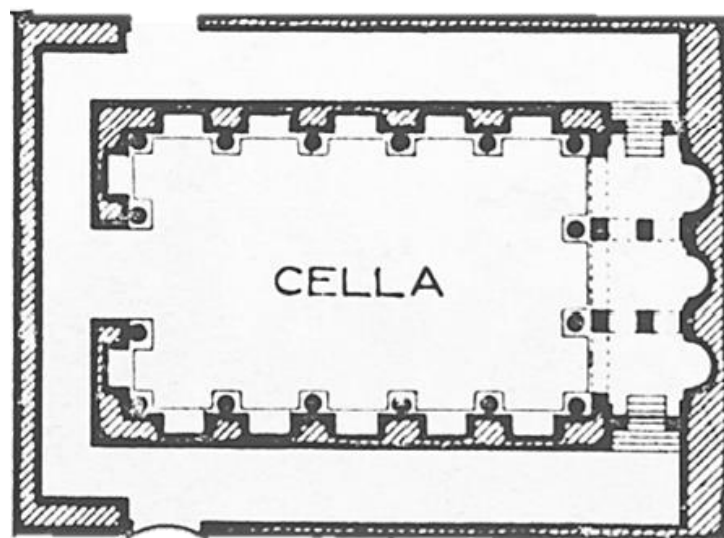


Fig 20. Planta Geral da Fonte de *Glanum* e Templo de Valetudo (França). Segundo H. Rolland, 1958. Fonte: Dylan Rogers (2015, p. 710).



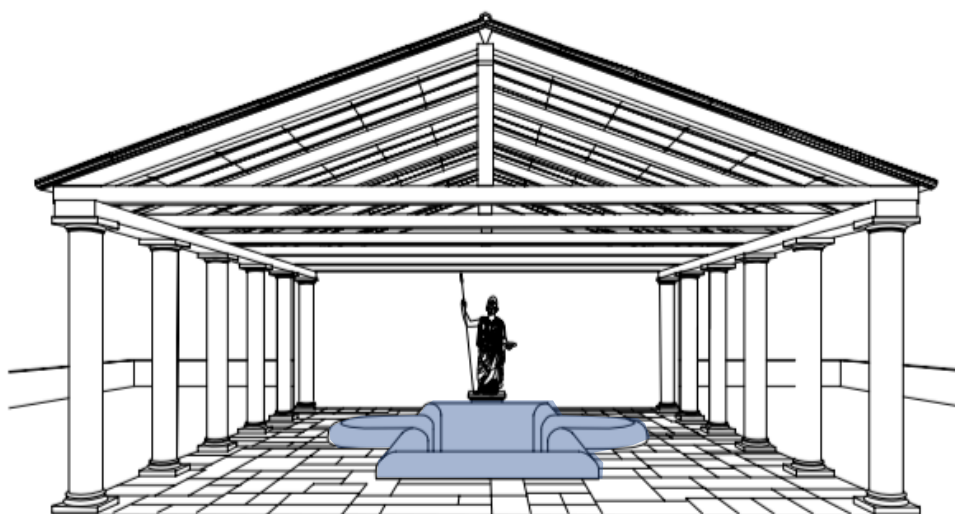


Fig 27. Proposta de Reconstrução do Santuário de Turiasso. Segundo Miguel Beltrán.
Fonte: Miguel Beltrán & Juan Ángel Paz (2002, p. 308).

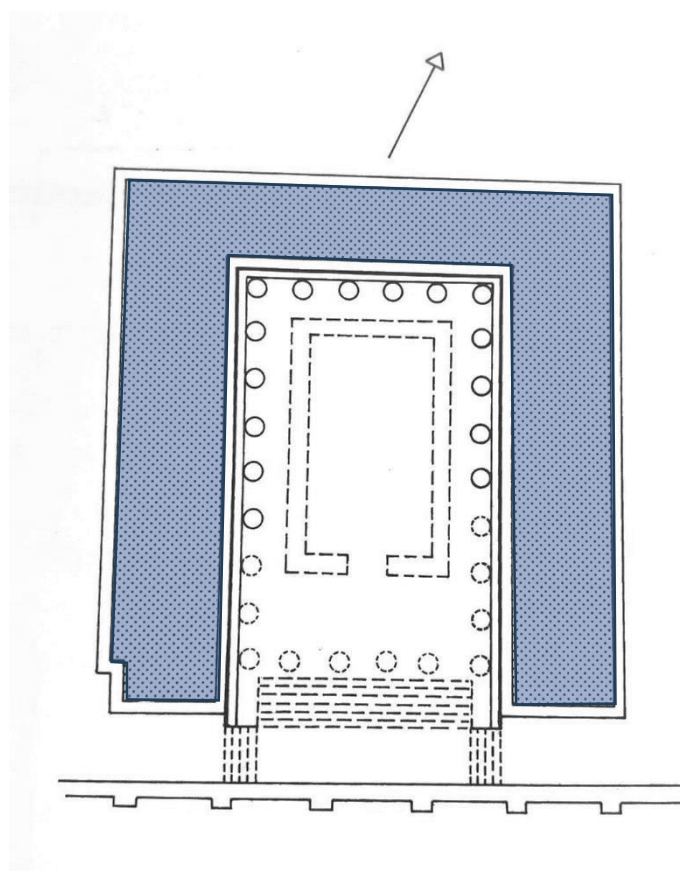
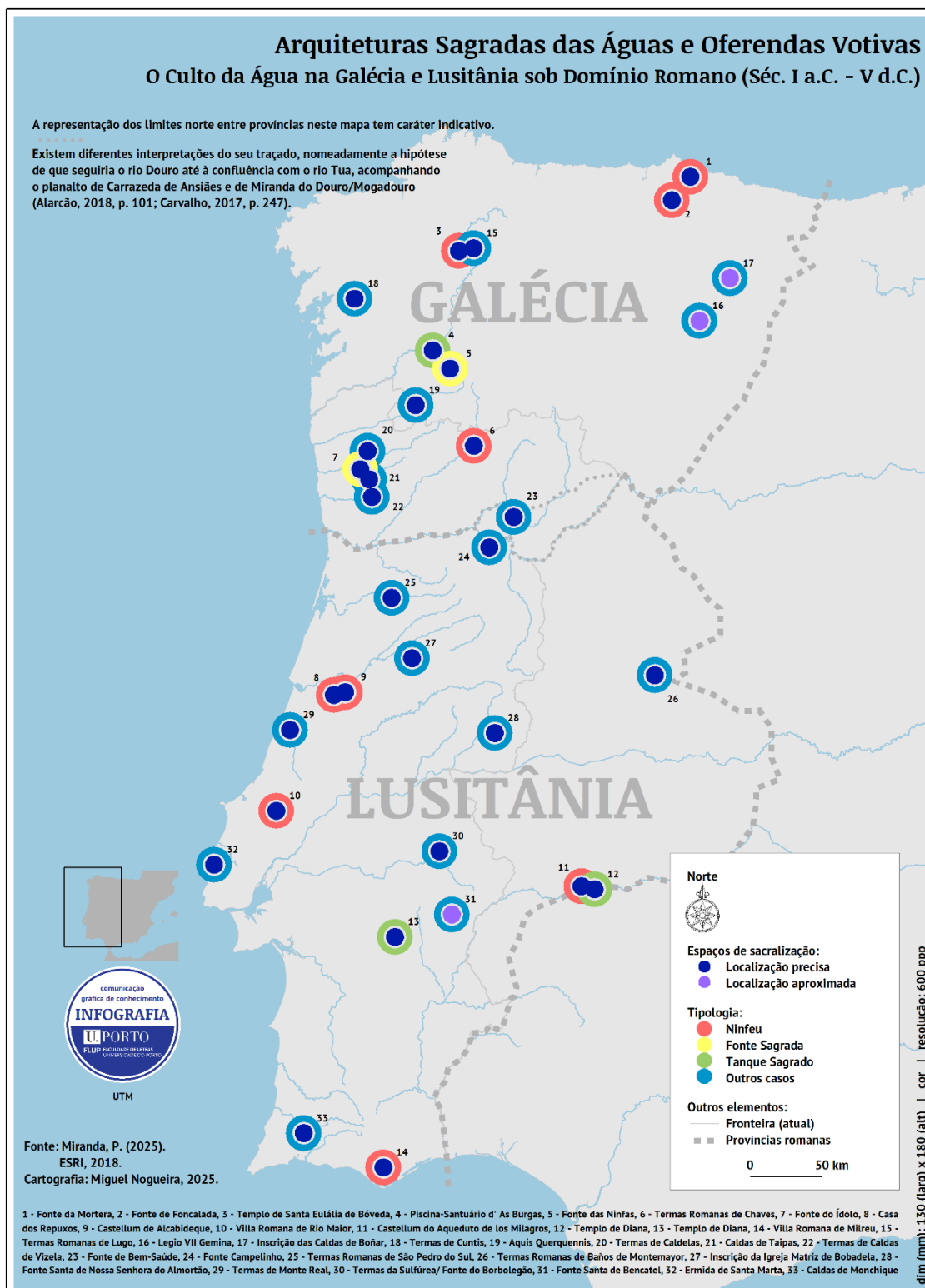


Fig 28. Planta Geral do Templo Romano de Évora. Fonte: Theodor Hauschil
(2002).



Mapa 1. Representação Geográfica da Dispersão dos Espaços de Culto às Águas nos Territórios correspondentes às Províncias da Galécia e da Lusitânia.

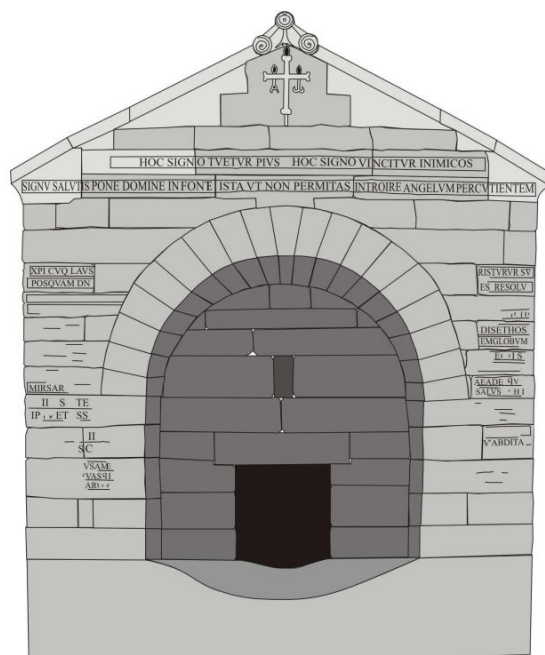


Fig 29. Fonte de Foncalada (Oviedo). Detalhe das Inscrições Alto-Medievais. Fonte: Francisco Borge Cordovilla (2011, p. 166).

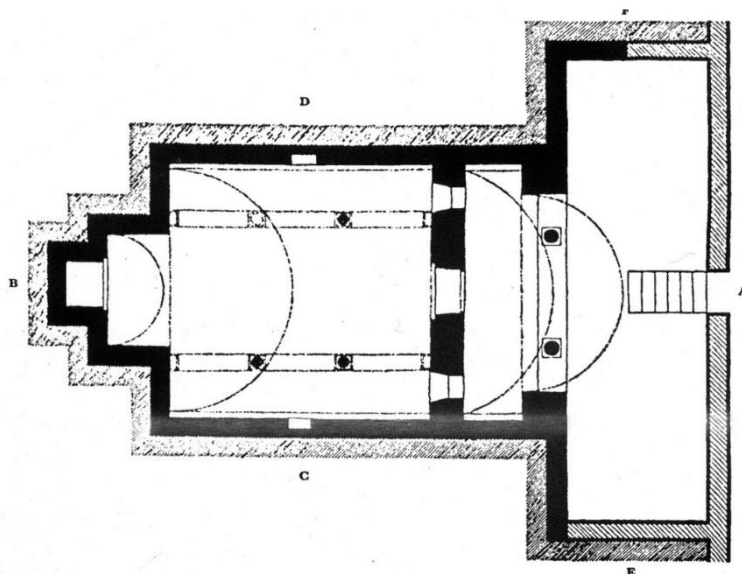


Fig 30. Planta Geral do Templo de Santa Eulália de Bóveda (Lugo). Segundo H. Hanson. Fonte: Mónica Montoro Castillo (2008, p. 192).

²⁰⁵ De acordo com as normas linguistas, termos em latim necessitam de ser colocados em itálico. Por conta de limitações, esta tarefa não foi possível durante a elaboração do mesmo.

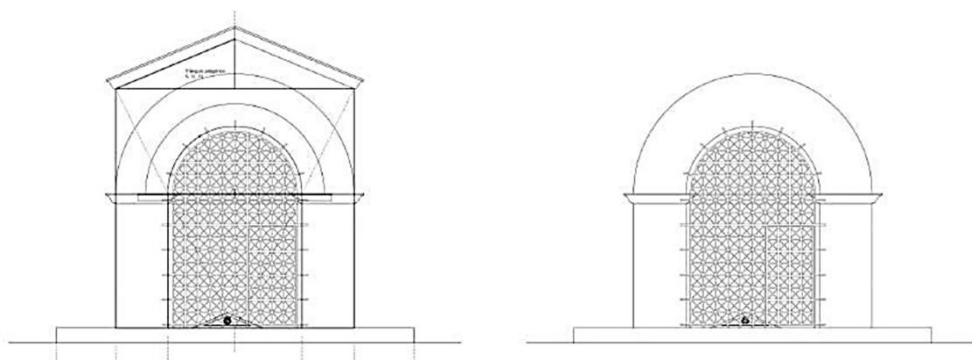


Fig 31. Propostas de Reconstituição do Alçado Principal do Ninfeu das Termas Romanas de Chaves. Fonte: César Figueiredo (2022, p. 234).

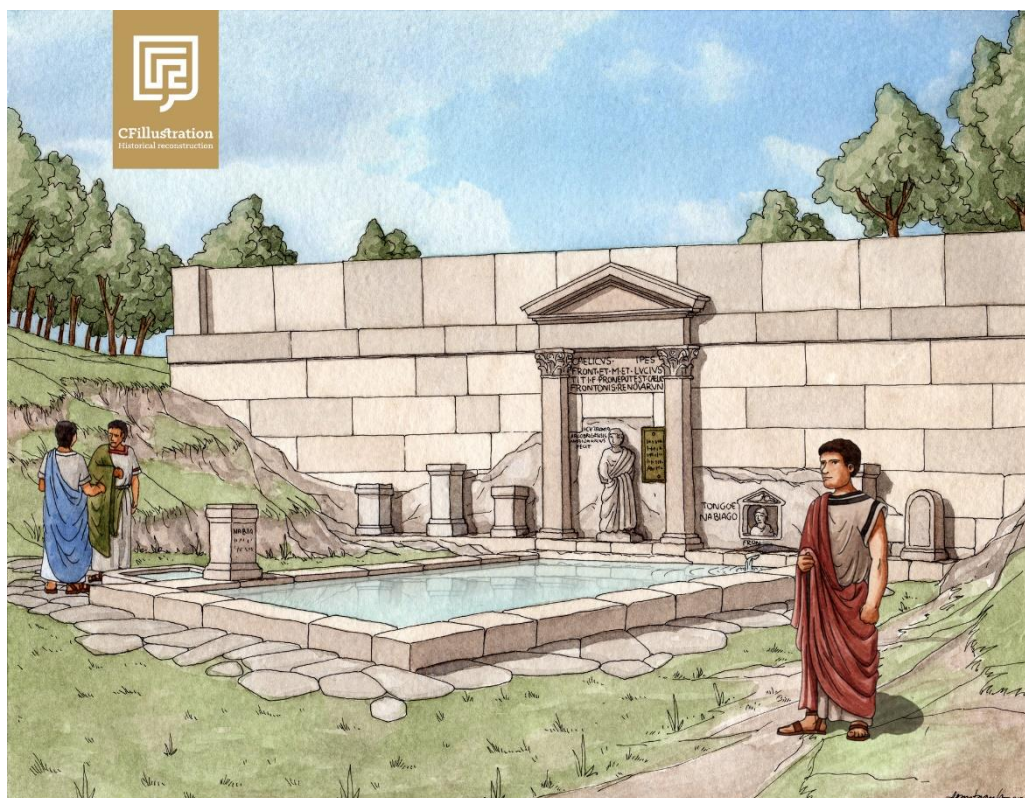


Fig 32. Proposta de Ricardo Mar (Fase II) da Reconstituição da Fonte do Ídolo (Braga). Desenho: César Figueiredo.

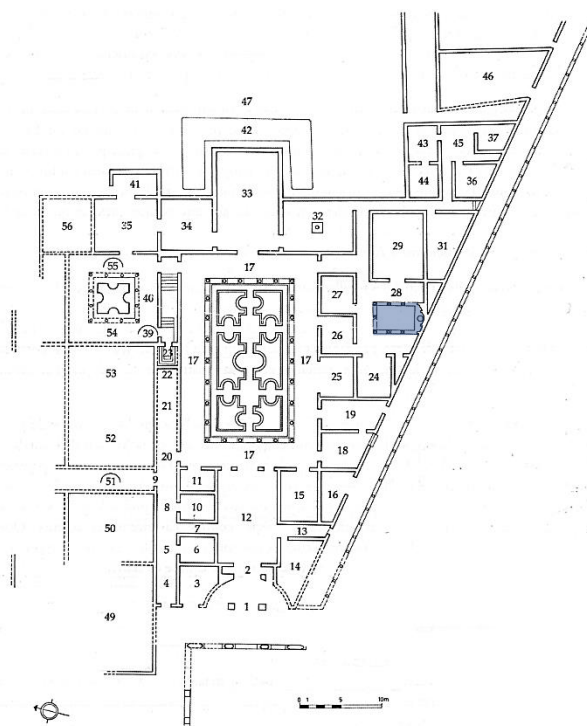


Fig 33. Planta Geral da Casa dos Repuxos (Conímbriga). Fonte: J. M. B. Oleiro (1992, est. 1).

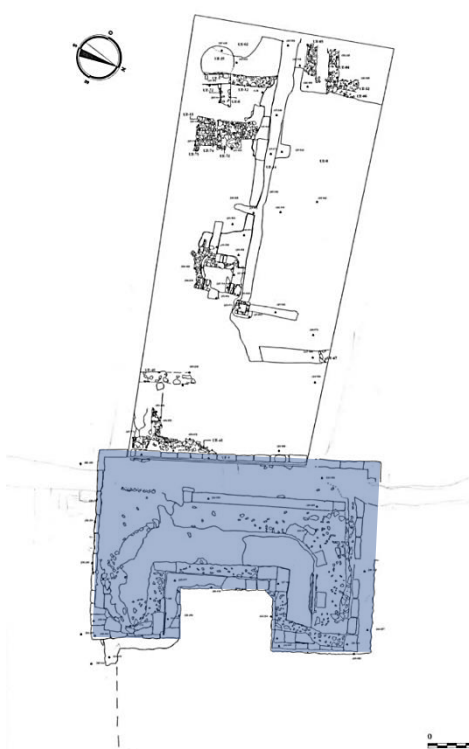


Fig 34. Planta Geral do *Castellum Aquae* do Aqueduto de Los Milagros (Mérida). Fonte: Teresa Barrientos Vera (1996, p. 29).

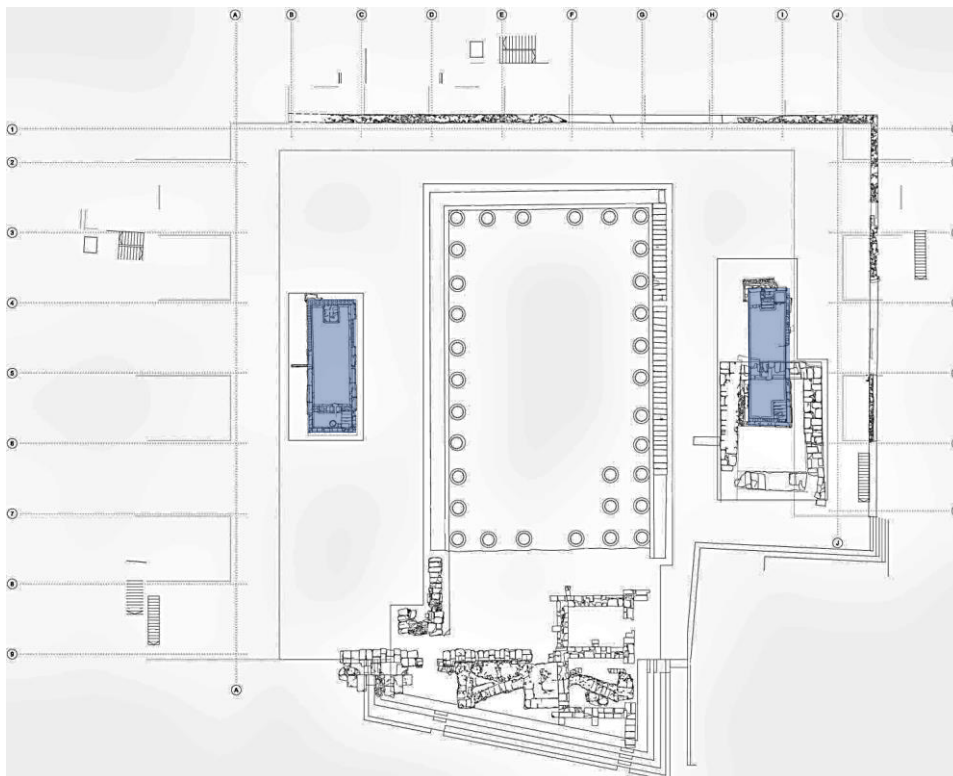


Fig 35. Planta Geral do Templo de Diana (Mérida). Fonte: Arquitecto José Maria Sánchez García, Aib Architecture_Obras.



Fig 36. Planta Geral da *Villa* Romana de Milreu (Estói). Fonte: Felix Teichner

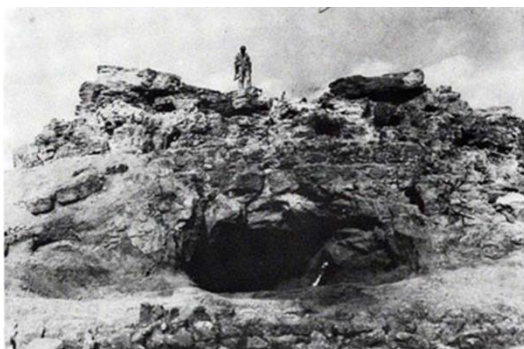


Fig 37. À esquerda, a Gruta de Kafizin (Chipre). À direita, a Fonte da Mortera (Gijón). Fonte: Terence B. Mitford (1980, p. xviii) / GoogleEarth Pro.



Fig 38. À esquerda, o Ninfheu da Casa da Fonte Pequena (Pompeia). À direita, a Fonte de Foncalada (Oviedo). Fonte: Desconhecida / Ko Hon Chiu Vincent (2007).



Fig 39. À esquerda, o Ninfheu da *Villa* Romana de Cupra Marítima (Itália). À direita, o Templo de Santa Eulália de Bóveda (Lugo). Fonte: Portale Turistico del Comune di Cupra Marittima (s.d.) / Alberto López; Suso Varela (La Voz de Galicia, 2017).



Fig 40. À esquerda o Santuário Ritrovato (San Casciano dei Bagni). Estrutura circular identificada como possível piscina votiva. À direita, a piscina-santuário d'As Burgas (Ourense).
Fonte: San Casciano dei Bagni (s.d.) / Viaje Comigo (2018).



Fig 41. À esquerda, as Termas Romanas de Fordongianus (Oristano). À direita, o Ninfeu das Termas Romanas de Chaves. **Fonte:** Salvatorangelo Erriu (2024) / Patrícia Miranda (2025).

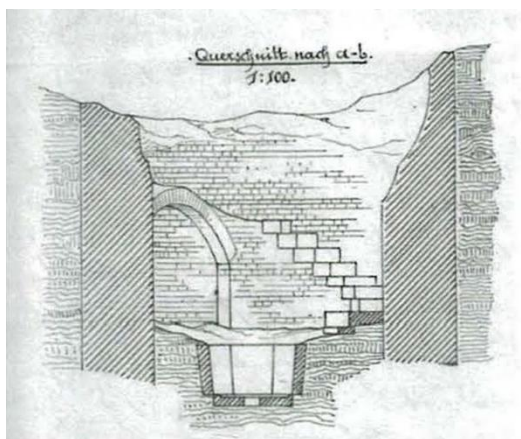


Fig 42. À esquerda, uma ilustração feita por Fritz Möller do santuário de *Icovellauna* (Metz Sablon). À direita, a Fonte do Ídolo (Braga). **Fonte:** Julien Trapp (2025, p. 35) / Patrícia Miranda (2024).



Fig 45. À esquerda, o Ninfheu da Casa da Fonte Grande (Pompeia). À direita, o Ninfheu da Casa dos Repuxos (Conímbriga). Fonte: PompeiianPictures (2023b) / Patrícia Miranda (2025).

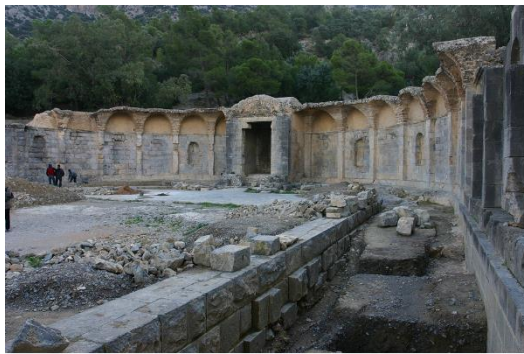


Fig 44. À esquerda, o Templo de Água (Zaghouan). À direita, o *Castellum* de Alcabideque. Fonte: Wikimedia (2004) / Patrícia Miranda (2024).

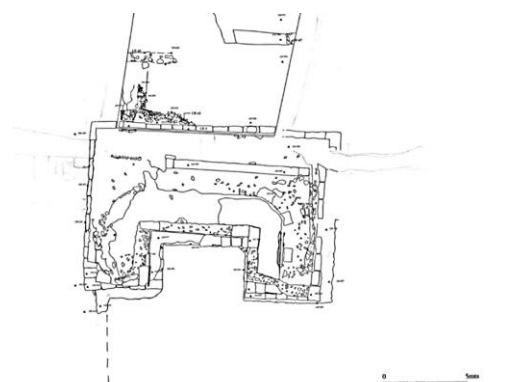
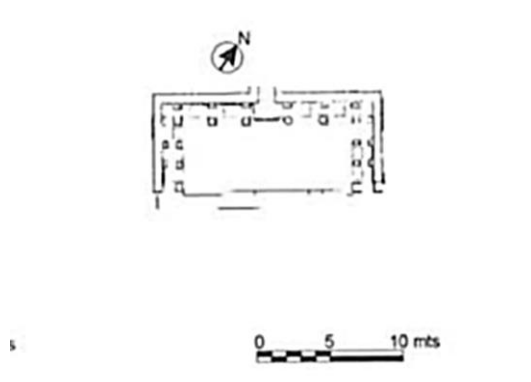


Fig 43. À esquerda a Planta do Ninfheu de Trajano (Éfeso). À direita, a Planta do *Castellum Aquae* do Aqeduto de Los Milagros (Mérida). Fonte: Teresa Barrientos Vera (1996).



**Fig 46. À esquerda, o Fórum de Óstia Antiga. À direita, o tanque do Templo de Diana (Mérida).
Fonte: Klaus Heese / Patrícia Miranda (2024).**



Fig 47. À esquerda, o Ninfeu da Casa dell' Orso Ferito (Pompeia). À direita, o Ninfeu da *Villa Romana de Milreu* (Estói). Fonte: PompeiianPictures (2023a) / Patrícia Miranda (2025).

Anexo III – Outros Casos Discutíveis

Outros Casos	Códigos	Enquadramento Geográfico	Descrição do Sítio	Cronologia ²⁰⁶	Tipo de Oferendas	Divindades das Águas
Termas Romanas de Lugo (Ver Anexo IV, p. 174)	LG.02	Espanha, Lugo, Lugo (<i>Lucus Augusti</i>)	A 400m da Ponte Romana, no novo Hotel Balneário de Lugo, intervenções arqueológicas revelaram vestígios do complexo termal mineromedicinal edificado a 15 a.C. (Hervés Raigoso & Meijide Cameselle, 2000, p. 187; González Fernández & González Soutelo, 2016, p. 128) e 14 inscrições às ninfas, sugerindo a existência de um espaço cultural (Hervés Raigoso & Meijide Cameselle, 2000, p. 188; Souto Figueroa, 2009, p. 63; Meijide Cameselle & Hervés Raigoso, 2016, p. 308; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, pp. 245-253).	Séc. I a.C.	Testemunhos Epigráficos ²⁰⁷	Ninfas
Fonte Extramuros de León (Ver Anexo IV, p. 175)	LN.01	Espanha, León, León (<i>Legio VII Gemina</i>)	A edificação de um balneário romano, conservado no subsolo da Catedral de León, não indicia uma possível relação entre as águas terapêuticas e sagradas (Morillo Cerdán, 2008, p. 389; Morillo Cerdán & García Marcos, 2022, p. 389). Ao contrário de Lugo, as inscrições leonesas consagradas às ninfas não foram encontradas em contexto termal, excluindo a hipótese deste santuário se localizar nas termas. Estudos recentes apontam para a possibilidade de uma fonte sagrada extramuros consagrada às entidades aquáticas (<i>ibid.</i> , p. 389; Morillo Cerdán, 2008, p. 382; 2014, p. 133).	Séc. I d.C. – Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²⁰⁸	Ninfas; Esculápio; <i>Salus</i> ; Serápis-Ísis
Inscrição das Caldas de Boñar (Ver Anexo IV, p. 176)	LN.02	Espanha, León, Boñar (<i>Legio VII Gemina</i>)	Em Caldas de Boñar não existem testemunhos da ocupação romana, mas uma inscrição <i>in situ</i> , oferecida pelo <i>aquilegus</i> ²⁰⁹ , consagrada à fonte, potencia a existência de uma fonte sagrada (Tranoy, 1981, p. 305; Díez de Velasco, 1985, p. 75; 1998, p. 47; Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988, p. 54; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 28; Ángeles Mezquíriz & Unzu Urmeneta, 2004, p. 159; Gutiérrez González, 2017a, p. 5; Encarnação, 2020b, p. 64).	Séc. I d.C. – Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²¹⁰	Fons

Termas de Cuntis (Ver Anexo IV, p. 177)	PT.01	Espanha, Pontevedra, Cuntis (<i>Aquae Calidae</i>)	Pouco são os testemunhos <i>in situ</i> que comprovem a presença romana na região, mas, intervenções arqueológicas revelaram um complexo termal (González Soutelo & Méndez Fernández, 2023, p. 3; Díez de Velasco, 1998, p. 24). À semelhança de Lugo, a descoberta de ex-votos consagrados às ninfas e de um conjunto monetário, ambos provenientes da fonte termal de Forniños levanta a hipótese da sacralização do espaço termal (Díez de Velasco, 1985, p. 85; 1998, p. 24; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 288; González Soutelo & Méndez Fernández, 2023, p. 3).	Séc. I d.C. – Séc. IV d.C.	Testemunhos Epigráficos ²¹¹ ; Numismáticos ²¹²	Ninfas
---	-------	---	---	-------------------------------	--	--------

²⁰⁶ Tendo em consideração a inexistência de testemunhos *in situ*, a cronologia será apontada com base nas oferendas votivas.

²⁰⁷ A seleção das epígrafes a apresentar baseia-se não apenas na sua quantidade, mas também nas incertezas que alguns dos textos suscitam. A ausência de informação impede uma confirmação definitiva da sua relação à sacralização da água. Ver catálogo de epígrafes: EP.LG1 – EP.LG4.

²⁰⁸ Ver catálogo de epígrafes: EP.LN1 – EP.LN5.

²⁰⁹ O termo *aquilegus* refere-se àquele que descobria nascentes de água (Ángeles Mezquíriz & Unzu Urmeneta, 2004, p. 159). Descrita por Columela (*De re rustica*, II, 2, 20, citado por *ibid.*, p. 159) como “*inda gatoes vel receptores aquarum*”.

²¹⁰ Ver catálogo de epígrafes: EP.LN6.

²¹¹ Ver catálogo de epígrafes: EP.PT1 – EP.PT2.

²¹² Asses de Tibério (14-15; 31); Asses de Cláudio (41-50); Sestércio de Domiciano; Dupôndio de Trajano; AE3 de Constantino I (320-321) (Díez de Velasco, 1985, p. 85; Abad Varela, 1992, p. 139; Blásquez & García-Gelabert, 1992, p. 26; Souto Figueroa, 2009, p. 324; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 290). Estão expostas atualmente no Museu Arqueológico Provincial de Ourense (González Soutelo & Méndez Fernández, 2023, p. 4).

Aquis Querquennis (Ver Anexo IV, p. 178)	BD.01	Espanha, Bande, Paróquia de San Xóan (<i>Aquis Querquennis</i>)	Em 1922, intervenções revelaram um acampamento militar, um <i>mansio</i> e um complexo termal de natureza terapêutica e sacra, atualmente parcialmente submerso pela barragem d'As Conchas (Díez de Velasco, 1998, p. 24; Rodríguez Míguez, 2001, p. 123; Vega, Ferrer & Rodríguez, 2009, p. 465; Otero, 2011, p. 3). O cariz religioso do complexo termal advém da descoberta, na nascente termal, de uma inscrição consagrada às ninfas e um conjunto de numismas sugerindo assim um espaço dedicado às águas (Díez de Velasco, 1985, p. 81; 2016, p. 49; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 31; Rodríguez Míguez, 2001, p. 126; Morillo Cerdán, 2014, p. 138).	Séc. I d.C. – Séc. V d.C.	Testemunhos Epigráficos²¹³; Numismáticos²¹⁴	Ninfas
Termas de Caldelas (Ver Anexo IV, p. 179)	BR.02	Portugal, Amares, Caldelas, Sequeiros e Paranhos (<i>Bracara Augusta</i>)	A exploração termal romana não é testemunhada através de vestígios <i>in situ</i> (Cosme, 2021, p. 25), mas pela identificação de inscrições consagradas às ninfas, recuperadas em 1803 aquando da realização de obras junto às nascentes termais que indiciam um possível espaço cultural (<i>ibid.</i>, p. 25; Tranoy, 1981, p. 325; Díez de Velasco, 1998, p. 89; Pérex Agorrete & Miró i Alaix, 2018, pp. 228-229).	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos²¹⁵	Ninfas

²¹³ Ver catálogo de epígrafes: EP.BD1.

²¹⁴ Não existem referências concretas acerca do conjunto monetário encontrado em Baños de Bande (Díez de Velasco, 1985, p. 81; 2016, p. 49; Blázquez & García-Gelabert, 1992, p. 31).

²¹⁵ Ver catálogo de epígrafes: EP.BR3 – EP.BR4.

Caldas das Taipas (Ver Anexo IV, p. 180)	BR.03	Portugal, Guimarães, Caldelas (<i>Bracara Augusta</i>)	Redescobertas em 1753, pelo Frei Cristóvão dos Reis (Ortigão, 1875, p. 35; Vieira, 1886, p. 5; Moledo, 2011, p. 44), foi apenas no séc. XIX que se identificou o balneário romano no complexo moderno-contemporâneo, designado de Banhos Velhos das Caldas das Taipas (<i>ibid.</i> , pp. 46-47; Cortés, 2013, pp. 9-10). Em 1949, a 3 _{km} das Taipas, a descoberta de uma inscrição consagrada às ninfas levou à teorização de um possível espaço cultural próximo do complexo termal (Díez de Velasco, 1985, p. 87; 1998, p. 41; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992, p. 57; Martínez, 1995, p. 4).	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²¹⁶	Ninfas
Termas de Caldas de Vizela ²¹⁷ (Ver Anexo IV, p. 181)	VZ.01	Portugal, Vizela, Caldas de Vizela (<i>Oculis Calidarum</i>)	Por decisão administrativa vimaranense, os testemunhos do complexo termal romano estão hoje subterrados pela cidade moderna (Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 1268), mas a descoberta de ex-votos consagrados às ninfas e Bormânico, provenientes das zonas de Banhos de Médico e da Lameira apontam para a sacralização destas águas ²¹⁸ (Vasconcellos,	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²¹⁹	<i>Nymphae Lupianae</i> ²²⁰ , Bormânico

²¹⁶ Ver catálogo de epígrafes: EP.BR5.

²¹⁷ “Vizela Romana”. Personificação de uma tradição (Pacheco, 2007, p. 292). De acordo com a tradição popular, Vizela terá resultado de um gesto de generosidade de uma deusa ou ninfa que “*decidiu presidir ao nascimento de uma localidade, lançando sobre a terra, com uma concha, água que fez brotar um rio e nascentes de águas cálidas*” (*ibid.*, p. 292; Silva, 2016, p. 106).

²¹⁸ De acordo com Júlio Damas (1970, p. 24): “*A divindade não era esquecida e quase sempre o seu oratório não ficava longe do balneário, que a consagrava às águas*”.

²¹⁹ Ver catálogo de epígrafes: EP.VZ1 – EP.VZ3.

²²⁰ Entidades cujo epíteto “*Lupianae*” está relacionado à hidronímia (Gomes, 2015, p. 91, Mathieu-Colas, s.d., p. 20), mas, de acordo com Amílcar Guerra (2003, p. 106) surgem associadas às virtudes salutíferas termais

			1984, p. 15; Díez de Velasco, 2010, p. 153; Queiroga, 2013, p. 183).			
Fonte de Bem-Saúde (Ver Anexo IV, p. 182)	VF.01	Portugal, Vila Flor, Sampaio	Não existem indícios do aproveitamento das águas de Bem-Saúde²²¹ em contexto termal, mas, a Câmara Municipal de Vila Flor associa os terrenos da Sumol + Compal Marcas S.A. às Termas de Bem-Saúde²²². A 16_{km} de Sampaio, no Barral da Ribeira, foi recuperada uma epígrafe dedicada às ninfas que os investigadores especulam que tenha sido depositada na Fonte nº 1 de Bem-Saúde, mas deslocada pelas cheias do séc. XX (Santos Junior & Cardozo, 1953, p. 66; Júnior, 1982, p. 237; Díez de Velasco, 1985, p. 83; Garibo & Pereira, 2014, p. 548; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 207).	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²²³	Ninfas
Fonte Campelinho (Ver Anexo IV, p. 183)	FC.01	Portugal, Vila Nova de Foz Côa, Numão	Descrita como “fonte de mergulho/chafurdo” ²²⁴ medieval (SIPA, IPA.00011409), interpretações apontam para o possível aproveitamento das águas por comunidades autóctones e a	-	Outros	-

²²¹ Águas Frize®. Originalmente, as águas de Bem-Saúde eram utilizadas como remédio paliativo e como tratamento de doenças do sistema digestivo devido ao levado teor de gás carbónico natural que as torna únicas no panorama nacional (Pina & Martins, 2022, p. 247).

²²² No séc. XX terá existido uma unidade termal em Sampaio, hoje desativada (Morais, 1956, p. 33; Pina & Martins, 2022, p. 251) e industrial, ainda em funcionamento, a cargo da Sumol + Compal Marcas S.A. (SIPA: IPA.00020046).

²²³ Ver catálogo de epígrafes: EP.VF1.

²²⁴ Modelo de fonte, cuja designação advém da necessidade de imergir nelas o recipiente para recolher a água, tendo sido estruturas que permitiam a decantação de impurezas (Neto, 2015, p. 6). Caracterizar-se-iam pela sua planta retangular, uma cobertura de duas águas e na frontaria com dois pináculos que lhe garantiria um aspeto monumental (*ibid.*, p. 8).

			adaptação da estrutura em época romana (Azevedo, 1969, p. 320; Ferreira, 1968a, p. 377; Ferreira, 1968b, p. 191). Não existem dúvidas quanto à herança clássica após a descoberta de duas pedras votivas, uma com a representação de três figuras²²⁵ e uma inscrição grega²²⁶.			
Termas Romanas de São Pedro do Sul (Ver Anexo IV, p. 184)	SP.01	Portugal, São Pedro do Sul, São Pedro do Sul, Várzea e Baiões <i>(Aquaes Sulis</i> ²²⁷)	Complexo termal romano que preserva parte da estrutura original com piscina interior e <i>natatio</i> apesar das sucessivas transformações na época medieval (Lacerda, 2011, p. 117; Mendes-Pinto & Reis, 2020, p. 34; 2021, p. 191; 2023, p. 28) Não existe indícios da existência de um espaço cultural, mas alguns autores defendem a teoria de sacralização da nascente de abastecimento do complexo termal através da edificação de um ninfeu (Mendes-Pinto & Reis, 2021, p. 185).	Séc. I d.C.	Testemunhos Epigráficos ²²⁸ ; Numismáticos ²²⁹	Mercúrio <i>Aquaeco</i> dos Augustos

²²⁵ Não existem confirmações quanto à identidade destas representações, contudo, os investigadores têm as identificado como ninfas (Ferreira, 1968a, p. 380; 1968b, p. 191; Azevedo, 1969, p. 314) ou as moiras da mitologia grega – Cloto, Láquesis e Atropo (*ibid.*, p. 320). A associação com mouras advém da lenda da moura encantada ligada à fonte (*ibid.*, p. 316; Ferreira, 1968a, p. 377).

²²⁶ Nous (= νόος). Significa “pensamento”; “sabedoria”; “espírito” (Azevedo, 1969, p. 314).

²²⁷ Evocativa de Sulis (≈ Minerva Médica). Deusa celta da cura através de fontes de água quente (Carriço, 2013, p. 86; Daetwyler, 2014, p. 16). O exemplo mais célebre do culto a *Sulis* encontrasse em Bath (lat: *Aquaes Sulis*) onde terá sido edificado um santuário autóctone, por sua vez termal (*ibid.*, p. 18).

²²⁸ Ver catálogo de epígrafes: EP.SP1.

²²⁹ Não existem muitas referências acerca do conjunto monetário encontrado em São Pedro do Sul. No decurso de intervenções arqueológicas em 2017 apareceram cerca de 40 numismas (27 moedas romanas datadas de Trajano e Constantino e 5 moedas medievais) (Vaz, 1997, p. 93; Martins, 2009, p. 98; Pinto & Reis, 2020, p. 35).

Termas Romanas de Baños de Montemayor (Ver Anexo IV, p. 185)	CC.01	Espanha, Cáceres, Baños de Montemayor (<i>Colonia Norba Caesarina</i>)	Complexo termal do séc. I d.C., parcialmente destruído devido às sucessivas reformas na Idade Média (Vargas Calderón, Mateos Molinero & Aparicio Martínez, 2007, p. 556). Obras de reabilitação no balneário do séc. XIX confirmaram o uso das águas mineromedicinais desde época romana, como a sua sacralização (Fernandes, 2002, p. 132; Haba Quirós & Rodrigo López, 2009, p. 274; Sánchez Lomba, 2014, p. 254). Nas intervenções, o espólio recuperado sugere a existência de um espaço cultural consagrado às águas, possivelmente um ninfeu complementar ao complexo termal (Fernandes, 2002, p. 132).	Séc. I d.C. – Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²³⁰ ; Numismáticos ²³¹ ; Ex-Votos Anatômicos	<i>Nymphae Caperenses</i> ; Fontana
Inscrição da Igreja Matriz de Bobadela (Ver Anexo IV, p. 186)	LV.01	Portugal, Oliveira do Hospital, Bobadela (<i>Splendidissima Civitas</i>)	Andreia Silva (2020, p. 42) sugere que no fórum de Bobadela havia “<i>um templo dedicado ao culto imperial e a oeste dois templos consagrados Génio do Município e a Vitória</i>”, ou um templo a Neptuno (Silva, 2014, p. 102; Alarcão, 2002-2003, p. 160; Reis & Oliveira, 2009, p. 28). Esta conexão a Neptuno advém da inscrição na Igreja Matriz (Alarcão, 2002-2003, p. 160; 2004, p. 212; Encarnação, 2006,	Séc. I d.C.	Testemunhos Epigráficos ²³²	Neptuno

²³⁰ Álvarez Martínez, 1973, p. 477; Rodrigo & Haba Quirós, 1992, p. 357; Blásquez, 2002, p. 23; Díez de Velasco, 2002, p. 141; Haba Quirós & Rodrigo López, 2009, p. 274; Peréz & Miró i Alaix, 2018, p. 209. Ver catálogo de epígrafes: EP.CC1 – EP.CC17.

²³¹ Asses de Tibério ou Constantino; Dupôndio (41-50); Dupôndio de Domiciano (85); Sestércios de Domiciano e Trajano (103-111); Dupôndio de Trajano (112-117); Dupôndio de Adriano (125-128); Sestércio de Antonino Pio (138); As de Antonino Pio (140-144); Sestércios de Marco Aurélio (149-161/ 177-178); As de Lúcio Vero (163-164); As de Cómodo; AE2 de Constâncio II; AE3 de Juliano (355-360) (Abad Varela, 1992, pp.160-161; Vargas Calderón, Mateos Molinero & Aparicio Martínez, 2007, p. 563; Peréz & Miró i Alaix, 2018, p. 214).

²³² Ver catálogo de epígrafes: EP.LV1.

			p. 278; Silva, 2014, p. 96). Esta descoberta levantou a hipótese da existência de um espaço cultural consagrado a este deus, mas a análise veio comprovar que “ <i>não estaria num templo, mas num monumento ligado às águas</i> ” (Alarcão, 2002-2003, p. 160; 2004, p. 213; Encarnação, 2006, p. 279). Não existiu um “ <i>Neptuni templum</i> ”, mas um “ <i>nymphaeum Neptunale</i> ” (<i>ibid.</i> , p. 279; Alarcão, 2002-2003, pp. 160-161; 2004, pp. 212-213; Silva, 2014, p. 96).			
Fonte Santa de Nossa Senhora do Almortão (Ver Anexo IV, p. 187)	DN.01	Portugal, Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova e Alcafozes (<i>Civitas Igaeditaroum</i>)	Capela de fundação alto-medieval (SIPA, IPA.00006735), cujos testemunhos indicam à existência de um santuário pagão e de um balneário terapêutico, alimentado pela fonte localizada no mesmo sítio (Catana, 2007, p. 11), atualmente desativada (Ferreira, 2022, p. 45). Fernando de Almeida (1964, citado por Salvado, 2005, p. 120) refere que existiam duas nascentes de água mineromedicinais que iam até uma fonte com silhares com evidências romanas. Esta questão levou o autor a propor a hipótese de um ninfeu (Salvado, 2005, p. 120). A 7_{km} do santuário, outros testemunhos permitiram confirmar a sacralização das águas, como a inscrição a <i>Igaedo</i> (<i>ibid.</i>, p. 120; Encarnação, 1987, p. 23; Catana, 2007, p. 34; Ferreira, 2022, pp. 44-45).	-	Testemunhos Epigráficos ²³³	<i>Igaedo</i> ²³⁴

²³³ Ver catálogo de epígrafes: EP.DN1.

²³⁴ Com o Cristianismo, Pedro Salvado (2005, p. 120) sugere que Nossa Senhora do Almortão pode ter adquirido atributos ligados a *Igaedo*.

Termas de Monte Real (Ver Anexo IV, p. 188)	LR.01	Portugal, Leiria, Monte Real e Carvide (<i>Civitas Collippo</i>)	Em 1806, por ordem de D. Manuel de Aguiar, Bispo de Leiria, foi edificado um novo balneário com o objetivo de explorar a nascente termal que revelou vestígios romanos (Alves, 1955, p. 53; Lacerda, 2011, p. 110; Bernardes, 2015, p. 2) Pelo contexto deste espólio, não existem dúvidas que se trata de uma “ <i>manifestação do culto às águas, eventualmente integrada num pequeno santuário</i> ” (Alves, 1955, p. 57; Bernardes, 2007, p. 149) complementar ao complexo termal.	Séc. III d.C.	Testemunhos Epigráficos ²³⁵ ; Numismáticos ²³⁶	Fonte
Termas da Sulfúrea/ Fonte do Borbolegão ²³⁷ (Ver Anexo IV, p. 189)	FN.01	Portugal, Fronteira, Cabeço de Vide	No séc. XIX, por ocasião da edificação do novo balneário das Termas da Sulfúrea, foram recuperados vestígios que indiciam a existência de um complexo termal romano (Carneiro, 2004, p. 94; Pina, 2010, p. 7). No exterior do complexo, existem indícios romanos: “ <i>um túnel escavado na rocha, com abóboda em tijolo, onde uma das nascentes sulfurosas é conduzida por uma caleira até à zona</i> ”	Séc. I d.C. – Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²³⁸ ; Numismáticos ²³⁹	Ninfas; Fontano

²³⁵ Ver catálogo de epígrafes: EP.LR1.

²³⁶ Moeda de Antonino Pio, Marco Aurélio ou Lúcio Vero; Moeda de Ania Galéria Faustina (mulher de Antonino) ou Ania Faustina (mulher de Marco Aurélio); Bronze de Severo Alexandre (231-235); Bronze de Filipe II (244-246) (Alves, 1955, pp. 58-59; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 236). Não se tem certezas do seu paradeiro, podendo estar depositadas no MNA (Bernardes, 2015, p. 7), ou no Gabinete de Numismática da Biblioteca Nacional (Alves, 1955, p. 57; Bernardes, 2007, p. 149).

²³⁷ Não se conhece ao certo a origem do termo “Borbolegão”, porém Martins Sarmento (1878, p. 2; 1884, p. 60) parece indicar que essa denominação é uma variante de Borvo ou Bormânico, estando relacionado o termo com o ato do “borbulhar” da água.

²³⁸ Em Monforte (a 17_{km} de Cabeço de Vide) e no Ervedal (a 31_{km}) foram descobertas duas inscrições que Luís Fernandes (2002, p. 133) defende que não é possível relacionar este ex-voto, de modo seguro, às termas de Cabeço de Vide ao contrário de Paula Morgado e André Carneiro (2011, p. 143) que apontam a hipótese de pertencer às Termas de Sulfúrea. Ver catálogo de epígrafes: EP.FN1 – EP.FN2.

²³⁹ Não existem muitas referências acerca do conjunto monetário, com exceção da ocupação diacrónica desde época romana à medieval (Pina, 2010, p. 7).

			<i>dos tanques, onde actualmente se encontra anexa uma pequena capela, a fonte do Borbolegão ” (Carneiro, 2004, pp. 95-96).</i>			
Fonte Santa de Bencatel (Ver Anexo IV, p. 190)	VV.01	Portugal, Évora, Vila Viçosa ²⁴⁰	Desconhece-se a sua localização atual, mas próximo ao local foram recuperados indícios interpretados como pertencentes a um edifício cultural (Espanca, 1880, p. 80; Vasconcellos, 1905, p. 256; Carneiro, 2014, p. 434; 2019, p. 101) ou um complexo termal (<i>ibid.</i> ; 2011, p. 255; 2014, p. 434; Espanca, 1880, p. 80).	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²⁴¹	Fontano e Fontana
Ermida de Santa Marta (Ver Anexo IV, p. 191)	RC.01	Portugal, Ericeira, Mafra	A Capela de Santa Marta, edificada em 1760, veio substituir um templo primitivo do séc. XV, erguido próximo às “Águas de Santa Marta” (Pereira, 1914 p. 327; Ribeiro, 1983, p. 13; Rodrigo & Haba Quirós, 1992, p. 371; Fernandes, 2002, p. 134.). Na nascente foram identificados escassos testemunhos da sacralização das águas. Investigadores defendem a existência de um complexo termal romano (Fernandes, 2002, p. 134), ou de um edifício cultural.	Séc. II d.C.	Testemunhos Epigráficos ²⁴²	Fonte

²⁴⁰ Não existem fontes suficientes para identificar a sua localização. O Sr. Vice-Presidente da Câmara de Vila Viçosa, Tiago Salgueiro, via e-mail, mencionou não ter referências sobre o tema, tendo-me disponibilizado as “Memórias de Vila Viçosa” do Padre Joaquim Espanca (1880) para compreender este monumento.

²⁴¹ Juntamente com a epígrafe foram recuperados numismas, outras potenciais oferendas (Espanca, 1880, p. 32; Carneiro, 2011, p. 246) e uma escultura de uma sereia (Carneiro, 2013a, p. 221), que o Padre Joaquim Espanca (1880, p. 75) aponta como sendo uma representação de uma ninfa. Ver catálogo de epígrafes: EP.VV1.

²⁴² Ver catálogo de epígrafes: EP.RC1.

Caldas de Monchique (Ver Anexo IV, p. 192)	MN.01	Portugal, Monchique, Monchique (<i>Mons Cicus</i> ?)	Tirando proveito das fontes termais, no séc. I d.C., procedeu-se à edificação de um primeiro complexo higiénico-termal ²⁴³ (Franco, 1945, p. 8; Formosinho, Ferreira & Viana, 1953, p. 203; Pinto, 2013, p. 9; González Soutelo & Capela, 2016, p. 126). Autores sustentam a hipótese da existência de um pequeno “ <i>aedes sacrae</i> ” (Pinto, 2013, p. 10) ou ninfeu que transmitia a natureza sagrada das águas termais (<i>ibid.</i> , p. 12; Fernandes, 2002, p. 134).	Séc. I d.C.	Testemunhos Epigráficos ²⁴⁴ ; Numismáticos ²⁴⁵	Águas Sagradas ²⁴⁶
--	-------	--	---	-------------	--	-------------------------------

Tabela 12. Inventário de Sítios com Potencial Sacralização das Águas nos Territórios da Galécia e da Lusitânia: Apresentação dos Principais Dados do Eventual Culto às Águas

²⁴³ Considerando a intensa ocupação islâmica na região algarvia, também a descoberta de moedas árabes nas Caldas de Monchique aponta para uma contínua utilização das termas. Os muçulmanos eram grandes apreciadores dos banhos, mas a sua presença nestas caldas poderá ter sido devido à ideia da sacralidade das águas, importante no islamismo para a purificação antes das orações (Pinto, 2013, p. 106; Trindade, 2015, p. 208).

²⁴⁴ Ver catálogo de epígrafes: EP.MN1.

²⁴⁵ As de Tibério; Asses de Cláudio I; Sestércio de Antonino Pio; As de Otacília Severa (244-249); Antoniniano (séc. III); Moeda de Constantino I; *Nummus* de Constâncio Galo, Constâncio II; Valentiniano I; *Nummus* de Graciano; Moeda de Teodósio I; Moeda de Arcádio; *Nummus* de Arcádio (Carvalho, 1939, p. 14; Abad Varela, 1992, pp. 172-173; Pinto, 2013, p. 9; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018, p. 224).

²⁴⁶ Atualmente, as águas de Monchique são ainda consideradas “águas santas” por conta das suas propriedades terapêuticas e medicinais (Franco, 1945, p. 10): “O poder curativo confere a estas águas um poder sagrado, imortalizado numa inscrição epigráfica encontrada aquando das escavações, e ainda perpetuada na toponímia local: “Fonte Santa”” (Batista, 2013, p. 39).

Anexo IV – Fichas de Sítio

Identificação			
Designação	Fonte da Mortera		
Código	GJ.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Gijón, San Juan de Tremañes		
Enquadramento Histórico	Galécia, Gijja		
Caracterização			
Descrição Geral	Nascente natural/ Fonte alto-imperial edificada numa cavidade natural, consagrada a Fortuna Balnearis, possivelmente associada a um espaço cultural de cariz privado integrado num complexo termal da Villa Romana de Pumarín.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu de Gruta	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Mal Preservado	Classificação Nacional	Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Área de Inserção da Fonte © Google Earth Pro	Fonte da Mortera © Google Earth Pro	Inscrição a Fortuna Balnearis © Subastas Segre	
Bibliografia			
Díez de Velasco, 1985; 1998; Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Rodrigo & Haba Quirós, 1992; Oró Fernández, 1996; Iglesias Gil & Ruiz-Gutiérrez, 2012; Santos Yanguas, 2017;			
Gutiérrez González, 2018; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021;			

Identificação			
Designação	Fonte de Foncalada		
Código	VD.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Oviedo, Oviedo		
Enquadramento Histórico	Galécia, Ovetum?		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte alto-imperial/medieval, edificada entre os reinados de Afonso II e Afonso III, mas com uma arquitetura tipicamente romana, semelhante aos ninfeus ad edicola.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.); Período Alto-Medieval (Séc. IX d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu Ad Edicola	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Opus Quadratum	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Lajes Pétreas	Espólio	Não Aplicável
Acabamentos	Arco de Aduelas de Volta Perfeita; Telhado de Duas Águas		
Proteção			
Estado de Conservação	Bem Preservado	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Fonte da Foncalada. Fachada. ©2007 Ko Hon Chiu Vincent	Fonte da Foncalada. ©2024 Desconhecido	Fonte da Foncalada. Interior. ©2024 Desconhecido	
Bibliografia			
Ríos González, 1999; Borge Cordovilla, 2011; Gutiérrez González, 2013; 2017; 2018; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021;			

Identificação			
Designação	Templo de Santa Eulália de Bóveda		
Código	LG.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Lugo, Santalla de Bóveda de Mera		
Enquadramento Histórico	Galécia, Lucus Augusti		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte de tradição autóctone, convertida em ninfeu no período baixo-imperial. Funcionou desde templo pagão, ninfeu romano, monumento funerário, templo visigótico até igreja cristã consagrada a Santa Eulália.		
Cronologia	Período Baixo-Imperial (Séc. IV d.C.)	Dimensões	6,40 x 1,45 (Blanco et al., 2009)
Tipologia	Fonte Sagrada de Tradição Autóctone; Ninfeu de Câmara	Abastecimento	Lençol Freático
Aparelhos	Opus Mixtum: Opus Vittatum; Opus Testaceum	Elementos Decorativos	Frescos
Elementos Arquitetónicos	Arco de Volta Perfeita em Tijolo; Arco de Ferradura		
Pavimentos	Lajes Pétreas; Pavimento Marmóreo	Espólio	Ara(s) Votivas; Ex-Votos Anatómicos
Acabamentos	Reboco; Pintura		
Proteção			
Estado de Conservação	Bem Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional; Bem de Interesse Cultural
Imagens			
  			
Interior de Santa Eulália de Bóveda © Deputación de Lugo Pinturas Murais © Deputación de Lugo Piscina de Santa Eulália de Bóveda © Deputación de Lugo			
Bibliografia			
Díez de Velasco, 1985; Oró Fernández, 1996; Sáez Taboada, 2002; Montenegro Rúa, 2005; 2008a; 2008b; 2011; 2016; 2018; Blanco-Rotea et al., 2009; Carrocera Fernández, 2016; Gutiérrez González, 2018; Pérez Murado, 2019; Abuín, s.d.;			

Identificação			
Designação	Piscina-Santuário d' As Burgas		
Código	RS.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Ourense, Ourense		
Enquadramento Histórico	Galécia, Aquis Auriensis		
Caracterização			
Descrição Geral	Espaço terapêutico e religioso alto-imperial, funcionou como "shrine-pool" de consagração a Reue Anabaraeco e às ninfas. Como balneário, cessou atividade no séc. II d.C.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.); Período Baixo-Imperial (Séc. III d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Tanques Sagrados	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Opus Quadratum	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Lajes Pétreas?	Espólio	Ara(s) Volivas; Camafeu
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Piscina-Santuário d' As Burgas © 2018 Viaje Comigo	Réplicas das Aras a Reue Anabaraeco © Centro de Interpretación d'As Burgas	Réplica do Camafeu de Vénus © 2012 Manuel Rodríguez	
Bibliografia			
Fita, 1903; Díez de Velasco, 1985; 2008; 2010; 2016; 2017; Blázquez & Garcia-Gelabert, 1992; Rodríguez Míguez, 2001; Rodríguez Colmenero, 2002; Eguileta Franco, 2008; María Prósper, 2009; Souto Figueroa, 2009; González Soutelo, 2012; 2013b;			
Andreu Pintado, 2012; Rodríguez González, 2013; Rodríguez Cao & Cordeiro Maañón, 2013; 2014; Marco Simón, 2018; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019; Abascal Palazón & González-Conde, 2024; Concello de Ourense, s.d.;			

Identificação			
Designação	Fonte das Ninfas		
Código	RS.02	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Ourense, Baños de Molgas		
Enquadramento Histórico	Galécia, Aquis Salientibus		
Caracterização			
Descrição Geral	Neste local foi identificada uma inscrição epigráfica consagrada às ninfas. A escassez de evidências e estudos neste monumento não permite definir com certeza a sua cronologia.		
Cronologia	Não Aplicável	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Fonte Sagrada	Abastecimento	Indeterminado
Aparelhos	Opus Quadratum?	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Arco de Aduela		
Pavimentos	Lajes pétreas	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Fonte das Ninfas © Concello de Baños de Molgas	Igreja de Santa Eufémia de Ambía © Concello de Baños de Molgas	Inscrição às Ninfas © Concello de Baños de Molgas	
Bibliografía			
Díez de Velasco, 1985; 1998; Martín Bacaicoa, 1989; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Rodríguez Míguez, 2001; Souto Figueroa, 2009; Pérex Agorreita & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Termas Romanas de Chaves		
Código	CH.01	CNS	37402
		SIPA	IPA.00034448
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Chaves, Santa Maria Maior		
Enquadramento Histórico	Galécia, Aquae Flaviae		
Caracterização			
Descrição Geral	Ninfeu alto-imperial incorporado no complexo termal flaviense, mas sem comunicação direta com o mesmo. Espaço de veneração às entidades aquáticas.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Estrutura (3,75 x 3,09); Tímpano (1,44 x 68); Poço (1,41 x 1,15 x 1,02 x 1,20)
Tipologia	Ninfeu de Êxedra Semicircular	Abastecimento	Canalização
Aparelhos	Opus Quadratum	Elementos Decorativos	Motivo Gravado na Pedra (Rosácea - ø 23)
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Lajes Pétreas	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
  			
Ninfeu de Chaves ©2025 Patrícia Miranda Detalhe do Poço Monumental ©2025 Patrícia Miranda Detalhe do Tímpano Triangular ©2025 Patrícia Miranda			
Bibliografia			
Junior & Cardozo, 1953; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2008; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Carneiro, 2005; 2015; 2016; 2017c; Fonseca, 2012; Souto Figueroa, 2009; Andreu Pintado, 2012; Vaz et al., 2016; Tolfo, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			
Bassani & Fusco, 2019; González, 2019; Costa & Carvalho, 2021; Figueiredo, 2022;			

Identificação			
Designação	Fonte do Ídolo		
Código	BR.01	CNS	204
		SIPA	IPA.00001253
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Braga, Braga (São José de São Lázaro e São João do Souto)		
Enquadramento Histórico	Galécia, Bracara Augusta		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte de tradição autóctone talhada num afloramento granítico consagrada a Nabia e às águas. No séc. I d.C. foi alvo de intervenções de monumentalização por Célico Frontão e, por sua vez, pelos seus descendentes.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	3,00 x 1,20 (SIPA, IPA.00001253)
Tipologia	Fonte Sagrada de Tradição Autóctone	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Opus Quadratum	Elementos Decorativos	Conjunto Escultórico
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Lajes Pétreas	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
			
Fonte do Ídolo ©2024 Patrícia Miranda	Inscrição In Situ ©2024 Rita Assunção	Inscrição a Nabia ©2024 Rita Assunção	
Bibliografia			
Vasconcellos, 1905; Tranoy, 1981; 2002; Oró Fernández, 1996; Rodríguez Colmenero, 2002; Alves, 2006; Morais, 2010; Martins & Ribeiro, 2012; Sousa, 2012; Morais & Lagóstena, 2018; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Encarnação, 2020b; Rios, 2020;			
González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021;			

Identificação			
Designação	Casa dos Repuxos		
Código	CV.01	CNS	251
		SIPA	IPA.00002710
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Conímbriga		
Caracterização			
Descrição Geral	Ninfeu alto-imperial associado ao impluvium localizado na zona privada da domus. Nesta zona foi descoberta uma inscrição aos Lares Aquites.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.)	Dimensões	Estrutura (1,90 x 1,61 x 66); Êxedra (1,34); Repuxo Central (66 x 67)
Tipologia	Ninfeu Ad Edicola	Abastecimento	Canalização
Aparelhos	Opus Testaceum	Elementos Decorativos	Folheado; Pintura; Opus Musivum; Opus Tessellatum
Elementos Arquitetónicos	Colunas de Tijolo		
Pavimentos	Lajes Pétreas	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Reboco; Pintura; Estuque ; Placas de Calcário Branco		
Proteção			
Estado de Conservação	Bem Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
			
Impluvium com Ninfeu ©2024 Patrícia Miranda	Ninfeu da Casa dos Repuxos ©2024 Patrícia Miranda	Inscrição aos Lares Aquitibus ©2024 Patrícia Miranda	
Bibliografia			
Encarnação, 1987; 2020a; 2020b; Garcia, 1987; Oleiro, 1992; Fernandes, 2002; Ribeiro, 2002; Pessoa, 2005; Sales, 2007; Andreu et al., 2008; Reis & Correia, 2008; Reis & Oliveira, 2009; Correia, 2013; Santos, 2013; Coelho, 2016;			
Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Acero Pérez, 2019;			

Identificação			
Designação	Castellum de Alcabideque		
Código	CV.02	CNS	7466
		SIPA	IPA.00002677
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha e Condeixa-a-Nova		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Conímbriga		
Caracterização			
Descrição Geral	Castellum aquae alto-imperial associada ao Aqueduto de Conímbriga com câmara interior e tanque em forma de ninfeu. É o único exemplar da monumentalização de uma nascente na Lusitânia.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Século I)	Dimensões	Tanque: 25 x 15 (Alarcão, 1995 citado por Santos, 2013, p. 225); ø 2,95 (Santos, 2017)
Tipologia	Ninfeu (Tipologia Desconhecida)	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Opus Quadratum ; Opus Mixtum: Opus Vittatum	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Arco com Aparelho		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Não Aplicável
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
   Castellum de Alcabideque ©2024 Patrícia Miranda Parte de Trás do Castellum ©2024 Patrícia Miranda Interior do Castellum ©2024 Patrícia Miranda			
Bibliografia			
Fortes, 2009; Reis & Oliveira, 2009; Reis, 2013; Coelho, 2016; Santos, 2013; Santos, 2017; Acero Pérez, 2019; Encarnação, 2020a;			

Identificação			
Designação	Villa Romana de Rio Maior		
Código	RM.01	CNS	4317
		SIPA	IPA.00027108
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Rio Maior, Rio Maior		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Villa baixo-imperial. Somente se conhece a pars urbana, mas intervenções revelaram a existência de um possível ninfeu, apesar das incertezas quanto à natureza desta divisão.		
Cronologia	Período Baixo-Imperial (Séc. III d.C. - IV d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu (Tipologia Desconhecida)	Abastecimento	Indeterminado
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Opus Musivum; Opus Tessellatum; Conjunto Escultórico
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Opus Musivum: Opus Tessellatum	Espólio	Conjunto Escultórico
Acabamentos	Opus Musivum: Opus Tessellatum		
Proteção			
Estado de Conservação	Mal Preservado	Classificação Nacional	Zona Especial de Proteção
Imagens			
  			
Ninfeu da Villa Romana de Rio Maior ©2024 Maria Sousa Mosaico In Situ do Ninfeu de Rio Maior ©2024 Maria Sousa Estátua da Nínia Adormecida ©2024 Maria Sousa			
Bibliografia			
Oliveira, 2003; Reis & Oliveira, 2009; Jorge, 2012; Alarcão, 2018;			

Identificação			
Designação	Castellum do Aqueduto de Los Milagros		
Código	BJ.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Badajoz, Mérida		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Emerita Augusta		
Caracterização			
Descrição Geral	Castellum aquae alto-imperial associada ao Aqueduto de Los Milagros, interpretado como um fonte pública/ninfeu.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu (Tipologia Desconhecida)	Abastecimento	Aqueduto
Aparelhos	Opus Quadratum; Opus Incertum ; Opus Mixtum: Opus Vittatum	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Não Aplicável
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Castellum Aquae ©2024 Patrícia Miranda	Tanque de Água ©2024 Patrícia Miranda	Vestígios do Aparelho Construtivo ©2024 Patrícia Miranda	
Bibliografia			
Álvarez Martínez, 1977; 2020; Barrientos Vera, 1996; Mateos Cruz et al., 2002; Junta da Extremadura, 2007; Reis & Oliveira, 2009; Reis, 2010; Pizzo, 2015;			

Identificação			
Designação	Templo de Diana		
Código	BJ.02	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Badajoz, Mérida		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Emerita Augusta		
Caracterização			
Descrição Geral	Tanques alto-imperiais adjacentes ao Templo de Diana, interpretados por alguns autores como ninfeus, provavelmente relacionados com práticas ritualísticas de cariz aquático.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Tanques Sagrados	Abastecimento	Canalização
Aparelhos	Opus Quadratum; Opus Testaceum	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Reboco		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
			
Templo de Diana ©2024 Patrícia Miranda	Tanque Nascente ©2024 Patrícia Miranda	Tanque Poente ©2024 Patrícia Miranda	
Bibliografia			
Álvarez Martínez, 1991; 2020; Hauschild, 1992; Muñoz Garrido, 2002; Junta da Extremadura, 2007; Reis & Oliveira, 2009; Reis, 2010; Rogers, 2015; Costa Solé, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Acero Pérez, 2019; Cabecera Soriano, 2020;			

Identificação			
Designação	Templo Romano de Évora		
Código	VR.01	CNS	156
		SIPA	IPA.00002863
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Évora, Évora (São Mamede, Sé, São Pedro e Santo Antão)		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Liberalitas Julia		
Caracterização			
Descrição Geral	Tanque alto-imperial circundante ao Templo Romano de Évora, provavelmente relacionados com práticas ritualísticas de cariz aquático.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Tanque Sagrado (Forma de Π)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Não Aplicável
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Outros	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
  			
Templo Romano de Évora ©2025 Patrícia Miranda Templo Romano de Évora ©2025 Patrícia Miranda Templo Romano de Évora ©2025 Patrícia Miranda			
Bibliografia			
Hauschild, 1992; Hauschild & Sarantopoulos, 1996; Fernandes, 2002; Muñoz Garrido, 2002; Reis, 2010; Santos, 2013; Rogers, 2015; Costa Solé, 2017; Carvalho, 2018; Acero Pérez, 2019;			

Identificação			
Designação	Villa Romana de Milreu		
Código	FR.01	CNS	9
		SIPA	IPA.00002883
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Faro, Conceição e Estói		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Ossonoba		
Caracterização			
Descrição Geral	Villa baixo-imperial. Adjacente à entrada do santuário revela-se um tanque semicircular interpretado como ninfeu. É uma estrutura independente ao templo, mas complementar ao mesmo.		
Cronologia	Período Baixo-Imperial (Séc. IV d.C.)	Dimensões	Tanque (5,05 x 1,56 x 1,18); Parte de Trás (2,74 x 1,18); Cubículo (50 x 81)
Tipologia	Ninfeu de Êxedra Semicircular	Abastecimento	Canalização
Aparelhos	Opus Testaceum; Opus Mixtum: Opus Vittatum	Elementos Decorativos	Opus Musivum: Opus Tessellatum
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Opus Musivum: Opus Tessellatum	Espólio	Não Aplicável
Acabamentos	Reboco; Opus Musivum: Opus Tessellatum		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
			
Ninfeu da Villa Romana de Milreu ©2025 Patrícia Miranda	Mosaico In Situ ©2025 Patrícia Miranda	Entrada de Água ©2024 Patrícia Miranda	
Bibliografia			
Teichner, 1993; 2006; 2008; Hauschild, 1997; 2002; Chavarria Arnau, 2005; 2007; Graen, 2005; Azevedo, 2008; Campos et al., 2008; Reis & Oliveira, 2009; Bernardes, 2014;			

Identificação			
Designação	Termas Romanas de Lugo		
Código	LG.02	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Lugo, Lugo		
Enquadramento Histórico	Galécia, Lucus Augusti		
Caracterização			
Descrição Geral	Balneário alto-imperial. Intervenções arqueológicas revelaram um conjunto de epígrafes consagradas a entidades aquáticas, mas não existem evidências arqueológicas in situ de um espaço cultural.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Monumento Histórico-Artístico; Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Termas Romanas de Lugo © Deputación de Lugo	Termas Romanas de Lugo © Alberto López	Inscrição às Ninfas © Alberto López	
Bibliografia			
Hervés Raigoso & Meijide Cameselle, 2000; Díez de Velasco, 2008; 2010; 2016; Souto Figueroa, 2009; González Soutelo, 2012; 2013b; 2014; Meijide Cameselle & Hervés Raigoso, 2016; VV.AA, 2016; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Rios, 2020;			

Identificação			
Designação	Fonte Extramuros de León		
Código	LN.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, León, León		
Enquadramento Histórico	Galécia, Legio VII Gemina		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte extramuros alto-imperial consagrada às entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ de um espaço cultural.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C. - Séc. II d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Fonte Sagrada de Tradição Romana (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição às Ninfas © 2000 Alföldy			
Bibliografia			
Díez de Velasco, 1985; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Morillo Cerdán, 2008; 2014; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Morillo Cerdán & García-Marcos, 2022;			

Identificação			
Designação	Inscrição das Caldas de Boñar		
Código	LN.02	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, León, Boñar		
Enquadramento Histórico	Galécia, Legio VII Gemina		
Caracterização			
Descrição Geral	Inscrição in situ alto-imperial dedicada por um aquilegus a Fons, potenciando a existência de nascente/fonte sagrada.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	c. 55 x 93 (HEpOI: nº 8520)
Tipologia	Fonte Sagrada (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição à Fonte © Desconhecido			
Bibliografia			
Tranoy, 1981; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2010; 2016; Iglesias Gil & Saavedra Guerrero, 1988; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Gimeno & Stylow, 1999; Mezquíriz Irujo & Unzu Urmeneta, 2004; Pérex Olmedo et al., 2008;			
Iglesias Gil & Ruiz-Gutiérrez, 2012; Gutiérrez, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Termas de Cuntis		
Código	PT.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Pontevedra, Cuntis		
Enquadramento Histórico	Galécia, Aquae Calidae		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo da nascente pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.); Período Baixo-Imperial (Séc. IV d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Nascente
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numismas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição às Ninfas © 2013 Álvaro Vilariño			
Bibliografia			
Tranoy, 1981; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2010; 2016; Abad Varela, 1992; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Souto Figueroa, 2009; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; González Soutelo & Méndez Fernández, 2023;			

Identificação			
Designação	Aquis Querquennis		
Código	BD.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Bande, Paróquia de San Xóan		
Enquadramento Histórico	Galécia, Aquis Querquennis		
Caracterização			
Descrição Geral	Balneário alto-imperial de natureza terapêutica e sacra.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.); Período Baixo-Imperial (Séc. V d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Ilustração da Ara às Ninfas © HispaniaEpigraphica			
Bibliografia			
Díez de Velasco, 1985; 1998; 2008; 2010; 2016; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Rodríguez Míguez, 2001; Otero, 2011; Morillo Cerdán, 2014; Gutiérrez González, 2018; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Termas de Caldelas		
Código	BR.02	CNS	36158
		SIPA	IPA.00021748
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Amares, Caldelas, Sequeiros e Paranhos		
Enquadramento Histórico	Galécia, Bracara Augusta		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo da nascente pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.); Período Baixo-Imperial (Séc. III d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição às Ninfas © 2010 Arqueologia e Património			
Bibliografia			
Junior & Cardozo, 1953; Tranoy, 1981; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2008; 2010; 2016; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Gomes, 2015; Tolfo, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Cosme, 2021;			

Identificação			
Designação	Caldas de Taipas		
Código	BR.03	CNS	6317
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Guimarães, Caldelas		
Enquadramento Histórico	Galécia, Bracara Augusta		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numisma
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição às Ninfas © 2024 Patrícia Miranda			
Bibliografia			
Díez de Velasco, 1985; 1998; Abad Varela, 1992; Blázquez & García-Gelabert, 1992;			

Identificação			
Designação	Termas de Caldas de Vizela		
Código	VZ.01	CNS	6237
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Vizela, Caldas de Vizela (São Miguel e São João)		
Enquadramento Histórico	Galécia, Oculis Calidarum		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Vizela Romana ©2025 Patrícia Miranda	Inscrição a Bormânico ©2024 Patrícia Miranda	Inscrição às Ninfas Lupianas ©2024 Patrícia Miranda	
Bibliografia			
Sarmiento, 1878; 1887; Junior & Cardozo, 1953; Damas, 1970; Encarnação, 1970; Tranoy, 1981; Vasconcellos, 1984; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2008; 2010; 2016; 2017; Abad, 1992; Blázquez & García-Gelabert, 1992; García Martínez, 1995; Oró Fernández, 1996;			
Alarcão, 2004; Pacheco, 2007; Queiroga, 2013; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Fonte de Bem-Saúde		
Código	VF.01	CNS	Inexistente
		SIPA	IPA.00020046
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Vila Flor, Sampaio		
Enquadramento Histórico	Galécia, - / Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte alto-imperial consagrada às entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ de um espaço cultural.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição às Ninfas da Horta da Vilariça ©2024 Nelson Miranda			
Bibliografia			
Junior & Cardozo, 1953; Júnior, 1982; Díez de Velasco, 1985; 1998; Caessa, 1990; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Bodí & Pereira, 2014; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Pina & Martins, 2022;			

Identificação			
Designação	Fonte Campelinho		
Código	FC.01	CNS	1561
		SIPA	IPA.00011409
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Vila Nova de Foz Côa, Numão		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte de mergulho medieval, apesar de interpretações apontarem para a herança clássica da estrutura devido à descoberta de pedras votivas.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Pedras Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Fonte Campelinho. ©2004 SIPA			
Bibliografia			
Ferreira, 1973; 1968a; 1968b; Azevedo, 1969;			

Identificação			
Designação	Termas Romanas de São Pedro do Sul		
Código	SP.01	CNS	313
		SIPA	IPA.00004294
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, São Pedro do Sul, São Pedro do Sul, Várzea e Baiões		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Aquae Sulis (?)		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial, reaproveitado na época medieval. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numisma
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Parcialmente Preservado	Classificação Nacional	Monumento Nacional
Imagens			
			
Natatio das Termas Romanas ©1992 SIPA	Piscina de D. Afonso Henriques © CM S. Pedro do Sul	Inscrição a Mercúrio © Desconhecido	
Bibliografia			
Encarnação, 1987; 2020a; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Frade & Moreira, 1992; Vaz, 1997; Díez de Velasco, 1998; 2010; 2016; Fernandes, 1999; Andreu et al., 2008; González Soutelo, 2012; 2013b; Carriço, 2013; Ângelo, 2014;			
Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Mendes-Pinto & Reis, 2020; 2021; 2023;			

Identificação			
Designação	Termas Romanas de Baños de Montemayor		
Código	CC.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Espanha, Cáceres, Baños de Montemayor		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Colonia Norba Cesarina		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultual consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numismas; Ex-Votos Anatómicos
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Bem de Interesse Cultural
Imagens			
			
Piscina Termal © Balneário Baños de Montemayor	Vestígios das Termas Romanas ©2022 Alberto Erre	Inscrições Votivas ©2022 Alberto Erre	
Bibliografia			
Abad Varela, 1992; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Rodrigo & Haba, 1992; Díez de Velasco, 1998; 2002; 2008; 2010; 2016; Fernandes, 2002; Junta da Extremadura, 2007; Pérex et al., 2007; Vargas Calderón, Mateos Molinero & Aparicio Martínez, 2007;			
Andreu et al., 2008; Haba Quirós & Rodrigo López, 2009; Lorente, Martínez & Roldan, 2011; Iglesias Gil & Ruiz, 2012; González Soutelo, 2012; Sánchez Lomba, 2014; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017; Costa Solé, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Inscrição da Igreja Matriz de Bobadela		
Código	HL.01	CNS	34
		SIPA	IPA.00033500
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Oliveira do Hospital, Bobadela		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Splendidissima Civitas		
Caracterização			
Descrição Geral	Inscrição alto-imperial na Igreja Matriz de Bobadela. Não existem evidências arqueológicas in situ de um espaço cultural consagrado a Neptuno.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Nymphaeum Neptunale (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruído / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Ruínas Romanas de Bobadela ©2009 PVRMaeyaert	Igreja Matriz de Bobadela © Desconhecido	Inscrição a Neptuno © Francisco Leite	
Bibliografia			
Vasconcellos, 1913; Alarcão, 2002-2003; 2004; Encarnação, 2006; Reis & Oliveira, 2009; Reis, 2010; Silva, 2014;			

Identificação			
Designação	Fonte Santa de Nossa Senhora do Almortão		
Código	DN.01	CNS	Inexistente
		SIPA	IPA.00006735
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova e Alcafozes		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Civitas Igaeditanorum		
Caracterização			
Descrição Geral	Capela de fundação alto-medieval do séc. XIII cujos testemunhos indicam à preexistência de um santuário pagão consagrado a Igaedo e um balneário terapêutico. Não existem evidências arqueológicas in situ de um espaço cultural.		
Cronologia	Não Aplicável	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição a Igaedo © Desconhecido			
Bibliografia			
Encarnação, 1984; 1987; Salvado, 2005; Catana, 2007; Carneiro, 2012a; Ferreira, 2022;			

Identificação			
Designação	Termas de Monte Real		
Código	LR.01	CNS	5496
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Leiria, Monte Real e Carvide		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Collippo		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal baixo-imperial. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultural consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Baixo-Imperial (Séc. III d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numismas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição à Fonte © Desconhecido			
Bibliografia			
Junior & Cardozo, 1953; Alves, 1955; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Díez de Velasco, 1998; 2010; 2016; Encarnação, 2010; 2017; 2020a; 2020b; Bernardes, 2007; Bernardes, 2015; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017; Agorreta Pérex & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Termas da Sulfúrea / Fonte do Borbolegão		
Código	FN.01	CNS	20179
		SIPA	IPA.00028529
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Fronteira, Cabeço de Vide		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal baixo-imperial. No local foi erigida uma fonte cuja designação aponta para uma relação a Bormânico.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numismas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Mal Preservado	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Termas da Sulfúrea ©2024 João Ribeiro	Fonte do Borbolegão © JF Cabeço de Vide	Inscrição a Fontano © Desconhecido	
Bibliografia			
Abad Varela, 1992; Díez de Velasco, 1998; Andreu et al., 2008; Pina, 2010; Morgado & Carneiro, 2011; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Teixeira, 2023;			

Identificação			
Designação	Fonte Santa de Bencatel		
Código	VV.01	CNS	Inexistente
		SIPA	Inexistente
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Évora, São Bento do Mato (?)		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte sem datação e com localização incerta. Na região foram encontradas inscrições consagradas a Fontano e Fontana.		
Cronologia	Não Aplicável	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas;
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
Bibliografia			
Espanca, 1880; Vasconcellos, 1895; 1896; Braga, 1946; Junior & Cardozo, 1953; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Carneiro, 2010; 2011; 2012a; 2013; 2019a; Encarnação, 2010; 2017; 2020a, 2020b; Teixeira, 2015; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017;			
Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Ermidã de Santa Marta		
Código	RC.01	CNS	Inexistente
		SIPA	IPA.00005591
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Ericeira, Mafra		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, -		
Caracterização			
Descrição Geral	Fonte alto-imperial consagrada à Fonte. Não existem evidências arqueológicas in situ de um edifício cultural consagrado às entidades aquáticas.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. II d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Não Aplicável	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas;
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
			
Inscrição à Fonte © SCME			
Bibliografia			
Pereira, 1914; Ribeiro, 1983; Rodrigo & Haba, 1992; Díez de Velasco, 1998; Fernardes, 1999; Andreu et al., 2008; Cameiro, 2012a; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017; Agorreta Pérex & Miró i Alaix, 2018;			

Identificação			
Designação	Caldas de Monchique		
Código	MN.01	CNS	844
		SIPA	IPA.00011182
Enquadramento Geográfico			
Enquadramento Geográfico	Portugal, Monchique, Monchique		
Enquadramento Histórico	Lusitânia, Mons Cicus (?)		
Caracterização			
Descrição Geral	Complexo termal alto-imperial. Próximo do complexo pode ter existido um edifício cultual consagrado a entidades aquáticas. Não existem evidências arqueológicas in situ do mesmo.		
Cronologia	Período Alto-Imperial (Séc. I d.C.)	Dimensões	Não Aplicável
Tipologia	Ninfeu (Hipótese)	Abastecimento	Não Aplicável
Aparelhos	Não Aplicável	Elementos Decorativos	Não Aplicável
Elementos Arquitetónicos	Não Aplicável		
Pavimentos	Não Aplicável	Espólio	Ara(s) Votivas; Numismas; Oferendas
Acabamentos	Não Aplicável		
Proteção			
Estado de Conservação	Destruido / Desaparecido	Classificação Nacional	Sem Classificação
Imagens			
Bibliografia			
Carvalho, 1939; Franco, 1945; Formosinho, Ferreira & Viana, 1953; Junior & Cardozo, 1953; Abad, 1992; Blázquez & García-Gelabert, 1992; Oró, 1996; Díez de Velasco, 1998; 2008; 2010; 2016; Andreu et al., 2008; Encarnação, 2003; 2020a; 2020b;			
Carneiro, 2012a; Batista, 2013; Pinto, 2013; González & Capela, 2016; Andreu Pintado & Pérex Agorreta, 2017; Agorreta Pérex & Miró i Alaix, 2018;			

Anexo V – Catálogo de Epígrafes

EP.GJ1

Proveniência: Fonte da Mortera, Gijón

Depósito: Casa de Don Justo Montoro, Somió, Astúrias

Cronologia: Séc. I d.C.

Suporte: Altar de Granito (96_{cm} x 37_{cm})

Inscrição:

FORTVNAE
BALNEARI
T POMPEIVS PE
REGRIANVS
5 PRO SALVTE
SVA ET SVORVM
DICAVIT

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 112), José Iglesias Gil & Alicia Ruiz-Gutiérrez (2012, p. 361), Narciso Santos Yanguas (2017, p. 351) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 218):

Fortunae / Balneari / T(itus) Pompeius Pe/regrinianus /pro sa/lute / sua et suorum /
dicavit

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Fortuna Balnearis. Tito Pompeo Peregrinário dedica pela sua saúde e dos seus.

Referências:

CIL II: nº 2701; HEpOI: nº 8527; Díez de Velasco, 1985; 1998; Blázquez & Garcia-Gelabert, 1992; Iglesias Gil & Ruiz-Gutiérrez, 2012; Santos Yanguas, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Ayuntamiento de Gijón, 2019a; González Montes, Estrada García & Gutiérrez González, 2021;

EP.RS1

Proveniência: Burgas, Ourense

Depósito: Museu Arqueológico Provincial de Ourense, Ourense (nº inv. CE005179)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de granito (64_{cm} x 27_{cm} x 25_{cm})

Inscrição:

REVE

ANA

BAR

EGO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (2017, p. 133) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 282):

Reve / Ana/bar/ego

Tradução José Eguileta Franco (2008, p. 65):

“al Reve de la rivera del Ana” / “al Reve Ana (de la ciudad) de Bara”

Interpretação da Autora da Dissertação:

Reve Anabaraeco.

Referências:

HEpOI: nº 16599; Eguileta Franco, 2008; María Prósper, 2009; Díez de Velasco, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019;

EP.RS2

Proveniência: Casa dos Fornos, Ourense

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

REVVE
ANABAR
QUINTIO
DOMITI
5 ORUM L
V · S · L · M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (2017, p. 132) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 282):

Reuue / Anabar(*aeco*) / Quintio / Domiti/orum l(*ibertus*) / v(*otum*) · s(*olvit*) · l(*ibens*) · m(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Reve Anabaraeco. Quintio, liberto de Domício, cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

HEpOI: nº 26580; María Prósper, 2009; Díez de Velasco, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019;

EP.RS3

Proveniência: Rua das Burgas, Ourense

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

REVVE

ANABAR

CEABERVS

HIAMETVS

₅ V · S · L · M

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 282):

Reuue / Anabar(*aerco*) / Ceaberus / Hiametus / v(*otum*) · s(*olvit*) · l(*ibens*) · m(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Reve Anabaraeco. Cebero Hiameto cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

HEpOI: nº 26581; Eguileta Franco, 2008; María Prósper, 2009; Díez de Velasco, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019;

EP.RS4

Proveniência: Desconhecido

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

REVVE · AN

ABARECO

T · FLAVIVS

FLAVINVS

Leitura de Francisco Díez de Velasco (2017, p. 133) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 282):

Reuue · An/abareco / T(*itus*) · Flaiius / Flaiunus

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Reve Anabaraeco. Por Tito Flávio Flaviano.

Referências:

HEpOI: nº 26582; Eguileta Franco, 2008; María Prósper, 2009; Díez de Velasco, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Eguileta Franco & Rodríguez Cao, 2019;

EP.RS5

Proveniência: Desconhecido

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

REVVE ANA

BARAECO

A FER ALBINI

F TUROLUS

₅ V · S · L · M

Leitura de Francisco Díez de Díez de Velasco (2017, p. 133) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 283):

Revve Ana/baraeo / Afer Albini / *f(ilius)* Turolus / *v(otum)* · *s(olvit)* · *l(ibens)* · *m(erito)*

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Reve Anabaraeco. Afer Turolo, filho de Albino, cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

CIL II: nº 685; HEpOI: nº 8186; María Prósper, 2009; Díez de Velasco, 2017; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.RS6

Proveniência: Balneário das Burgas, Ourense

Depósito: Museu Arqueológico Provincial de Ourense, Ourense (nº inv. CE000307)

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Ara de granito (90_{cm} x 46_{cm} x 40_{cm})

Inscrição:

NYMPHS

CALPVRN

IA · ABANA

AEBOSO

₅ EX VISV

V S L

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 283):

Nymphis / Calpurn/ia Abana / Aeboso(*cucensis?*) / ex visu / v(*otum*) s(*olvit*) l(*ibens*)

Tradução de Fidel Fita (1903, p. 393):

“Calpurnia Abana Aeboso cumplió gustoso el voto que hiciera bajo la inspiración de un sueño á las Ninfas de las aguas”

Tradução José Eguileta Franco (2008, p. 65):

“Calpurnia Abana, de la gentilitas de los Aebissoci, cumplió gustosamente el voto que había hecho, bajo la inspiración de un sueño, a las Ninfas de las aguas”

Referências:

CIL II: nº 2527; HEpOI: nº 8354; Fita, 1903; Díez de Velasco, 1985; 1998, p. 95; 2017; Eguileta Franco, 2008; Souto Figueroa, 2009; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.RS7

Proveniência: Fonte das Ninfas, Ourense

Depósito: Igreja de Santa Eufémia de Ambía, Ourense

Cronologia: Séc. III d.C.

Suporte: Altar de granito (85_{cm} x 30_{cm} x 30_{cm})

Inscrição:

AVRELIVS
FLAVR[V]S
T[R]ANSTAGANVS
NYMPHIS
5 EX VOTO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1985, p. 82; 1998, p. 95):

Aurelius / Flavus / Tam(t)acanus / Nymphis / ex voto

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 360):

Aurelius / Flaur(u)s / T(r)anstaganus / Nymphis / ex voto

Interpretação da Autora da Dissertação:

(Por) Aurélio Flauro Transtagano, às ninfas, em cumprimento de um voto.

Referências:

HEpOI: nº 12405; Díez de Velasco, 1985; 1998; Martín Bacaicoa, 1989; Blázquez & García-Gelabert Pérez, 1992; Souto Figueroa, 2009; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CH1

Proveniência: Quinta do Prado, Chaves

Depósito: Museu da Região Flaviense, Chaves

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Ara de granito (50_{cm} x 30_{cm} x 20_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS SACRUM

G G POLYCARPUS

LIBENS FECIT

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 99) e Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 309):

Nymphis sacrum / G(*aius*) G(---) Polycarpus / libens fecit

Interpretação da Autora da Dissertação:

Consagrado às Ninfas. Feito de livre vontade por Gaio Policarpo, filho de Gaio.

Referências:

HEpOI: nº 15412; Díez de Velasco, 1998; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CH2

Proveniência: Rua de Santa Maria, Chaves

Depósito: Museu Termas Romanas de Chaves, Chaves

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Bloco granítico (105_{cm} x 39_{cm})

Inscrição:

[N]YMPH[I]S AVR
DION[Y]S[I]US
AVG LIB

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 98):

[N]ymph[i]s (M(arcus)) Aur(elius) / Dio[y]s[i]us / Aug(usti) lib(ertus)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 309):

[N]ymph[i]s Aur(elius) / Dion[y]s[i]us / Aug(usti) Lib(ertus)

Tradução de Joaquim Junior e Mário Cardozo (1953, p. 62):

“Aurélio Dionísio, liberto de Augusto, dedicou esta ara às Ninfas”

Referências:

CIL II: nº 2474; HEpOI: nº 8301; Santos Junior & Cardozo, 1953; Díez de Velasco, 1985; 1998; Caessa, 1990; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Museu das Termas Romanas de Chaves;

EP.CH3

Proveniência: Termas Romanas de Chaves, Chaves

Depósito: Museu Termas Romanas de Chaves, Chaves

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Ara de granito

Inscrição:

NYMPHIS
VAL SERVATUS
VOTUM
SOLVIT

Leitura do Museu das Termas Romanas de Chaves (s.d.):

Nymphis / Val(erius) Servatus / Votum / Solvit [*libens merito*]

Tradução do Museu das Termas Romanas de Chaves (s.d.):

“Às Ninfas. Valério Servato cumpriu o voto de livre vontade”

Referências:

Museu das Termas Romanas de Chaves, s.d.

EP.CH4

Proveniência: Imediações da Muralha, Chaves

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula de granito rosa (41_{cm} x 23,6_{cm} x 18,1_{cm})

Inscrição:

FONT[I]
GAND(---)
LIBER

Leitura de Sérgio Carneiro (2005, p. 104) e Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 308):

Font[i] / Gand(...) / Liber

Tradução:

Desconhecida

Referências:

HEpOI: nº 5616; Carneiro, 2005; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.BR1

Proveniência: Fonte do Ídolo, Braga

Depósito: Fonte do Ídolo, Braga

Cronologia: Séc. I d.C.

Suporte: Inscrição rupestre *in situ*

Inscrição:

TONGOE

NABIAGO

Leitura de Alain Tranoy (2002, p. 31):

Tongoe/Nabiago

Interpretação da Autora da Dissertação:

Tongoenabiago

Referências:

CIL II: nº 2419; HEpOI: nº 8247; Tranoy, 2002;

EP.BR2

Proveniência: Fonte do Ídolo, Braga

Depósito: Museu D. Diogo de Sousa, Braga (nº inv. 1991.0322)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de granito (50_{cm} x 25_{cm} x ?)

Inscrição:

NABIAE

RUFINA

V S L M

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 344):

Nabiae / Rufina / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) M(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Nabia. Rufina cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

EDH: nº 019629; HEpOI: nº 6422; Morais, 2010; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;
Fonte do Ídolo;

EP.CV1

Proveniência: Casa dos Repuxos, Condeixa-a-Velha

Depósito: Museu Nacional de Conímbriga, Condeixa-a-Velha (nº inv. A 3986)

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula em Cal (18,5_{cm} × 18_{cm} × 6_{cm})

Inscrição:

L · AQUITIBV[S]

G · C RVF[V]S

A L V S

Leitura de EDH: nº 015363, José Garcia (1987, p. 48); & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 219):

L(*aribus*) / Aquitibu[s] / G(*aius*) C(*aecilius*) Ruf[u]s / A(*nimo*) L(*ibens*) V(*otum*) S(*olvit*)

Leitura de José d'Encarnação (2020a, p. 92):

L(*aribus*) AQVITIBV(s)

Tradução do Museu Nacional de Conímbriga:

Gaio C. Rufo cumpriu este voto aos Lares protetores das águas.

Referências:

EDH: nº 015363; HEpOIOI: nº 22948; Encarnação, 1987; 2020a; 2020b; Garcia, 1987; Ribeiro, 2002; Reis & Oliveira, 2009; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Museu Nacional de Conímbriga;

EP.BJ1

Proveniência: Templo de Diana, Mérida

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

NYMPHIS

I SATVRNINV[S]

[---]

EX [VO]TO

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 195):

Nymphis / I(*ulius*) Saturninu[s] / [---] / Ex [vo]to

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas, por Júlio Saturnino, em cumprimento de um voto.

Referências:

CIL II: nº 469; CILAE: nº 1558; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LG1

Proveniência: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Depósito: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de Granito (47_{cm} x 38_{cm} x 27_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS
M · VLP · LON
GINIANUS

Leitura de Gonzalo Meijide Casmelle e Francisco Hervés Raigoso (2000, p. 190; 2016, p. 309) & VV.AA (2016, p. 358):

Nymphis / M(arcvs) · Vlp(ivs) · Long/ginianus

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 250):

Nymphis / M(arcus) · Ulp(ius) · Lon/ginianus

Tradução das VV.AA (2016, p. 358):

"A las ninfas, por Marcus Ulpius Longinianus"

Referências:

EDH: nº 047506; HEpOI: nº 15741; Hervés Raigoso & Meijide Caiméselle, 2000; Meijide Caiméselle & Hervés Raigoso, 2016; VV.AA, 2016; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LG2

Proveniência: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Depósito: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de Granito (58_{cm} x 39_{cm} x 23,5_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS

L · VAL · M

Leitura de Gonzalo Meijide Casmelle e Francisco Hervés Raigoso (2000, p. 190; 2016, p. 309) & VV.AA (2016, p. 358):

NYMPHIS / L(*vcivs*) · VAL(*erivs*) · M [*aximvs*]?

Leitura de Agorreeta & Alaix (2018, p. 251):

Nymphis / L(*ucius*) · Val(*erius*) · M[*aximus*?]

Tradução das VV.AA (2016, p. 358):

“A las ninfas, ara dedicada por Lucius Valerius Maximus/Maternus?”

Referências:

EDH: nº 047507; HEpOI: nº 15742; Hervés Raigoso & Meijide Caiméselle, 2000; Meijide Caiméselle & Hervés Raigoso, 2016; VV.AA, 2016; Pérex Agorreeta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LG3

Proveniência: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Depósito: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de Granito (48_{cm} x 41_{cm} x 27_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS
[---] E V [---]

Leitura das VV.AA (2016, p. 359) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 251):

Nymphis / [---] E V[---] / ----

Tradução das VV.AA (2016, p. 359):

“A las ninfas”

Referências:

Hervés Raigoso & Meijide Cameselle, 2000, p. 190; Meijide Cameselle & Hervés Raigoso, 2016; VV.AA, 2016; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LG4

Proveniência: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Depósito: Termas Romanas de Lugo, Lugo

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de Granito (56,2_{cm} x 61_{cm} x 37_{cm})

Inscrição:

NYMP

SAC

Leitura de Gonzalo Meijide Cameselle e Francisco Hervés Raigoso (2000, p. 190) & VV.AA (2016, p. 359):

NYMP(his) / SAC[rvm]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 251):

Nymp(his) / Sac(*rum*) / ---

Interpretação da Autora da Dissertação:

Consagrado às ninfas [...].

Referências:

Hervés Raigoso & Meijide Cameselle, 2000; Meijide Cameselle & Hervés Raigoso, 2016; VV.AA, 2016; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN1

Proveniência: Muralha de León, León

Depósito: Museu de São Marcos, León

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Bloco de Pedra Calcária Regional (90_{cm} x 44_{cm} x 35_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS
FONTIS AMEVI
CN L TERENTIVS
L F HOMVLLVS
5 IVNIOR · LEG
LEG · VII · G · F

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 236):

Nymphis / fontis Ameui / Cn(*aeus*) L(*ucius*) Terentius / L(*uci*) f(*ilius*) Homullus / Iunior ·
leg(*atus*) / leg(*ionis*) · VII · G(*eminae*) · F(*elicitis*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas da Fonte Ameu. (Por) Cneu Lúcio Terêncio Húmulo Júnior, filho de Lúcio,
legado da Legião VII Gemina Félix.

Referências:

CIL II: nº 5084; EDH: nº 011028; HEpOI: nº 11843; Tranoy, 1981; Díez de Velasco, 1985;
Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN2

Proveniência: Muralha de León, León

Depósito: Museu de São Marcos, León

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Altar em Mármore Branco (126_{cm} x 56_{cm} x 54_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS
T · POMPONIVS
PROCVLVC
VITRASIVS
₅ POLLIO · COS
PONTIF · PRO · COS
ASIAE · LEG · AUG · PR
PR · PROVINCiar
MOESIAE · INF · ET
₁₀ HISP · CITER
ET · FAVSTINA · EIVS

Leitura de HEpOI: nº 12001 e Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 237):

Nymphis / T(*itus*) · Pomponius / Proculus / Vitrasius / Pollio · co(n)s(ul) / Pontif(ex) · Pro
· Co(n)s(ul) / Asiae · leg(*atus*) · Aug(*usti*) · pr(o) / pr(*aetore*) · provinciar(*um*) / Moesia ·
Inf(*erioris*) · et / Hisp(*aniae*) · Citer(*ioris*) / et · Faustina · eius

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas. Tito Pompónio Próculo Vitrázio Pólio, cônsul e pontífice, legado de Augusto, (serviu como) procônsul da Ásia, prospector das províncias da Mésia Inferior e da Hispânia Citerior, e a sua (esposa) Faustina, (dedicou esta inscrição).

Referências: CIL II: nº 5679; HEpOI: nº 12001; Díez de Velasco, 1985; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN3

Proveniência: Muralha de León, León

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

NYMPPHIS
SACR
Q CORNELIVS
ANTEROS IM
S AGINIFER
LE
VII G F
CVM VEXILLATI
ONE V S L M

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 237):

Nympphis / *sacr(um)* / Q(*uintus*) Cornelius / Anteros im/aginifer / le(*gionis*) / VII
G(*eminae*) F(*elicit*) / cum uexillati/one v(*otum*) s(*olvit*) l(*ibens*) m(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Consagrado às Ninfas. Quinto Cornélio Antero, portador do estandarte da Legião VII Gemina Félix, cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

HEpOI: nº 6414; Díez de Velasco, 1985; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN4

Proveniência: Muralha de León, León

Depósito: Museu da Colegiada de Santo Isidoro, León

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Altar em mármore cinzento (85_{cm} x 47_{cm} x 18_{cm})

Inscrição:

[A]ESCVLAPIO
SALVTI
SERAPI ISIDI
L CASSIVS PAVLLVS
5 AVGVSTANIVS ALPINVS
BELLICIVS SOLLERS
ET M CASSIVS AGRIPPA
SANCTVS PAVLLNVS
AVGVSTANVS ALP[-]NV[S]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 238):

[A]esculapio / Saluti / Serapi Isidi / L(*ucius*) Cassius Paullus / Augustanius Alpinus / Bellicius Sollers / et M(*arcus*) Cassius Agrippa / Sanctus Paullinus / Augustanus Alp(i)nu[s]

Interpretação da Autora da Dissertação:

A Esculápio, à Saúde e a Serápis-Ísis. [Por] Lúcio Cássio Paulo Augustano Alpino, Bellicio Sollers e Marco Cássio Agripa Santos Paulino Augustano Alpino.

Referências:

EDH: nº 014527; GIH: nº C182; HEpOI: nº 18436; Díez de Velasco, 1985; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN5

Proveniência: Armunia, León

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Bloco (79_{cm} x 44_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS
FON[TIS AMEVVS]
CN L TARENTIVS
L F HOMVLLVS
S IVNIOR · LEG
LEG · VII · G · F

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 237):

Nymphis / fon[tis Ameui] / Cn(*aeus*) L(*ucius*) Terentius / L(*uci*) f(*ilius*) Homullus / Iunior ·
leg(*atus*) / leg(*ionis*) · VII · G(*eminae*) · F(*elicitis*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas da Fonte Ameu. (Por) Cneu Lúcio Terêncio Húmulo Júnior, filho de Lúcio,
legado da Legião VII Gemina Felix.

Referências:

CIL II: nº 5676; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LN6

Proveniência: Balneário de Boñar, León

Depósito: Balneário de Boñar, León

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Inscrição rupestre *in situ* (43_{cm} x 77_{cm})

Inscrição:

FONTI SACR[VM]
BROCCI · L · VIPST[ANUS]
ALEXIS AQVILEGVS
V · S · L · M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 80):

Fonti Sag[---] / Brocci L(*ucius*) Ulp(*ius*) S(*exti*) f(*ilius*) / Alexis aquilegus / v(*otum*) s(*olvit*)
l(*ibens*) m(*erito*)

Leitura de Helena Gimeno e Armin U. Stylow (1999, p. 92) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 239):

[Fonti Sacr[um] / Brocci · L(*ibertus*) · Vipst[anus] / Alexis aquilegus / V(*otum*) · S(*olvit*) ·
L(*ibens*) · M(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Consagrado à Fonte. Alexis Vipstano, liberto de Brocco, e coletor de águas, cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

CIL II: nº 2694; EDH: nº 048292; HEpOI: nº 8520; Díez de Velasco, 1985; 1998; Gimeno & Stylow, 1999; Ángeles Mezquíriz & Unzu Urmeneta, 2004; Iglesias Gil & Ruiz-Gutiérrez, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.PT1

Proveniência: Caldas de Cuntis, Pontevedra

Depósito: Museu de Pontevedra, Pontevedra

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de granito (119_{cm} x 42_{cm} x 27,5_{cm})

Inscrição:

NYMP
HIS C
[A]NTONIUS
FLORUS

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 96) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 289):

Nymp/his C(*aius*) / [A]ntonius / Florus

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas. (Por) Caio António Floro.

Referências:

CIL II: nº 2546; HÉpOI: nº 8038; Díez de Velasco, 1985; 1998; Abad Varela, 1992; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.PT2

Proveniência: Caldas de Cuntis, Pontevedra

Depósito: Museu de Pontevedra, Pontevedra

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de granito (71_{cm} x 36_{cm} x 25_{cm})

Inscrição:

NYMP

HIS C A

NTONIUS

FLORUS

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 96) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 289):

Nym/phīs C(aius) A/ntonius / Florus

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas. (Por) Caio António Floro.

Referências:

HEpOI: nº 18674; Díez de Velasco, 1985; 1998; Abad Varela, 1992; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.BD1

Proveniência: Nascente Termal de Bande, Bande

Depósito: Museu Arqueológico Provincial de Ourense, Ourense

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Ara de granito (54_{cm} x 26_{cm} x 20_{cm})

Inscrição:

NYMPIS

BOELI

VS RVF

VS PRO

₅ SALVTE

SVA · V · S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1985, p. 81; 1998, p. 94):

Nymfis / Boeli/us Ruf/us pro / salute / sua v(*otum*) s(*olvit*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 276):

Nympis / Boeli/us Ruf/us Pro / Salute / Sua · V(*otum*) · S(*olvit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas. Boelio Rufo cumpriu o voto, pela sua saúde.

Referências:

CIL II: nº 2530; HEpOI: nº 8357; Díez de Velasco, 1985; 1998; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.BR3

Proveniência: Hotel da Bela Vista, Amares

Depósito: Hotel da Bela Vista, Amares

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de granito (58_{cm} x 16_{cm} x 24_{cm})

Inscrição:

CAEN[I]

CIEN

NYM

PHIS

₅ EX VO

TO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 98) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 228):

Caen[i]/cien(us) / Nym/phis / Ex Vo/to

Tradução de Fernando Cosme (2021, p. 27) e do Portal do Arqueólogo (s.d.):

“Cenicieno dedicou às Ninfas em cumprimento de um voto”

Referências:

CIL II: nº 5572a; HEpOI: nº 8286; Santos Junior & Cardozo, 1953; Díez de Velasco, 1985; 1998; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Cosme, 2021;

EP.BR4

Proveniência: Hotel da Bela Vista, Amares

Depósito: Hotel da Bela Vista, Amares

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Fragmento de altar (39_{cm} × 24_{cm} × 145_{cm})

Inscrição:

[---]
D(E)AB
NYM
PHIS
₅ EX VO
TO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 98) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 229):

[---] / D(e)AB(us) / Nym/phīs / Ex Vo/to

Tradução de Fernando Cosme (2021, p. 27):

“Às Deusas Ninfas, em cumprimento de um voto”

Referências:

CIL II: nº 5572b; HEpOI: nº 8287; Díez de Velasco, 1998; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Cosme, 2021;

EP.BR5

Proveniência: Igreja Paroquial de S. João de Pontes, Caldelas

Depósito: Museu da Sociedade de Martins Sarmento, Guimarães (nº inv. 190)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Monumento votivo (73_{cm} × 39_{cm} × 295_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS

G · SVLP · FES

TVS · EX VOTO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 97) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 231):

Nymphis / G(*aius*) · Sulp(*icius*) · Fes/tus · Ex Voto

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às Ninfas. (Por) Gaio Sulpício Festo, em cumprimento de um voto.

Referências:

HEpOI: nº 6417; Santos Junior & Cardozo, 1953; Díez de Velasco, 1985; 1998; Abad Varela, 1992; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.VZ1

Proveniência: Banhos do Médico, Vizela

Depósito: Museu da Sociedade de Martins Sarmento, Guimarães (nº inv. 22)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de granito (50_{cm} x 22_{cm} x 15_{cm})

Inscrição:

MEDAM
VS
CAMALI
BORMANI
5 CO · V · S · L · M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1985, p. 88; 1998, p. 53; 2017, p. 128):

Medam/us Camali / Bormani/co v(*otum*) s(*olvit*) l(*ibens*) m(*erito*)

Leitura de José d'Encarnação (1970, p. 219), Sonia Garcia Martínez (1995, p. 9) & Maria Jesús Agorrete e Carme Miró i Alaix (2018, p. 230):

Medam/us Camali (*filius*) / Bormani/co · V(*otum*) · S(*olvit*) · L(*ibens*) · M(*erito*)

Tradução de José d'Encarnação (1970, p. 219):

“Medamo, filho de Camalo, cumpriu de boa vontade a promessa ao mérito de Bormânico”

Referências:

CIL II: nº 2402; HEpOI: nº 8226; Sarmento, 1887, p. 4; Encarnação, 1970; Díez de Velasco, 1985; 1998; 2017; Garcia Martínez, 1995; Queiroga, 2013; Pérex Agorrete & Miró i Alaix, 2018;

EP.VZ2

Proveniência: S. João de Caldas de Vizela, Vizela

Depósito: Museu da Sociedade de Martins Sarmento, Guimarães (nº inv. 76)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Fuste de granito (166_{cm} x 44_{cm} x 55_{cm})

Inscrição:

C · POMPEIVS
GAL · CATVRO
NIS · F · M
VGENVS · VX
5 SAMANSIS
DEO · BORMA
NICO · V · S · L
QUISQUIS · HO
NOREM · AGI
10 TAS · ITA · TE · TUA
GLORIA · SERVET
PRAECIPIAS
PVERO · NE
LINAT · HVNC
15 LAPIDEM

Leitura de HEpOI nº 8226, José d' Encarnação (1970, p. 218), Sonia Garcia Martínez (1995, p. 10), Francisco Díez de Velasco (1998, p. 54; 2017, p. 130) e Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 230):

C(*aius*) · Pompeius / Gal(*eria*) · Caturo/nis · f(*ilius*) · M[ot?]/ugenus · Ux/samensis / deo
· Borma/nico · v(*otum*) · s(*olvit*) · l(*ibens*?) · [m(*erito*)] / quisquis · ho/norem · agi/tas · ita
· te · tua / gloria · servet / praecipias / puero · ne / linat · hunc / lapidem

Tradução de José D'Encarnação (1970, p. 218; 1975, p. 144) e Francisco Queiroga (2013, p. 183):

“Caio Pompeio Meidugeno (?), da tribo Galéria, filho de Caturo, natural de Uxama, cumpriu a promessa ao mérito do deus Bormânico. Se prezas a tua honra, que sirva para tua glória impedires que as crian^{as} estraguem esta lápide”

Referências:

CIL II: nº 2402; HEpOI: nº 8226; Encarnação, 1970; 1975; Garcia Martínez, 1995; Díez de Velasco, 1998; 2017; Queiroga, 2013; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

Observações:

“Deste conjunto epigráfico também tiramos uma outra importante lição, a partir da raríssima evocação dos transeuntes para protecção da epígrafe contra as malfetorias das crianças. Podemos, assim, inferir que estas lápides estariam colocadas em lugar público, talvez uma praça ou rua” (Queiroga, 2013, p. 189).

EP.VZ3

Proveniência: Igreja de Tagilde, Vizela

Depósito: Museu Martins Sarmento, Guimarães (nº inv. 34)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara de granito (72_{cm} x 30_{cm} x 31_{cm})

Inscrição:

ANTONIA
RVFINA
VOTO NINP
HIS LVPIA
NIS LIBENS
ANIMO
POSVIT

Leitura de Sonia Garcia Martínez (1995, p. 13), Francisco Díez de Velasco (1985, p. 89; 1998, p. 97) e Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 207):

Antonia / Rufina / Voto Nim[p]/his Lupia/nis Libens / Animo / Posuit

Tradução de Joaquim Junior & Mario Cardozo (1953, p. 61) e Maria Pacheco (2007, p. 293):

“Antónia Rufina erigiu de boa mente esta ara como voto às Ninfas Lupianas”

Referências:

CIL II: nº 6288; HEpOI: nº 12605; Santos Junior & Cardozo, 1953; Díez de Velasco, 1985; 1998; García, 1995; Pacheco, 2007; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.VF1

Proveniência: Barral da Ribeira, Torre de Moncorvo

Depósito: Museu Abade de Baçal, Bragança (nº inv. 1531)

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar em granito (62_{cm} x 29_{cm} x 22_{cm})

Inscrição:

D · NYM

PHIS · V

POSVI

T SIMP

₅ LICIA

S · L · [A]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 207):

D(*eabus*) / Nym/phis u(*otum*) / posui/t Simp/licia s(*oluit*) l(*ibens*) [---?]

Leitura de J. R. Santos Júnior (1982, p. 237) & do Museu Abade de Baçal:

D(*iis*) · Nym/phis · V(*otum*) / Posui/t Simp/licia / S(*olvit*) · L(*ibens*) · [A](*nimo*)

Tradução do Museu Abade de Baçal:

“Consagrada às Deusas Ninfas por Simplicia de bom grado”

Referências:

HEpOI: nº 6418; Santos Junior & Cardozo, 1953; Júnior, 1982; Díez de Velasco, 1985; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Museu Abade de Baçal;

EP.SPS1

Proveniência: Termas Romanas de Lafões, São Pedro do Sul

Depósito: Termas Romanas de Lafões, São Pedro do Sul

Cronologia: Séc. I – Séc. II d.C.

Suporte: Bloco de granito (150_{cm} × 61_{cm} × 48_{cm})

Inscrição:

MERCVRIO
[A]VGVSTOR
[A]GVECO
[S]ACRVM
5 [IN] HONOREN
[---] MAGI
[SAT]VRNINI
[---M]AGIVS
[REB]VRRVS
10 [P]ATER ET
VICTORIA
VICTORILLA
MATER

Leitura de João Vaz (1997, p. 186), Francisco Díez de Velasco (1998, p. 113) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 312):

Mercurio / [A]ugustor(um) / [A]quaeco / [s]acr(um) / [in] honorem / [- - -] Magi /
[Sat]urnini / [- - - M]agius / [Reb]urrus / [p]ater et / Victoria / Victorilla / mater

Tradução de João Vaz (1997, p. 186):

“O pai [...] Magio Reburro e a mãe, Victória Victorila consagraram a Mercúrio Aguaico dos Augustos, em honra de [...] Mágio Saturnino”

Referências:

HEpOIOI: nº 23110; Encarnação, 1987; 2020a; 2020b; Blázquez & Garcia-Gelabert, 1992; Vaz, 1997; Díez de Velasco, 1998; 2012; Fernandes, 1999; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC1

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. I d.C.

Suporte: Ara de Mármore Branco (37_{cm} × 16,5_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS C

APARENSIVM

AELIUS

EPINICVS

₅ V S A L

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 90):

[N]ympis / [C]aparensium / Aelius / ---

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 209):

Nymphis C/aparensium / Aelius / Epinicus / v(*otum*) s(*olvit*) a(*nimo*) l(*ibens*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas Caperenses. Aélcio Epinico cumpriu o voto de bom ânimo e livremente.

Referências:

HEpOI: nº 25567; Díez de Velasco, 1998; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC2

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Altar de granito (31_{cm} × 15_{cm})

Inscrição:

N[Y]M[PH]IS
T VA[LE]R[IVS] COS
MOS V S L A

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 94):

N[y]m[p]is / [.]VAR[.] / [.]OS v(*otum*) [a(*nimo*) l(*ibens*) s(*olvit*)]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 210):

N[y]m[ph]is / T(*itus*) Va[le]r[ius] Cos/mos v(*otum*) s(*olvit*) l(*ibens*) a(*nimo*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas. Tito Valério Cosmos cumpriu o voto de bom ânimo e de livre vontade.

Referências:

Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC3

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. I d.C. – Séc. II d.C.

Suporte: Ara de Mármore (29_{cm} × 16_{cm})

Inscrição:

NYMPHIS C

APARENSIVM

MINIATV[S]

V L M S

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 210):

Nymphis C/aparensium / Miniatu[s] / v(*otum*) l(*ibens*) m(*erito*) s(*olvit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas Caperenses. Miniato cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

HEpOIOI: nº 18228; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC4

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de Granito (45_{cm} × 17,7_{cm} × 19_{cm})

Inscrição:

NYM

PHIS

CAPA

TREBIA

₅ SEVERA

V A L S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 89):

Nim/phis Capa[r](ensium) / [.]REB[.] / [.]EVE[.,] / v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 210):

Nym/phis Capa[r](ensium)] / Trebia / Severa / V(otum) A(nimo) L(ibens) S(olvit)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas Caperenses. Trebia Severa cumpriu o voto de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

CIL: nº 883; HEpOI: nº 21821; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012, p. 345; Fernandes, 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC5

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Museu Arqueológico Nacional, Madrid

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de Granito (70_{cm} × 43_{cm} × 27_{cm})

Inscrição:

L VIBIVS

CRESTVS

NIMP[H]IS

V S L M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 91):

[..]NO[...] / cRESIU[S] / nimpis / [v(*otum*) s(*olvit*)] l(*ibens*) m(*erito*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, pp. 210-211):

L(*ucius*) Vibius / Crestus / Nimp[h]is / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) M(*erito*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Lúcio Víbio Cresto cumpriu um voto às ninfas de livre vontade e meritoriamente.

Referências:

CIL: nº 888; HEpOI: nº 21826; Díez de Velasco, 1998; 2002; Fernandes, 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC6

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar (57_{cm} × 18_{cm} × 13_{cm})

Inscrição:

[NI]MPHI[S]

FONTANAE

[--- SE]VERINV

S [---] LI[.]SPR [---]

⁵ [---] V [---]RON[.] OM

NIS LIB V A S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 92):

[Ni]mphi[s] / fontanae / [..] Viriat[s] / [.]LI[.]SPR[.] / [..]V[..]RON[.] om/nis lib(*ens*)
vo(*tum*) a(*nimo*) s(*olvit/olverunt*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 211):

[Ni]mphi[s] / Fontanae / [--- Se]verinu / S [---] LI[.]SPR [---] / [---] V [---]RON[.] Om/nis
Lib(*ens*) V(*otum*) A(*nimo*) S(*olvit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas da fonte, Severino S(...) Liberto Spr(...) (...)v(...)ron cumpriu o voto de bom grado.

Referências:

HEpOI: nº 20796; Díez de Velasco, 1998; 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC7

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Altar (65_{cm} × 29_{cm} × 19_{cm})

Inscrição:

NYMPH

IS CAP

VETTIA

ANMINA

₅ LAM[N]SIS

V L A S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 89):

[Nymph]/is [C]a[parensium] / Vitia A/mnira / Lamesis / v(*otum*) l(*ibens*) a(*nimo*) s(*olvit*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 211):

Nymph/is Cap(*arensium*) / Vettia / Anmina / Lam[n]sis / V(*otum*) L(*ibens*) A(*nimo*) S(*olvit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas Caperenses. Vétia Anmina Lamnsis cumpriu o voto de bom ânimo e livremente.

Referências:

CIL: nº 885; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC8

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Altar

Inscrição:

AMNIA

REBURR[I]

NYMPHIS

V S L A

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 91):

Amnia / Rebur[r]i (*filia*) / Nymphis / v(*otum*) s(*olvit*) l(*ibens*) a(*nimo*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 212):

Amnia / Rebur[r]i (*filia*) / Nymphis / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Amnia, filha de Reburro, cumpriu um voto às ninfas livremente e de bom ânimo.

Referências:

CIL: nº 886; HÉpOI: nº 28824; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC9

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Ara

Inscrição:

NIN

PHIS

CIVCH

P A V

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 92):

Nim/phis / CIVCH / P A V

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 212):

Nin/phis / CIVCH / P(*osuit*) A(*ram*) V(*olens*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas, Ciuch(?) colocou esta ara de bom grado.

Referências:

CIL: nº 887; HÉpOI: nº 21825; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC10

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula

Inscrição:

NIM

PHIS

V A CRO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 92):

Nim/phis / V A CRO

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 212):

Nim/phis V(*otum?*) A(*nimo?*) Cro

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas, [---] o voto com ânimo.

Referências:

CIL: nº 889; HÉpOI: nº 21827; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC11

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula

Inscrição:

---?

[NYMPHIS

C]APAR

EX VO

₅ [L] M SO

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 91):

[Nymphis] / [C]apar(*ensium*) / ex vo(*to*) / [l(*ibens*)] m(*erito*) so(*lvit*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 213):

---? / [Nymphis] / [C]apar(*ensium*) / Ex vo(*to*) / [L(*ibens*)] M(*erito*) So(*luit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

[---], às ninfas Caperenses, em cumprimento de um voto.

Referências:

CIL: nº 890; HEpOI: nº 21828; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC12

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Árula

Inscrição:

[NY]MP C[APA]

R RAMA

NIVS [---]

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 91):

[Ny]mp(*his*) C(*aparensium*) / Roma/nius / ---

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 213):

[Ny]mp(*is*?) C[*apa*]/r(*ensium*?) Rama/nius [---] / ---?

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas Caperenses, Ramano [...].

Referências:

CIL: nº 891; HEpOI: nº 21829; Díez de Velasco, 1998; 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC13

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Museu Arqueológico Nacional, Madrid

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

NYMPHI

[S] SACR

VM

VC

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 213):

Nymphi/[s] Sacr/um / VC

Interpretação da Autora da Dissertação:

Consagrado às ninfas, o voto e(...)?

Referências:

Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC14

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula (23,5_{cm} × 11,2_{cm} × ?)

Inscrição:

NYM

PHIS

AMMO

NICVS

₅ V L A S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 93):

Nym/ph[is] / [.]MM[.]/[.]O[.] / v(*otum*) l(*ibens*) [a(*nimo* s(*olvit*)]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 213):

Nym/phis / Ammo/nicus / V(*otum*) L(*ibens*) A(*nimo*) S(*oluit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas, Amonico cumpriu o voto de livre vontade e ânimo.

Referências:

HEpOI: nº 25210; Díez de Velasco, 1998; 2002; Fernandes, 2002; Andreu Pintado, 2012;
Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC15

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. III d.C.

Suporte: Altar (34_{cm} × 22_{cm} × ?)

Inscrição:

NYMPHIS

L K SYRIA

CHES

V A L S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 93):

Nymphis / L(*ucius*) K(---) Syriar/ches / v(*otum*) a(*nimo*) l(*ibens*) s(*olvit*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 214):

Nymphis / L(*ucius*) K(---) Syria/ches / V(*otum*) A(*nimo*) L(*ibens*) S(*oluit*)

Leitura do EDH 026838:

Nymphis / Luk(---)(?) Synu/ches / V(*otum*) L(*ibens*) L(*aetus*) S(*olvit*)

Interpretação da Autora da Dissertação:

Às ninfas, Lúcio Syriaches cumpriu o voto com alegria e de bom grado.

Referências:

EDH: nº 026838; HEpOI: nº 20020; Díez de Velasco, 1998; 2002; Fernandes, 2002; Andreu Pintado, 2012; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC16

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Árula (37_{cm} x 14_{cm} x 15_{cm})

Inscrição:

FONTAN[AE]

FIRMVS

AMMI S

V S L M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 93):

[Nymphis] / [.]RM[.] / MMIS / v(*otum*) s(*olvit*) / l(*ibens*) m(*erito*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 209) & Sílvia Teixeira (2023, p. 297):

Fontan[ae] / Firmus / Ammi s(*ervus*) / v(*otum*) / s(*olvit*) l(*ibens*) m(*erito*)

Tradução de Sílvia Teixeira (2023, p. 297):

“A Fontana. Firmus, escravo de Ammius, cumpriu o voto de bom grado”

Referências:

HEpOI: nº 20796; Díez de Velasco, 1998; 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018; Teixeira, 2023;

EP.CC17

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Ara de Granito (40 × 19 × 15)

Inscrição:

SALVTI

VALERIA

PRIVATA

L A V S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 102):

Saluti / Valeria / Privata / *l(ibens) a(nimo) v(otum) s(olvit)*

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2017, p. 209):

Saluti / Valeria / Privata / *L(ibens) a(nimo) v(otum) s(olvit)*

Interpretação da Autora da Dissertação:

A *Salus*. Valeria Privata cumpriu o voto de livre vontade e bom grado.

Referências:

HEpOIOI: nº 12807; Díez de Velasco, 1998; 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.CC18

Proveniência: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Depósito: Termas de Baños de Montemayor, Baños de Montemayor

Cronologia: Séc. II d.C. – Séc. III d.C.

Suporte: Altar de Granito (68_{cm} × 15_{cm} × 16_{cm})

Inscrição:

SAL FU

RVFIV[S]

LIBE

VOT S

OLV V S

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 102):

Salfu(ti) / Rufiu(s) / liben(n)s / vot(um) s/ol(vit) v(i)v(u)s

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 208):

Sal(uti) Fu(luius) / Rufiu(s) / libe(n)s / vot(um) s/olv(it) u(oluntate?) s(ua?)

Interpretação da Autora da Dissertação:

A *Salus*, Fúlvio Rufo cumpriu voluntariamente e livremente o seu voto.

Referências:

HEpOI: nº 703; Díez de Velasco, 1998; 2002; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.LV1

Proveniência: Igreja Velha de Bobadela, Bobadela

Depósito: Igreja Velha de Bobadela, Bobadela

Cronologia: Séc. I d.C.

Suporte: (43_{cm} x 230_{cm} x ?)

Suporte: Suporte Desconhecido

Inscrição:

NEPTVNALE

Leitura de Leite de Vasconcellos (1913, p. 250), Jorge de Alarcão (2004, p. 212), José d'Encarnação (2006, p. 278) & Rui Silva (2014, p. 9):

Neptvnale

Leitura de Luís Fernandes (2002, p. 131) & Maria Reis e Cristina Carvalho (2009, p. 28):

Neptunale

Interpretação da Autora da Dissertação:

[A] Neptuno.

Referências:

CIL II: nº 398; HEpOI: nº 18957; Vasconcellos, 1913; Fernandes, 2002; Alarcão, 2004; Encarnação, 2006; Reis & Carvalho, 2009; Silva, 2014;

EP.DN1

Proveniência: Capela de Nossa Senhora do Almortão, Idanha-a-Nova

Depósito: Propriedade do Sr. José Trindade, Alcains

Cronologia: Desconhecido

Suporte: Ara em Granito (63_{cm} x 29_{cm} x 24,8_{cm})

Inscrição:

IGAEDO

CAETRO

NIA

VITALIS

₅ V L A P

Leitura de André Carneiro (2012a, p. 560):

IGAEDO / CAETRO/NIA / VITALIS [(filia) / V(otum) L(ibens) A(nimo) P(osuit)]

Leitura de Daniela Ferreira (2022, p. 118) & EDH 014278:

Igaedo Caetro/nia / Vitalis / v(otum) l(ibens) a(nimo) p(osuit)

Tradução de José d'Encarnação (1984, p. 35):

“Cetrónia, filha de Vital, colocou de bom grado a Igaedo”

Tradução de Daniela Ferreira (2022, p. 118):

“(A) Igaedo. Caetronia Vitalis cumpre voto de livre vontade”

Referências:

EDH: nº 014278; HEpOI: nº 20130; Encarnação, 1984; 1987; Carneiro, 2012a; Reher & Fernández-Götz, 2015; Ferreira, 2022;

EP.LR1

Proveniência: Covões, Monte Real

Depósito: Biblioteca Nacional, Lisboa

Cronologia: Séc. III d.C.

Suporte: Árula em Cal (22_{cm} × 11,7_{cm} × ?)

Inscrição:

F · S ·

FRONT

NIVS · A

VITVS

A · L

Leitura do Francisco Díez de Velasco (1998, p. 81):

F(onti) s(acrum) / Fronto/nius Alvitus / a(nimo) l(ibens)

Leitura do José d'Encarnação (2017, p. 56) & Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 235):

F(ontanae) s(acrum). Front(o)nius Avitus a(nimo) l(ibens) s(olvit)

Tradução de José D' Encarnação (2017, p. 60):

“Consagrado à F(?). Frontónio Avito pôs de livre vontade”

Referências:

CIL II: nº 337; EDH: nº 025582; HEpOI: nº 20024; Alves, 1955; Díez de Velasco, 1998; 2010; 2016; Fernandes, 2002; Encarnação, 2010; 2017; 2020b; Bernardes, 2015; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.FN1

Proveniência: Igreja de Santa Maria de Monforte

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

NYMPHIS
AVITVS
PROCVLI
F · PRO SA
5 LVTE · FLA
CCILLAE · FL
ACCI · VC
XORIS · SVAE
V · L · A · S

Leitura de Joaquim Junior e Mário Cardozo (1953, p. 62) & Paula Morgado e André Carneiro (2011, p. 143):

NYMPHIS / AVITVS / PROCVLI / F(*ilius*) · PRO SA/LVTE · FLA/CCILLAE · FL/ ACCI (*filiae*) · VC/XORIS · SVAE / V(*otum*) · L(*ibens*) · A(*nimo*) · S(*olvit*)

Tradução de Joaquim Junior e Mário Cardozo (1953, p. 63):

“Avito, filho de Próculo, cumpriu de boa mente este voto às Ninfas, pela saúde de sua esposa Flacila, filha de Flaco”

Referências:

CIL II: nº 168; Santos Junior & Cardozo, 1953; Fernandes, 2002; Velasco, 2010; Carneiro, 2011; 2011; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.FN2

Proveniência: Tapada da Alameda, Avis

Depósito: Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (nº inv. E 6356)

Cronologia: Séc. I – Séc. II d.C.

Suporte: Altar de Mármore (55_{cm} × 34_{cm} × 20_{cm})

Inscrição:

FONTAN[O]

SACRVM

THEREPTVS C · APPVLEI

SILONIS SER V · S · L · A

OB AQVAS INVENTAS

Leitura de Sílvia Teixeira (2015, p. 210; 2023, p. 47):

Fontan[o?] / sacrum / Threptus C(aii) Appulei / Silonis · ser(vus) v(otum) s(olvit) · l(ibens)
· a(nimo) / ob · aquas · inventas

Tradução do Museu Nacional de Arqueologia:

“Consagrado a Fontano. Threptus, escravo de Caius Appuleius Silo, o voto cumpriu de bom grado, pelas águas que descobriu”

Tradução de Sílvia Teixeira (2015, p. 210; 2023 p. 47):

“Consagrado a Fontanus (?) Threptus, escravo de Caius Appuleius Silo, cumpriu o voto de livre vontade, pela nascente que encontrou”

Referências:

HEpOI: nº 23751; Vasconcellos, 1913; Fernandes, 2002; Carneiro, 2011; Encarnação, 2010; Teixeira, 2015; 2023; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.VV1

Proveniência: Azenha das Freiras, Vila Viçosa

Depósito: Desconhecido

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Desconhecido

Inscrição:

FONTANO
ET FONTANAE
PRO SALVTE
ALBII FAVSTI
ALBIA PACINA
V · S · A · L ·

Leitura de André Carneiro (2012a, p. 551):

Fontano / Et · Fontanae / Pro Salv(t)e · Al/Bi · Favsti · Albia / Pacina · V(*otum*) · S(*olvit*) ·
A(*nimo*) · L(*ibens*)

Tradução do Padre Joaquim da Rocha Espanca (1880, p. 75):

“Albia Pacina cumpriu de boa vontade o voto feito a Fontano e Fontana pela saúde de Albio Fausto”

Referências:

CIL II: nº 150; HEpOI: nº 21239; Vasconcellos, 1913; Encarnação, 2010; Carneiro, 2012a; 2011; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.RC1

Proveniência: Termas de Santa Marta, Ericeira

Depósito: Casa da Misericórdia da Ericeira, Ericeira

Cronologia: Séc. II d.C.

Suporte: Altar de Pedra (35_{cm} × 14,5_{cm} × 12_{cm})

Inscrição:

ATILIA. PVB [---]

[-] . AM[O]E[NA]

FONTI

A · [L]

Leitura de José Ribeiro (1983, p. 11) e André Carneiro (2012a, p. 551):

ATILIA · PUB[L(ii)FI]/ [L(ia)] · AM[O]E[NA]/ FONTI / A(*nimo*) · [L(*ibens*)] (*posuit*)

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 81):

Atilia Pub[li] / [f(*ilia*)] Amo[ena] Fonti / a(*nimo*) l(*ibens*)

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 242):

Atilia / Pup[i] / [f(*ilia*)?] Amo[ena] / Fonti / A(*nimo*) L(*ibens*) P(*osuit*)

Tradução de José Ribeiro (1983, p. 12):

“Atilia Amoena, filha de Publius [ou «de Publicius»], «(colocou esta ara), de livre vontade à fonte”

Referências:

EDH: nº 000410; Ribeiro, 1983; Díez de Velasco, 1998; Fernandes, 1999; Fernandes, 2002; Carneiro, 2012a; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;

EP.MN1

Proveniência: Caldas de Monchique, Monchique

Depósito: Caldas de Monchique, Monchique

Cronologia: Séc. I d.C.

Suporte: Altar (37_{cm} × 30_{cm} × 17_{cm})

Inscrição:

AQVI(s)

SACRI(s)

PATVLCIA

T · F ·

V · S · L · M

Leitura de Francisco Díez de Velasco (1998, p. 78):

Aqui(s) / Sacri(s) / Patul[.](--?) / T(---) P(---) / v(*otum*) s(*olvit*)

Leitura de André Carneiro (2012a, p. 550):

AQVI[S] | SACRI[S] | PATVLCIA | T(iti). F(ilia). [...] A | V(*otum*). S(*olvit*) [L(*ibens*). M(*erito*)]

Leitura de Maria Jesús Agorreta e Carme Miró i Alaix (2018, p. 224):

Aqui[s] / Sacri[s] / Patul[us] / t(*estamento*) p(*atris*) / v(*otum*) s(*oluit*)

Tradução de José Formosinho, O. da Veiga Ferreira & Abel Viana (1953, p. 207):

“Às Águas Sagradas (banhos sagrados), Patúlcia, filha de Tito, cumpre o seu voto (oferece, ou dedica) por sua livre vontade, merecidamente (ou como agradecimento pelo benefício recebido)”

Referências:

EDH: nº 19638; HEpOI: nº 23497; Formosinho, Ferreira, Viana, 1953; Blázquez & García-Gelbert, 1992; Díez de Velasco, 1998; Fernandes, 2002; Carneiro, 2012a; Pérex Agorreta & Miró i Alaix, 2018;